

AUGUSTO CURY

*Publicado em mais de 50 países
12 milhões de livros vendidos somente no Brasil*

O
Vendedor
de
Sonhos

E A REVOLUÇÃO DOS ANÔNIMOS

Romance



))(Academia

AUGUSTO CURY

O
Vendedor
de
Sonhos

E A REVOLUÇÃO DOS ANÔNIMOS

))(Academia

Copyright © 2009, Augusto Cury

2010 - Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Academia de Inteligência Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 - 3º andar - conj. 32B
Edifício New York
05001-100 - São Paulo - SP
www.academiadeinteligencia.com.br
www.editoraplaneta.com.br
vendas.academia@editoraplaneta.com.br

Conversão para E-book: Freitas Bastos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cury, Augusto

O vendedor de sonhos e a revolução dos anônimos / Augusto Cury. – São Paulo : Editora Academia de Inteligência, 2009.

ISBN 978-85-7665-652-4

1. Ficção brasileira I. Título.

09-02149

CDD-869.93

Dedicatória



A todos os anônimos da sociedade, que compreendem que a existência é um grande contrato de risco e que “leram” nas cláusulas desse contrato que o drama e a comédia, as perdas e os ganhos, o deserto e o oásis, o relaxamento e o estresse são privilégios dos vivos.

Prefácio

O Vendedor de Sonhos é uma saga contada em vários livros com os mesmos personagens. Nessa saga, o drama e a comédia, a dor e o riso, a sanidade e a loucura percorrem as mesmas artérias, invadem os textos e tumultuam a história. Embora haja uma sequência, cada livro pode ser lido separadamente. Eu não imaginava que o primeiro livro, O Vendedor de Sonhos

—
O chamado, tivesse um sucesso explosivo, em especial porque é intensamente crítico do sistema social e porque grita que as sociedades modernas se tornaram grandes hospitais psiquiátricos onde o normal é ser doente. Agora estamos no segundo livro, O Vendedor de Sonhos e a revolução dos anônimos.

No primeiro livro, O chamado, surge um personagem misterioso chamado Vendedor de Sonhos, ou Mestre, cuja origem e história ninguém sabe, que “chama” os caminhantes para segui-lo numa jornada arriscada para refletir e denunciar as loucuras do sistema social. Os discípulos chamados são tipos desvairados, excêntricos, complexos e confusos. Eu me vejo neles, e creio que vários leitores também. Nesse livro o Mestre inquieta, perturba e instiga seus ouvintes a procurar o mais importante de todos os endereços, um endereço que mesmo os reis raramente encontraram: o interior da alma humana.

No segundo livro, A revolução dos anônimos, o Mestre continua virando a sociedade de cabeça para baixo. Seus discípulos “amalucados”, dos quais se destacam Bartolomeu e Barnabé, ganham asas, revelando uma criatividade surpreendente e aprontando mil peripécias. Provocam, satirizam e instigam a tudo e a todos, inclusive o próprio Vendedor de Sonhos. Esta obra mostra que as sociedades são constituídas de heróis anônimos, que não estão sob os holofotes da mídia.

Entre esses anônimos se encontram os deprimidos, que, apesar de abatidos pela cálida dor, enfrentam com dignidade seu inverno emocional; os ansiosos, que, solapados pela inquietação, sonham com dias tranquilos; os portadores de câncer, que, como guerreiros, lutam pela vida e fazem de cada dia um momento

eterno; os pais, que esgotam seu corpo e sua mente para sustentar e educar os filhos; os professores, que, com salários magros e sem aplausos sociais, movem o mundo ao ensinar a seus alunos o pensamento crítico; os alunos, que, como frágeis Quixotes, creem que poderão mudar a história sem ter noção de que vivem num sistema social engessado e pouco generoso às novas ideias; os trabalhadores de escritórios e empresas, que não são notados a não ser quando causam escândalos, mas que têm histórias borbulhantes. Todos eles são de alguma forma vendedores de sonhos, embora também vendam pesadelos.

Cada ser humano é uma caixa de segredos, mesmo quando, míopes, não os notamos. Explorá-los, gastar algum tempo com eles é um privilégio. Como psiquiatra, psicoterapeuta e autor de uma teoria que estuda o admirável mundo dos pensamentos e o complexo processo da formação de pensadores, tenho aprendido muito com cada um desses anônimos e descoberto um tesouro soterrado em seu psiquismo. Sinto-me pequeno perto de muitos deles.

O romance *O Vendedor de Sonhos* e a revolução dos anônimos, ao destacar esses tipos anônimos, reflete que nossa história é admiravelmente complexa, escrita com lágrimas e júbilo, tranquilidade e ansiedade, sanidade e loucura.

CAPÍTULO 1

Um homem polêmico e surpreendente



Quando navegávamos no oceano do tédio, apareceu um homem surfando em ondas raramente vistas. Rompendo os grilhões do cárcere da rotina, virou nossa mente de cabeça para baixo, pelo menos a minha mente e a dos que dele se aproximavam. Sem nenhuma estratégia de *marketing*, tornou-se o maior fenômeno sociológico dos últimos tempos. Fugia do assédio social e dos holofotes da mídia, mas era quase impossível ficar imperceptível ou deixar-nos indiferentes aos seus pensamentos.

Sem se identificar, proclamava ser um vendedor de sonhos, e surgiu como um furacão no seio de uma grande metrópole, convidando algumas pessoas para segui-lo. Era um estranho seguido por estranhos de um modo enigmático. E ainda fazia exigências:

— Quem quer seguir-me deve primeiro reconhecer suas loucuras e entrar em contato com sua estupidez. — E, erguendo o tom de voz, clamava aos passantes que encontrava pelo caminho: — Felizes os que são transparentes, pois deles é o reino da saúde psíquica e da sabedoria. Infelizes os que escondem suas mazelas debaixo da cultura, dinheiro e prestígio social, pois deles é o reino da psiquiatria. — E, para nosso espanto, afagava a própria cabeça com as mãos, fitava bem nos olhos dos que o ouviam: — Mas sejamos honestos! Somos todos especialistas em esconderijos. Enfiamo-nos em buracos inimagináveis para nos esconder, até debaixo da bandeira da sinceridade.

Esse homem alvoroçava a sociedade. Seus ouvintes ficavam atônitos. Por onde andava causava desordens. Qual a sua residência? Morava debaixo de pontes e viadutos e, às vezes, em albergues municipais. Jamais alguém tão frágil agiu com tanta contundência nestes tempos. Não tinha seguro-saúde, proteção

social nem dinheiro para suas refeições. Era um miserável, mas tinha a intrepidez de dizer:

— Não quero que sejam andarilhos como eu. Mas sonho que sejam andarilhos nas vielas de seu próprio ser. Percorram territórios que poucos intelectuais se arriscaram a explorar. Não sigam mapa nem bússola. Procurem-se, percam-se. Façam de cada dia um novo capítulo, de cada curva uma nova história.

Criticava a maquinização do *Homo sapiens* moderno, que vivia, trabalhava e dormia como máquina, sem refletir sobre o que é ser *sapiens* nem sobre os mistérios da existência. Andava na superfície da terra, caminhava na superfície da existência, respirava na superfície do intelecto. Algumas pessoas protestavam: “Quem é esse audacioso invasor de privacidade? De que manicômio saiu esse sujeito?”. Outras descobriam que não tinham tempo para o essencial, em especial para si mesmas.

Apenas um pequeno grupo de íntimos dormia onde ele dormia e vivia tal qual ele vivia. Eu, que escrevo esta história, estava entre eles. As pessoas que o contatavam não sabiam se estavam dentro de um filme, se o que presenciavam era surreal ou concreto.

A origem desse homem era uma incógnita, inclusive para seus discípulos. Quando interrogado sobre sua identidade, repetia seu famoso pensamento:

— Sou um caminhante que anda no traçado do tempo, procurando-se.

Era paupérrimo, mas tinha o que os milionários não possuíam. Sua sala de visita era enorme e arejada: algumas vezes eram os bancos das praças, outras vezes, as escadas de um edifício ou a sombra de uma árvore. Seus jardins se espalhavam por toda a metrópole. Jubilosas, suas retinas contemplavam-nos como se fossem os Jardins Suspensos da Babilônia, cultivados só para encantá-las. Fazia de cada flor uma poesia, de cada folha uma seta para mergulhar nos mananciais da sensibilidade, de cada tronco carcomido um momento para voar nas asas da imaginação.

— As auroras não passam incólumes. Os ocasos não passam despercebidos, me convidam para sentar ao redor de mim mesmo e pensar em minha insensatez — dizia o Vendedor de Sonhos. Comportava-se de modo contrário ao que estávamos acostumados. Muitos amavam se exaltar, ele gostava de refletir sobre sua pequenez.

Certa vez, após despertar de uma noite maldormida num viaduto malcheiroso, espreguiçou os braços, aspirou o ar profundamente algumas vezes, oxigenou o cérebro e se embebedou com os raios solares daquele amanhecer. Depois de marcante reflexão, foi à área central de uma universidade próxima e bradou para os universitários:

— Somos livres para ir e vir, mas não para pensar. Nossos pensamentos e escolhas são produzidos dentro dos currais construídos no córtex cerebral. Como podemos ser livres se protegemos nosso corpo com vestes, mas estamos nus em nosso psiquismo? Como podemos ser livres se infectamos o presente com o futuro, se sofremos por antecipação, se furtamos do presente o direito inalienável de beber da fonte da tranquilidade?

Certa vez, três psiquiatras passaram por ele e ouviram um de seus discursos. Um deles ficou embasbacado com o maltrapilho, mas os outros dois, perturbados, disseram:

— Esse homem é um perigo para a sociedade. Precisa ser internado.

Lendo os lábios deles, retrucou:

— Não se preocupem, amigos, já estou internado. Vejam esse belo e grandioso hospital psiquiátrico — e apontou a sociedade.

Nas nações modernas era condenado o trabalho infantil, mas o Mestre dizia que essas mesmas nações cometeram um crime contra a infância ao estimular o trabalho intelectual desgastante por meio da massificação do consumo, de preocupações precoces e do excesso de atividades. Como se estivesse fora de si, bradava:

— Nossas crianças não vivem os horrores das guerras, não veem casas destruídas nem corpos mutilados, mas têm sua ingenuidade esfacelada, sua capacidade de brincar ferida, sua imaginação sequestrada pela ansiedade por necessidades não necessárias. Não é isso uma forma de horror? — E sem saber de onde vinha sua fonte de informação, comentou: — Não é sem razão que têm aumentado muitíssimo os índices de depressão e outros transtornos emocionais entre crianças e adolescentes. — Disse isso com lágrimas nos olhos, como se tivesse adotado todas elas. Seus filhos haviam falecido num trágico acidente, mas não tínhamos maiores detalhes de sua enigmática história.

Inconformado com a formação da personalidade dos jovens, certa vez “invadiu” no final do expediente uma escola particular de ensino fundamental,

cujos alunos eram filhos de pais de classe alta e média alta. Havia granito no chão, colunas de mármore, vidros escuros nas janelas e ar-condicionado em cada sala. Todos os alunos tinham um computador pessoal. Era tudo “perfeito”; o único problema era que as crianças, agitadas, não tinham deleite de aprender, não desenvolviam o pensamento crítico. Para elas, a escola e o ambiente educacional eram quase insuportáveis. Ao ouvirem o sinal, batiam em retirada, saíam apressadas das suas dependências como se vivessem confinadas.

Os pais, ao buscar seus filhos, não tinham um minuto a perder. Davam broncas nos filhos quando se atrasavam na saída. Nesse clima de ansiedade, o Vendedor de Sonhos burlou o esquema de segurança, colocou um nariz de palhaço, começou a correr, pular, dançar e fazer palhaçadas no pátio. Ao verem o maluco no ambiente, inúmeras crianças de nove, dez e onze anos se esqueceram de sair da escola e o acompanharam.

Abrindo as asas como um avião, ele saiu voando para um pequeno jardim. Ali, imitou um sapo, um grilo e uma cascavel. Foi uma algazarra. Em seguida, fez algumas mágicas. Tirou uma flor da manga, um coelhinho do paletó. E, após alguns minutos de diversão, disse às atentas crianças:

— Eis a maior mágica. — E tirou uma semente do bolso. Então lhes disse: — Se fossem uma semente, que tipo de árvore vocês gostariam de ser? — Pediu para fecharem os olhos e imaginarem a árvore que seriam. Cada criança imaginou uma árvore em particular, desde o diâmetro do tronco, o contorno da copa, a dimensão dos galhos aos mais variados tipos de folhas e flores.

Diversos pais procuravam seus filhos desesperadamente. Nunca eles haviam se atrasado dez minutos na saída. Alguns pensaram que tivessem sido sequestrados. Os professores também os procuravam, e alguns deles, ao chegarem ao local onde o Vendedor de Sonhos fazia sua *performance*, ficaram impressionados com a quietude dos alunos, ainda mais naquele horário. Viram o maltrapilho e perceberam que quem agitava a escola era o estranho que incitava a cidade.

Depois desse breve exercício de imaginação, ele disse às crianças:

— Uma existência sem sonhos é uma semente sem solo, uma planta sem nutrientes. Os sonhos não determinam que tipo de árvore você será, mas dão forças para você entender que não há crescimento sem tempestades, períodos de dificuldades e incompreensão. — E recomendou: — Brinquem mais, sorriam

mais, imaginem mais. Lambuzem-se com a terra dos seus sonhos. Sem terra a semente não germina. — Nesse instante, pegou o barro que estava ao seu lado e lambuzou a cara.

Admiradas, diversas crianças também meteram as mãos no barro e sujaram a cara. Algumas borraram as roupas. Jamais se esqueceriam dessa cena, mesmo quando envelhecessem. Entretanto, seus pais, ao chegarem ao local e verem os filhos sujos e sendo ensinados por um homem pessimamente vestido, de aparência estranha, se escandalizaram. Alguns protestaram:

— Tirem esse louco do meio de nossos filhos!

Esbravejando, outros disseram:

— Pagamos uma mensalidade caríssima e essa escola não oferece o mínimo de segurança. Que afronta!

Chamaram os seguranças, e com safanões o expulsaram da escola na frente das crianças. Juliana, garota de nove anos, uma das que mais sujaram o rosto, correu ao encontro dele e gritou:

— Parem, parem!

Admirados, os que enxotavam o Mestre pararam o cortejo. Subitamente Juliana lhe deu uma flor e lhe disse:

— Gostaria de ser uma videira.

— Por quê, minha filha?

Ela respondeu:

— Não é forte nem bonita como você. Mas qualquer um pode alcançar seus frutos.

Extasiado, o Mestre expressou:

— Você será uma grande vendedora de sonhos.

Certos professores pediram que os seguranças fossem gentis com o homem que expulsavam. Na saída, alguns o aplaudiram. Virando a face, ele disse-lhes:

— Uma sociedade que aparelha muito mais quem pune do que quem educa será sempre enferma. Não me curvaria diante dos famosos nem dos grandes líderes desse sistema, mas curvo--me diante dos educadores.

E curvou-se diante dos admirados professores e professoras. Em seguida, saiu sem direção. Não era fácil acompanhar esse misterioso homem. Discursava em lugares em que era recomendável ficar calado, dançava em lugares em que era necessário se aquietar. Era imprevisível. Às vezes, ficava distante dos demais

discípulos para não os envolver nos tumultos que causava. Uma das coisas que mais o abatiam era a contração do prazer nas sociedades digitais, algo não previsto por Freud. Como um profeta da filosofia, dizia com frequência:

— Estamos mórbidos, pesados e cronicamente insatisfeitos. A indústria do entretenimento explode em desenvolvimento e a indústria dos tranquilizantes explode em crescimento. Isso não os inquieta, senhoras e senhores?

As pessoas, pegas de surpresa, realmente se desassossegavam. Algumas, pelas palavras que ouviam, outras, pelo perturbador homem que as declarava.

Ele continuava a dissecar seu ferino raciocínio:

— Temos muitos programas de humor, mas onde estão os sorrisos que duram até a manhã seguinte? Temos fontes de prazer como os gregos jamais sonharam e os romanos jamais imaginaram, mas onde está o júbilo estável? E a paciência? Que emoção bebe da sua fonte e faz morada em suas margens?

O homem que seguíamos não se preocupava se as pessoas o aplaudiam ou vaiavam. Preocupava-se apenas em ser fiel àquilo em que acreditava. Para ele, a existência era brevíssima para ser vivida de maneira dissimulada, fútil e medíocre. E uma das mediocridades do mundo moderno que ferozmente combatia era a cultura da celebridade.

— Os que vivem à margem dos holofotes da mídia, os trabalhadores anônimos que lutam para sobreviver, os profissionais de saúde que salvam vidas, os operários que manufaturam, os que removem entulhos são estrelas no teatro social. Mas, desprezando tais heróis, o sistema pinça seres humanos sem nenhum valor maior que eles e os fabrica como celebridades. Uma sociedade que despreza a massa de humanos e promove celebridades é emocionalmente infantil e doente.

Para uns, o Mestre era o mais louco dos loucos, para outros, um pensador de inigualável ousadia. E para outros ainda, era um homem que foi grande e desmoronou do seu trono, tornando-se simplesmente um ser humano cômico das suas mazelas e misérias.

Para mim, era um homem instigante, extraordinário, polêmico. Seus discursos eram cortantes como lâminas, suas ideias, arrebatadoras. De fato, quando abria a boca, causava arroubos de admiração ou surtos de perplexidade. Era amado como poucos e rejeitado como raros.

Eu, um intelectual da sociologia, um professor universitário egocêntrico,

saturado de orgulho, que sempre tive a necessidade doentia de ser elogiado e de controlar meus alunos, que jamais tive a ousadia de acompanhar uma pessoa, há cerca de seis meses passei a seguir um maltrapilho cujos cabelos eram desgrenhados e relativamente compridos, de barba malfeita, que trajava paletós rotos e amassados, daqueles que não se compram nem nos piores brechós.

Entretanto, esse homem era tão cativante que grupos de adolescentes tinham a coragem de levantar aos sábados e domingos junto com os primeiros raios solares para procurá-lo. Queriam saber onde falaria e em que tumultos ele e seus discípulos se envolveriam. E que tumultos! Alguns dos seus discípulos eram tão desvairados que nem nos livros de psicologia estavam classificados. Eram tão malucos que não era recomendável ficar perto deles. Sinceramente, em alguns momentos eu tinha vontade de sair correndo e debandar do grupo. Mas algo me fascinava nesse projeto.

Meu Mestre não era equilibrado como um monge cristão, nem sereno como um monge budista ou muito menos pausado como um filósofo dos tempos áureos da Grécia antiga. Em alguns períodos nos levava a remar em lagoas plácidas, noutros nos colocava no olho de um furacão. Quando sentia que as pessoas o exaltavam, era capaz de dizer:

— Cuidado, não sou normal. Alguns me consideram um doente mental. Seguir-me é um risco.

Era capaz de gastar horas conversando com um cego e dizer que este enxergava mais que ele mesmo. Jovens lhe pediam audiência para falar das suas crises e paixões. Era capaz de interromper um brilhante discurso e sair sem se despedir da multidão ao ver uma pessoa idosa com dificuldade para andar. Acompanhava seus lentos passos por quarteirões a fio e deliciava-se com as conversas que ouvia.

Eu ficava perturbado ao ver seu comportamento. Perguntava-me: que homem era esse que gastava energia com aquilo que considerávamos irrelevante? A água, insípida, ganhava sabor em sua boca. Era capaz de fazer poesia com um copo de água e bebê-lo de um modo como não bebíamos. Erguia o copo e dizia:

— Água que me sacia o corpo, um dia me farei em mil pedaços no leito de um túmulo, e você, em mil partículas, retornará ao leito do mar. Mas, inquieta e generosa, chorará de saudades da humanidade. Desprendida, evaporar-se-á,

beijará a orla do céu, viajará para lugares longínquos e, como lágrimas, precipitar-se-á para refrescar outros seres humanos...

Não tinha a necessidade neurótica de poder nem se angustiava em preservar a sua imagem social. Vivia sem glamour, ostentação ou autopromoção. Ao andar com ele, os cem bilhões de neurônios que constituíam nosso cérebro ficavam em estado de alerta. Seus pensamentos eram tão perturbadores que se tornaram o maior causador de insônia de que se tinha notícia. Conviver com esse homem desnudava nossa insensatez, revelava nossas insanidades.

Esse homem resgatou-me quando eu estava prestes a me suicidar. Após o resgate, era para ele seguir seu caminho e eu o meu, e talvez nunca mais nos encontrássemos. Mas o diálogo que usou para dissuadir meu desejo de desistir da vida assombrou-me. Pela primeira vez curvei-me diante da sabedoria de um homem. Estava prestes a pôr um ponto final nos meus dias, mas ele, depois de provocar minha mente depressiva, fez-me uma proposta perturbadora:

— Quero vender-lhe uma vírgula.

— Uma vírgula? — perguntei eu, pasmo. E ele completou:

— Sim, uma vírgula. Uma pequena vírgula, para que continue a escrever sua história.

A partir desse momento, meus olhos se abriram. Descobri que sempre usara a teoria dos pontos finais em minha história e não a teoria das vírgulas. Alguém me frustrava? Eliminava-o, colocava um ponto final no relacionamento. Alguém me feria? Anulava-o. Enfrentava um obstáculo? Mudava de trajetória. Meu projeto estava com problemas? Substituía-o. Sofria uma perda? Virava as costas.

Eu era um professor-doutor que usava os livros dos outros em minhas teses, mas não sabia escrever o livro da minha existência. Meus textos eram descontínuos. Considerava-me um anjo, e os que me frustravam, demônios, sem jamais admitir que fora carrasco da minha esposa, do meu único filho, dos amigos e dos alunos.

Quem elimina todos ao seu redor um dia será implacável consigo mesmo. E esse dia chegara. Mas felizmente encontrei esse enigmático homem e entendi que é possível conviver, sem vírgulas, com cachorros, gatos e até com cobras, mas não com humanos. Frustrações, decepções, traições, injúrias, conflitos fazem parte do nosso cardápio existencial, pelo menos do meu e de quem conheço. E as vírgulas são imprescindíveis.

Eu vivia confortavelmente no anfiteatro da sala de aula e nos aposentos do meu pequeno apartamento, pago com meu mirrado salário de professor. Assim, eu, um especialista em Marx, um socialista que sempre criticara a burguesia e exaltara os miseráveis da sociedade, passei a sentir na pele a dor da miserabilidade.

Comecei a seguir um vendedor de ideias que não tinha nada, a não ser ele mesmo. Marx ficaria perplexo com esse homem. Nem ele sabia o que era ser um proletário. Era um pensador teórico. Ao segui-lo, percebi que eu era um socialista hipócrita, defendia o que não conhecia. Saí, portanto, das fronteiras da teoria, tornei-me um andarilho no teatro da existência, um pequeno vendedor de vírgulas para os caminhantes libertarem a mente, reescreverem sua história, desenvolverem o pensamento crítico.

Ser zombado, debochado, tachado de maluco, lunático, desvairado, impostor estava entre os riscos menores de participar desse grupo. Os piores? Ser espancado, preso, considerado amotinador social, sequestrador e terrorista. O preço de vender sonhos numa sociedade que asfixia a mente humana e deixou de sonhar era muito caro.

Mas nada era tão excitante. Os que participavam desse time não conheciam o tédio nem entravam em estado de angústia ou depressão, mas corriam perigos imprevisíveis e se metiam em incríveis confusões. E que confusões!

CAPÍTULO 2

Livrai-me desses discípulos!



Seguir o Vendedor de Sonhos parece não ser recomendável para alguém que fora aplaudido nas universidades e respeitado entre professores-doutores de sociologia.

Alguns de meus desafetos, antigos colegas de universidade, acham que endoideci. São especialistas em me julgar, excluir e tachar sem me questionar. Descobri que, assim como nas fazendas se marca o gado a ferro e fogo, em alguns setores das universidades se marcam os colegas com as chamas do preconceito. Eu, que sempre fui preconceituoso, sou vítima desse ácido veneno.

Loucura seguir um maltrapilho? Provavelmente sim. Mas uma loucura mais lúcida, se é que é possível usar tal termo, do que a loucura dos “normais” que ficam horas diárias diante das TVs esperando a morte chegar, sem nunca se aventurar, conquistar, lutar pelos seus ideais e dar a cara para bater por um sonho. Uma loucura mais sã do que a dos jovens e adultos que gastam boa parte do seu dia com um celular em punho, falando com o mundo, mas negando-se a falar consigo mesmos. Uma loucura mais fértil do que a dos que defendem teses de mestrado e doutorado em que tudo é controlado para evitar o escândalo, sem saber que as grandes ideias nascem no terreno da inquietação e no solo dos riscos e dos vexames. Como orientador de teses, evitei escândalos. Asfixiei pensadores.

Tenho feito a mais fantástica experiência sociológica nos últimos tempos. Creio que nem os jovens mais malucos da sociedade já viveram tamanha aventura. Claro que há efeitos colaterais nessa jornada, e eles não se devem às tramas do preconceito que sofro ou às dificuldades de seguir um homem destemido, audacioso e crítico. Devem-se principalmente à equipe que ele

escolheu, ao time de discípulos que convidou para segui-lo. Sinto calafrios cerebrais em andar com eles, em especial ao lado de Bartolomeu e Barnabé.

Bartolomeu é um alcoólatra em recuperação. Todavia, seu maior problema não é o alcoolismo, mas a SCF, síndrome compulsiva de falar. É viciado em dar opiniões e meter o bedelho onde não é chamado. Gosta de filosofar, mas atropela-se nas palavras. Seu apelido já diz tudo: “Boquinha de Mel”. Sua língua é irrefreável. Sua boca é maior que seu cérebro; provavelmente nasceu perguntando qual era seu nome, quem era sua mãe, onde moraria. E deve ter protestado contra o médico que fez o seu parto: “Ei, cara! Por que me tirou da modormia?”. Ao contrário do Mestre, é inconveniente, atrevido, petulante, mas tenho de reconhecer que tem uma alegria contagiante, um humor invejável.

Barnabé é outro alcoólatra em recuperação, o companheiro de longos anos de bebedeiras de Bartolomeu. Sempre confundo o nome dos dois. E quando abrem a boca ficamos mais confusos ainda. Ambos são especialistas em dar nota fora do contexto.

Barnabé, além do vício em bebidas alcoólicas, tem o vício de fazer discurso político, o que justifica seu incomum apelido: “Prefeito”. Toda vez que vê um aglomerado de pessoas, seu cérebro entra em transe, ele estufa o peito, empola a voz e tenta convencer as pessoas a votarem nele. Só que o miserável não é candidato a nada. Ao contrário do Mestre, ama os aplausos e o reconhecimento social. Boquinha de Mel é magro, esguio. O Prefeito é obeso, bonachão, boa-vida, tem sempre alguma coisa escondida no paletó para mastigar. Boquinha de Mel é um filósofo de rua, o Prefeito é um político de rua.

Para eles, os intelectuais, como eu, são uns imbecis. Diariamente me perturbam, provocam, inquietam. Onde os dois se encontram ninguém está seguro. Apesar de ser um homem sem fé, às vezes digo: “Deus, livrai-nos desses discípulos!”.

Para piorar o quadro, Bartolomeu e Barnabé competem um com o outro todo o tempo. Além de testarem minha diminuta paciência, reduzem a dimensão filosófica das notáveis ideias do Mestre. Toda vez que entram em cena, o drama vira comédia. Mandam para o ralo o pensamento lúcido do Vendedor de Sonhos, o que me dá um ataque de nervos.

Os dois são tão criativos que, quando não têm problemas, bastam alguns instantes para arrumarem. E o pior é que não apenas têm a pachorra de se meter

em confusões, mas enredam todos ao seu redor, inclusive o Mestre. Sinceramente, até hoje não sei por que ele os escolheu. Para mim, deveria ter escolhido pessoas cultas, experientes e bem-comportadas, como executivos, psicólogos, pedagogos ou médicos. Mas, paciência, preferiu alguns arruaceiros.

Certa vez, o Mestre, no meio de um discurso, fez uma poesia da existência humana que atinge frontalmente todo mortal, seja rico ou miserável: “A existência é cíclica. Não há aplausos que durem para sempre nem vaias que sejam eternas”.

Esse pensamento me levou a interiorizar e a refletir sobre os grandes homens da história. Jesus Cristo foi amado por muitos, mas traído e negado por seus mais próximos amigos. Júlio César viveu períodos de glória e tempos de desgraça. Seus amigos Bruto e Cássio o traíram e o assassinaram. Napoleão teve ascensão como poucos e humilhação como raros. Lincoln, Kennedy e Martin Luther King viveram um corte cíclico existencial.

Enquanto viajava nesse fenômeno social, Bartolomeu, o Boquinha de Mel, não conseguiu ficar sem falar, querendo ganhar um espaço no meio da multidão, e discordou do Mestre, dizendo-lhe:

— Grande Chefe, creio que seu pensamento não encontra eco em minha história. — E, tentando filosofar, acrescentou: — Minha existência não é um espetáculo cíclico. Há anos que só estou em baixa. Sou vaiado, xingado, desprezado, considerado um vagabundo, malandro e sem-vergonha. Só conheço crise e mais crise.

Barnabé, o Prefeito, ao ouvir Bartolomeu ganhando status, não conseguiu ficar para trás e resolveu meter a colher nessa cumbuca. Como um político em época de campanha, bradou:

— Distinto Mestre e povo que me escuta, se Boquinha de Mel vive há anos em crise, declaro que desde que me conheço por gente vivo numa tanga desgraçada. Estou num mato sem cachorro, sem bússola, sem celular, sem cartão de crédito e sem money. — Nesse momento, aumentou o tom de voz e adicionou, como um coronel da política: — Mas confiante na sua palavra, ó Mestre, de que a existência é cíclica, e chegará o dia em que serei carregado pelo povo. Pois nesta cidade há somente dois tipos de eleitores: os que votam em mim e os que não me conhecem. — E, elogiando a si mesmo pela frase que construía, disse: — Sou um gênio! — E bateu palmas para si mesmo.

— Somos dois! — confirmou Bartolomeu, aplaudindo a si mesmo também.

Esses dois malandros eram tão sem-vergonhas que competiam um com o outro tanto para saber quem era o melhor como para saber quem era o pior. Qualquer disputa valia para estarem em evidência. Escolhê-los era um perigo para o projeto do Vendedor de Sonhos. A única coisa que me levou a me convencer de que ele os tinha escolhido foi a piedade, fruto do ciclo de ganhos e perdas que vivera. Penso que isso o tornou complacente com pessoas do nível de Bartolomeu e Barnabé.

Citando alguns enigmas da movimentação cíclica da sua misteriosa história, certa vez ele comentou com seu círculo de amigos:

— Andei pelos altos montes como uma gazela que jamais imaginaria que pudesse despencar. Mas chegou o dia em que percorri os inóspitos vales das angústias, um lugar pelo qual provavelmente poucos profissionais de saúde mental transitaram, a não ser no campo da especulação. Nesses vales, descobri que tudo o que sabia sobre mim retratava apenas as camadas superficiais da minha personalidade. Entendi que era um estranho em minha própria casa, um desconhecido de mim mesmo.

Atônito com essa descoberta e abalado pelas insondáveis perdas, ele disse que se isolou numa ilha e lá permaneceu por mais de três anos. O tempo parou. O tudo e o nada se tornaram para ele a mesma coisa. Sequestrado em seu claustro e profundamente deprimido, tinha mesa farta, mas faltava-lhe o apetite. Só tinha fome de conhecimento.

— Ingeria livros de dia e de noite, sentado e em pé, andando e correndo. Aspirava-os com a mesma gana com que um asmático procurava o ar, bebia-os com o mesmo desespero com que o sedento sorvia a água. Devorava livros de filosofia, neurociência, história, sociologia, psicologia, teologia. — E enfatizou: — Os livros tornaram-se o passaporte para viajar até o mais desconhecido e próximo dos mundos, o psíquico.

Depois desse processo, ele reuniu seus pedaços e retornou ao seio social, mas não era mais o mesmo, não tinha mais as mesmas perspectivas, nem enxergava a sociedade da mesma maneira. Não se tornou um herói nem um messias, mas um ser humano cômico das suas imperfeições e ciente das próprias loucuras e das loucuras da sociedade. Com uma inteligência forjada em altas temperaturas, passou a partir daí a não querer mudar o mundo, mas a bradar

audaciosamente que há outras opções, outros caminhos. Vender sonhos se transformou em seu ar, ânimo, entusiasmo, alento, sentido existencial.

Mas muitas questões ainda me atormentam quando penso na sua história. Aonde quer chegar? O que quer de fato de nós? Por que está sempre querendo abalar a mente dos caminhantes? Foge ele de algo? Brilhava ele de fato na arena social? Como é possível que alguém que outrora foi muito respeitado se permita ser rotulado de impostor, psicótico, rebelde? Quem realmente ele foi?

Depois que anunciou no grande estádio alguns capítulos da sua história, ele silenciou. Calou-se sobre seu enigmático passado. Não sabemos se usou linguagem figurada ao falar sobre si ou se tudo o que disse foi real. Nós o desvendamos a conta-gotas enquanto descobrimos a nós mesmos. Mas o que mais nos perturba é que ultimamente tem corrido risco de morrer.

Desconhecemos quem quer assassiná-lo e por que quer eliminar da terra dos viventes um homem que exala doçura e generosidade. Preocupado com a segurança de seu círculo de amigos, ele tem procurado se afastar de nós. Mas insistimos em ficar. Sem ter noção do perigo que representa para ele mesmo e para o mundo, Bartolomeu deu uma de protetor às avessas:

— Chefinho! Se precisar de um grande homem para protegê-lo, eis-me aqui! Ninguém ao meu lado morreu.

O Mestre olhou para ele e perguntou:

— Não mesmo?

Esfregando as mãos na testa, acrescentou com sinceridade:

— Morrer, não morreu, mas foi quebrado, arreventado, fraturado, moído.

Mostrando ser mais forte que Bartolomeu, o Prefeito usou a voz grave para mostrar sua lealdade para com o Vendedor de Sonhos.

— Mestre, se andar comigo, os perigos que Boquinha de Mel lhe causar, bem como seus inimigos, serão atenuados.

Não me aguentei. Sabia que ele falava pelos cotovelos e nem prestava atenção nas suas palavras.

— O que significa a palavra “atenuado”, Prefeito? — perguntei, tentando espezinhá-lo. Mas o espertalhão saiu por cima. Disse-me:

— Distinto eleitor, se não tem cultura, sugiro que vá ao dicionário.

Esqueci que era sociólogo e tive vontade de lhe dar uma bolacha. Mas estávamos falando de proteção à integridade do Mestre, ele não podia causar

insegurança no ambiente.

Dimas, o vigarista do grupo, especialista em dar golpes, resolveu mostrar sua fidelidade, embora nem sequer uma bolsa estivesse segura ao seu lado.

— Mestre, segurança é minha palavra de ordem. Conte comigo.

Dimas estava em recuperação, mas tinha uma cleptomania ativa, ou seja, quando determinados objetos que não lhe pertenciam estavam no seu campo visual, detonavam um gatilho psíquico que o levava a ter uma atração obsessiva por eles, estimulando-o compulsivamente a tentar possuí-los.

Nesse momento, Edson, o religioso do grupo, viu sua estimada caneta no bolso de Dimas.

— Essa caneta é minha — retrucou.

Sem constrangimento, o maroto Dimas lhe disse:

— Bem sei! Por isso estou guardando-a para você. — E lhe devolveu.

Edson achava que tinha dons sobrenaturais e sempre estava querendo fazer um milagre para se autopromover. Após receber sua caneta de volta, disse ao Mestre:

— Mestre, minhas orações irão protegê-lo. — Mas todos sentíamos que ele não tinha grande moral com Deus. Era melhor ficar quieto para o tiro não sair pela culatra.

Ao fazer um mapa das características desses e de outros discípulos, eu tinha convicção de que era melhor ter uma penca de inimigos por perto do que eles. Éramos a família mais incomum de que se tinha notícia. O Mestre nos treinava a ter paciência e serenidade dia e noite, mas paciência e serenidade eram artigos de luxo para nós. Quebrávamos todos os dogmas da sociologia da convivência em grupo.

Até quando o seguiríamos? Não sabíamos. Que surpresas e contratemplos nos aguardavam? Desconhecíamos. Venderíamos sonhos ou pioraríamos a já cambaleante sociedade? Era uma dúvida. O futuro é o pai das incertezas, em especial para nós.

CAPÍTULO 3

Um mercado de malucos



O Vendedor de Sonhos não servia suas ideias num prato pronto nem para seus discípulos nem para os estranhos. Provocava-nos, fazia-nos entrar na “cozinha” de nossos intelectos e nos virar. Para ele, quem não sabe se virar não sabe pensar. A superproteção é uma estufa; a estufa é ótima para as plantas, péssima para a mente.

Certa vez estávamos no belíssimo pátio do Fórum Federal, muitíssimo movimentado. Nesse pátio havia um grandioso Monumento à Independência, com um cavalo de ferro fundido de três metros de altura, que pesava cinco toneladas. O cavalo estava em cima de uma enorme pilastra de concreto de dez metros. Montado no animal de ferro estava um cavaleiro também de ferro empunhando uma espada. Um grito surdo emanava da sua boca, conclamando à batalha. Ao passar pelo monumento, o Mestre apontou a mão direita para o soldado de ferro e desferiu este golpe no ar:

— Eis um espelho de que os homens sempre creram mais nas armas do que nas ideias. — E, olhando para nós, perguntou: — Mas quem são os fortes: os que usam as armas ou as ideias?

Boquinha de Mel não teve dúvida:

— Os que usam canhões, metralhadoras, foguetes.

— Mas não são as ideias que constroem as armas, Bartolomeu? — disse-lhe, tentando corrigi-lo.

— Sim — respondeu.

Então o Mestre ponderou:

— Se as ideias são tão fortes para construir armas, deverão ser fortes o suficiente para encontrar soluções que não nos levem a usá-las. Mas, uma vez

construídas, as armas voltam-se contra as ideias, diminuem sua criatividade. A criatura destrói o criador.

Em seguida, continuamos a caminhar. No pátio desse fórum transitava a elite jurídica da metrópole e do país. Advogados, juízes, procuradores, defensores públicos, oficiais de justiça, todos com ternos impecáveis, contrastando com nossas vestes, principalmente com as vestes do Mestre, que naquele dia usava um surrado paletó marrom, amarrotado, com um rasgo magnânimo no lado esquerdo que ventilava as suas costas.

Ao ver os passantes apressados, o homem que seguíamos começou a convidá-los a fazer um “fórum” sobre o pátio da mente humana. Aos brados, usou o método socrático para bombardear os caminhantes sem lhes pedir autorização:

— A capacidade de construir pensamentos não os encanta nem perturba, senhoras e senhores? Como invadimos o imenso pátio do córtex cerebral, milhões de vezes mais complexo do que os bairros desta magna cidade, e conseguimos encontrar as peças que constituem o mais pobre de todos os pensamentos? Isso não os deixa pasmos? O mais desprezível dos seres humanos, por ter tal capacidade, não é um gênio, mesmo que seja reprovado na escola ou tenha um QI abaixo do padrão? Como penetramos nos insondáveis labirintos do córtex cerebral e, em meio a bilhões de opções, resgatamos de seus arquivos os verbos e os conjugamos sem saber onde se encontram e qual será o tempo verbal que previamente usaremos? Essa façanha não os deixa deslumbrados? — E concluiu: — Nos comportamentos somos distintos, mas os fenômenos que nos tornam a espécie *Homo sapiens* são exatamente os mesmos entre juízes e réus, promotores e criminosos.

Ao ouvir esse bombardeamento de indagações, eu ficava perplexo. Perguntava-me: como ele elaborou esse raciocínio? De onde extraiu essa capacidade de perguntar e concluir? Suas indagações eram tão complexas que davam um nó na mente de seus discípulos e dos demais caminhantes.

Os juristas que transitavam pelo pátio se inquietavam com essa avalanche de perguntas. Usavam o pensamento a todo momento, mas nunca pensavam o pensamento. Alguns diziam: “Quem é esse maluco?”. Outros, circunspectos, comentavam: “De que universidade surgiu esse pensador?”. E ainda outros expressavam: “Será isso uma peça teatral?”. Os questionamentos penetravam no

circuito cerebral daqueles homens, especialistas em trabalhar muitíssimo, mas que não tinham tempo para refletir sobre os fenômenos psíquicos que estão na base do pensamento, das angústias e dos conflitos humanos. Apenas alguns interromperam seus passos.

O Prefeito, cochichando aos nossos ouvidos, falou esta bobagem:

— Turma, quando eu tomava uns porres sabia todas essas respostas.

Boquinha de Mel comentou:

— Era professor nesse assunto.

Sem perder a postura pelo fato de não pararem para ouvi--lo, o Mestre continuou a clamar:

— Tenho algo caríssimo para lhes vender, senhoras e senhores. Aproximem-se! Aproximem-se! Emprestem-me seus ouvidos.

Pedia-lhes emprestados os ouvidos para penetrar-lhes os espaços mais íntimos da psique. Surpresos, os juristas curvavam o rosto para ver a face do estranho “vendedor”, mas não viam nenhum produto nas suas mãos. Subitamente, seu discípulo mais atrapalhado rompeu o silêncio. Bartolomeu abriu a bocarra e bradou como um louco:

— Eu compro! Eu pago! É meu!

Na verdade, nem sabia o que o Mestre estava vendendo. Mas, como manter a boca fechada era impossível, ele acabou promovendo um leilão. Os passantes ficaram perturbados com os espalhafatosos. Um vendia e o outro comprava aos berros. “Comprar o quê? Pagar quanto? Que se passa no grande pátio do Fórum Federal?”, as pessoas se questionavam.

Percebendo que Boquinha de Mel ganhava projeção social ao iniciar o leilão, o Prefeito entrou no páreo e vociferou mais alto:

— Não, é meu. Eu pago mais! Dou mil.

Fisgados por um “excêntrico” que vendia um produto invisível e por dois malucos dispostos a gastar tudo o que tinham para comprá-lo, os caminhantes, enfim, reduziram a marcha para ver o *show*.

Boquinha de Mel torceu o nariz. Sentindo-se desafiado, gritou mais alto:

— Eu dou um milhão.

Barnabé não abaixou o tom.

— Eu dou um bilhão.

E eu, que fui o primeiro dos discípulos a ser chamado pelo Mestre, ao ver a

atuação desses dois birutas não sabia onde enfiar a cara. Mais uma vez diminuía o impacto das ideias do Mestre. O sóbrio pátio do Fórum Federal virou uma babilônia. Ninguém se entendia.

Ao ouvir os lances cheios de estardalhaço, pensei: “Esses caras são mais duros que granito! Não têm dinheiro nem para o jantar de hoje à noite. Vivem pedindo um naco daquilo que estamos mastigando. Como podem dizer que pagam tão caro um produto e, pior ainda, sem conhecê-lo? Pagam um milhão ou um bilhão de quê? De dólares? Santa paciência!”.

Quando estava remoendo minha indignação contra esses complicadíssimos espécimes, tive um pensamento que me perturbou: “Será que o Mestre não escolheu Bartolomeu e Barnabé para servirem de espelhos para pessoas como eu enxergarem sua própria insanidade? Não é possível”.

Enquanto eu lutava contra esses pensamentos construídos nos porões do meu córtex cerebral, que não tinha a mínima ideia de como haviam surgido, meu raciocínio se expandia. Comecei a pensar que eles eram autênticos e eu dissimulava. Eles falavam o que lhes vinha à mente, enquanto eu escondia minhas reais intenções. Eles sorriam sem medo e choravam sem receio, mas eu sorria quando chorava. Ninguém conhecia meus transtornos emocionais, até que eclodiram.

Pasmo com esses pensamentos, comecei a perceber que a sociedade e depois a universidade tinham me ensinado a maquiar minhas emoções. Os atores trabalham em teatros, os intelectuais nas arenas do conhecimento, mas no fundo todos somos mestres dos disfarces.

O Prefeito, desejando vencer o leilão, ampliou o valor do lance. Mas Bartolomeu, que nunca se dava por vencido, ainda mais pelo Prefeito, clamou:

— Dou um trilhão!

O Prefeito estufou o peito para dar um lance maior ainda, mas, não sabendo falar o número “quatrilhão”, apelou. Voltando-se para o Vendedor de Sonhos, disse:

— Nobre Mestre, Boquinha de Mel é o maior caloteiro que existe, o maior emissor de cheques sem fundo da sociedade. Ele compra, mas não paga.

— Mentira, senhoras e senhores — disse Boquinha de Mel. E voltando-se para os advogados, atônitos com toda a cena, perguntou: — Quem quer ter o privilégio de ser meu advogado contra esse homem que me calunia? — Mas

ninguém levantou a mão. Entretanto, não poucos caíram na gargalhada. Há muito tempo não relaxavam.

Fiquei trêmulo. Perdemos o clima filosófico construído pelo Mestre. Pedro negou a Cristo três vezes. Eu tenho negado meu Mestre silenciosamente todos os dias. É-me difícil afirmar que faço parte desse grupo de baderneiros.

Quando pensava que o Vendedor de Sonhos estava decepcionado com seus discípulos, vi sua face tranquila, sorridente, navegando em águas calmas. A brisa tocava seus cabelos e os espalhava suavemente pela face direita. O vento invadia, sem pedir licença, as entranhas das árvores, movimentando as folhas, que vibravam como uma orquestra desarmônica, como seus discípulos. Entretanto, tudo aquilo lhe parecia um presente gratuito.

O circo e a sala de aula ficavam na mesma plataforma. Ele não dava bulhufas para os vexames. As vaias de hoje poderiam se converter em aplausos amanhã. Aliás, para ele, que tinha uma mente livre, as vaias e os aplausos eram a mesma coisa. Não se deixava invadir. Eu sonhava com tal liberdade, mas era um servo em meu cárcere psíquico.

CAPÍTULO 4

O que é verdadeiramente caro



Inspirado, o Mestre passou os olhos pelas quase cinquenta pessoas que se aglomeravam no pátio do Fórum Federal. E depois se voltou para seus dois atrapalhados discípulos, que davam lances estratosféricos, e lhes deu uma grande lição. Fiquei fascinado.

— Barnabé, Bartolomeu e amigos. Tudo o que é vendável é barato; ainda que custe um bilhão de dólares, há alguém com dinheiro para pagar. Apenas o que é invendável é caro — afirmou. E respirando o ar mais profundamente, teve a sensibilidade de dizer: — O dinheiro compra ansiolíticos, mas não a capacidade de relaxar. Compra bajuladores, mas não os ombros de um amigo. Compra joias, mas não o amor de uma mulher. Compra um quadro de pintura, mas não a capacidade de contemplar. Compra seguros, mas não a habilidade de proteger a emoção. Compra informações, mas não o autoconhecimento. Compra lentes de contato, mas não a capacidade de ver os sentimentos não expressos. O dinheiro compra um manual de regras para educar quem amamos, mas não compra um manual de vida.

Ao ouvir as palavras singelas e cortantes do Vendedor de Sonhos, penetrei como um raio no meu passado e me lembrei de João Marcos, meu filho. Quanto eu errara com esse garoto! Era um professor sem grandes recursos, mas só agora entendia que nunca lhe dera o invendável. Criticava-o, confrontava-o, punia-o, colocava-lhe limites e constrangia-o. Fui apenas um estúpido manual de regras e de ética. Espanquei-o emocionalmente. Comparei seu comportamento com o de seus colegas, corriji-o em público.

Jamais lhe dei um ombro para chorar. Jamais falei que seu pai também teve seus medos, cometeu seus erros e foi inúmeras vezes incoerente. Primeira lei do

Vendedor de Sonhos: reconheça suas loucuras e sua estupidez. Eu não as reconhecia. Era um educador artificial. Era uma máquina de ensinar querendo formar um pensador. Considerava-me um deus querendo educar um ser humano.

Do ponto de vista sociológico, sabia que os homens que mais cometeram atrocidades na história foram os que se comportaram como deuses. Mataram, feriram, dominaram, sem conhecer a própria fragilidade, como se fossem eternos. Reproduzimos o clima dos homens atrozés nos ambientes menos suspeitos, como na sala de casa, na sala de aula, nos escritórios, nos fóruns.

Olhei ao meu redor e vi alguns ilustres juristas, dentre os quais juízes e promotores, com os olhos marejados de lágrimas. Eram como eu, cultos e frágeis; gigantes e pequenos; eloquentes para falar sobre o mundo de fora, mas tímidos para falar de seu próprio ser com as pessoas a quem amavam.

Alguns advogados criminalistas e tributaristas eram riquíssimos, mas compravam apenas o que era barato. Nunca foram de fato milionários. Enquanto estavam nas nuvens, bebendo da sabedoria daquele estranho maltrapilho, Bartolomeu entrou em cena e os trouxe do céu para a Terra. Falou altissonante para Barnabé:

— Eu sabia que era um milionário, Prefeito. Sou mais rico que os endinheirados. Não compro joias, mas as mulheres me amam. Não compro pinturas, mas contemplo o céu. Não tenho bajuladores, mas tenho um complicado grupo de amigos. — E, para nos achincalhar, disse: — Vocês, Júlio César, Edson e Dimas, roncam como bodes velhos, mas nem eu preciso tomar remédio para dormir.

O Prefeito não ficou para trás, seu espírito de político brejeiro ressurgiu. Vendo a plateia atenta, quis conquistá-la usando um termo jurídico e deu o maior fora do mundo:

— Sou muito mais rico que você, homem de boca grande. Sou um homem de alta periculosidade. — Não sabia que uma personalidade periculosa significava perigosa, violenta, que impõe riscos à sociedade. Na realidade, errou acertando, ao falar de si mesmo. E continuou: — Ah, sociedade querida! Se tu soubesses quem sou me amarias.

Os juristas novamente caíram na gargalhada. Nunca tinham visto um homem se declarar periculoso. Só podia ser uma comédia.

Dando sequência às suas ideias, o Mestre elaborou um pensamento que eu

jamais havia tido. Alto e bom som, fez uma pergunta a todos nós:

— Quando saímos do útero materno e penetramos no útero social, choramos! Quando saímos do útero social e penetramos no útero de um túmulo, outros choram por nós! Na saída e na entrada da vida, as lágrimas irrigam nossa história! Por quê, senhores e senhoras?

Ao ouvi-lo, fiquei imaginando como conseguia pensar no meio dessa agitação. Seus discípulos tumultuavam o ambiente, nas ruas o trânsito era infernal, mas, como se estivesse alheio a tudo isso, manifestava uma espantosa habilidade para construir ideias incomuns em ambientes ansiosos.

O Vendedor de Sonhos fazia as maiores perguntas da humanidade, perguntas que havíamos esquecido de fazer ou que não tínhamos mais habilidade de formular. Sentia-me diante dele um pequeno aluno, com meu doutorado e pós-doutorado em ciências sociais. Não sabia responder à sua pergunta. Vendendo-nos calados, ele nos instigou:

— Quem não se deslumbra com o fenômeno da existência será como uma criança que vive no teatro do tempo sem ter consciência mínima da vida.

Existir tornara-se um fenômeno banal e não mais deslumbrante. A inquietação por futilidades extraía o oxigênio de nossa inteligência. Muitos passavam dezenas de anos nos bancos de uma escola sem ter consciência mínima de seu papel como seres humanos. E, mexendo novamente no caldeirão de ideias, retomou seu questionamento e o redirecionou para a mente dos advogados:

— Por que, senhores e senhoras juristas, choramos quando saímos do útero materno para o útero social e outros vertem lágrimas por nós quando saímos do útero social e penetramos no tépido útero de um túmulo?

Ficava espreitando para que Bartolomeu e Barnabé dessa vez não abrissem a boca, não estragassem o clima dessa viagem intelectual. Aproximei-me deles, mas de repente quem abriu a boca foi o jovem Salomão.

Salomão é um discípulo sensível, inteligente, mas obsessivo e hipocondríaco. Melhorou ao andar com o Mestre, mas volta e meia tinha uma recaída, uma mania de doença. Se fizesse sol, achava que teria insolação, se chovesse, achava que ia se gripar. A obsessão mais visível de Salomão era enfiar o dedo em qualquer buraco ou orifício que encontrava. Achando que sabia a resposta, falou:

— As lágrimas nesta vida se devem aos cânceres, encefalites, pancreatites, duodenites, endocardites, retocolites, enfartos, aneurismas, acidentes vasculares cerebrais... — E enumerou uma dúzia de outras doenças.

Os ouvintes ficaram espantados, eu franzi a testa, Bartolomeu e Barnabé coçaram a cabeça. O Mestre agradeceu ao jovem por sua participação. Para ele, o debate era tão ou mais importante do que o conteúdo da resposta.

— Parabéns, Salomão, mas vou dar outro enfoque. As lágrimas na entrada e despedida da vida revelam que a existência é o *show* dos *shows*, o espetáculo dos espetáculos, pautada por inumeráveis emoções. Drama e comédia se alternam. Brisa e tempestade, saúde e doença são privilégios dos vivos.

E, observando atentamente as pessoas, completou com ênfase:

— Das crianças aos idosos, dos ocidentais aos asiáticos, todos enfim experimentam, no *script* desse espetáculo, em maior ou menor escala, a brisa do êxito e a trama da derrota, o sabor da fidelidade e o paladar da traição, a textura do alívio e a contingência da dor.

Fiquei introspectivo com suas palavras. Jamais percebi a dor e o fracasso como privilégio dos vivos, mas eram, pois só os vivos podem vivê-los. Bombardeei a memória dos meus alunos com informações, mas nunca os preparei para o espetáculo da existência. Eduquei meninos com diplomas universitários, sem proteção, segurança, resiliência. Meninos facilmente abatidos pelas perdas, adversidades, escárnios, traições, frustrações.

O Mestre não queria que fôssemos masoquistas, que procurássemos o sofrimento, ao contrário, mas também não queria que fôssemos ingênuos. Quem nega a dor ou dela foge a aumenta, esse era seu pensamento. Quem enfrenta suas perdas com medo coloca combustível em sua angústia. Torna deserto o *show* dos *shows*. Contraino o *script* da existência. Essas palavras completavam seu quadro de pintura de que a vida é cíclica.

Tive a impressão de que extraía esse ensinamento dos becos do seu próprio passado. Parecia querer dizer que no tempo em que andara sucumbido pelo medo havia dado as costas para seus monstros emocionais, agigantando-os. Ao mesmo tempo, tive a intuição, não sei se falsa ou verdadeira, de que ele queria não apenas vender sonhos para os juristas, mas preparar seus discípulos para o drama que enfrentaríamos ao seu lado dali por diante. Temi por isso, esqueci, por instantes, o que ele acabara de nos ensinar. Como é difícil aprender a linguagem

da emoção!

Enquanto meditava nessas palavras, Bartolomeu interveio novamente e dessa vez comoveu a todos, inclusive a mim. Sem medo de discorrer sobre sua história, falou com emoção:

— Mestre, depois que fui expulso do útero da minha mãe e entrei no útero social, derramei muitas lágrimas. Meu pai era um alcoólatra e me espancava com frequência. Quando eu tinha sete anos ele morreu. Minha mãe deixou-me na porta de um orfanato. Disse-me que estava com câncer e não podia me criar. Três ou quatro anos antes, já havia dado meu único irmão para um orfanato ou uma família cuidar, não sei direito os fatos. Disseram que minha mãe morreu, mas não me avisaram do velório. Derramei lágrimas e mais lágrimas chamando por ela e pelo meu irmão, mas ninguém me ouvia. Fui adotado por pouco tempo, pois meus pais adotivos não me suportaram. Devolveram-me para outro orfanato. Cresci sem família. Cresci só, profundamente só. Fui surrado no útero social. Oh! Útero social injusto — falou, com uma sensibilidade que jamais expressara. Não parecia o Bartolomeu que eu conhecia, mas, na realidade, tudo o que ouvi explicava o Boqui-nha de Mel que procurava sempre um espaço social para respirar. E completou dizendo: — Os únicos afagos que recebia eram do cachorro chamado Terrorista. As pulgas faziam companhia para o Terrorista e o Terrorista fazia companhia para mim.

Fiquei muito comovido. Só por algumas informações do seu passado. Como o Mestre sempre diz: a vida é um *show*, e por trás de um ator ou atriz que falha há sempre uma pessoa machucada nos bastidores. O Prefeito ouviu o drama de Bartolomeu e, esfregando os olhos saturados de lágrimas, contou também uma parte do seu deserto existencial. Fiquei perplexo.

— Eu o compreendo, meu honrado amigo — disse, entristecido. — Eu era a criança gordinha mais linda do mundo, mas meus pais me abandonaram na porta de um casal magrinho e que ainda por cima era vegetariano. Eles queriam nutrir este corpinho com espinafre, suco de cenoura e outros vegetais. Eu dormia com fome todas as noites. Eram unidos na comida, mas desunidos na vida. Brigavam todos os dias. Fui saco de pancadas desse casal. Cada vez que chorava, me enfiavam uma cenoura na boca. Até hoje tremo quando vejo uma cenoura. Como se não bastasse isso, os vegetarianos enchiam de bolachas o meu

pequeno traseiro. Por fim, colocaram-me num orfanato com seis anos de idade, um orfanato dirigido por vegetarianos. Passei tanta fome que tinha vontade de comer uma vaca inteira. — Fez uma pausa e disse: — Quem ia adotar um garotinho nessa idade, por mais lindo que fosse? Cresci sem afeto e sem abraços. — E, abraçando seu amigo, disse: — E como você, Boquinha, os únicos beijos que eu recebia no orfanato eram da cadela Assombração. Dormia todos os dias com a Assombração aos meus pés.

O Prefeito disse essas palavras com despreendimento, sem se importar com os olhares e o julgamento dos presentes. Agora entendo por que ele sempre tem algo escondido para mastigar. Passou fome. Tive sentimento de culpa por criticá-los. A plateia mais próxima também lacrimejava. Alguns colocaram a mão em seus ombros. O Mestre ficou sensibilizado. Mas, quando todos estavam comovidos com suas histórias, os dois incorrigíveis derraparam. Voltaram a ser o que eram.

Boquinha de Mel, ao ver o drama do Prefeito, emendou:

— Caro Prefeito, nesse *show* há muitas lágrimas. Só nos resta encher a cara.

O Prefeito confirmou:

— Sim, Boquinha, este útero social é muito triste. Vamos tomar um porre.

A professora Jurema, que era outra discípula do Mestre, uma educadora idosa, paciente e inteligente, bem como Mônica, ex-modelo que fazia parte do grupo, ao ouvirem as bobagens dos dois começaram a tossir juntas, tentando abafar os sons das suas palavras. Também entrei no coro. Éramos os mais ajuizados dos discípulos.

Não sabia definir esses amigos. Sempre que acertavam, em vez de garantir a vitória, acabavam jogando farinha no ventilador. Mas, enquanto tentávamos abafar o som das suas palavras, os presentes gostaram do clima. Os advogados, juízes e promotores saíram do ápice da reflexão existencial para o humor de botequim.

A professora Jurema, além de tossir, pegou sua bengala e puxou o pescoço do Bartolomeu. E disse-lhe a famosa frase:

— Bartolomeu, de boca fechada você é insubstituível. — Esperto, Boquinha de Mel mais uma vez usou sua malandragem para sair por cima.

— Calma, gente. Não quis dizer encher a cara de cachaça, vodca, uísque.

Mas de filosofia, de sabedoria, de ideias.

Inspirado pela malandrice de Bartolomeu, Barnabé, como um político em plena campanha, esqueceu seu passado cáustico, olhou para a plateia e, como um político sabe-tudo, falou:

— Sim, nobilíssimos amigos deste portentoso Fórum Federal! Diante das lágrimas que vertem neste brevíssimo *show* existencial, cumpre-nos embriagar-nos da sabedoria de Jesus Cristo, Confúcio, Agostinho, Rousseau, Auguste Comte. — E olhando para mim, como se quisesse me alfinetar, completou: — E do grande imperador Júlio César.

A plateia dos homens da lei os aplaudiu vigorosamente. Enquanto o Prefeito citava os nomes desses pensadores, chamei a culta professora Jurema de lado e balbuciei minha indignação:

— Professora, acho que nunca leram um livro, mas citam esses ícones da história somente para seduzir a plateia.

Concordando comigo, Jurema meneou a cabeça afirmativamente, mas querendo me dizer: “O mundo é dos espertos. Cresceram sozinhos”.

Eu ficara particularmente incomodado com o penúltimo nome que Barnabé citara, Auguste Comte, o fundador da sociologia, a área em que sou especialista. Enquanto eu estava cá com meus botões, Bartolomeu competia com Barnabé, e ousou dizer estas palavras aos advogados:

— Dileto Prefeito e distintos advogados, não podemos nos esquecer de Montesquieu e de seu grande livro *O espírito das leis*.

Vários juristas sabiam quem era Montesquieu, era da esfera deles. Ao ouvirem essa observação, aplaudiram com mais entusiasmo os dois maltrapilhos. A vida era um *show*, e eles amavam dar um espetáculo. Para mim, o Mestre devia ter ficado enciumado com esses furtadores de cena; afinal de contas, ele carregava o piano, afinava-o, tocava-o, e eram esses arruaceiros que recebiam os aplausos. Mas fiquei rubro ao perceber que o Mestre também os aplaudia com entusiasmo.

Sempre fui um professor intransigente, de raras risadas, austero, muito diferente do Mestre. Ele dava liberdade para seus discípulos falarem bobagens, eu era partidário do silêncio absoluto em sala de aula. Respeito acima de tudo. Ele queria desaparecer e fazer com que os anônimos sobressaíssem; eu, ao contrário, não admitia que nenhum aluno ganhasse um debate ou estivesse em

evidência. Obediência acima de tudo. Severo, eu era temido; o Mestre, amado. Supervalorizei o drama e desprezei a comédia no pequeno mundo da sala de aula. O Mestre valorizava ambos. Temo ter preparado servos para o sistema e não seres humanos para corrigi-lo. O Mestre fazia o contrário.

De repente, quebrando o clima dessas ponderações, observei três homens ao meu lado confidenciando algumas informações. Como eu estava distante do grupo, não perceberam que fazia parte dele. Percebi que a conversa deles se referia ao Mestre. Nesse ínterim, um deles abriu um computador de mão e fez uma remontagem de imagens. Tive a impressão de que o Mestre estava na tela. Esfreguei os olhos e tentei me aproximar, mas retiraram rapidamente a imagem. Entretanto, deu para ver uma mensagem estranhíssima na tela do computador que fez a checagem: “A águia está viva. É preciso abatê-la”. E saíram sutilmente.

Lembrei-me das revelações do Mestre no grande estádio, de que havia sido uma estrela no mundo financeiro e social. Mas, como ele vivia como um maltrapilho e era muito crítico do sistema em que estávamos, considerei que suas revelações eram simbólicas, não podiam ser interpretadas literalmente. Ao vê-lo passar frio sem possuir roupas para se aquecer, ficar doente e não ter remédios para se tratar, ter fome e não ter comida para se nutrir, me convenci de que era impossível que tivesse sido multimilionário. Estávamos diante de um miserável rico em sabedoria, mas que não tinha onde cair morto.

Em seguida, uns adolescentes presentes na plateia esbarraram em mim, pois queriam se aproximar do espetáculo. Eram alunos de uma escola próxima que passavam pelo evento e foram cativados pelos dois palhaços. Torciam para o circo pegar fogo.

Bartolomeu e Barnabé, excitados com os aplausos que receberam, curvaram-se diante da multidão. Após se curvar, Barnabé entrou em transe, o espírito de político dominou novamente seu cérebro. Gostava de falar palavras difíceis e frequentemente se atrapalhava. Como se estivesse em plena campanha eleitoral, discursou:

— Povo, povaréu e povoado desta fidalga cidade.

— Viva! Muito bem! — bradou Bartolomeu, estimulando a multidão a irromper em nova salva de palmas. Animadíssimo, o Prefeito agradeceu e completou seu discurso:

— Sem delongas lhes peço que votem em mim! Prometo--lhes que farei

uma faxina na “corrupção” política. — Barnabé deu um sorriso amarelo, pois não conseguiu falar a palavra “corrupção”. Tentou de novo, mas errou: “Corruptão! Corrução!”. E quanto mais falava mais cuspiu em quem estava perto. Um juiz federal saiu em seu auxílio.

— *Corrupção* política.

Para não perder a postura de político malicioso, disse:

— Obrigado, meu futuro ministro da Justiça.

Edson, o Milagreiro, não perdeu tempo, tirou o boné de dentro do paletó e acrescentou com a maior cara de pau:

— Bom, gente, mas não só de conversa vive o homem. O Prefeito, com esse delicado corpinho, precisa jantar. Quem pode contribuir? — E passou o bendito boné entre os presentes, arrecadando dinheiro para um farto jantar para todo o grupo.

O Mestre saiu sutilmente. Era um artesão das ideias, e os dois insubordinados, artesãos da excentricidade. Os advogados tiveram a sensação de que a água acabara antes de saciarem a sede. Queriam se distrair mais com os dois palhaços e ouvir de novo o misterioso pensador de vestes rudimentares. Alguns já conheciam a sua fama, agora conheciam seu raciocínio. Não souberam defini-lo. Muito menos nós.

Entenderam, por momentos, que uns escrevem as leis, outros as aplicam, uns vestem terno e gravata, outros andam como maltrapilhos, uns escrevem livros, outros os leem, mas no fundo somos todos meninos que brincam no teatro do tempo sem compreender os fenômenos mais importantes da existência...

CAPÍTULO 5

Um mestre que inquietava o cérebro



À medida que os meses se passavam, o Mestre defendia a ideia de que os fenômenos científicos e sociais que nos libertariam acabariam, por fim, nos aprisionando. Nossa mente estava drasticamente engessada pela tecnologia e pelo excesso de informações. Éramos como filhos superprotegidos que viviam à sombra dos “pais do conhecimento”.

Pitágoras enfrentou preconceitos. Sócrates submeteu-se à ira da elite grega. O mundo simbolizado por uma pequena maçã caiu sobre a cabeça de Newton. Einstein teve de desarmar a bomba da verdade da teoria mecanicista enquanto trabalhava numa protegida firma de patentes. Freud teve de romper as algemas da medicina que valorizavam o corpo e minimizavam a mente.

O Mestre insistia em dizer que os pensadores envolveram--se em sua produção de conhecimento em jornadas arriscadas, saturadas de percalços, injustiças, desordens, descontroles. Havíamos nos esquecido desse processo nos templos das universidades. Aplaudíamos a coragem dos desbravadores do conhecimento, mas éramos tímidos. Tínhamos um medo primitivo de enfrentar o caos e pensar livremente.

— Não me sigam cegamente. Não aceitem minhas ideias sem passá-las pelo estômago da sua crítica. Todos os grandes desastres sociais e políticos vêm do culto à verdade, da aceitação passiva das ideias. — E num fôlego tomou o ar e nos chocou dizendo: — A aceitação passiva das ideias é pior do que a crítica tola dirigida a elas. Não procuro servos, mas seguidores que pensem. Se não forem capazes de me criticar, não são dignos de me seguir — afirmava enfaticamente esse misterioso vendedor de ideias.

Indignado, dizia que a maioria dos alunos ficava vinte anos da pré-escola à

pós-graduação sem nunca ter construído uma ideia própria, sem ter suas próprias opiniões e sem ter coragem de pensar diferentemente de seus pares. Criticávamos a juventude alemã seduzida por Hitler na primeira metade do século XX a cometer atrocidades contra minorias como judeus, ciganos e homossexuais, mas não tínhamos consciência de que o sistema social estava silenciando a juventude mundial neste século.

Certa vez, ele penetrara nas dependências da maior universidade da grande megalópole e bradara para os alunos que ali se encontravam:

— Veneza morre um centímetro por ano. Isso não os inquieta? Mas quem se importa que a mais charmosa das cidades seja violentada pelas águas do Adriático? Onde ocorre o levante dos jovens contra os desastres climáticos? A fome ceifa diariamente entre duzentas e trezentas crianças esqueléticas e desnutridas. Mas quem tem tempo para ouvir os gemidos dos pequenos de nossa espécie? Uma fração dos recursos financeiros e dos esforços que os líderes mundiais despenderam para socorrer o sistema financeiro na atualidade poderia ter extirpado a fome mundial. Nossa letargia não os perturba?

Encolerizado, ia de *campus* em *campus* universitário, bradando:

— Bem-aventurados os que alimentam o cérebro com o cardápio da dúvida, porque deles é o reino dos novos conhecimentos. Felizes os que são inconformados com nossas pobres respostas e falsas crenças, pois andam por ares nunca antes vistos e chegam a lugares nunca antes alcançados. Oh, sistema perverso que apedreja os que ousam pensar de modo diferente! Quem trará soluções para os graves problemas da humanidade?

Alguns universitários tinham comichões nos ouvidos ao escutá-lo. Diziam: “O que esse lunático está dizendo? Alimentar o cérebro com o cardápio das dúvidas? Estamos na era da certeza científica, da lógica cartesiana, como pode alguém exaltar a desordem?”.

Bartolomeu, ao ouvi-lo perguntar quem traria soluções para os grandes dilemas humanos e percebendo que nenhum universitário se arriscava a levantar a mão, não teve dúvida e com petulância levantou a sua:

— Eu, Mestre! Eu tentarei resolver os problemas da humanidade. Fui apedrejado pelo sistema. Nunca me enquadrei nas normas. Sou um talento desperdiçado.

Não acreditava na ousadia desse perdulário. Paralelamente a esse episódio,

o Prefeito viu nas imediações um garoto de oito anos derrubar seu sanduíche. O menino era filho de um professor universitário que estava a alguns metros de distância, ocupado em ouvir os personagens bizarros que haviam invadido a universidade.

Como não tinha nada para mastigar, mais que depressa agarrou o sanduíche protegido por um saco de papel. Tirou-o, deu uma cusparada nele para limpá-lo, esfregou-o em sua roupa suja e depois, com um olhar sutil, devolveu-o para o menino. Claro, o menino teve asco pelo sanduíche. O Prefeito começou então a comê-lo como um cão esfomeado. Entre uma mordida e outra, ele ouviu que Boquinha de Mel traria solução para os problemas humanos. Exaltado, disse com a boca cheia, entusiasmado:

— Homens como eu, que conhecem as mazelas humanas e se preocupam em proteger as crianças, devem dirigir a nação. — E, levantando os restos mortais do sanduíche que comia, completou: — Não olhem as aparências. Sou um excelente produto com embalagem ruim. Pelo povo e para o povo, santifico-me.

Ao ouvir o absurdo, não suportei. Corrigi-o:

— “Santifico-me” e não “santifico-me”.

Então o sem-vergonha olhou para mim e não sei se me exaltou ou xingou:

— Santo homem! Obrigado pelo voto antecipado. Esse homem sabe ver a pérola escondida neste belo crânio.

Pus as duas mãos na cabeça. Funguei o nariz três vezes para não lhe atacar o cabeção.

Dias depois, passeávamos despreziosamente por uma larga rua. De repente, vimos um entra e sai de homens e mulheres trajando roupas brancas na porta de um centro de convenções. Estava escrito “Congresso Internacional de Cardiologia”.

Sem titubear, o Mestre penetrou na área pública do saguão central. Não podíamos entrar nas dependências íntimas do evento porque não tínhamos crachás, e, com aquelas roupas, qualquer tentativa geraria expulsão. Senti que o ambiente era sofisticado demais para gente do nosso nível. Prevendo confusão, procurei me distanciar novamente do grupo.

A indústria farmacêutica, com estandes riquíssimos, expunha seus últimos lançamentos na linha cardiológica. Anti--hipertensivos, anticoagulantes,

antiarrítmicos e uma série de outras drogas e aparelhos estavam sendo expostos. Os médicos circulavam de estande em estande. Entre os presentes, havia professores de cardiologia de inúmeras faculdades de todo o mundo. O Vendedor de Sonhos, com seu olhar acurado, observava atentamente o movimento deles, seus gestos, os músculos da testa, a maneira de falar. Percebeu algo estranho.

Minutos depois, resolveu dar o ar da graça naquele lugar impróprio, alçou a voz sem se preocupar se teria plateia ou não, se daria um escândalo ou não.

— Distintos cardiologistas, vocês tratam de enfartos e outras doenças cardíacas. Mas quem de vocês é saudável em seu coração psíquico?

Ao ver aquele intrigante homem com seu vozeirão e suas vestes lunáticas falando ao ar, logo uma pequena plateia de curiosos se aglomerou. Alguns pensaram se tratar de um ator contratado para falar do lançamento de algum novo medicamento. Mas em seguida veio uma pergunta bombástica:

— Quem de vocês está com o psiquismo arrítmico ou quem sabe enfartado? Quem tem a mente agitada, hiperpensante, acelerada como um coração taquicárdico? Quem tem uma emoção cujas “artérias” estão bloqueadas como as coronárias que necrosam tecidos do coração? Onde estão os que relaxam e oxigenam seu psiquismo com prazer?

A plateia de cardiologistas nunca ouvira perguntas sobre a mente humana nessa perspectiva. Poderia ela alterar seu ritmo de pulsação intelectual gerando uma hiperconstrução doentia de pensamentos e imagens mentais? O Mestre acreditava que sim. Poderia a emoção bloquear seu fluxo de prazer e entrar em estado de falência? Ele acreditava que sim.

CAPÍTULO 6

A terapia do grito



A cultura do Mestre me impressionava. Não sabia se ele tinha curso superior nem se havia feito pós-graduação, mas sabia que lia jornais, revistas de interesse geral e científicas e livros em todos os lugares em que tinha oportunidade. Até debaixo das pontes e viadutos, sob a luz de velas, entrava no mundo da leitura. Aliás, tinha duas pequenas bibliotecas particulares em dois viadutos sob os quais dormíamos. Dar-lhe um pedaço de pão saciava-o, dar-lhe um livro, ainda que sujo e rasgado, encantava-o.

Ninguém respondeu às perguntas do homem que vendia sonhos. Embora preservassem o silêncio, havia um grito no psiquismo de muitos deles, um grito surdo, não ouvido, que indicava que algo estava errado no coração psíquico. Eram hiperagitados, hiperpensantes, hiperpreocupados e com hipercarga de trabalho. Assim como os empresários, noventa por cento deles tinham três ou mais sintomas psicossomáticos, como dor de cabeça, taquicardia, gastrite, queda de cabelos pela tensão, fadiga excessiva, *deficit* de memória.

— Pode alguém que está com o coração psíquico enfartado cuidar bem de quem está com o coração físico enfartado? — perguntou o homem que eu seguia. E ele mesmo respondeu: — Sim, pode. Mas não por muito tempo nem com alta qualidade.

De repente, apareceu um homem berrando tanto no meio da pequena plateia que quase realmente enfartou os presentes. Sim, era ele, o homem que perturbava mentes e corações: Boquinha de Mel. Começou a dar uns gritos altíssimos, como se estivesse morrendo.

— Aaaahhh! Uuuhhh! Aaaahhh! Uuuhhh! — E em seguida desmaiou.

Fiquei sem ação, me aproximei sem saber o que de fato estava

acontecendo. Por um momento pensei: “Bartolomeu desta vez enfartou. E, incrível, diante de uma plateia de cardiologistas”. Salomão começou a esfregar a mão direita no lado esquerdo do tórax. Achava também que estava enfartando. Tive de segurá-lo para não desmaiar. Edson, o Milagreiro, ajoelhou e começou a fazer orações pelo nosso moribundo amigo. Dimas entrou em crise e disse: “O Boquinha vai morrer! O Boquinha vai morrer!”. Mônica e a professora Jurema entraram em desespero. Suplicavam aos médicos: “Ajudem-no, por favor! Não o deixem morrer!”.

Bartolomeu foi imediatamente socorrido por vários médicos e médicas que estavam ao seu lado. Deitaram-no no chão, começaram a auscultar seu coração. Um médico trouxe às pressas um desfibrilador para dar-lhe um choque. Mas, como tudo foi rápido e o tumulto era grande, não havia clima para examiná-lo direito. O Mestre também estava muito preocupado.

De repente, entrou o Prefeito em cena. Com a maior segurança do mundo, como se fosse o médico mais experiente do planeta, disse aos presentes:

— Calma, caros doutores. Eu conheço o caso. É meu paciente. — Diante disso, abriram-lhe espaço. E de supetão ele pegou a professora Jurema pelas mãos e adicionou: — Esta linda senhora de mais de oitenta anos fará respiração boca a boca no meu paciente.

— Eu? — disse, espantada, a professora. E, apesar de gostar muito dele, por instantes pensou que o crime não compensava, era melhor deixá-lo enfartar.

Ao perceber que seria beijado pela professora Jurema, imediatamente Bartolomeu se levantou. Se fosse Mônica que o beijasse, ele teria ficado estático como uma pedra, mas, como o Prefeito deu-lhe o golpe, teve de ressuscitar sem choque. Todos nos espremiámos para saber o que estava ocorrendo. Em seguida ele abriu os braços e os baixou por três vezes, respirando com profundidade. E, para não perder o ritmo, dava uns gritinhos: “Aaahhh! Aaahhh!”. Nesse momento, o arruaceiro se explicou:

— Caros doutores, acabei de fazer a terapia do grito primordial. Uma terapia que eu e meu amigo doutor Prefeito criamos nos hospitais da vida para desestressar o coração!

Ao perceber que haviam sido enganados, alguns cardiologistas colocaram as mãos na cabeça. Sentiram-se idiotas como eu. Outros lhes deram uma bronca. E ainda outros queriam socá-los. O Mestre precisou entrar em ação e mais uma

vez salvá-los da própria confusão. Sábio, observou:

— Amigos, já repararam que nossa emoção vai de um extremo ao outro em uma fração de segundo? Num instante estamos tranquilos, noutro, explosivos. Num momento, calmos, noutro, agressivos. Não é isso sinal de falência psíquica? Já repararam como nossa mente sofre por bobagens, flutua por diminutas frustrações, compra problemas que não são dela? Não é isso uma arritmia psíquica? Por que ficar irado com esses dois jovens? Pelo menos tentaram se desestressar. Não machucaram, não feriram, não projetaram sua ansiedade na voz.

Na sociologia, brincávamos sobre o perfil de diversos cirurgiões, em especial dos cardíacos. Alguns tinham um ego enorme. Quando entravam na sala cirúrgica, achavam que eram deuses, e quando saíam tinham certeza de que eram. Mas no fundo, como quis demonstrar o Mestre, eram pessoas que tratavam dos outros com carinho, mas não eram carinhosas consigo mesmas.

Os médicos ficaram pasmos com sua intervenção. Jamais imaginaram que em um congresso de cardiologia um mendigo dissesse que estavam com o psiquismo arritmico, gravemente flutuante. E o Mestre, exaltando esses anônimos que se preocupam com o mundo, embora o mundo não se preocupasse com eles, disse-lhes:

— O sistema de saúde os levou a traírem em parte a ética de Hipócrates, o pai da medicina: cuidaram dos pacientes, mas abandonaram a si mesmos...

De fato, muitos médicos trabalhavam sessenta horas por semana para tentar sobreviver. O excesso de trabalho conspirava contra o romantismo da existência. O espetáculo tornara-se um teatro de terror. Um idoso e experiente professor de cardiologia francês, que já ouvira a fama do Mestre, tomou a liberdade de se manifestar. Em sintonia com suas ideias, confirmou:

— A incidência de câncer, enfarto, ansiedade, síndrome de pânico e depressão na classe médica é surpreendente. Não temos tempo sequer para chorar ou repensar.

Um cirurgião cardiologista brasileiro comentou, consternado:

— De fato, o sistema de saúde tornou-se um vampiro que extraiu o sangue da mais poética das profissões. Gastamos nossa existência para cuidar dos outros e, quando descobrimos, resta-nos pouco tempo para viver. E o pior é que temos de usar nossas migalhas de tempo para resgatar a saúde que deixamos pelo

caminho.

“Se os médicos estão doentes, como estará o resto da população?”, pensei eu. Como professor universitário, fiz uma varredura em meu passado e me lembrei de raramente ter encontrado alunos e professores saudáveis, plácidos, ponderados. Até os professores calmos que conhecia tinham seus ataques de fúria quando contrariados. Eu, em especial, era tenso, impaciente, nervoso, frenético, colérico. Tinha muitas qualidades insuportáveis. Minha emoção ia do extremo da calma para o ápice da irritabilidade em segundos. Tomava altas doses de tranquilizantes para não estourar na sala de aula, bem como para dormir quatro ou cinco horas por noite, quando dormia.

Quando a conversa caminhava para um patamar de alta lucidez, o Prefeito abriu a boca e fez uma pergunta cuja resposta, no fundo, sabia de cor e salteado:

— Mestre, o que pensa? Sou normal?

Dessa vez, fui eu quem riu. Dei uma gargalhada incontida que excitou a emoção dos ouvintes. Se o normal era ser doente, não me aguentei e respondi pelo Mestre:

— Normalíssimo, Prefeito.

Com um sorriso estampado no rosto, o Prefeito agradeceu:

— Obrigado, grande Júlio César, imperador dos corações abatidos. Um dia, quando eu subir ao poder, será meu assessor para assuntos “irrelevantes”.

Como não sabia se ele tinha noção do que falara, não sei se o miserável me exaltou ou me diminuiu. Só sei que conseguia me confundir. Enquanto pensava sobre isso, Bartolomeu, falando mal de mim, provocou o Prefeito.

— Acorda, Prefeito! O Superego chamou-o de pancadíssimo, doidíssimo, maluquíssimo. — Bartolomeu havia me colocado um apelido que eu detestava: Superego. Para esse insultante alcoólatra, “superego” queria dizer superorgulhoso, supersoberbo, e não como Freud conceituou: “modelo de comportamento no qual nos espelhamos e que influencia o desenvolvimento da nossa personalidade”.

— Sai para lá, Boquinha de Mel. Você é que é desvairadíssimo e neurotiquéssimo. E, além disso, solta gases como um hipopótamo! — disse o Prefeito, bronqueando com Boquinha de Mel. Todos os discípulos caíram na risada, confirmando que a flatulência de Bartolomeu realmente era uma trovada da qual todos deveriam fugir.

Raivosíssimo, Boquinha de Mel disse ao Mestre:

— Fui campeão de artes marciais. Segurem-me, senão vou dar uma porrada nesse comedor compulsivo.

— Então venha, seu banana-passa.

Alguns médicos, vendo a cena dos malucos, tentaram apartá-los. O Prefeito, estabonado, fazendo cena de boxeador, deu um soco sem querer no idoso professor universitário francês que havia comentado que o índice de doenças estava aumentando na classe médica. Como já estava estressado, fatigado e havia algumas noites sem dormir, o médico desmaiou.

— Ihhh! Mandei o médico para o reino dos céus — expressou ele, assustado e com remorso.

Coloquei as mãos na cabeça. Senti-me um pouco culpado pelos fatos. O sistema social já asfixiava os médicos, e nós contribuíamos para adoecê-los mais ainda. O mundo já era um grande hospital psiquiátrico, e os discípulos do Mestre ateavam fogo nele. Em seguida, o médico recobrou a consciência, levantou-se e começou a gritar:

— Aaaahhh! Uuuhhh! Aaaahhh! Uuuhhh!

Os demais colegas médicos se desesperaram. Todos tentaram socorrê-lo. Mas, subitamente, depois dos grunhidos primitivos, abriu os braços, respirou fundo e disse:

— Calma lá, gente. É a terapia do grito. Como é bom desestressar!

Dois outros médicos, a cinco metros de distância, também começaram a gritar. Em seguida, outros médicos formais, muitíssimo bem-comportados, soltaram a voz. Os seguranças do evento chamaram bombeiros e psiquiatras.

Por momentos, tive também uma vontade louca de dar alguns gritos para espantar meu estresse. Descobri que a loucura é contagiosa.

CAPÍTULO 7

Um psicótico com notável imaginação



Dormimos essa noite debaixo do Viaduto América, que fazia conexão com importantes artérias da cidade. Não era o local em que mais repousávamos, pois o trânsito de ônibus e caminhões noturnos era um pesadelo quase insuportável. Mas tínhamos um posto avançado nesse enorme “hotel” de miseráveis, onde guardávamos alguns magros colchonetes no canto esquerdo, ao fundo. Ninguém mexia em nossos pertences, pois entre os desprotegidos há um código de proteção: cada um respeita as migalhas do outro. Só há brigas, furtos, quando se tem algo a dividir.

Seu Jerônimo, um simpático mendigo bem idoso, que dormia havia vinte anos no Viaduto América, gostava que pernoitássemos lá. Fazia uma festa à nossa chegada. Servia-nos bolachas e biscoitos vencidos. Fazia, por incrível que pareça, um delicioso café num pequeno fogaréu. Tinha uma psicose esquizofrênica inadequadamente resolvida. De vez em quando manifestava alguns surtos de alucinação e delírios. Nesses surtos, gostava de nos contar sobre os monstros que o perseguiram. Tinha uma imaginação mais fértil que os escritores de fábulas. Enquanto tomávamos café, contou-nos que na madrugada anterior enfrentara o mais horrendo dos monstros:

— O bicho tinha sete cabeças e sete chifres. Tinha uma espada nas mãos e outra que saía da barriga. No peito dava para ver o coração pulsando. E tudo que se aproximava dele o coração sugava. Sugou minha cadeira de espreguiçar. O monstro urrava como um dinossauro. Queria me comer vivo. Tinha a fome do Prefeito e era feio como o Milagreiro — e apontou para Edson. Morríamos de rir.

E a mente do seu Jerônimo nem sempre seguia uma sequência lógica; ele

passava de uma história para outra sem finalizá-las. Interrompeu a história do monstro e começou a contar sobre um avião que passara debaixo do viaduto. Bartolomeu ansiosamente lhe disse:

— Diga, o que você fez com o diabo do bicho, homem?

Com ar de Dom Quixote, seu Jerônimo se lembrou da história. Estufou o peito, ergueu a barriga, levantou o quadril e finalizou sua epopeia:

— Lutei por duas horas com o demônio. A besta com as suas duas grandes espadas e eu com esta pequena faca. — E mostrou a lâmina como se fosse seu troféu. — O bicho era bravo. Pulava como um macaco e falava como o Boquinha: “Eu te mato, velho! Esse viaduto me pertence!”. Foi uma luta de gigantes. Quase furou meu peito, quase cortou meu pescoço, quase quebrou minha cabeça. Quase, mas fui mais ágil que a besta. Com a rapidez de um anjo, dei-lhe uma espetada no lombo. E, percebendo que não me venceria, o monstro caiu fora.

Boquinha de Mel, entusiasmado, bateu o punho da mão direita na palma da mão esquerda e lhe disse:

— Da próxima vez me avise, seu Jerônimo, que acabo com esse desgraçado. Já fui caçador de monstros na maioria desses viadutos.

Sim, pensei comigo, já foi caçador dos monstros que criava quando tinha síndrome de abstinência do álcool. Presenciei uma de suas crises.

— Conte também comigo, “homem valente” — disse o Prefeito. E, levantando-se, deu números de sua imaginária valentia: — Já matei dez tiranossauros esses anos.

Não contente em contar vantagem, o Prefeito foi mostrar para seu Jerônimo como abatia essas feras. Fez uma *performance* de lutador, levantou a perna direita, abriu os braços, deu um pulo para a frente e foi, como sempre, tão desajeitado que tropeçou e caiu em cima do pobre velho. Amassou-o. Conseguiu abatê-lo. Fez o que o monstro da noite anterior não concretizara. Ajudamo-lo a se levantar e tirar seu Jerônimo dos escombros. Recompuesto, o velhinho disse:

— Tenham a certeza de que os chamarei da próxima vez que o bicho aparecer, mas... — Assustado, fez uma pausa e completou: — Mas ficarei assistindo à luta pela televisão.

Dei uma risada marota. Até seu Jerônimo queria se afastar dos dois. Nem monstro nem homem ficavam em pé próximo deles. Não sei se acreditaram na

história do seu Jerônimo, se tinham surtos psicóticos também ou se topavam qualquer parada para se divertir com qualquer coisa. Só sei que os loucos se entendem.

Na manhã seguinte, levantei cedo, com dores nas costas. Meu monstro foi o colchonete. Esmagou minha coluna. Despedimo-nos do criativo seu Jerônimo e seguimos nossa jornada. Três quarteirões à frente, notamos que vinha ao nosso encontro um homem aparentemente apreensivo. Tinha cerca de quarenta anos, cabelo levemente grisalho, tez clara, usava camisa branca e *blazer* preto. Poderia ser mais um admirador ou quem sabe um questionador das ideias do Mestre.

Ele, o Prefeito e Bartolomeu estavam cinco passos à frente do grupo, e a professora Jurema e Mônica haviam acabado de nos encontrar. Distraímos-nos contando a elas as peripécias de seu Jerônimo e o nocaute dado pelo Prefeito. Subitamente o estranho abordou-o e lhe disse:

— Mestre, vim dar-lhe um presente. — Imediatamente colocou as mãos dentro do *blazer* e sacou um revólver. Quando ia atirar à queima-roupa, o Mestre, num reflexo impressionante, deu um tapa no revólver, atirou-o para cima e o pegou no ar. Ficamos impressionados. Pasmado, o criminoso bateu em retirada. Em seguida, o Mestre disse a Bartolomeu:

— Enterre-o, por favor.

— Como você fez isso, Mestre? — perguntou Edson.

Com um sorriso no rosto, ele respondeu:

— Experiência! Sou um especialista em determinadas modalidades de luta.

— Você está brincando? — disse Salomão, admirado.

— A vida é uma grande brincadeira. — Reproduziu seu pensamento e continuou andando.

Nesse meio-tempo, o Prefeito fez mais uma vítima. Como estávamos distraídos, ele nos contou da habilidade do Mestre. Mas exagerou. Fez gestos que o Mestre não fizera. Colocou a perna direita na frente da esquerda e flexionou-a. Elevou o punho direito para a frente e puxou o cotovelo esquerdo para trás com rapidez. E gritou: “Iah!”. Sem querer, acertou dona Jurema entre o tórax e o abdômen. A velhinha era forte, mas não resistiu. Caiu para trás. O Prefeito, tenso, disse:

— Meu Deus, matei a Jureminha!

Mas a professora Jurema não desmaiou. Como praticara balé clássico por

mais de trinta anos, tinha flexibilidade e reflexos aguçados. Quando viu o cotovelo do Prefeito, conseguiu num sobressalto recuar e diminuir o impacto. Saímos em socorro dela. Passado o susto, ela se recobrou e disse:

— O Prefeito ainda vai matar um de nós.

Concordei com ela. Após o episódio, comecei a refletir sobre o perigo a que o Mestre se submetera. Preocupei-me muito com a maneira como o sujeito o abordara; não era o jeito de um assaltante, mas de um assassino. Não podia querer roubar um andarilho. Parecia uma encomenda. Mas quem querería matá-lo e por quê? Porém não tive muito tempo de pensar no assunto, pois vinte passos à frente o Mestre deu-nos mais algumas belas lições. Exaltou uma árvore e a comparou com a força dos homens.

Viu uma oliveira que tinha mais de trezentos anos. Seu tronco carcomido, retorcido e mutilado pelas podas anuais denunciava sua resistência às intempéries ambientais. Contemplando-a com júbilo, disse-lhe:

— Oliveira, tu és mais forte que o mais forte dos homens. Quantos generais passaram por ti, altivos, arrogantes, como se fossem imortais, mas sucumbiram à batalha da existência. E tu, humilde, permaneceste. Quantos reis passaram por ti com cortejos majestosos e, por fim, tombaram no solo como frágeis seres. E tu, singela e anônima, até hoje escreves a tua biografia.

Olhou para nós e nos questionou:

— Longe dos olhares sociais se escrevem as melhores biografias. É tempo de fazer a revolução dos anônimos.

Ao longo da caminhada, desconfiei que o Vendedor de Sonhos queria fazer uma revolução no tecido social, pelo menos na esfera onde andava e vivia. Uma revolução das ideias, sem armas. Uma revolução simples, implosiva, penetrante. Porém sem pressão, chantagens, manipulação, agressividade. Mas, a considerar o time que havia escolhido para levar a cabo essa revolução, pensei que já tinha fracassado. “Será que não percebe que o complicado grupo de discípulos não chegará a lugar algum? Quem vai ouvi-los? Quem lhes dará crédito? Os políticos ouvirão esse bando de arruaceiros? E o Congresso, vai tratá-los como palhaços ou como sábios?”

Enquanto eu ponderava essas coisas, não havia percebido que as fagulhas dessa revolução já tinham se acendido. Não apenas seus discípulos eram mais ousados em debater ideias, como inúmeras pessoas que eventualmente nos

seguiam eram mais intrépidas, não mais abaixavam a cabeça quando controladas, exerciam seus direitos, sentiam-se cidadãos.

As ideias que ele proferia geravam um *marketing* viral. Não apenas eu as anotava, ou os jornalistas que se aproximavam, mas diversos estudantes também. Alunos que eram passivos em sala de aula começavam a se alimentar do cardápio da dúvida, a desenvolver o pensamento crítico, a construir ideias próprias e a ter a ousadia de expressá-las em sala de aula.

CAPÍTULO 8

A grande missão



Duas semanas depois, retornamos novamente ao imenso pátio do Fórum Federal. Estávamos na lateral esquerda da praça, a cento e cinquenta metros do Monumento à Independência. Dessa vez ele não fez nenhum discurso para a plateia de juristas. Apenas silenciou. Sentou-se na grama, perto de um velho banco de concreto cuja pintura estava esfolada pelo tempo. Olhava calmamente o horizonte, como se estivesse ao mesmo tempo próximo e distante de cada um de nós. Sentamo-nos ao seu redor. Ao sentar na grama, fiquei aliviado de não termos mais uma plateia nos cercando.

O homem que seguíamos colocou o cabelo para trás com a mão direita, escorreu-a sobre o rosto e em seguida comentou com suavidade:

— Rousseau disse que o homem nasce bom, e a sociedade o corrompe. Mas essa ideia precisa de reparos: para mim, o homem nasce neutro e o sistema social educa ou realça seus instintos, liberta seu psiquismo ou o aprisiona. E normalmente o aprisiona.

O Mestre estava sempre nos alertando que deveríamos buscar o verdadeiro oxigênio da liberdade. Havia muito ar fora de nós, mas era escasso no território da emoção. Estávamos asfixiados — mesmo quando não tínhamos doenças classificadas pela psiquiatria, como depressão, pânico, obsessão —, estávamos asfixiados pela contração do prazer, da criatividade, da espontaneidade. Em seguida, ele completou sua ideia:

— Todo bebê nasce com uma memória instintiva capaz de bancar a agressividade, o individualismo, o personalismo, a exclusão. É necessário que a educação lapide como artesã essa memória, arquivando milhares de experiências existenciais no córtex cerebral para abrandar e dominar os instintos e produzir o

altruísmo, a compaixão, a amabilidade, a capacidade de pensar antes de reagir.

Ao ouvir suas palavras, eu observava sua face e viajava em minhas recordações. Conheci muitos cientistas sociais e autores, mas jamais estive próximo a alguém do seu escopo. Ficava imaginando se não estaria vendo ao vivo e em cores a própria história. Ficava pensando até onde esse revolucionário Vendedor de Sonhos chegaria com seu projeto e se os textos que escrevo sobre ele alcançariam os povos.

No momento em que viajava em meus pensamentos, apareceu subitamente Edson, o Milagreiro, ofegante, quase sem fôlego. Havia se ausentado por alguns momentos para ir ao banheiro, do outro lado da praça. No retorno, tinha visto uma cena que o abalara. Com a voz confiscada pela tensão emocional, comentou que havia um jovem escalando o grande Monumento à Independência, provavelmente não para montar no grandioso cavalo de ferro posicionado a mais de dez metros de altura, mas com o intuito de tirar a própria vida. As pessoas se aglomeravam ansiosas no local.

Senti calafrios na espinha. Lembrei-me de quando eu mesmo estava no Edifício San Pablo, deprimido, sem esperança, sem motivo para viver. Imagens transitavam velozmente na tela da minha mente. Queria deletá-las, mas não conseguia. O passado não se apaga, assume outras roupagens.

A notícia inquietou o grupo. Um problema tão grande precisava de uma solução à altura. Olhamos todos ao mesmo tempo para o Mestre. Esperávamos que ele se colocasse imediatamente de pé para resgatar o suicida, como fizera comigo. Mas ele não se moveu. Esperávamos que usasse sua penetrante inteligência para romper a resistência do jovem que perdera o encanto pela vida. Mas não reagiu. Queríamos levantá-lo pelo braço, mas insistiu em ficar na posição em que estava.

Para nosso espanto, ele nos disse sem titubear:

— Vão lá e vendam sonhos a esse jovem.

— O quê? Nós? Impossível! O risco é muito grande, Mestre! — disse Mônica sem pestanejar, envolta numa aura de angústia. Concordamos com ela.

Somos todos mortais, mas a simples possibilidade de uma morte ocorrer diante dos nossos olhos, sem conseguirmos evitá-la, nos retirava o solo, nos abalava. Dormíamos acordados. Estávamos livres, mas nos sentíamos aprisionados pelo medo.

Lágrimas estão presentes na entrada e na despedida da vida, mas era difícil presenciar um jovem estancando seu fôlego. Qual a sua identidade? Quem eram seus íntimos? Que tormentas o assolavam? Não estávamos preparados para enfrentar essa delicada situação. Se falhássemos, ele poderia se espatifar diante de nossos olhos.

O Mestre permaneceu sentado. Vendo-nos irremovíveis, proclamou a poesia dos sonhos num ambiente tenso:

— Os sonhos inspiram a emoção, libertam a imaginação, irrigam a inteligência. Quem sonha reescreve seus textos e reinventa sua história. Vocês se reinventam?

De repente, emocionalmente inflamado, levantou-se e completou seu pensamento:

— Sem sonhos, seremos servos do egocentrismo, vassalos do individualismo, escravos de nossos instintos. O maior sonho a ser vendido nessa sociedade consumista é o sonho de uma mente livre!

E bradou altissonante, assustando os caminhantes:

— Vocês sonham com a mente livre? Se sonham, por que não correm riscos para resgatar esse jovem? O risco de falhar, de ser ridicularizado, de dar vexame, de chorar, de ser rotulado de estúpido, psicótico, falsário faz parte da pauta de todo vendedor de sonhos. Foi para isso que os chamei!

E, respirando fundo, o intrigante homem que seguíamos nos instigou:

— Esse jovem não quer se matar. Tem sede de viver, mas não sabe. Usem a energia autodestrutiva dele para explorar essa sede. Como? Não sei! Libertem a mente! Dançam a valsa da vida com um intelecto flexível, imaginativo, solto.

Engoli em seco. Tive um nó na garganta. Dancei muitas músicas na universidade. Mas essa não me ensinaram.

— De dança eu entendo! — disse o falastrão Boquinha de Mel. Era isso que eu temia.

— *Qué pasa, hombre?* Eu *mucho* mais! — disse o Prefeito, e subitamente pegou Mônica para dançar. Pega tão de surpresa, ela não conseguiu dizer não. Caindo em si, porém, ela o deixou. O sujeito estava morrendo, e aqueles dois tinham tempo para brincar.

CAPÍTULO 9

Bons samaritanos ou sócios de funerária?



Não éramos religiosos, não éramos médicos e muito menos psicólogos. Não éramos perfeitos, nem seguros e muito menos saturados de experiência em resgatar pessoas depressivas para uma nova jornada existencial. Éramos pessoas cativadas por um estranho que usava todas as formas para sermos livres no único lugar em que facilmente nos encarceramos.

As palavras do Mestre pulsavam em nossa psique. Tínhamos de tentar executar essa missão. Eu, em especial, não podia ficar parado, pois quase me matara, ao passar por experiência semelhante. Mas estava travado. “Travado por quê?”, pensei. “Pelo medo de que o outro se mate ou pelo medo de fracassar ao ajudá-lo?”

Perturbei-me ao reconhecer que o medo de fracassar, o medo de ter minha imagem dilacerada era mais penetrante do que a preocupação com a vida do outro. Eu fora aprisionado pelo sistema, mas discursava sobre a liberdade quando ensinava sociologia. Era um intelectual crítico e, como tal, pensava que os críticos fossem livres, mas os críticos raramente dão a cara para bater. Protegem suas deficiências atrás de suas críticas. Eu precisava tentar, precisava sair das fronteiras do meu egoísmo, mas minhas pernas não obedeciam ao comando do intelecto. O estresse desarrumou-me e rompeu o equilíbrio entre meu cérebro e meu corpo.

“E agora, José?, como dizia o poeta Drummond, reajo ou me omito? Estendo as mãos ou as recolho? Enfrento o vexame ou me escondo?” Tive saudade do tempo da universidade, lá era meu refúgio, ela protegia minhas loucuras. Precisava fazer escolhas e assumir consequências. Dera mil desculpas para não estender as mãos aos miseráveis que encontrara no passado; agora elas

tinham se esgotado.

Salomão esfregava as mãos no peito. Estava com crise de falta de ar. Vendo a brincadeira do Prefeito, embora fosse o mais jovem da turma, deu uma bronca nele. Pediu que parasse de brincar e se sentasse. O Prefeito caiu em si e obedeceu. Vendo--nos titubeantes, o Mestre disse pela última vez:

— A quem enviarei?

A professora Jurema esfregava as mãos na testa. Eu abaixei a cabeça. Edson meditava. Dimas fungava. Subitamente, enquanto estávamos nos escondendo da tempestade, duas árvores caíram sobre nossa cabeça. Eram Bartolomeu e Barnabé. O primeiro disse bombasticamente:

— Chefinho! Envie-me a mim. Tenho “E”. Aceito a nobre missão!

Barnabé levantou-se e falou sem titubear:

— Mestre. Eis-me aqui. Sou uma mente livre, como poderia recusar libertar outras mentes?!

Comecei a ter um ataque de nervos. Eu, que sou um ateu enrustido, precisei chamar a divindade. E o fiz num tom que todos ouviram.

— Ai, meu Deus, esses dois, não!

Mas os dois mostraram mais coragem ainda depois que os descartei. Levantaram-se resolutos. “Claro”, imaginei, “são inconsequentes, incapazes de pensar nas reações que desencadeiam”.

Previendo o pior, adverti o Mestre. Mas procurei ser polido.

— Mestre, Bartolomeu e Barnabé são boas pessoas, são jovens com boas intenções, gostam de ajudar seus semelhantes. Mas é melhor que fiquem.

Eles não gostaram. Torceram o nariz.

— Motivos, Superego? — retrucaram os dois sem pestanejar.

Não aguentei. Esqueci que o sujeito estava para se matar do outro lado da praça e emendei, dessa vez sem afabilidade:

— Motivos? Muitos motivos — repeti, irritado. — Vocês não freiam a língua! São impertinentes, insubordinados, insurgentes. Com vocês dois, a tarefa, que é difícilíssima, será uma missão impossível!

— Conheço esse filme! — retrucou o Prefeito, olhando para mim.

Boquinha de Mel teve a audácia de acrescentar:

— Claro! Foi *Tonzinho Cruz* que o fez.

A professora Jurema corrigiu-o:

— Tom Cruise!

Mas Boquinha a surpreendeu:

— Jureminha, Tom Cruise é para os estranhos, Tonzinho é para os íntimos — disse ele efusivamente.

A professora Jurema, embora fosse mais paciente que eu, também não suportou. Estava de cabelo em pé, apreensiva, temerosa. Temia que o comportamento dos dois alcoólatras em recuperação e baderneiros de profissão pudesse comprometer o grande projeto do Mestre. A revolução dos anônimos iria por água abaixo. Diante disso, recomendou:

— Mestre, realmente gosto de Bartolomeu e Barnabé, mas só você tem suficiente experiência e, portanto, alguma chance de dissuadir o suicida.

Após ouvirem todos os motivos do mundo para ficar calados e desertar da perigosa missão, ambos, por incrível que pareça, expandiram seus impulsos falatórios. Boquinha de Mel, com a maior determinação do mundo, afirmou:

— Querida e bela Jurema e respeitável Superego, fiquem calmos. Eu e Barnabé somos especialistas em tirar suicidas do atoleiro.

— Somos? — perguntou Barnabé para Bartolomeu. Mas em seguida deu uma tossidela e se corrigiu: — Sim, claro, sem dúvida somos peritos. Já mandamos dez para o reino dos céus.

— Dez? — perguntei, pensando que era uma brincadeira.

— Sim, dez! — confirmou o inveterado falador, abrindo as duas palmas das mãos.

Quase desmaiamos ao ouvir essa estatística, mas ninguém do grupo duvidava que já houvessem mandado dez para o cemitério. Imagine se os dois tivessem tentado me resgatar quando eu quisera desistir da vida. Já era. Passei a mão direita sobre o pescoço e pela cabeça para sentir-me vivo. Senti um nó na garganta.

Mônica, sempre paciente e divertida, tinha especial afeto pelos arruaceiros, mas sabia que, quando o ambiente exigia serenidade, era melhor não contar com eles. Ao analisar o fato de que ao longo dos meses eles não tinham melhorado sua SCF, questionou o Mestre sobre esse assunto, mas, polida, não citou nomes. Nem precisava.

— Mestre, eu esperava que com o tempo seus discípulos ficassem mais sossegados, comedidos, equilibrados. — E acrescentou: — Mas alguns parecem

imutáveis.

Não sei se Bartolomeu entendeu a crítica dela ou se foi irônico. Mas agradeceu:

— *Thank you* pelo imutável, querida Mônica.

O Mestre pacientemente respondeu:

— Mônica, ninguém muda ninguém. Só as próprias pessoas têm o poder de se mudar. Meu projeto não é mudá-las, mas estimulá-las a reescreverem sua história. A sabedoria não está em mudar o outro, mas em respeitar as diferenças.

Edson, o Milagreiro, estava ansioso. Pensava no suicida que escalava o monumento. Fazia algumas orações secretas. Então tentou apelar para a chantagem emocional:

— Boquinha e Prefeito, vocês são os mais dadivosos da turma. Sugiro que fiquem na companhia do Mestre enquanto fazemos alguma coisa pelo depressivo...

Até Dimas, o Mão de Anjo, perito em furtos, o malandro em vias de recuperação, tentou barrá-los. Dimas, que estava cada vez menos gago, voltou a gaguejar:

— Eu fi... fi... co com vocês, queri... ri... dos amigos.

Mas nada retirava o ânimo da beligerante dupla. O Prefeito, estufando o peito como político de cidade interiorana, deu os primeiros passos em direção ao Monumento à Independência e proclamou:

— Vozes da oposição querem silenciar-me!

— Só se forem vozes dos seus delírios — falei, sem me conter.

Boquinha de Mel novamente nos ironizou e desafiou nossa pequeníssima fé.

— *Trust in God* [confie em Deus] e confie em mim também.

O Vendedor de Sonhos meneou a cabeça. Não estava satisfeito com nossos conflitos. Gastávamos tempo demais discutindo uns com os outros.

— Os argumentos são desculpas para a inação! Deixe-os ir. Vocês são uma família.

E emitiu um pensamento que penetrou como uma lâmina em nossa emoção:

— Saibam que a miséria não interessa apenas ao miserável, mas também àqueles que discursam sobre ela para se autopromover. Sejam atores sociais.

Ajam.

Pela primeira vez, percebi que o vírus da demagogia, que infectava alguns agentes políticos e que eu ferozmente combatia em meus artigos, havia me contaminado. A pobreza, a fome, as guerras, as drogas, o caos ambiental, os suicídios eram fontes excelentes de autopromoção. Era tempo de reagir.

Para finalizar, Bartolomeu tentou nos acalmar sobre a ação deles. Disse a maior verdade dos últimos tempos:

— Fiquem tranquilos, amigos. Somos mentes complexas em busca da descomplicação. Só agiremos se vocês falharem.

“Nem em mil anos se descomplicarão”, pensei comigo. E expressei para Mônica e Jurema:

— Quem poderá freá-los? Essa dupla poderá causar uma confusão dos diabos.

E causou! Só que muito mais do que imaginávamos!

CAPÍTULO 10

Travado pelo medo



Viver nessa família era ter surpresas diárias, tanto espetaculares quanto patéticas. O jovem Salomão e Edson me puxaram pelo braço, apressando-me. Estávamos com receio de que o sujeito não estivesse mais vivo.

Durante a caminhada até o outro lado da imensa praça, passamos por pinheiros, palmeiras e acácias que nos impediam de enxergar o horizonte e vislumbrar o cavalo de ferro que o jovem estava escalando. Durante o trajeto, Bartolomeu soltou esta:

— Superego, você será nosso guru!

— Guru, eu? Nem que o leão mie e o gato rujá! — afirmei, sob uma aura de taquicardia e uma ansiedade irrefreável. Mas no fundo todos queriam que eu liderasse a missão. Afinal de contas, era o mais culto e experiente nessa área. Durante o percurso, minha mente escapou ao meu controle, minha frágil coragem foi sequestrada, meu ânimo, furtado. Os pensamentos me traíam. Pensava: “O que falar? Em que tom falar? Como reagir? Isso não vai dar certo!”.

Barnabé estava começando a perder o fôlego e ficar para trás devido à sua obesidade. Aproveitando-se da minha escassa humildade, provocou-me mais ainda.

— Para resgatar um maluco, só um maluco ao quadrado. Ande mais rápido, dileto amigo — falou, entre uma mordida e outra.

Olhei para ele querendo engoli-lo vivo, mas tentei me refazer para não perder minha mísera concentração. Durante anos a fio preparei cada aula que ia dar, agora teria de andar por rotas desconhecidas e sem mapa. Procurava rememorar os pensamentos da nossa canção: “Sou um caminhante, não tenho bússola nem agenda. Sou apenas um caminhante...”, mas estava inerte. Sonhava

com uma bússola. De repente, Bartolomeu olhou para a turma e deu este recado no meio do caminho:

— Gente. Vamos fingir que somos normais.

Tensa, Mônica reagiu:

— Então esconda a cabeça e morda a língua, Bartolomeu.

Apesar do estado de nervos em que me deixavam, Dom Quixote (Boquinha de Mel) e seu fiel escudeiro Sancho Pança (o Prefeito) eram invariavelmente festivos. “A loucura tem suas vantagens”, imaginei.

Ao nos aproximarmos do local, vimos um aglomerado de pessoas. Estavam apreensivas e angustiadas. Algumas mordiam os dedos, outras suspiravam intensamente. Olhei para o alto e vi um jovem de menos de trinta anos no final de sua aflitiva escalada. Ao pensar que o Mestre ficara a duzentos metros da zona de perigo e que eu não poderia contar com seu apoio, minha mente ansiosa deu um salto. Bloqueei o raciocínio.

Mônica, a professora Jurema e os demais que nos seguiam também estavam sem fôlego. Barnabé e Bartolomeu estavam atrás de nós, a cerca de vinte metros. Conversavam um com o outro sobre assuntos aparentemente triviais.

Boquinha de Mel pediu um bocado do sanduíche do Prefeito. O Prefeito, percebendo que este estava no final, recusou-se a dá-lo, como um animal diante da presa. Eu não entendia como conseguiam ter apetite numa situação crítica. Talvez porque seus cérebros fossem desconectados da realidade.

Havia mais de uma centena de pessoas circundando parte do monumento, fazendo uma meia-lua. Os bombeiros não haviam chegado. Havia alguns policiais fazendo uma ronda no pátio federal, mas não eram especialistas no assunto e não sabiam o que fazer. O sujeito já havia escalado a pilastra de vinte metros e estava escalando agora o enorme cavalo de ferro fundido. Tinha apenas um gancho e uma corda como material de apoio. Escorregava com frequência, ampliando a angústia dos espectadores. Não parecia ser alpinista amador nem um aventureiro, apenas um ser humano no último estágio da dor.

Barnabé e Bartolomeu olharam para mim e disseram:

— E aí, Guru? O que fazer?

Eu não sabia por onde começar. Turvei minhas ideias. Minha história se cruzou com a dele, via-me nele, sentia-me nele, mas não sabia o que fazer nem

como levá-lo a recuar. Fiquei deprimido por instantes. Tal projeção fez despertar os monstros que dormitavam em meu inconsciente. Já não me assombravam mais, mas era desconfortável revivê-los.

O jovem que escalava o monumento queria chegar a um lugar que só existia em seu parco imaginário, um lugar sem dor, sem prantos, sem lembranças, sem nada. Devia ter tentado sobreviver aos seus dramas e talvez tivesse tomado medicamentos ou quem sabe bebida alcoólica para se aliviar. Devia ter ouvido conselhos e orientações e procurado alternativas para refrigerar a emoção fatigada e o psiquismo abatido. Mas nada o havia contido. É difícil julgar, mas a linguagem é tosca para descrever qualquer crise. Quando atravessasse o vale escabroso da crise depressiva, não me compreendia. Estranhava-me.

Mônica agarrou meu braço. Fora escrava da bulimia, comia ansiosamente e vomitava como louca. Comia muito, culpava-se mais ainda e procurava um lugar às escondidas para vomitar os alimentos e a culpa. Distorcia sua autoimagem. Como modelo, o mundo aplaudia sua beleza, mas sua autoestima estava zerada. Muitíssimo aflita, estimulou-me a agir:

— Fale algo rápido para o jovem. A qualquer momento ele vai se atirar.

Eu não queria o ônus de ser líder. Afinal, nem era líder de mim mesmo. Sou um gênio e, como muitos gênios, tenho fé só na ciência e em números, e não na vida. Tenho a invejável marca de 140 de QI, portanto tenho um quociente de inteligência muito acima do da população média americana, de QI 98, ou da europeia, de QI 100. Meu elevado QI não me humanizara. Não conseguia me arriscar pelo jovem. De que adianta um QI alto se não consigo pensar quando o mundo desaba sobre mim? De que adianta ter um córtex cerebral privilegiado se reajo como menino nas situações de risco?

Vendo Edson quieto, percebi que ele estava orando. Descarreguei minha impotência nele. Irrefletidamente, desafiei-o:

— Pare de orar e mostre seus poderes miraculosos!

A multidão estava cada vez mais aflita com a proximidade do desfecho. Como eu não agia, outras pessoas, mais humanas que eu, se arriscavam. Mas ninguém tinha êxito. Bartolomeu até que se comportava. Percebeu que poderia fazer muito pouco. Tentando desbloquear minha paralisia, disse:

— Como o Mestre te resgatou?

Lembrei-me de como ele tinha furado o cerco dos bombeiros e subido ao

alto do edifício, passando sutilmente pelo psiquiatra e pelo chefe de polícia. Ao se aproximar de mim, bradei que me mataria. Mas ele me abalou ao sentar-se no parapeito do edifício e começar a comer um sanduíche. Bradei novamente que findaria minha vida, mas ele me pasmou ao dizer: “Você quer fazer o favor de não perturbar meu jantar?!”. Perplexo, pensei: “Achei alguém mais maluco do que eu”.

Quando eu lhe disse que o Mestre iniciara seu intrigante resgate com um mísero sanduíche nas mãos, o Prefeito entrou na conversa. Tirou um sanduíche do seu velho paletó preto e me disse:

— Pronto! Vire-se, meu amigo!

Levei um choque de dez mil volts. Engoli saliva. Não sabia o que fazer com aquele sanduíche nem como iniciar minha intervenção. Só sabia que, dependendo do que eu dissesse, poderia precipitar o suicídio do jovem. Vivera essa história, conhecia o caos que os livros de psiquiatria não revelam. Palavras prosaicas são inúteis, reações comuns são inertes, eu bem sei.

Eu tinha de ter gestos surpreendentes, capazes de penetrar nas vielas do conflito desse jovem, como o Mestre fizera comigo. Mas eles me faltavam. Minha ansiedade invadia as avenidas do meu cérebro e penetrava nos tecidos do meu corpo. Comecei a ter tiques nervosos, a piscar os olhos e a esfregar as mãos no rosto compulsivamente. Estava nu em público.

CAPÍTULO 11

Uma confusão dos diabos



Enquanto eu remoía meus pensamentos e afundava na lama da minha insegurança, as pessoas continuavam a tentar dissuadir o suicida de seu intento. Todos lutavam por ele, somente ele é que não. A professora Jurema, do alto dos seus mais de oitenta anos, mais ousada, se arriscou, gritando:

— A vida é difícil, meu filho, mas não desista dela. Lute!

Porém nada. O jovem nem sequer reagiu às suas palavras. Uma senhora de aproximadamente sessenta e cinco anos alçou a voz e bradou:

— Pense nas pessoas que o amam.

Mas o jovem estava asfixiado pela crise depressiva. Não pensava em nada, não se importava com nada e não enxergava ninguém à sua frente. Só desejava estancar a sua dor emocional.

Um psicólogo saiu da multidão, aproximou-se do monumento e tentou cativar sua atenção.

— Por favor, dê-me uma oportunidade para ouvi-lo! Você tem um amigo, vamos conversar?

Foi uma abordagem interessante, respeitosa, inteligente. Mas o jovem não queria amigos nem falar mais sobre seus conflitos. Estava resoluto em desistir da vida, não procurava oportunidades para se aliviar. Tinha uma coleção de tentativas frustradas. Quando chegou próximo do lombo do cavalo de ferro, escorregou e quase caiu. A multidão em pânico fechou os olhos.

Dois psiquiatras organicistas, especialistas em prescrever antidepressivos e tranquilizantes, passavam pelo local e pararam. Conversavam um com o outro, mas não sabiam como agir. Eram notáveis para medicar pacientes quando correspondiam ao tratamento, mas não sabiam o que fazer em situações em que

prevalecia a resistência.

Um deles, de cabelo grisalho, arriscou-se a dizer o trivial:

— Não tire a sua vida. Não há sofrimento que não possa ser superado.

Mas o suicida parecia surdo. Só conseguia ouvir a voz do seu pesadelo. Outras pessoas fizeram tentativas, inclusive um policial, um médico cardiologista e uma assistente social. Mas todos falharam. Mostrando que cumpriria sua sentença de qualquer maneira, o suicida olhou para baixo e vociferou com raiva aos espectadores:

— Caiam fora se não quiserem assistir aos últimos momentos de um homem.

Senti um nó na garganta. O jovem subira em cima do cavalo de ferro e tentava atingir os ombros da estátua. Subitamente, quase caiu, e ficou segurando com uma mão a espada do soldado. A multidão foi ao desespero. Ele escalava o monumento sem saber que inconscientemente queria escalar os cumes de suas angústias e transcendê-los. Queria se atirar do lugar mais alto. Pensei que isso era um fôlego de vida. Uma centelha de esperança. Tinha de aproveitá-lo.

Diante disso, saí da zona do meu conflito. Arrisquei cativá-lo tentando me colocar no lugar dele. Enchi os pulmões e falei:

— Olhe, amigo! Eu já passei por isso. Entendo, pelo menos um pouco, a tragédia por que você está passando. Vamos falar de nossa história, conversar sobre nossos dramas. Vale a pena viver a vida.

O suicida parou. Pensei que o tivesse cativado. Fiquei excitado por instantes. Mas em seguida veio a decepção.

— Suas palavras me causam ânsia de vômito.

Abalei-me. Percebi que me saíra pior do que os outros. Nada parecia demovê-lo. Subiu enfim ao topo do monumento. Ficou de pé em cima dos ombros do soldado de ferro. Era uma região onde ficava difícil se equilibrar.

Todos fechamos os olhos para não ver a cena de terror. Quando ele ia se atirar, dois garotos de cerca de doze anos, um menino e uma menina, disseram aos prantos:

— Ajude-o, ajude-o.

Eis que entraram em cena os dois “coveiros” da plateia para terminar o serviço: Boquinha de Mel e o Prefeito. Ambos se aproximaram perigosamente do monumento e, em vez de falar com o suicida, tentaram aos brados acalmar

primeiramente a multidão.

— Calma, pessoal! Não se desesperem! — disse Boquinha de Mel.

— Vamos fazer o sujeito descer lá de cima como um raio — bradou o Prefeito.

A multidão emudeceu. O suicida ficou pasmo. Voltou-se para baixo, piscou os olhos e não acreditou no que ouviu. “Será que esses caras querem ver sangue?”, deve ter pensado. Olhei para ele e em seguida coloquei as mãos no rosto para não ver o sujeito se esborrachar.

Subitamente, Boquinha começou a bradar como um louco. Apontou a bocarra para o alto e, aos berros, disse:

— Desce daí, seu bundão, que vou lhe dar uma porrada.

Do suicida à plateia, todos levaram um choque, ficaram atônitos. Para não deixar dúvidas de que eram dois desvairados, o Prefeito completou a fala de Bartolomeu. Disse com voz altissonante:

— É isso aí! Só porque escalou esse monumento pensa que é o bonito. Desça daí que lhe dou uns sopapos. — E começou a fazer gestos como se fosse um lutador de caratê.

A reação dos dois baderneiros era tão absurda que o suicida pensou que estava delirando. Chacoalhou a cabeça para ver se estava ouvindo bem.

Boquinha, sem dar tempo para o suicida respirar, gritou:

— Sofrer é privilégio dos vivos, seu banana-passa. Enfrente a vida, seu monte de gelatina. Venha aqui embaixo que lhe darei umas bofetadas para acordá-lo.

Quase desmaiamos ao ouvir essas palavras. Olhei para a professora Jurema, Mônica, Edson, Salomão, e os vi brancos, sem cor. Estávamos todos assombrados. Questionei-me mais uma vez: “O que estou fazendo nesse grupo?”.

Tive a certeza de que esses dois nasceram para ser sócios de uma funerária. Não vendiam sonhos, mas caixões. Abaixei o rosto, resistindo a olhar para o alto e ver o desfecho. Imaginei o sujeito pulando do monumento, sangrando diante de nós. Tive vontade de pular em cima deles e amordaçar-lhes a boca.

O Prefeito foi mais longe. Começou a desdenhar das causas pelas quais uma pessoa se mata.

— Tá com medo do quê, bundão? Está numa draga financeira? Eu muito

mais. Tem mais de cem gerentes na minha cola, rapaz.

O suicida começou a se contorcer de raiva. Em seguida, esquecendo o suicida, como se estivesse indiferente ao seu drama, Boquinha começou a conversar com o Prefeito. O jovem que queria se matar começou a ficar antenado nos dois. Como eram espalhafatosos ao falar, o suicida conseguia entender o assunto.

— Prefeito, toda vez que passo na frente de um banco, faço o sinal da cruz e tenho vontade de levar flores.

Impressionado, o Prefeito indagou o motivo.

— Por quê, Boquinha?

O irreverente seguidor do Mestre disse:

— Porque é lá que estou enterrado.

Ambos caíram na risada. As pessoas mais próximas também deram risadas dos dois palhaços. Esqueceram por alguns momentos que estavam num teatro de terror.

— Eu preciso de uma floricultura, homem — disse com sarcasmo o Prefeito.

Ao ver os dois espezinhando-o e em seguida caindo na risada, o suicida começou a tremer de raiva. Não sabia se se matava ou se os matava. Roubaram-lhe a cena. Se não bastasse isso, Boquinha de Mel começou a falar de outras causas pelas quais uma pessoa se mata.

— Desperta, garoto! Deu vexame? Foi caluniado? Foi injustiçado? Eu muito mais. Fui expulso, banido, algemado, amarrado, preso. Dizem que sou um vagabundo irrecuperável, um maluco irreversível, um bêbado sem caráter.

— Mas você é mesmo, Boquinha.

— Sou? Mas a gente esquece. — Em seguida usou seu rifle para continuar atirando no suicida: — Tá fugindo da sua depressãozinha! Já tive uma das maiores. Nem meu psiquiatra me aguentou. Sua mulher o traiu? Fui traído cinco vezes!

O suicida começou a ter um ataque de nervos. Começou a ter tiques. Coçava a cabeça, fungava, queria ter um par de asas para voar na garganta os dois.

— Cinco mulheres te traíram, Boquinha?

— Cinco, Prefeito. As mulheres não sabem o que perderam. *C'est la vie*,

my friend — falou, misturando francês e inglês.

Em seguida, foi a vez de o Prefeito atacar:

— Tá fugindo da sogra? Já apanhei de três sogras. Uma delas quase me botou no micro-ondas!

A multidão novamente esqueceu o suicida e sorriu. Algumas pessoas começaram a pensar que tudo aquilo fora armado como peça teatral de um teatro experimental.

— Mas você é um cafajeste, Prefeito. Mereceu ser cozido vivo — disse Bartolomeu, dando as costas para o jovem que queria morrer.

O Prefeito começou a dizer que era inocente e, para não deixar margem a dúvidas, contou algumas de suas peripécias com as ex-sogra.

— Prefiro enfrentar uma guerra a enfrentar uma sogra histórica.

Os lábios do jovem tremiam no alto do monumento. Parecia um leão querendo rugir. Diante de uma plateia atônita, que não sabia se ria ou se chorava, Boquinha de Mel desafiou mais ainda o desiludido:

— Tá querendo morrer porque sofreu perdas? Perdi mais que você, seu sorvete de verão! Perdi pai, mãe, irmão, esposa, tios, primos, amigos, emprego, respeito, casa.

— E até a vergonha na cara — completou o Prefeito.

— Mas não perdi a fé na vida! — retrucou com ousadia Bartolomeu.

Em seguida, o Prefeito começou a fazer gestos de lutador de boxe. Começou a dar pulinhos e socos no ar e a dizer: “Enfrente estes punhos, seu molão”. E, como era um péssimo lutador, tropeçou nos próprios pés, elevou o punho direito à frente e, sem querer, deu um murro direto no queixo do Boquinha. Este não caiu, mas ficou cambaleante.

— Onde estou? — perguntou Boquinha. Com vertigem, piscou os olhos, viu Mônica e disse: — Que lugar lindo! — Em seguida, olhou para mim, recobrou os sentidos e retrucou: — Tá achando graça do quê, Superego? Nunca levou uma porrada de um falso amigo? — E pôs as mãos no queixo.

Salomão começou a manifestar seu transtorno obsessivo--compulsivo de enfiar o dedo indicador em algum buraco. Mas não encontrou nenhum orifício disponível. De repente viu Edson, o Milagreiro, fazendo orações para que algum anjo socorresse o jovem. Viu o orifício do ouvido disponível e pela segunda vez enfiou-lhe o dedo bem no centro. Edson levou um susto, deu um pulo para a

frente e bradou:

— Sai, trem bravo, desse corpo! — pensando se tratar de algum demônio querendo dele se apossar.

Não era recomendável que um professor de sociologia sorrisse nessa hora, mas não me contive. Tapei a boca para evitar uma gargalhada explosiva.

Em seguida, felizmente os policiais entraram em cena para acabar com a festa. Indignados com os dois amotinadores, baderneiros e arruaceiros, grudaram em seus cabelos, dominaram-nos e os algemaram. Queriam levá-los para a delegacia por tentativa de homicídio. O suicida ficou extasiado ao ver a cena. Finalmente se mataria em paz.

Mas de repente entrou um personagem que quase me matou de susto: a professora Jurema.

Com seus cabelos branquinhos, rosto marcado pelas cicatrizes do tempo, mas bem maquiado, lábios pintados, calça bege impecavelmente combinando com seu *blazer* branco e ar de quem nunca mente, interrompeu a ação dos policiais. Aos gritos, disse:

— Calma aí! Calma aí! Somos uma família!

Os policiais não entenderam, mas abrandaram a reação para ver o que se passava. Ela explicou:

— Somos da mesma família.

— O quê? A senhora, esses dois e o rapaz no topo do monumento são da mesma família? — indagaram, perplexos, os policiais.

E, abraçando Bartolomeu e Barnabé, ela confirmou categoricamente:

— Sim! Não está vendo os traços? Somos todos uma família. — Em seguida, olhou para os dois discípulos amalucados e lhes disse: — Não se perturbem, queridos, estou aqui.

— O que o suicida é seu? — perguntou, confuso, o policial mais alto, musculoso e de cor parda para Boquinha de Mel. Este confirmou, dizendo:

— My brother mais novo.

Ouvindo isso, o suicida começou a ter extrassístoles, sentiu seu coração falhar — parecia que ia enfartar.

Foi assim que se formou a família mais incrível que já pisou nesta terra.

CAPÍTULO 12

Uma família muito doida



Os policiais, abalados, os soltaram. Poderiam duvidar dos arruaceiros, mas não da senhora idosa. Barnabé, intrigado, pegou no braço de Bartolomeu, e, juntos, se aproximaram da professora Jurema e lhe perguntaram baixinho:

— Ele é da família?

— Sim! — reafirmou ela.

— Mas que família? — indagou, curioso, Bartolomeu.

— Dos malucos, oras bolas! — explicou a professora.

— Caramba, é mesmo! — Olhou para cima e disse: — Tô vendo que conheço esse cara.

O suicida estava curioso para saber o que se passava debaixo dos seus pés. Disfarçando seus atos, levava os ouvidos na direção do vento para escutar o cochicho deles. Só sabia que coisa boa não era. Em seguida, os dois amotinados agradeceram a dona Jurema:

— Obrigado, vovó!

Dona Jurema era bem idosa, mas não gostou do termo. Falou:

— Vovó, não; mamãe.

Ao dizer isso, excitou-lhes o afeto de filhos. Ambos haviam sido abandonados por pai e mãe. Ao serem adotados em praça pública pela professora, pegaram-na pelo braço, armaram os beijos e começaram a beijá-la várias vezes. Talvez pensando na herança dela, disseram-lhe:

— Mamãe, nós a amamos. Você nos salvou! Você é demais! — A velhota tentava escapar desesperadamente dos beijos deles. E, decepcionando-os, gritava:

— Tá bom! Tá bom! Sou a vovó.

Mas na confusão o Prefeito beijou sem querer os lábios dela. Ela saiu cuspiendo de um lado e ele de outro. O clima era tão satírico e bizarro que o suicida deixou de ser ator principal para ser um coadjuvante da trupe. Estava na plateia como espectador da confusão causada por esse time de vendedores de sonhos.

Depois que a professora declarou que era vovó de Bartolomeu e Barnabé, o resto da turma entrou na festa. Salomão, Dimas, Mônica e Edson começaram a beijá-la e abraçá-la, e a chamá-la de vovozinha. Fui o único que ficou longe da cena.

Nesse momento, mais uma vez o espírito de político baixou sobre Barnabé. Voltando-se para a multidão, tentou explicar o inexplicável:

— Caríssimo, respeitadíssimo e nobilíssimo público. Somos descendentes de nobres. Esta ditosa mulher — apontou para a professora Jurema — é a responsável por esta casta de mafiosos. Não se angustiem. Estamos resolvendo um caso de família. O sujeito é nosso irmão.

Olhava para o suicida e o via incrédulo e estarrecido. Aquilo tudo parecia um pesadelo. Cuspia sem parar, parecia que queria expelir fogo pela boca. Ser chamado de bundão e espezinhado vá lá, mas ser adotado por uma família de birutas era inconcebível, assombroso. Perdeu a vontade de morrer, só tinha vontade de extravasar sua ira, dar porradas, acabar com a festa. E elegeu seus alvos. Mas olhou para a sua história, fitou a plateia e pensou que já tinha ido longe demais. Não podia desistir. Resolveu esperar os fatos se desenrolarem.

De repente, para piorar as coisas, a professora Jurema pediu para subir no ombro dos dois insubordinados. Eles, pelo passado de alcoolismo, não tinham muito equilíbrio. Mas se agacharam e colocaram-na nos ombros. Ela mexeu para cá, mexeu para lá e quase caiu algumas vezes, mas como fora bailarina clássica na juventude equilibrou-se. Agora havia dois guerreiros em cena. O suicida estava em pé nos ombros do cavaleiro de ferro, e a idosa professora Jurema estava em pé nos ombros de dois cavalos selvagens, Bartolomeu e Barnabé.

Eu esperava que a professora dessa vez fosse delicada com o jovem, mas, para minha surpresa, subitamente ela olhou para o jovem e lhe deu um golpe fatal.

— Desce daí, seu fujão. Vem cá que a vovó que vai lhe dar umas palmadas nesse traseiro fofinho.

O quê? A professora Jurema, doutora em psicopedagogia, notável escritora, respeitadíssima nos meios educacionais, teve a coragem de confrontar o suicida no nível do Boquinha de Mel e do Prefeito? Eu quase desmaiei ao escutar sua colocação.

Ao ouvir a velhota desafiando-o, o jovem teve vertigem, o mundo começou a girar ao seu redor. Ficou tão zozzo que caiu na garupa do cavalo de pernas abertas.

Salomão, ao vê-lo cair, deu o diagnóstico:

— Coita... ta... do, o sujeito ficou estéril.

Também senti que ele tinha esmagado os testículos. Percebi que queria afagar as bolas reprodutivas como um jogador de golfe no grande *game*, mas teve vergonha da plateia. Sua expressão facial era indecifrável. Diante de tanta dor, olhou para baixo e soltou um grito de guerra:

— Aaaaaaiiiiiiii!

— Copiou a terapia do grito, Boquinha — disse o Prefeito.

O suicida não sabia se chorava, gritava, arrancava os cabelos ou se matava. Para piorar as coisas, o Prefeito e Bartolomeu colocaram combustível na fogueira.

— Bolacha no meu irmão, vovó.

Em seguida, a professora Jurema caiu nos braços deles.

Olhei para o suicida e percebi que seu cérebro estava em pane, paralisado pela dor testicular. Estava tão inerte como a estátua em que se apoiava.

Foi então que Boquinha de Mel deu o golpe final no sujeito.

— Desça daí, meu irmãzinho, senão vou subir e pegá-lo no braço. — E, olhando para dona Jurema, fez um teatro: — Me segure, vovó, senão vou subir nesse monumento!

— Não, não faça isso — suplicou a professora.

— Eu não aguento mais. Ninguém me segura aqui embaixo. — E ameaçava subir. Edson ponderou:

— Não! É perigoso!

A multidão ficou apreensiva. A medida era radical, duas mortes poderiam ocorrer.

— Prefeito, vou resolver a parada agora — reafirmou.

Vendo que Boquinha de Mel estava se exibindo socialmente, o Prefeito

colocou-o numa fria. Disse-lhe:

— Excelente ideia. Vá, *hombre de Dios!*

Boquinha de Mel engoliu em seco e disse:

— Já que a vovó insiste, digo que fico! Eu ficoooo! — bradou. E caminhou até seu amigo, falando baixinho: — Você me paga, miserável!

Enquanto um discutia com o outro, o suicida afinal começou a descer como um raio, e não para suicidar-se, mas para acertar suas contas. Eram grandes. Ele estava ofegante, em estado de choque. Dona Jurema, assustada, correu e se escondeu atrás de mim e de Mônica.

Distraídos, Bartolomeu e Barnabé não perceberam que o suicida já estava no chão e se aproximava dos dois. A multidão o aplaudiu quando chegou ao solo. Mas os dois baderneiros pensaram que os aplausos eram por causa do heroísmo deles. Voltando-se de costas para o monumento e de frente para a plateia, abaixaram a cabeça em sinal de agradecimento.

Os aplausos excitaram o espírito de homem público de Barnabé. Levantando a mão direita para os céus e vibrando a voz como o mais atrapalhado dos políticos, fez um breve discurso:

— Gratos pela distintíssima homenagem, oh! povo generoso. Vocês fazem meus neurônios vibrar. Prometo-lhes que baixarei um decreto destruindo todos os monumentos da cidade para que nenhum bananão tente mais se matar.

O Prefeito não sabia que o suicida já estava ao seu lado, parecendo uma bomba atômica prestes a explodir. Eu, a professora Jurema e a multidão fechamos os olhos para não ver a explosão. Boquinha, irreverente, ainda acionou o detonador.

— Bananão, não! Bundão. — E pôs as mãos nos ombros do sujeito ao seu lado sem saber que era o homem que queria morrer.

Trêmulo, o ex-suicida perguntou:

— Quem são vocês?

Tentando imitar o Mestre, o filósofo de rua Boquinha de Mel tentou filosofar no ambiente mais impróprio:

— Eu? Quem sou? Não sei. Ando à procura de mim mesmo e ainda não me achei.

— Então, você vai se achar agora.

Mas, antes de a bomba explodir, o Prefeito olhou para o alto e não viu mais

o jovem. Pensando que ele houvesse se atirado do outro lado, expressou, condoído:

— Boquinha! Nosso irmão partiu para o reino dos céus.

Mal sabiam que eram eles que estavam de partida para esse reino, e sem bilhete de volta.

CAPÍTULO 13

A grande surpresa



O jovem que tentara se matar era um brutamontes. Loiro, corpulento, musculoso, tórax e braços avantajados pelo excesso de ginástica. Era um lutador de boxe profissional da categoria peso-pesado. Tinha um metro e oitenta e cinco centímetros de altura e pesava noventa e cinco quilos. Sem mais perguntas, impugnou a irreverência dos provocadores. Pegou os dois pelo colarinho e lhes disse:

— Preparem-se porque irão para o outro mundo. — E, antes que a multidão tentasse abrandar os ânimos dessa irreverente família, o peso-pesado encheu nossos dois amigos de socos e bofetadas.

A confusão foi geral. Ninguém entendeu nada. Os de fora pensaram que era um acerto de contas entre irmãos. Depois de alguns sopapos violentos, conseguimos segurar o agressor e evitar o massacre. Até os guardas entraram na confusão. Uma vez apartados, Boquinha de Mel, sangrando e confuso, perguntou meio abobalhado ao amigo:

— Prefeito, estamos no céu?

— Desconfio que no inferno! — respondeu Barnabé, sem saber direito onde se encontravam.

Em seguida, levantaram a cabeça e perceberam que quem os espancara era o brutamontes que estava em cima do Monumento à Independência. Nesse momento, tiveram um gesto surpreendente. Caíram de joelhos no chão. Tive a impressão de que agradeciam a Deus por ainda estarem vivos.

A professora Jurema confabulava com Mônica. O tumulto era grande, mas consegui ler os lábios delas dizendo “eles armaram tudo”. Que interpretação estúpida, pensei. Eram mulheres, saturadas de romantismo, vendo o que não

existia. Resisti terminantemente à ideia de que os dois irreverentes discípulos tivessem usado uma técnica consciente para tirar o suicida do atoleiro.

Meus pensamentos transitavam na velocidade da luz. Não conseguia interrompê-los. Comecei a me bombardear com estes questionamentos: “Não são eles destituídos de cultura acadêmica? Não falam compulsivamente? Não são incapazes de pensar nas consequências do seu comportamento? Como poderiam ter sobrepujado a todos os presentes e usado essa estratégia para resgatá-lo?”.

Então, fitei-os de joelhos dizendo o número “décimo primeiro”. Recebi uma porrada emocional. As janelas da minha mente se abriram. É difícil ultrapassar a parede dos preconceitos, mas eu os transcendi e enxerguei além dos limites da imagem. Comecei a rememorar o comportamento deles e a interpretá-lo por outros ângulos. Entendi, afinal, que orientações vazias não resgatariam o suicida. De um modo que nunca presenciei, eles o tinham provocado até a ira para que ele saísse da esfera da autopunição.

Não usaram palavras filosóficas como o Mestre usou para me resgatar do topo do Edifício San Pablo, mas usaram a mesma paixão, o mesmo ataque surpresa, a mesma habilidade para desarmar a mente e destruir sofismas. Coloquei as mãos sobre a cabeça. Estava atônito.

Mais tarde ficamos sabendo que Boquinha de Mel e o Prefeito não haviam mandado dez para o túmulo, mas salvado dez suicidas de se atirar da Ponte Presidente Kennedy, próxima do bar onde se embriagavam. Somente quando policiais, bombeiros, paramédicos, psiquiatras, psicólogos e até líderes espirituais falhavam, eles entravam em ação. Só usavam sua estratégia quando os peritos esgotavam seus recursos.

Eram baderneiros, eram provocadores, mas conheciam os vales escabrosos da emoção. Tinham de fato “E”. Sabiam que jargões psicológicos tinham efeito pequeno para instigar a emoção de quem condenara a si mesmo à sentença de morte sem direito de defesa. Meus amigos fustigavam a vítima para que esta projetasse sua raiva neles.

Essas conclusões deixaram-me profundamente sensibilizado. Embora no passado eu houvesse atravessado o vale sórdido e árido da depressão, ainda era um intelectual vazio, um técnico na vida, um covarde, um pensador insensível, que ama seu conforto e detesta comprometer sua imagem ao apostar nos outros. Como o Mestre afirmou, somos especialistas em esconderijos. Talvez eu é que

desse certo como sócio de uma funerária.

O jovem que desceu do monumento ainda estava embriagado pela raiva. Queria se soltar para continuar espancando-os. De súbito, eu o adverti com autoridade:

— Por que você espancou quem investiu tudo o que tinha em você? Por que você esbofeteou quem se doou e o amou sem o conhecer?

Falei com a voz tão estridente que o jovem se paralisou. A multidão também se aquietou. Completei:

— Não percebe que eles provocaram a sua ira conscientemente? Não entende que inteligentemente fizeram você odiá-los para que não se odiasse? Você estava se autopunindo, mas eles provocaram seu vômito emocional. Não compreende? Eles lhe venderam uma vírgula para que você continuasse a escrever a sua história!

O jovem, que havia descido como um raio do monumento, saiu do inferno da ira para o céu da perplexidade. Seu nome era Felipe, apelidado de “Demolidor” pela pegada que tinha nos ringues. Sempre tratara com violência seus adversários, até que foi nocauteado pelos eventos da vida. Todo homem um dia é nocauteado vexatoriamente, mas Felipe nunca aceitou sua derrota. Um homem que sempre tinha sido violento com os outros não podia ser diferente consigo mesmo.

O boxeador caiu em si e concluiu que os dois provocadores haviam lhe servido de *sparrings*, tornando-se seu saco de pancadas, só que não usavam nenhuma proteção.

Tomado por uma aura de sensibilidade, fitou Bartolomeu e o viu com uma auréola roxa no olho esquerdo e com o supercílio sangrando muito. O sangue penetrava-lhe os olhos e embaçava-lhe a visão. O Prefeito, por sua vez, estava com os lábios inchados e sangrando no canto direito da boca. Também sangrava na gengiva.

O ex-suicida desabou. Começou a chorar copiosamente, sem medo da plateia, sem medo da crítica, sem medo dos próprios sentimentos. O público que presenciava a cena ficou em silêncio absoluto. Cada gota de lágrima refletia as dores inquietantes que aquele jovem vivera.

Como o Vendedor de Sonhos nos advertira: cada ser humano tem seus motivos para desabar. A vida é cíclica. Não há gigantes nem heróis que durem

para sempre. Cada ser humano tem seus motivos para chorar, uns com lágrimas úmidas, outros com lágrimas abrigadas dos olhares sociais. O Demolidor tinha os seus. Não eram poucos. Mas saiu da esfera da autodestruição para as regiões sublimes da ternura.

Num gesto de rara afetividade, caminhou até Boquinha de Mel e o Prefeito e os abraçou prolongadamente. Bartolomeu e Barnabé de fato não tinham família até nos encontrarem. Desmoronavam diante de um afeto. Felipe colou o peito no peito deles. Sentia que nada nem ninguém o faria desistir de morrer, mas encontrara dois malucos apaixonados pela vida que haviam torpedeado suas convicções.

O abraço foi seguido de beijos no rosto. Os três choraram. Lágrimas e sangue se misturaram como tintas para escrever uma nova história. Foi a primeira vez que vi homens estranhos chorarem e se beijarem desse modo, um fenômeno que ultrapassa os limites da lógica, um fenômeno não previsto nos manuais de sociologia e psicologia, um fenômeno descrito no manual do Vendedor de Sonhos.

Em seguida o Demolidor procurou a professora Jurema, abraçou-a e a beijou do mesmo modo.

— Obrigado pelas palmadas, vovó.

A professora Jurema também ficou com os olhos cheios de lágrimas. Sentiu que por fatos como aquele valia a pena seguir o homem desconhecido e intrigante. Ela já havia brilhado em sala de aula; agora, idosa, com a pele saturada de rugas, mesmo sabendo que não lhe restava muito tempo de vida, brilhava no teatro social como uma vendedora de sonhos, algo que sempre desejara.

Bartolomeu e Barnabé, quando usavam essa estratégia para resgatar suicidas da Ponte Presidente Kennedy, levavam bofetadas e, às vezes, verdadeiras surras. O preço era alto. Duas vezes tiveram de ser internados num hospital. Três vezes sofreram fraturas.

Depois que Felipe lhes pediu perdão, foi minha vez de fazer o mesmo.

— Perdoem-me porque os julguei.

Boquinha de Mel poupou-me dessa vez:

— Faria o mesmo se estivesse em seu lugar. — E voltando--se para Felipe, também lhe pediu desculpas. — Perdoe-me por tê-lo irritado. — E, irreverente,

brincou: — Eu já estava enterrado em bancos, agora você quase me manda para um cemitério.

Sorrimos. O Prefeito emendou:

— Você entortou minha boca, cara. Ficarei sem mastigar por uma hora.

O clima estava tão afetivo que Felipe contou algumas das causas do seu desespero.

— Sou boxeador profissional. Fui punido por seis meses porque usei um medicamento considerado doping. Fui massacrado pela imprensa. Meu pai, meu grande amigo, desgostoso, morreu de infarto fulminante dois meses depois da minha punição. Há uma semana eu estava para me casar, mas perdi quase todo o meu dinheiro em ações na bolsa de valores. Perdi meu dinheiro e minha noiva.

Quando Boquinha de Mel ia brincar com o sujeito dizendo que realmente ele estava enrolado, felizmente o Mestre entrou em cena. Estivera presente no ambiente desde o começo, mas deixara os anônimos agirem. Ao ver Felipe declarar suas mazelas, falou-lhe com afetividade:

— Meu filho, todos temos quarenta e seis cromossomos em nossas células, mas temos diferenças cruciais na capacidade de suportar adversidades. Precisamos expandir nosso nível de suportabilidade, pois ninguém tem céu sem tempestade. — Em seguida, abalou seus discípulos, eu em especial, ao confessar: — Um dia eu estava em cima de uma ponte, no ápice do desespero. Não queria morrer, mas não tinha ânimo para viver. Andava desolado. Encontrei dois jovens trançando as pernas, que me provocaram e me insultaram em minha crise. Só faltou jogarem em minha cabeça o litro de uísque que tomavam.

Bartolomeu e Barnabé ficaram incrédulos. Não sabiam que o Mestre fora uma das pessoas que tinham ajudado. Como estavam frequentemente embriagados, não se lembravam das pessoas que tinham resgatado. Fiquei pasmo e indaguei a mim mesmo: “Será que esses dois contribuíram para o desejo do Mestre de vender sonhos? Pode um aluno ensinar o mestre? Pode um paciente curar um médico?”.

— Depois do choque emocional que me deram, me isolei e me repensei profundamente. Foi então que entendi que as frustrações são um privilégio dos vivos e transcendê-las é privilégio dos sábios.

Algumas pessoas da multidão tomaram nota desse pensamento. Subitamente, o Mestre começou a aplaudir Felipe, Bartolomeu, Barnabé e a

professora Jurema. A multidão o acompanhou na reverência. Todavia, os aplausos eram perigosos para o Prefeito. Seus neurônios bipolares entraram em êxtase político. Como estava ferido, procurou se apoiar em quem estava perto e ensaiou um breve discurso. Disse com a voz pastosa, como se estivesse bêbado:

— Muito obrigado, esplêndido e abissal público. Votem em mim nesta eleição. — Três pessoas seguravam seu volumoso corpanzil.

Um curioso, sabendo que não havia eleição naquele ano, indagou:

— Candidato a que você é?

Boquinha de Mel respondeu por ele:

— Ao cargo de maior maluco deste grande manicômio global. — E girou as mãos, mostrando a cidade.

Todos se espatifaram de rir. Felipe também não se aguentou. Entendeu o recado. Era mais um maluco que aprendia a dar risada da própria loucura. Era mais um maluco nessa grande família. Animado, afirmou:

— Meu voto é seu.

Foi a primeira vez que um ser humano numa hora estava querendo morrer, noutra teve ânimo para “votar”. O Mestre foi o segundo a declarar seu voto.

As pessoas também declararam seu voto. Inspirado, o Mestre fitou o Demolidor e o convidou para segui-lo. Boquinha de Mel olhou com seriedade para Barnabé e expressou:

— Serei seu secretário das Finanças, *my brother*.

O Prefeito do hospício retrucou:

— *Qué pasa, hombre?! Finanças não, Boca! Você já bateu minha carteira.*

— Que é isso, Prefeito? Hoje sou um homem de notável confiabilidade — disse Bartolomeu. Mas, olhando para o Mestre, sua consciência o acusou, o que o levou a se desculpar pelos tempos de malandragem: — Mestre, antes de conhecê-lo, desconfiava que não era um santo. Hoje... hoje tenho certeza de que não sou.

Ao caminhar nessa estranha família, ficávamos cientes de que nenhum de nós era santo. Tínhamos a certeza, nessa caminhada, de que nem o Mestre nem esses dois arruaceiros consertariam esse hospício global, mas pelo menos o transformariam num ambiente mais bem-humorado.

Sáimos abraçados uns aos outros. Atrás de nós, ficaram mais de uma centena de pessoas entediadas, querendo algumas doses dessa aventura. Sáimos

cantando nossa canção:

*— Sou apenas um caminhante
Que perdeu o medo de se perder
Estou seguro de que sou imperfeito
Podem me chamar de louco
Podem zombar das minhas ideias
Não importa!
O que importa é que sou um caminhante
Que vende sonhos para os passantes
Não tenho bússola nem agenda
Não tenho nada, mas tenho tudo
Sou apenas um caminhante
À procura de mim mesmo.*

CAPÍTULO 14

Líderes fora do padrão



Dias depois, um folheto voava ao sabor do vento e atingiu o tórax do Vendedor de Sonhos. Ele o pegou, leu-o e se interessou pela propaganda. Referia-se a um seminário que aconteceria naquela noite sobre os Líderes do Futuro. Depois de um fôlego para pensar, desejou participar. Como o evento era promovido pela fundação Megasoft e a entrada era franca, fomos despreocupados, crendo que participaríamos sem grandes problemas. Entretanto, como sempre, nossas vestes eram estranhas aos olhos de qualquer segurança.

Pessoas de várias nacionalidades e idades entravam no anfiteatro com facilidade; os andarilhos mais uma vez foram barrados. Os seguranças nos olharam de cima a baixo e, pedindo para abirmos os braços, passaram um aparelho que nos escaneava para saber se não portávamos armas, bombas, produtos químicos proibidos.

O Prefeito, sentindo o toque do aparelho, disse:

— Esses sujeitos são generosos. Gostei da massagem gratuita.

Todos nós nos sentamos na área central do anfiteatro, na décima terceira fileira. Estávamos a cerca de quinze metros dos ilustres palestrantes, que discorriam sobre a formação dos líderes políticos, empresariais e institucionais que mudariam o futuro da humanidade.

Algumas palestras eram tão técnicas e enfadonhas que meus amigos dormiram. É obvio que não daria para esperar de alguns seguidores do Mestre que tivessem um fino apetite intelectual, se nunca aprenderam a apreciar os manjares do mundo acadêmico.

O Prefeito e Boquinha de Mel sentaram lado a lado. Mergulharam no sono em menos de quinze minutos. Eu sentara ao lado do Prefeito, Mônica ao lado de

Boquinha de Mel, seguida pela professora Jurema e pelo Mestre. Dimas, Edson, Salomão e Felipe, o Demolidor, sentaram-se depois do Mestre. Esses apenas ficaram sonolentos. Pestanejavam.

Eu não entendia como o Prefeito e Boquinha, que frequentemente tumultuavam o ambiente social, não agitavam a própria mente. Conseguiram dormir com a facilidade de uma melancia. Recordei-me de um artigo científico que comentava que os principais líderes políticos e empresariais da atualidade dormiam à base de medicamentos ansiolíticos. Sem tranquilizantes, brigavam com o travesseiro e com o mundo. Sem tranquilizantes, eram frágeis soldados vencidos pela inquietude da mente.

O Prefeito, ao que parecia, dormia prazerosamente. Relaxado, seus roncos tornavam-se ruidosos como uma orquestra sem harmonia, capazes de incomodar cinco fileiras acima e cinco abaixo. Às vezes, um instrumento dessa bizarra orquestra saía excessivamente do ritmo, produzindo um som estrepitoso que chegava até o ouvido do primeiro palestrante. O palestrante, por sua vez, sob um ataque de ideias paranoicas, achava que algum líder do mal conspirava contra sua palestra sobre o líder do bem. Eu cutucava com frequência o conspirador para que dormisse sem estardalhaço.

O Prefeito sonhou que estava mergulhado num tanque de espaguete al sugo. Comia virtual e compulsivamente a comida italiana e balbuciava “gostoso”, “saboroso”, “apetitoso”. Os espectadores à nossa frente pensavam que o desvairado falava deles. Começaram a se perturbar. Para evitar um desastre maior, botei um lenço na sua boca. Com o apetite de uma velha cabra, começou a mastigá-lo e se acalmou.

Boquinha de Mel estava tão relaxado naquela desconfortável poltrona que começou a sonhar que flutuava nas nuvens montado num cavalo alado. Fazia suaves movimentos com as mãos, simulando que dominava o animal. Suas mãos tocavam a cabeça dos espectadores. Eu, Mônica e a professora Jurema ficávamos monitorando seus movimentos para não atrapalhar os ouvintes.

“Se depender dos dois, o futuro da humanidade será sombrio”, pensei. Depois dessa fase inicial, aquietaram-se, e ouvimos uma série de palestras. Na última conferência, ambos começaram a sonhar simultaneamente que disputavam um com o outro uma belíssima donzela. Eu já conhecia esse velho sonho. Ele já se manifestara no teatro da mente deles, causando transtornos nos

viadutos e albergues em que dormíamos. Mas eu não sabia o que sonhavam no momento. Só depois da tempestade me contaram.

No exato momento em que se imaginavam disputando a princesa, começou a última palestra do evento, que discorria sobre os grandes líderes do passado e suas características fundamentais. Comentavam-se os níveis de segurança, determinação, concentração, foco e transparência do rei Salomão, de Napoleão Bonaparte, Henry Ford, Thomas Edison, John Kennedy e outros.

O palestrante discorria sobre os líderes, e paralelamente Bartolomeu e Barnabé gritavam: “Cafajeste! Crápula! Vou comer a orelha desse sujeito! Vou arrancar seu fígado!”. As pessoas pensaram que eles estavam criticando os líderes da história. Não sabiam que gritavam um com o outro no imaginário. Eu queria sair correndo do evento. O tumulto foi geral. Muitos pediram silêncio aos insubordinados. Nossos cutucões os aquietaram.

De repente, eles começaram a acariciar a cabeça um do outro, imaginando que tinham conseguido afinal conquistar a donzela de sua vida. Foi então que o pânico se instalou. Subitamente abriram os olhos e se entreolharam. Ficaram tão assustados que deram um grito pavoroso.

— Socorro! — bradaram simultaneamente, como se tivessem visto um monstro. Parecia que os psicopatas que haviam sido mencionados nas palestras anteriores ressuscitavam. O conferencista e os participantes ficaram abalados, pensaram que o prédio estava desabando. Interromperam a conferência por instantes. Procurei abaixar o corpo e me esconder atrás da poltrona.

Estavam presentes autoridades políticas e sociais de vários estados e países. O organizador do evento, ao lado de três seguranças, foi ver o que estava acontecendo no local de onde saía o som estridente. Ao se aproximar, ele me viu cabisbaixo, como se eu fosse responsável pelo tumulto. Pediu-me que levantasse o rosto. Constrangido, eu o fiz. Espantado, ele me reconheceu.

— Júlio César?

Era meu colega de universidade, Túlio de Campos. Túlio era um professor que eu criticara muitíssimo quando chefiava o departamento de sociologia. Seu ego era tão grande quanto o meu. Egos iguais se repelem. Não nos tolerávamos. Sabendo que eu andava com um estranho homem pelas ruas e vendo-me desguarnecido, não teve dúvida, foi à forra. Assim, no seminário sobre líderes do futuro, agiu como um líder às avessas. Humilhou-me publicamente. Chamou-me

de irresponsável, amotinador, um intelectual de quinta categoria. Diminuiu-me tal qual eu fizera com ele havia pouco mais de dois anos. E, num tom insolente, completou sua agressão:

— Todos sabem que você endoideceu, Júlio César. Agora quer perverter meu trabalho?

— É verdade. O garoto está doidão. Mas é um bom homem — confirmou Boquinha de Mel, espezinhando-me ainda mais. E Túlio, olhando para o bando do qual eu fazia parte, disse autoritariamente:

— Esse é seu famoso grupo de tresloucados? Retirem-se imediatamente!

— *Qué pasa, hombre?! —* discordou o Prefeito. E começou a nos diminuir em vez de nos valorizar: — Somos malucos, desvairados, birutas, mas treslou... treslou... tresloucados, não! — Em seguida, fez um sinal pedindo assistência para a professora Jurema sobre o significado da palavra.

Irritada com o organizador, a professora Jurema comentou:

— “Tresloucado” quer dizer doido, biruta, louco.

— Ah booom! Então o homem acertou. — E fez um sinal positivo para Túlio, que ficou mais irado ainda.

O Mestre levantou a mão direita para falar. Em vez de ter vergonha dos seus amigos, disse:

— Senhor, esses homens não são perfeitos, mas cada um a seu modo é brilhante. E por falar em grandes líderes, entre os quais o senhor, como organizador deste magno evento, deve se encaixar.. — Fez uma pausa e completou: — Um grande líder, para não enfartar cedo, deve ter, entre muitas qualidades, duas em especial: bom humor e tolerância. Bom humor para não se estressar com sua própria estupidez e tolerância para não se estressar com a estupidez dos outros.

Túlio recebeu um golpe inesperado. Detectou por instantes que era punitivo e autopunitivo, não era nem tolerante nem bem-humorado. Estressado, mas constrangido, Túlio deu-nos enfim uma chance. Mas, com o dedo em riste, falou autoritariamente:

— Qualquer burburinho e serão imediatamente expulsos.

Senti o sabor amargo da humilhação. Jamais admiti que alguém falasse com tal prepotência sobre mim, nem nas minhas costas. Paranoico, sempre tirei satisfação das críticas ditas a ouvidos alheios. Já havia despedido cinco

professores por mínimos confrontos. Agora eu estava do outro lado da mesa, o lado frágil. Era duro observar meu estereótipo no perfil de Túlio.

Acalmados os ânimos, a conferência continuou, mas o palestrante se perdeu. Como muitos conferencistas, ele só conseguia falar com brilhantismo se tudo funcionasse perfeitamente, desde a apresentação do computador até a receptividade da plateia. Com dificuldade, encerrou-se a última exposição do evento.

Um grande executivo do grupo Megasoft agradeceu a todos pela participação e, com uma sutil tossida, expressou: exceto alguns. Exaltou o grupo empresarial ao qual pertencia. Comentou que o foco desse grupo era investir na formação humana, nos direitos dos cidadãos, na promoção do bem-estar social. E finalizou dizendo que esse seminário contribuiria para mudar a história.

Antes dos aplausos finais, quando pensei que sairíamos sem outra desordem do anfiteatro, o Mestre levantou-se da sua poltrona e, com voz vibrante, brandiu algumas palavras que despertaram as mais de duzentas pessoas presentes, que, naquele momento, também estavam sonolentas. Quando começou a falar, as luzes da plateia se acenderam novamente e de novo ele tocou num assunto que o perturbava:

— Como formar líderes do futuro sem revolucionar o sistema educacional? Uma sociedade que paga muitas vezes mais para quem julga do que para quem educa terá sempre dificuldade para formar grandes líderes. — Expôs outra vez seu famoso e perturbador pensamento: — Este sistema está doente, formando pessoas doentes para uma sociedade doente. Que futuro nos aguarda?

A plateia ficou admirada com a virulência do maltrapilho. Quem era esse intrépido homem? Será que estava querendo reiniciar um seminário que já tinha acabado? Sim, estava. Uns perguntavam para os outros qual a sua identidade. Alguns o reconheceram e começaram a espalhar que era o andarilho que estava agitando a cidade nos últimos tempos.

CAPÍTULO 15

Jornais: uma fonte de nutrição



O Mestre começou a citar outros elementos da crise da formação de jovens líderes, algo que o preocupava muitíssimo, pois sob os ombros da juventude depositava-se a responsabilidade de resolver os graves problemas da humanidade, desde as disputas comerciais às mudanças climáticas.

— Os jovens não estão nutrindo a mente com uma dieta intelectual capaz de lhes subsidiar a formação de uma consciência crítica e o desenvolvimento do papel de atores sociais. — E subitamente falou algo que abalou meus preconceitos como professor universitário. Em vez de exaltar o conhecimento acadêmico como dieta, exaltou outra fonte: os jornais. — Os jornais livres e independentes representam na atualidade a maior fonte de nutrição intelectual para a mente humana, mais do que os jurássicos currículos acadêmicos. Mas os jovens não têm fácil acesso a eles nem interesse em lê-los. Mentes de redatores, jornalistas, articulistas se organizam diariamente para constituir o cérebro de um jornal. Nada tão encantador! Para mim são tão ou mais importantes que os livros. Mas estão morrendo. O ritual de folhear um jornal, o prazer de se informar e penetrar nas informações que varrem as nações é um deleite. Todavia, as novas tecnologias, capitaneadas pela internet, estão asfixiando esse deleite. Como formaremos novos líderes se os jovens gastam horas diárias assistindo à TV ou navegando por sites de entretenimento, e não gastam sequer minutos por semana informando-se sobre os fatos políticos, sociais e econômicos que permeiam o mundo globalizado? Não formaremos líderes, mas servos.

Fiquei impressionado com o Mestre. Sempre falei sobre o pensamento crítico, mas nunca imaginei que ele considerasse que os jornais contribuíssem mais para esse pensamento do que os desatualizados currículos escolares. Agora sei

por que o Mestre os lia madrugada afora e incentivava seus discípulos a lê-los, ainda que fossem jornais de dois ou três dias atrás. Agora entendo por que meus parceiros incultos e arruaceiros estavam enriquecendo o cérebro. E o Mestre comentou outra aberração do sistema:

— É um crime educacional os alunos gastarem anos conhecendo o pequeno átomo que jamais verão e o imenso espaço que jamais pisarão e não gastarem minutos conhecendo o planeta psíquico que pulsa dentro deles e o planeta social que pulsa fora. Eles devem aprender como se forma o pensamento e como se formam os pensadores, como atuar em seu psiquismo e como atuar no teatro social.

Suas palavras tocaram a plateia, que irrompeu em aplausos. A vontade de ir embora passou, eles queriam ouvir esse intrigante e polêmico profeta da filosofia, o pensador das ruas. Em seguida ele voltou à tese dos anônimos. E dessa vez penetrou em nossa alma sem pedir licença e perturbou o ambiente:

— Aos que querem ser líderes, recomendo ainda que leiam as tábuas da mente dos anônimos. Os políticos deveriam se curvar diante dos mais humildes eleitores. Os psiquiatras deveriam aprender, com os doentes mentais, a enxergar suas crises na perspectiva deles. Os intelectuais deveriam ser ensinados pela imaginação dos iletrados. E as celebridades? As celebridades deveriam estar debaixo da luz dos anônimos. Treinem enxergar o mundo do outro com os olhos dele.

Ninguém entendeu por que ele dissera isso. Sempre econômico nas palavras, não dava grandes explicações sobre seus pensamentos. Instigava as pessoas a pensar sobre eles e a construir suas próprias conclusões. As pessoas da plateia saíram dos aplausos para o clima de deboche em menos de um minuto. Caíram na gargalhada. Pensaram tratar-se de uma piada para quebrar o clima. Afinal de contas, eram da elite pensante e sabiam que desde os tempos dos gregos e dos romanos os menores da sociedade sempre foram liderados, controlados, subjugados pelos maiores. Era um escândalo os grandes se curvarem diante dos pequenos.

Com as democracias modernas, esses padrões não mudaram, apenas assumiram outras roupagens. Fiquei rubro com as risadas que ouvia ao meu lado. Quando eu torcia para o Mestre não estender mais seu raciocínio, eis que seus discípulos, fazendo eco aos seus pensamentos, içaram a voz. Engolindo saliva,

eu queria me enfiar novamente debaixo da minha poltrona. O vexame era inevitável. Seríamos expulsos no último minuto do jogo.

Bartolomeu, sob um estado incontido de euforia, proclamou:

— Mestre, eis-me aqui! Sempre achei que as celebridades deveriam se curvar diante de nós, corja de anônimos. — E nos apontou. Virei o rosto para não ser identificado por ele, que acrescentou: — É a vez dos desprestigiados, dos miseráveis, dos manés. Façamos um levantamento na sociedade para mostrar nossa magnitude! — disse o filósofo de rua para assombro dos líderes do evento.

De repente, entrou em ação o Prefeito, lembrando-se de Túlio de Campos. Excitado pelas ideias do Mestre e instigado pelo seu amigo de farras, estufou o peito e bradou:

— Sim, é a revolução dos tresloucados, dos malucos, dos endoidados, dos birutas. Sempre achei que os psiquiatras deveriam aprender com minhas notáveis ideias.

Tentei tapar sua boca para impedi-lo de falar mais bobagens, mas ele estava de pé. Se me levantasse, pensariam que eu era seu irmão mais velho ou coisa desse tipo. Afundado na cadeira, recusei-me a me encaixar nessa desprezível cambada de revolucionários. Esses excêntricos não haviam entendido uma palavra da revolução do Mestre. Não entenderam que ele escolhera os loucos da sociedade para crescerem, para envergonharem os sábios e fazerem enrubescer os líderes. Mas queriam envergonhá-los com sua loucura.

Dando seguimento aos absurdos, outra voz entrou em diapásão com a dos arruaceiros.

— Sim, é a vez dos vigaristas, dos embusteiros, dos golpistas — falou o genial malandro, Dimas. Mas em seguida se corrigiu: — Vigaristas em estado de transformação, bem entendido. — Melhorou um pouco, mas não diminuiu a perplexidade dos presentes.

— É a vez dos obsessivos, dos ansiosos e dos hipocondríacos — vociferou, animadíssimo, o jovem Salomão.

— Aleluia! É a vez de os religiosos mostrarem seus milagres — disse Edson, o religioso da turma.

Se eu fosse o Mestre, sairia correndo à procura de um solo firme para pisar, mas os ouvi pacientemente. Enquanto rejeitava a maluquice da turma, sentia que as dívidas da minha consciência aumentavam. Lá no fundo, uma voz crítica me

dizia que eu era um dos grandes doentes desse manicômio global. Subitamente, eis que a belíssima Mônica, a primeira discípula mulher a seguir o Mestre, abriu a boca:

— Sim, é a vez das mulheres que não estão na revistas de moda, que foram escorraçadas pela mídia por não terem o padrão ditatorial de beleza. — Mônica proclamou essas palavras como se fosse Joana d’Arc querendo libertar as mulheres do jugo tirânico da magreza imposto pelas lideranças do mundo *fashion*. — Mônica sabia do que falava. Tinha sido uma das modelos internacionais mais requisitadas, até que foi descartada após ganhar alguns quilos.

— Sim! É a vez de os idosos bombardearem a sociedade com o fator “E” — disse a professora Jurema do alto dos seus mais de oitenta anos, a discípula mais idosa e uma das mais arrojadas. E metralhou os conferencistas e a plateia: — Vocês, jovens, são uns bananas, molengas, frágeis, mimados, tímidos, acanhados. São coveiros que velam o morto. Falam muito e não reagem. — E não falou mais nada. Não precisava.

De repente, deu uma pequena bengalada na cabeça de um jovem cabeludo que mascava chiclete e que disse com sarcasmo, dirigindo-se a ela:

— Fator “E” de estúpida. A velhota está gagá.

A grande pedagoga fez uns malabarismos incríveis com sua bengala e citou as palavras que aprendera com os dois arruaceiros:

— “E” de experiência. A cultura sem experiência é inútil.

De todos os discípulos, fui o único que não se manifestou. Ah, esqueci-me de Felipe. O Demolidor, embora fortíssimo, não falou nada, estava com medo de ser linchado. Senti que não havia o que dizer depois de tantas opiniões estapafúrdias e, pior ainda, ditas em um ambiente onde não havíamos sido chamados para opinar. Esse era o time íntimo do Mestre. Um time que dava arrepios quando entrava em cena.

Sem dizer mais nada, o Vendedor de Sonhos saiu, e nós rapidamente o acompanhamos. A plateia ficou por alguns momentos pensando em tudo o que ouvira. Estava digerindo as ideias e reações. Alguns deles teriam azia.

A duas quadras do local, o Mestre me chamou à parte. Era especialista em corrigir em particular e elogiar em público, nunca o contrário. Mais uma vez, dialogou com brandura:

— O que te preocupa, Júlio César?

— Mestre, seus discípulos não compreendem seu projeto filosófico.

— Eles compreendem no limite deles. Por que não respeitar esses limites?

— Eles o envergonham e podem destruir sua imagem, podem destruir o projeto dos sonhos. Por causa deles há um burburinho social, as pessoas não sabem defini-lo, distinguir se é um sábio ou um louco.

Então, como um pai corrigindo um filho, ele me disse:

— Tenho aprendido a ser honrado e a ser vaiado, a ser amado e odiado, a ser compreendido e injustiçado. O que levarei quando se estancar o fôlego da vida? Nenhuma calúnia poderá arrancar um pedaço do meu ser, a não ser que eu permita. — E, inspirado, disse-me um pensamento que fiquei remoendo por dias a fio: — As ideias são sementes, e o maior favor que se pode fazer a uma semente é enterrá-la.

E, tomando fôlego, completou:

— Um homem sem amigos é uma terra sem umidade, uma manhã sem orvalho, um céu sem nuvens. Os amigos não são os que nos bajulam, mas os que desmistificam nosso heroísmo e revelam nossa fragilidade. Um intelectual sem amigos é um livro sem conteúdo.

Tive de reconhecer que tinha bajuladores, mas era um homem sem amigos. Nunca tive íntimos aos quais pudesse dar um ombro para chorar, nem receber um ombro para verter minhas lágrimas. Meu ego era grande, meu orgulho era enorme, mas meu salário era pequeno, e minha solidariedade, menor ainda. Era um homem saturado de contradições.

Alguns alunos me procuravam como orientador de teses de conclusão de curso ou mesmo de teses de mestrado ou doutorado. Mas não entrávamos nas camadas mais profundas da nossa personalidade. Três universitários tentaram suicídio no último ano em que dei aulas. Dez alunos tiveram crises depressivas. Algumas dezenas tiveram transtornos psicossomáticos. Mas nunca os procurei. O professor e seus alunos estavam a quilômetros de distância.

Não entendíamos a formação de pensamentos nem de pensadores. Eu estava doente, formando pessoas doentes para uma sociedade doente. Fingia que educava, e eles fingiam que aprendiam. E os diplomas sacramentavam nossa peça teatral.

CAPÍTULO 16

Os inteligentes miseráveis



Muitos jovens seguiam tendências ao vestir, falar, se comportar. Não eram independentes. Ser diferente do grupo gerava angústia. Não tinham um estilo próprio, eram controlados pelo *marketing* amplamente pulverizado no tecido social. Alguns jovens não apenas seguiam tendências, mas odiavam quem não se enquadrasse no míope mundo dos seus preconceitos. Detestavam prostitutas, homossexuais, mendigos e outras minorias.

Cinco dias após o escândalo no seminário sobre os líderes do futuro, um episódio marcante ocorreu. O Mestre havia deixado seu grupo de discípulos à procura de um ambiente calmo para se interiorizar. Para alguns, a solidão era insuportável, para o Vendedor de Sonhos era um convite para se conhecer e velejar no universo da reflexão.

Cerca de quinze universitários de classe alta e média alta, ao ver Dimas, Edson, Bartolomeu e Barnabé, bem como eu, com roupas velhas, remendadas, sem estilo e nenhuma combinação de cores, começaram a zombar de nós. Esse grupo considerava os andarilhos um problema social que deveria ser eliminado, às vezes com violência.

Ao passar por nós, um deles colocou o pé esquerdo diante da perna do Prefeito, que era o último da fila. Bonachão, o Prefeito caiu como fruta madura. Socorremo-lo, mas ele não se machucou. Pensamos que tivesse sido um ato sem intenção. Mas olhei para trás e os vi sorrindo da desgraça alheia. E um deles manifestou, com a concordância dos demais:

— Eis o lixo social!

Paramos e nos voltamos para eles, e eles se voltaram para nós. Parecia que queriam treinar os punhos. Meus nervos ferveram. Meu instinto de professor

entrou em cena e inconscientemente gritei:

— Fora da classe agora!

Mas eu era um maltrapilho e não mais um professor lecionando. Vendo-me agir como um professor adoidado, caíram na gargalhada. Pela primeira vez, fui humilhado por alunos. No passado, não suportaria.

Um deles foi além. Zombando de mim, deu dois passos e proclamou:

— Eis o mestre dos malucos.

Em vez de se intimidar, Bartolomeu estufou o peito e comentou:

— Eis o futuro da sociedade! — E, perspicaz, usou a queda que acabara de sofrer: — Jovens que vivem à sombra dos pais nunca caíram, mas querem erguer o mundo. — E caiu na gargalhada.

Os universitários detestaram a petulância de Boquinha de Mel. Alguns queriam partir para a briga. Um deles retrucou:

— O destino dos grandes líderes é eliminar o lixo social.

O Prefeito, subitamente, entrou em ação:

— Votem em mim na próxima eleição que eu os pouparei.

Os jovens sentiram que haviam tirado sarro deles. Estavam perplexos com a ousadia desse grupo de maltrapilhos. Desconheciam o Mestre que nos treinara.

O Demolidor estava enraivecido. Queria subir em algum monumento para não perder a cabeça. Quando alguns dos jovens estavam prontos para nos confrontar fisicamente, eu os confrontei em outro campo:

— Por que não brigam no mundo das ideias? — Eu acreditava que não topariam o desafio, mas, para incentivá-los, azeitei a proposta: — Se nos responderem a algumas questões ensinadas no mundo acadêmico, nós os deixamos chutar nossas nádegas, e, se não responderem, chutaremos as suas.

Tentando piorar as coisas ou facilitá-las, o Prefeito disse:

— O que são nádegas, Superego?

Afaguei minha nuca e senti que, se levasse adiante o desafio, minhas nádegas iriam para o espaço.

— Nádegas são o seu traseiro.

— O quê? Você colocou meu escapamento em risco. — E soltou gases, o que foi interpretado pelos universitários como sinal evidente de medo.

Acharam uma mamata a proposta feita pelos andarilhos. Pensaram que vencê-los seria como tirar mamadeira de bebê.

Sem titubear, disseram em coro:

— Topamos. Mandem as perguntas.

Respirei fundo e comecei o bombardeio de questões:

— Quem foi Immanuel Kant? Qual o pensamento central de Montaigne?

Ouviram falar de Spinoza?

Deram um passo para trás. Franziram a testa. Não sabiam responder. Começaram a ficar tensos. Cochicharam uns para os outros: “De onde esses caras tiraram esses nomes?”. Vendo-os abatidos, começamos a metralhá-los:

— Conhecem a história dos fenícios, dos hebreus e dos persas? Conhecem o mundo minoico, o mundo micênico, o período homérico?

Os universitários ficaram embasbacados. Começaram a se entreolhar e a suar frio. Não esperavam que andarilhos tivessem cérebro e ainda mais que os questionassem desse modo.

Também fiquei surpreso, mas sabia que Boquinha de Mel havia lido na noite anterior um velho livro de história da biblioteca do Mestre no Viaduto Kennedy, nossa “casa de veraneio”. Fora os livros que eram recomendados pela escola e que muitos não liam, a maioria desses jovens não lia quase mais nada.

Era a geração Harry Potter, a geração dos desejos rápidos, que queria tudo num passe de mágica. Como militares de alta patente, exigiam que seus pais fossem seus serviçais. Eram ótimos para reclamar, mas péssimos para agradecer. Não tinham garra, gana, capacidade de competir para sobreviver no sistema. Usavam a internet, mas sua cultura era tão rasa como a de uma poça de água. Tinham asco pela história e pela filosofia. Não sabiam que para enxergar o futuro eram necessários os olhos da história.

De repente Dimas, o vigarista do grupo, abriu a boca e desmontou a todos, inclusive a mim. Perguntou:

— Por que as ações das bolsas de valores derreteram no mundo? Sabem o que é uma hipoteca *subprime*? — Para mim, Dimas não tinha cultura para formular essas questões, mas todos nós seguíamos um homem que, embora fosse miserável, lia muito. Ao vê-lo devorar jornais e livros nas praças e debaixo de viadutos, os seus incultos discípulos pouco a pouco refinavam seu paladar pela leitura. Havia alguns dias eu tinha visto Dimas lendo o caderno de economia de um jornal, mas, sinceramente, achava que ele não estava entendendo bulhufas.

Para completar a tremedeira dos universitários, Edson, o teólogo do grupo,

veio com esta:

— Sabem o que é a Faixa de Gaza?

Depois de pensar, um jovem arriscou:

— Por acaso é um tipo de torta ou hambúrguer?

Não se preocupavam em saber algo mais sobre os conflitos entre palestinos e judeus. Então o Prefeito concluiu:

— Desculpem-me, amigos, parece que vocês estão no mundo, mas são de outro mundo.

— Gostei, Prefeito — afirmou Boquinha de Mel. — São ETs debochando de ETs. Bom, mas vamos ao nosso acordo. Virem o traseiro.

Os universitários foram saindo de marcha a ré, colocando as mãos nas nádegas. Mas Boquinha de Mel, lembrando-se do Mestre, disse-lhes:

— Não, não vamos chutá-los. Os fracos usam a força, os fortes, as ideias. O futuro do mundo depende de vocês e não de nós, andarilhos. Foi uma honra conhecê-los.

E toda a turma os cumprimentou fraternalmente. Eram ricos; nós, pobres, mas tínhamos o invendável. Os jovens saíram emudecidos e logo se dissiparam uns dos outros. Fixos nesses fatos, não dormiram à noite. Alguns repensaram seu papel como consócios da sociedade. Começaram a comprar o sonho do pensamento crítico. Começaram a enxergar além dos limites da imagem.

Todas essas experiências me levaram a fazer descobertas que me constrangeram. Entendi que não apenas alguns grupos de jovens são preconceituosos e exclusivistas, mas determinados grupos de intelectuais também o são, em especial alguns adeptos radicais de certas teorias psicológicas, sociológicas, econômicas. Formam as castas dos “ianos”, como os piagetianos e os junguianos, ou dos “istas”.

Eu pertencia ao time dos “istas”, era um socialista ferrenho. Enxergava muito pouco além da teoria que abraçava. Só depois que comecei a andar com o Vendedor de Sonhos e conviver com esse polêmico grupo de amigos é que abri o leque da minha mente, rompi barreiras. A duras penas, tenho aprendido que os piores inimigos de uma teoria são os que aderem radicalmente a ela, que não têm coragem para filtrá-la ou reciclá-la.

Sabia falar como poucos sobre as ideias de Marx, Engels, Hegel, Lênin, mas fazia muito pouco para mudar minha sociedade e a mim mesmo. Formava

alunos para brilhar nas provas e não para debater ideias. Não me importava se eram criativos ou livres, depressivos ou escravos das tendências. Eu era um professor engessado que criticava uma sociedade engessada.

Não estimulei meus alunos a fazer um mergulho na história e na filosofia, a ultrapassar as fronteiras da minha matéria. Fui um dos coveiros que ajudaram a sepultar a imaginação e a sensibilidade deles. Não entendia que a cultura das provas é matriz curricular pura e simples, não preveni a formação de psicopatas. Alguns psicopatas tinham altos níveis de QI.

Um dos ensinamentos que ouvi do homem que sigo e que penetrou como lâmina cortante em minha mente foi que qualquer dívida pode ser solucionável, abatida ou excluída, menos a dívida da consciência: “Quem não é fiel à sua consciência tem uma dívida impagável com seu próprio ser.”

Estou aprendendo a saldar dívidas com minha consciência. Não é fácil reconhecer minha imaturidade e falar daquilo que me envergonha. Mas fugir de mim mesmo é perpetuar minhas mazelas, é levar para o palco do meu túmulo os conflitos do meu *script*.

CAPÍTULO 17

Voando com uma asa de frango



Estávamos caminhando por um bairro da Zona Sul. Era um bairro pobre, onde habitavam classes C, D e E. O Mestre amava frequentá-lo. Tinha ali vários amigos que eram trabalhadores braçais, operadores de máquinas, motoristas, faxineiros e também desempregados. Faltavam-lhes recursos, mas muitos eram ricos em afetividade. Gostavam de repartir o pouco que tinham.

Algumas vezes nos convidavam para almoçar ou jantar. O Mestre gostava particularmente do sr. Luiz Lemos, embora nós, o afamado grupo que o seguia, não o conhecêssemos. Mais tarde constatamos que era um homem sofrido, mas alegre, equilibrado e acima de tudo singelo. Paraplégico, perdera os movimentos das pernas num acidente automobilístico. Casado com dona Mercedes, uma mulher prestativa e ágil, embora tivesse apenas uma perna, pois a outra ela perdera num acidente de trabalho.

O casal não tinha filhos, mas, apesar das suas limitações, cuidava, quando podia, dos filhos dos outros. O Vendedor de Sonhos já estivera na casa deles outras vezes. Era motivo de orgulho receber o maltrapilho. Parecia que o Mestre e o sr. Luiz Lemos eram íntimos havia muito tempo.

Certa vez, numa quarta-feira, o casal convidou todo o grupo para almoçar em sua casa. Como a casa era pequena, sem quintal, nem edícula, nem jardim frontal ou corredores laterais, e com uma sala diminuta — entre oito e nove metros quadrados —, a multidão que eventualmente nos acompanhava não participou do encontro, apenas seu grupo íntimo de discípulos.

Pegamos o metrô e, após mudar de linha duas vezes e percorrer mais de dez estações, chegamos ao bairro das Corujas, onde morava o casal de acidentados. Descemos do metrô e começamos a caminhar a pé. Havia uma

longa jornada até sua casa. Subimos uma imensa ladeira, dobramos algumas esquinas e depois de vinte minutos aportamos na dita residência. Estávamos com a língua de fora.

— Que almoço caro! — expressou, fatigado, o Prefeito. Seu corpo avantajado não admitia muito esforço. Gostava de obter comida fácil.

Boquinha de Mel, ao ver o estilo humilde das residências onde se encontrava a casa dos Lemos, comentou com bom humor:

— Como tem gente pobre neste mundo! Prefiro morar na mansão dos Kennedy. — Referia-se ao viaduto sob o qual com frequência dormíamos.

O sr. Luiz Lemos era um milionário comparado com nossa situação social. Éramos paupérrimos, não tínhamos sala nem estofados, quarto e muito menos guarda-roupa. Para segui-lo, o Mestre fazia algumas exigências. Além de aprender a reconhecer nossa estupidez e incoerências, deveríamos ter no máximo dinheiro para as necessidades do dia. Não era sem razão que alguns nos consideravam desafortunados, sem-teto, sem esperança e sem Deus no mundo. Quando dormíamos nas praças, nosso teto era um manto azul com estrelas pontilhadas. Felizmente alguns raros médicos deixavam cobertores no portamalas do carro e nas noites frias saíam procurando os moribundos para doá-los.

Os discípulos que eram abastados ficavam em casa. De manhã, tentavam nos encontrar em nossos endereços mutantes. Mas, como o Mestre não seguia uma agenda, nem sempre nos encontravam. Mônica e a professora Jurema faziam parte dos que moravam como normais, mas eram duas das mais assíduas entre os anormais. Nesse dia, estavam conosco.

A casa de nossos anfitriões não tinha *glamour*. Paredes descascadas, algumas rachaduras, janelas com pintura desbotada e ferrugem nas laterais. Teto com forro de madeira e com algumas treliças apodrecidas, e telhado com vazamentos. Na sala havia uma mesa com quatro cadeiras. O casal mal cabia no pequeno ambiente.

A porta da frente da sala era junto à calçada. Quando nos aproximamos da casa do sr. Luiz Lemos, percebemos que ele nos aguardava ansiosamente em sua cadeira de rodas. Dez metros antes de chegarmos, o Mestre já bradou sua saudação:

— Grande amigo Luiz Lemos! Como está o homem que caminha livre por onde muitos não percorrem? — E o abraçou e o beijou no rosto.

Mostrando uma reverência incomum, o anfitrião expressou:

— Não sou digno de que entre em minha casa.

O Mestre retrucou:

— Eu é que não sou digno de entrar em seus aposentos. — Em seguida, pegou nos ombros de dona Mercedes e lhe disse: — Como vai essa mulher encantadora? Que bom vê-la! — E também a abraçou e a beijou delicadamente na testa.

Tomados por imensa alegria, como se estivessem recebendo um rei e seus príncipes, disseram-nos com arroubos de júbilo:

— Que honra recebê-los em nossa humilde casa!

Nós os cumprimentamos afetuosamente. O Mestre dialogava agradavelmente com o casal sobre os últimos tempos de sua vida. Minutos depois, a SCC (síndrome compulsiva de comer) do Prefeito começou a perturbar seu cérebro. Impaciente e faminto, e, o que é pior, sem um sanduíche de reserva no bolso, seu espírito de político descarado entrou em cena:

— Honorários anfitriões desta tribo de famintos. Nós viemos aqui para conversar ou para comer?

— Para conversar! — disseram Mônica e Jurema, tentando amenizar sua impetuosidade.

— Para comer! — disseram, simultaneamente e aos gritos, Boquinha de Mel, Dimas, Salomão e Edson. Eu não sabia onde enfiar a cara e, como sempre, fiquei em cima do muro. Estava com fome, mas gostava de disfarçar meus instintos.

Dona Mercedes já tinha ouvido um pouco da fama dos capetinhas que seguiam o Mestre. Tentando tornar o clima agradável, disse:

— Vamos comer, senão a comida esfria.

Havia preparado um frango assado de pequenas proporções, uma carne de panela, uma salada de folhas e generosas porções de arroz branco para empanturrar o estômago da turba. Dona Mercedes cozinhava muitíssimo bem.

Como o espaço da sala de jantar era pequeníssimo, por sugestão do sr. Luiz Lemos colocamos a mesa dentro do quarto do casal. Deveríamos nos sentar no chão da sala. Esvaziado o ambiente, apareceu um líder.

— Eu “sugiro”, sem querer dar uma de japonês, fazermos uma fila indiana para a gente se servir na cozinha e se sentar nesta magnífica sala — disse

Bartolomeu, querendo colocar ordem no caos.

E, para mostrar sua fineza, completou:

— Dona Mercedes e o senhor Luiz Lemos são os primeiros a serem servidos.

O casal de anfitriões declinou obviamente da oferta. Então, o sr. Luiz Lemos retribuiu delicadamente:

— Por favor, vocês primeiro.

Foi aí que saquei a malandragem dos dois. Tinham preparado uma armadilha, e o anfitrião caiu. Ele e Barnabé já estavam estrategicamente posicionados na porta da cozinha para serem os primeiros a se servir. Fiquei enraivecido ao ouvir as propostas desses caras de pau, mas o Mestre se divertia com eles. Estava no paraíso. Para ele, tudo era uma festa.

Brincando, Bartolomeu disse:

— Grato pela generosidade. Que os mais atacados pelo instinto da fome se posicionem.

Fui o penúltimo dos homens a se servir; o Mestre, o último. Os dois espertos, de fato, como militares numa guerra, atacaram o franguinho. Foram direto para as coxas e ainda tiraram um naco do peito. Para disfarçar a artimanha, colocaram seus pedaços debaixo de uma montanha de arroz.

Depois Salomão, Edson e Dimas entraram para se servir. Atacaram o resto do peito e o destroçaram. Não pensaram em mim, apesar de saberem que amava um frango assado. O Demolidor se serviu, mas saiu constrangido. Não sabia o motivo. Quando chegou a minha vez, só havia os restos mortais da bendita ave. Nem o pescoço sobrara. O Demolidor tirou uma asinha e eu tirei a outra. O Mestre se serviu de salada e de alguns pedaços de carne de panela. Mônica e a professora Jurema fizeram o mesmo.

Os dois espertos esperaram, ansiosos, que todos fizessem seu prato para iniciarmos juntos a refeição. Era uma prática do Mestre. Só beliscaram o que estava por cima do prato. Todos nos sentamos, espremidos como sardinhas. Edson, o religioso da turma, estava tão esfomeado que nem fez uma oração de agradecimento; olhou para o alto e depois para baixo e começou a derriçar sua comida. Salomão e Dimas sequer piscavam os olhos. Só tinham tempo para engolir. O Mestre agradeceu em silêncio pela comida que nutria seu corpo.

Os dois badernistas começaram a comer como bárbaros. Eram os selvagens

da modernidade. De repente, após iniciarmos a refeição, Boquinha de Mel parou de mastigar. Com a boca cheia, mostrou sua espiritualidade. Achei estranha sua atitude altruísta.

— Para aí, gente. Vamos agradecer pela comida àqueles que a prepararam.

O miserável fez todo mundo parar de comer. Tivemos de engolir rápido a porção que trazia júbilo às glândulas salivares. Boquinha de Mel estava tão eufórico com seu pedaço de frango que agradeceu pela comida deste modo:

— Dona Mercedes e senhor Luiz Lemos, muito obrigado por nos convidarem, espero que não seja a última vez. — Em seguida teve o descaramento de pedir que todos os presentes espetassem seu garfo no pedaço de frango que haviam pegado e o levantassem para o céu.

Tive um ataque de tosse por ter de lhes obedecer. Mas o fiz para não ficar chato. Ele e Barnabé, parecendo dois generais que, depois de vencer a guerra, levaram o mais excelente despojo, seguravam as coxas do frango com orgulho e firmeza.

Eu, ao contrário, como uma pessoa vencida nessa guerra e me sentindo o maior trouxa do mundo, levantei minha pequena, raquíta e franzina asinha. O Demolidor também ergueu a sua. Olhamos um para o outro e achamos que nos estavam chamando de burros.

Comecei a perder o apetite. Senti que até quando faziam agradecimentos os salafrários me espetavam e mostravam que meu intelectualismo não servia para nada. Descobri mais uma vez que os intelectuais são idiotas perante essa classe de espertos. Eles sutilmente dominam as empresas, as universidades, a política e até os viadutos, enquanto nós gastamos tempo pensando.

Bartolomeu fez uma oração em que reconhecia sua malandrice.

— Deus, perdoe-me por minha cobiça e muito obrigado por esse espetacular galináceo.

E, para azedar ainda mais meu apetite, o Prefeito entrou em ação:

— Amém! Que as galinhas se multipliquem na terra e que a paz encha o coração dos espertos e dos trouxas. — E fez um sinal como se estivesse perguntando se eu queria um pedaço da coxa do frango.

Dona Mercedes e o sr. Luiz Lemos se divertiam com os dois, mas se andassem com eles teriam vontade de sair correndo, mesmo tendo problemas de locomoção. Dessa vez não suportei a provocação, voltei-me para o Mestre e

disse:

— Mestre, esses dois estão me chamando de trouxa, boçal.

— Júlio César, sonho que no cardápio da existência vocês experimentem o sabor diário da tranquilidade. Quando o intelecto é livre, os alimentos ganham outro perfume. Uma simples refeição com paz é melhor do que os mais finos pratos com angústia e raiva.

Calei-me diante da sabedoria do Mestre, mas o petulante Boquinha de Mel, com sua capacidade irrefreável de falar, deu uma de filósofo de rua. Cresceu diante de mim.

— Querido Mestre, sob o alicerce dos seus pensamentos, gostaria de dizer ao grande Júlio César que, com as asinhas, ainda que pequenas, pode-se ir mais longe que com as coxas...

O Prefeito, Dimas e Salomão lhe deram os parabéns. E, usando de falsa modéstia, disse:

— Obrigado, mas sou apenas um gênio em gestação.

E sem mais delongas devoraram sua comida. Ao andar com Bartolomeu e Barnabé, não sei se eu treinava ser humilde ou se treinava conhecer os monstros da raiva e da indignação soterrados em minha história. Ou cedia menos às provocações deles e fazia da vida uma festa ou sofreria um enfarto nessa trajetória.

Quando estava prometendo para mim mesmo que nunca mais comeria asinhas de frango, lembrei-me da terapia do grito e bradei:

— Aaaahhh! Uuuhhh!

Bartolomeu e o Prefeito levaram um susto. Ambos deixaram cair suas coxas de frango no chão e, constrangidos, as fisgaram novamente. Beberam uma dose do próprio veneno.

Caí na risada. Meus amigos, em especial Mônica e Jurema, se impressionaram comigo. Rígido, nunca tinha agido assim. Pela primeira vez me senti bem com palhaçadas. Entendi que sorrir de nossas idiotices é um santo remédio contra o mau humor. Pedi desculpas para os anfitriões e, feliz da vida, voltei a comer.

O Mestre não me reprovou. Ao contrário, meneou a cabeça de satisfação. Percebeu que eu começava a aprender que com paz a vida e os alimentos têm outros temperos.

CAPÍTULO 18

Tentando assassinar o Mestre



Após a refeição e uma conversa informal, nos despedimos dos amáveis sr. Luiz Lemos e dona Mercedes. O Mestre os abraçou carinhosamente. Gostava de se despedir colando as pessoas em seu peito. Jamais vi pessoas capazes de fazer tanto com tão pouco. Viviam o código do carisma. Doar-se nutria as “células” da emoção do casal com necessidades especiais. Para não perder o rebolado, Boquinha de Mel pediu desculpas, não por si, mas pelos outros, em particular por mim.

— Desculpem se meus amigos não se comportaram bem. Mas em algumas décadas o Mestre os mudará. Por favor, toda vez que fizer um franguinho, lembre-se desta boquinha faminta.

Não sabia se Bartolomeu fazia da existência uma piada ou se tirava sarro de sua própria estupidez, o fato era que nunca perdia seu bom humor.

Quando o Prefeito ia abrir a boca para falar uma bobagem, eu a tapei, dizendo-lhe:

— Economize energia, a ladeira é longa.

Lembrando-se da fadiga para chegar até ali, dessa vez felizmente me ouviu, mas nem tanto. Dirigiu a língua para mim:

— Obrigado, meu chefe de gabinete, por cuidar de mim.

A ladeira era sem dúvida longa. Tentamos cortar caminho e fomos parar numa rua muito estreita, em que mal passava um carro. Três quadras à frente, viramos à esquerda e fomos parar numa rua sem saída. A luminosidade do sol era pouca. Tínhamos de voltar, mas de repente notamos que cinco brutamontes mal-encarados vinham ao nosso encontro. Não tínhamos percebido, mas estávamos sendo seguidos a distância por eles. Como havíamos entrado num

beco sem saída, eles se aproximaram. A vizinhança começou a fechar as janelas e portas.

Chegamos a ter calafrios. Sentimos que estávamos correndo grave perigo. A cerca de quarenta metros colocaram capuzes. Aumentaram o passo. A dez metros de distância tiraram revólveres e duas metralhadoras automáticas dos longos paletós. Desconfiamos que seríamos assassinados.

Três criminosos eram de pele branca. Dois tinham cerca de um metro e oitenta de altura e um tinha mais de um metro e noventa. O quarto era negro, não era alto, tinha cerca de um metro e setenta, mas era extremamente musculoso, cabeça empinada e peito empolado. E o quinto era baixinho, com cerca de um metro e meio, magro, atrevido, ágil, decidido, frio, parecia ter saído dos porões da máfia chinesa. Era o líder do grupo, e dava arrepios encará-lo. Pelos seus rápidos movimentos, parecia ser um mestre em artes marciais.

Apontando suas armas para nós, pediram: “Silêncio!”. Comecei a ter vertigem. Nunca havia passado por uma situação de alto risco. Os lábios do Demolidor chegaram a tremer. Mônica e dona Jurema começaram a chorar. A voz de Edson embargou. Salomão começou a ter ataque de pânico.

O chinês, vendo-nos perturbados, foi violento, impiedoso.

— Os mortos não choram. Silêncio! — Tirou uma foto do bolso, olhou para o Mestre e começou a conferir as imagens.

Olhando para seus companheiros, movimentou a cabeça, confirmando que era quem eles procuravam. Sem demora, apontaram as armas para ele e para nós. O Mestre, em uma atitude inacreditável, de quem parecia que mais cedo ou mais tarde morreria e não tinha medo de se despedir da vida, disse--lhes com sua vibrante voz:

— Mesmo um assassino tem de ter dignidade quando porta uma arma. Se querem a minha vida, por que derramar sangue inocente? — E ordenou aos seus executores: — Deixem-nos ir!

Não sei o que aconteceu, mas os assassinos ficaram inertes por segundos diante de seu vozeirão. Então, surpreendentemente o Mestre assumiu o controle e bradou para nós:

— Saíam agora!

E saímos correndo, esperando ouvir os tiros no nosso encalço. A idosa professora Jurema e Mônica corriam como lebres. Dimas parecia um leopardo.

Edson parecia que tinha asas. Salomão esqueceu que estava enfartando e disparou. O Demolidor e eu nunca corremos tanto. Mas os tiros não vieram.

Dobramos a esquina e continuamos a fuga. A cerca de duzentos metros do local fizemos uma breve parada para tomar fôlego. Estavam faltando dois discípulos, Barnabé e Bartolomeu. Esperamo-los porque pensamos que, por serem mais judiados na vida e mais lentos, tinham se atrasado, mas na realidade ficaram. Ficaram para morrer junto com o Mestre. Ficaram para estar ao lado de quem amavam. Ficaram porque o Mestre era tudo o que tinham: seu pai, sua mãe, seu amigo. Eu não podia acreditar no heroísmo dos dois.

Desesperados, queríamos sair daquele labirinto e encontrar ajuda, informar a polícia. Nossos amigos nos acompanharam. Mas o Distrito Policial parecia longe. Pedimos ajuda para algumas pessoas, mas tinham medo de uma chacina, tinham medo de ser identificadas. Tinha medo de retaliações. Continuamos apressados, mas sabíamos que nossa pressa seria inútil. A execução seria rápida.

Supercansado, parei. Comecei a chorar. Não podia aceitar a ideia de que o Mestre seria assassinado sumariamente. O homem que me resgatou do suicídio e me fez apaixonar-me pela vida seria metralhado sem piedade. Como ele diz: “Encenamos nossa história como atores eternos no teatro do tempo e subitamente encerramos a peça como se não tivéssemos atuado.” Estava desolado. Comecei a me sentir culpado por não ter feito nada por ele como ele fizera por mim.

Os discípulos que mais lhe davam trabalho foram os mais fiéis. Comecei também a me entristecer porque participaria do velório de Bartolomeu e Barnabé. Senti um vazio inextinguível. Não conseguia me imaginar sem seu humor e peripécias. Ambos me atazanavam, mas coloriam minha tediosa e sufocante existência. Jamais imaginei como sociólogo que andarilhos andariam pelos recônditos do meu ser e se tornariam parte de mim.

Enquanto eu e meus amigos chorávamos como crianças, os assassinos terminavam a tarefa. Apontaram as armas para os três. Não teriam chance alguma. Quando iam apertar o gatilho, o Prefeito interveio.

— Um momento, seu presidente. Deixe-me dizer as últimas palavras — disse, exaltado, para o chinês. Este, surpreendido, ficou estático. Petulante, agradeceu: — Obrigado, bondoso assassino. — E, virando a face, disse: — Mestre, você me abraçou, acreditou e investiu em mim. Foi mais que um pai. É

uma honra morrer ao seu lado. Boquinha, você me perturbou durante muitos anos, mas foi meu irmão. — E em seguida enxugou as lágrimas e fez um pedido para seus assassinos: — Podem me matar, mas nos enterrem juntos no mesmo caixão.

Ouvindo isso, Boquinha de Mel esqueceu que estava sob a mira de revólveres e metralhadoras e teve ânimo para o último embate com Barnabé.

— Calma aí, Prefeito. Juntos, não! Foi difícil te suportar nesta vida. — E fitando seus assassinos não fez um pedido, mas deu uma ordem: — Podem meter bala, mas exijo um caixão só para mim.

Os assassinos nunca depararam com vítimas com tal comportamento. Queriam se concentrar no serviço, mas não conseguiram deixar de elaborar esta pergunta: “De onde saíram esses caras?”.

Quando iam atirar, foi a vez de o Mestre intervir. Como se estivesse brincando, e não na iminência de ser morto, comentou:

— Não acredito que esses bananas vão nos matar sem se divertir. — E começou a pular como um pato de Pequim tentando imitar um especialista em lutas marciais. De repente, tropeçando nas próprias pernas, caiu.

Os quatro brutamontes fungaram. Vendo que o Mestre era desajeitado para lutar, Bartolomeu e Barnabé lembraram-se de quando, dias atrás, ele num rápido golpe havia tirado o revólver do homem que ia atirar nele à queima-roupa. Perceberam que aquilo tinha sido um golpe de sorte.

Apesar do atropelo do Vendedor de Sonhos, Bartolomeu cresceu ao vê-lo chamando os criminosos para a briga.

— São cinco bundões. — E, dando as costas para o chinês, provocou sua dignidade. — E o mais baixinho parece um maricas! Porque tem uma metralhadora, pensa que é valente. — E caiu na risada.

Os executores estavam acostumados a assassinar, mas em toda a história de crimes jamais viram três pessoas prestes a ir para um túmulo ser tão debochadas, zombeteiras, atrevidas, abusadas, prepotentes. O chinês começou a ter um ataque de raiva. Teve vontade de abandonar a arma e sentir o prazer de dar umas porradas, mas ficou firme. Tinha de cumprir a missão.

Quando ia começar a atirar, o Prefeito atacou primeiro. Foi mais longe. Embora fosse gordo e desajeitado, deu mais uma punhalada no chinês e no brutamontes negro. Eram os dois que estavam com as metralhadoras. Eram o

primeiro e o segundo líderes.

— Esses caras são meninas. Sem armas, eu os faço beber água da privada.
— E começou a fazer sua desastrosa *performance* de boxeador e chamá-los para a briga. — Experimentem meus punhos, seus bananas!

O Prefeito começou a dar alguns pulinhos e socos no ar. Um assassino branco deu risada do desajeitado. Animado, o Prefeito continuou a desferir golpes direcionados para os cinco assassinos. Subitamente virou-se para o lado e acertou sem querer o queixo do Mestre. Este caiu desmaiado. Preocupado, ele comentou:

— Matei o Mestre. — E, tentando ajudá-lo a levantar, não aguentou e caiu por cima dele, como fizera com seu Jerônimo.

Os assassinos deram risadas contidas. Perceberam que eram trapalhões, fraquíssimos, balofos, capazes de se matarem sozinhos.

Boquinha de Mel deu uma bronca no Prefeito:

— Você é que é um desastre humano. Um bunda-mole. Nunca matou um rato e quer enfrentar esses caras. Isso é coisa para macho. — E, voltando-se para os assassinos, novamente os provocou: — Soltem os punhos e depois soltem as balas, seus maricas.

Os cinco não tiveram dúvida. Antes de matá-los poderiam libertar a raiva acumulada e se divertir um pouco. Estavam doidos para dar alguns murros e chutes nesses insubordinados. E foi o que fizeram.

— Esperem aí! Deixem a gente se posicionar — disse o Mestre, tentando se equilibrar.

O Mestre e Boquinha de Mel ficaram lado a lado. O Prefeito, covarde, se escondeu atrás deles e, fazendo o sinal da cruz, falou para os dois:

— Vocês começam e eu termino o serviço!

Foi uma luta violenta, completamente desigual. Os cinco criminosos começaram a bater no Mestre e em Bartolomeu. Eles os esmurraram, depois os atiraram no chão e começaram a chutá-los sem compaixão.

Percebendo que ia morrer de hemorragia, o Mestre voltou no tempo e, em seu imaginário, viu seus filhos, abraçou-os e beijou-os. Parecia que estavam vivos e lhe suplicavam que não desistisse de vender sonhos, em especial o sonho da vida. Mas seus agressores o feriam sem piedade. O destino estava selado. Fecharia o último capítulo da sua borbulhante história.

CAPÍTULO 19

Risco de morrer



O Mestre tentava se proteger, mas era inútil. Sua face sangrava muito. Seus olhos estavam com hematomas e edemaciados. Suas córneas recebiam o suor e o sangue que escorriam de sua sobranalha aberta, gerando uma visão turva. Com o tórax traumatizado, mal conseguia relaxar a musculatura intercostal e inspirar. A violência dos socos no crânio abalou seu equilíbrio, diminuiu sua consciência e produziu vertigem. Nesse momento, ele olhou para Bartolomeu e também o viu sendo espancado ao chão. Sangrava pelo lábio superior e pelo inferior. O Prefeito, como animal acuado no canto da parede, agachou e protegeu o rosto. Mas não adiantou, já começara a ser espancado. Iam morrer, e por sua causa. Não era justo.

Em uma fração de segundo passou pela sua mente o rosto de cada discípulo. Amava-os. Quando parecia que se entregaria, a imagem dos seus filhos, de Bartolomeu ferido e dos demais discípulos gerou em seu cérebro uma erupção, como um vulcão expelindo lavas de indignação. Resgatou a teoria das vírgulas. Precisava comprá-las. Poderia ter hemorragias e politraumatismo, mas não se abandonaria. Poderia morrer, mas não antes de lutar pela vida.

Nesse momento singular, o Mestre e Bartolomeu se entreolharam e se fortaleceram. Quando o chinês e o negro lhes chutaram o abdômen, ambos reagiram de forma surpreendente. Num lance rápido, pegaram os pés dos seus agressores, deram--lhes golpes e começaram a derrubá-los.

Levantaram-se como valentes e posicionaram-se como peritos em artes marciais. Na realidade, ambos haviam sido excelentes lutadores no passado, mas ninguém sabia. Mais tarde ficamos sabendo que o Mestre fora um grande lutador de caratê na juventude, tendo atingido os níveis mais elevados entre seus pares.

Boquinha de Mel, por sua vez, fora um grande especialista em jiu-jítsu antes de ser derrotado pelo alcoolismo.

O Prefeito era um desastre como lutador. Não era especialista em nada, a não ser em falar. Nunca calçara uma luva de boxe. Era capaz de se matar lutando. O Mestre e Bartolomeu haviam prometido para si mesmos que venderiam sonhos numa sociedade violenta sem usar a força. Mas era uma ocasião especial. Tinham de escolher entre a vida e a morte, entre o sonho e o pesadelo. Bilhões de neurônios entraram em estado de alerta, levando-os a lutar como valentes.

Golpearam com maestria aqueles assassinos. Usavam os pés e os punhos: os pés contra o peito dos agressores e os punhos contra a face. Estes ficaram impressionados. Nunca tinham visto pessoas tão fortes e decididas. Se tivessem oportunidade, voltariam atrás e os matariam a bala, sem piedade.

O chinês tentou voar com os pés no pescoço do Mestre. Com habilidade, este saiu do golpe e o golpeou no tórax. Aos poucos, ele percebeu que o andarilho lutava melhor do que ele. E a luta prosseguia. Os agressores perdiam terreno a cada minuto. Dois deles estavam quase desmaiados, um ao lado do Mestre e outro ao lado de Bartolomeu.

Na confusão, o Prefeito escapou, pegou as armas e as jogou atrás do muro, na lateral esquerda. Não pensou em rendê-los, pois tinha pavor de armas e nem sequer sabia como apertar um gatilho. Vendo a atitude do Prefeito em livrar-se das armas, o chinês socou-o no rosto, mas subitamente ele foi socorrido por Boquinha de Mel. Ao levantar a cabeça, um tanto confuso, esbravejou com seu amigo:

— Não seja banana, Boquinha. Encha o chino de porrada.

O Mestre deu suporte para Bartolomeu, mas, socado na região lombar pelo negro, ficou desguarnecido diante do chinês, que, por sua vez, o socou no tórax direito várias vezes. Mas, retomando o controle, o Mestre lhe deu golpes surpreendentes, levando-o a pensar: “De onde vem sua força descomunal? Onde ele aprendeu a lutar? Que força motivadora o mantém em pé?”.

O Prefeito, vendo que os dois amigos davam conta da luta, sentou-se num banco de madeira e começou a dar ordens: “Pegue esse!”, “Pegue aquele!”, “Enfie a mão na cara daquele!”, “Bata mais forte!”.

O terceiro homem branco também foi abatido. A luta ficou homem a

homem, o chinês com o Mestre e o negro com Boquinha de Mel. Mas, vendo o chinês a audácia do Prefeito em dar ordens, deixou o Mestre por instantes e foi ao seu enalço. Fugindo assustado, o Prefeito gritou:

— Sai para lá, meu irmão! — E de costas, correndo, adicionou: — Voe no chino, Mestre!

O Mestre não o agrediu por trás. Bateu nas costas do chinês e começou a mostrar toda a sua habilidade. Protegia-se dos golpes dele com facilidade. E, num lance súbito, socou-lhe o abdômen e deu-lhe um golpe na face direita. O chinês tombou no solo. O Mestre pulou em cima dele. De olhos abertos, o assassino esperou o golpe fatal, mas, fitando-o, o Mestre recuou o punho direito e foi ajudar Boquinha de Mel contra seu agressor. Antes de abatê-lo, um alívio: ouviram-se as sirenes da polícia a duas ou três quadras do local.

Temerosos, feridos e fragilizados, os agressores, como se tivessem obtido permissão dos vencedores, ajudaram-se mutuamente e pularam o grande muro na lateral direita. Bateram em retirada como cachorros sem dono. Eram profissionais do crime, não podiam correr o risco de ser presos.

— Sai, cambada. Iuhu! Somos o máximo — cantou vitória o Prefeito.

Os policiais não chegaram ao local. Estavam ali para outro tipo de ocorrência. Os três amigos saíram um apoiado no outro. Por incrível que pareça, Boquinha de Mel, sem perder o bom humor, tal como fizera quando tinham sido socados pelo Demolidor no Monumento à Independência, perguntou novamente:

— Prefeito, estamos vivos ou no céu?

— Se estamos no céu, não sei, mas acabamos de sair do inferno — respondeu, aliviado.

O Prefeito, embora fosse o menos ferido, fazia corpo mole. Estava no meio dos dois e jogava seu corpo avantajado sobre eles para ser carregado.

Boquinha olhou para o Mestre e disse:

— Chefinho, nunca vi alguém tão ágil. Onde você aprendeu a lutar?

— Por aí. Mas estou fora de forma. E você?

— Iniciei no orfanato, tive aulas com um japonês que era voluntário na instituição. Depois numa academia. Mas isso foi antes de me tornar alcoólatra e cair no mundo.

O Prefeito, folgado, não quis ficar para trás. Apesar de ser um desastre para lutar, ainda teve ânimo para contar vantagem. Cambaleante e apoiando-se neles,

expressou:

— Fui professor de boxe. Mas estou magoado, Mestre.

— Por quê, Barnabé?

— Boquinha ficou na minha frente protegendo os malandros. Se me deixasse livre, eu teria feito salsicha desses caras. — E reclamou de dor: — Ai! Ai! Atropelaram minha barriga.

Boquinha de Mel contrapôs-se ao Prefeito, dizendo-lhe:

— Ah, seu miserável! Queria que aquele chinesinho que mais parecia um enxame de abelhas pegasse você? Ele faria salsicha das suas tripas. — E, reclamando da dor no tórax, acrescentou: — Ah, chinesinho do inferno!

— *Qué pasa, hombre?!* Você não viu o que fiz com o chino? Virei uma pirueta e dei-lhe um sopapo. Nem se pegar um avião acertará o rumo de casa — disse ele se gabando.

E iam caminhando e se apoiando. Boquinha de Mel, em vez de perder o humor, contou uma piada para zombar do Prefeito.

— Chefinho, e por falar em avião, você sabia que certa vez o Prefeito estava voando a bordo de um Boeing com muitos políticos? Aos berros, surgiu um sequestrador dizendo que todos deveriam ficar quietos senão ele explodiria o avião. Bush ameaçou o sujeito para que desistisse do sequestro. Não conseguiu. Um político latino-americano disse que chamaria a esquadra russa. O sequestrador não se intimidou. Muitos outros fizeram tentativas frustradas. Fora de si, ele acionou o detonador da bomba que estava em sua mão. E disse: “Se mais alguém abrir a boca vamos todos para o espaço”. Mas, desobedecendo à ordem, o Prefeito entrou em ação. Destemido, aproximou-se do sequestrador e quinze segundos depois — e botou a mão direita na cabeça do Prefeito — este homem resolveu a parada. O sujeito pulou de paraquedas junto com a bomba.

O Prefeito ficou felicíssimo com a história. Pensara que ela o exaltara como notório líder.

— Sim, Mestre, resolvi a parada! Os grandes homens usam o gogó. Mandei para o espaço o cafajeste — falou o descarado. Mas, intrigado, o Mestre perguntou:

— Como você fez isso, Barnabé?

— Bom, não foi difícil. — Mas, como não sabia explicar como se sagrara vitorioso, saiu-se com esta: — A humildade me impede de falar dos meus

grandes atos. Deixo o Boquinha contar.

— Realmente muito simples, Mestre. Barnabé cochichou no ouvido do sequestrador: “Olhe aqui, amigo. Se porventura eu não morrer, vou te procurar em qualquer lugar do mundo, nem que seja no inferno. E onde você morar, vou me candidatar a prefeito e levar essa turma toda para me assessorar”. Em pânico, o terrorista preferiu cair fora a se arriscar.

Após contar sua anedota, Bartolomeu caiu na risada. Em seguida, colocou a mão na cabeça e expressou:

— Ai! Ai! Ah, chinesinho dos infernos!

O Prefeito, indignado, retrucou e repetiu a sua famosa frase:

— Mestre, diga para esse homem de cérebro pequeno que a inveja corrói a alma. Lembre-se, Boquinha, de que há dois tipos de eleitores: os que não me conhecem...

Mas Boquinha completou a frase por ele:

— ... e os que o conhecem e pulam do avião. — E novamente caiu na gargalhada.

E continuaram a andar e a brincar, embora estivessem feridos e, até certo ponto, desfigurados. Desde que o *Homo sapiens* pisou nesta terra, a dor bloqueia a racionalidade. Mas esses dois baderneiros usavam a alegria para desbloqueá-la, colocavam no mesmo cardápio a dor e o bom humor. Tinham muitos erros e viviam à margem da sociedade, mas faziam da vida o espetáculo dos espetáculos. Riam das suas bobagens e achincalhavam as suas próprias loucuras.

Quando vimos, ao longe, três moribundos vindo ao nosso encontro e descobrimos que eram o Mestre, Bartolomeu e Barnabé, mutuamente se apoiando, entramos em estado de êxtase. Não podíamos acreditar que estavam vivos. O júbilo voltou e refrescou nossas emoções angustiadas. Mas ao mesmo tempo ficamos abalados. Estavam sangrando nos lábios e supercílios. Tinham edemas orbitários e hematomas faciais e no tórax, em especial o Mestre e o Prefeito. Precisávamos levá-los com urgência ao hospital mais próximo. Poderiam ter sofrido fraturas e hemorragias internas.

O Prefeito, dominado pela síndrome compulsiva de falar, logo que nos encontrou começou a contar vantagem. Embora estivesse fadigado, sua língua estava intacta.

— Gente, dei tanta porrada que os caras urinaram nas calças. — E,

revelando valentia, mostrou subitamente seu principal golpe. Levantou o punho direito e, não percebendo que Bartolomeu estava ao seu lado, acertou-o no queixo. Bartolomeu, frágil, não suportou e desmaiou. Mais uma vez assustado, o Prefeito disse: — Meu Deus! Matei o Boquinha!

Tivemos de carregá-lo até um lugar arejado. Na verdade, o malandro fingiu estar desmaiado só para ser carregado. É a vida! Todos os heróis têm seu lado vilão!

CAPÍTULO 20

Convivência perigosa



A convivência com o Mestre estava se tornando complicadíssima. Nossa mente não se cansava de indagar por que queriam assassiná-lo. Vingança? Mas que mal poderia ele ter feito? Queima de arquivo? Mas que segredos esse homem desprendido do poder podia esconder? Ele denunciava as loucuras do sistema, mas não atacava as pessoas. Será que o consideravam um revolucionário, um perturbador da ordem social? Mas, se o consideravam assim, por que não o processavam em vez de eliminá-lo?

Nossa mente era colocada num insolúvel suspense. Tínhamos inúmeras perguntas com respostas entrecortadas. Éramos caminhantes cujos pés se apoiavam no solo das hipóteses e não das certezas. Não sabíamos plenamente a identidade de quem seguíamos nem que forças conspiravam contra ele. Comecei a ficar paranoico, a ter neurose de perseguição, nos dias que se seguiram. Comecei a olhar obsessivamente os estranhos, mesmo pessoas generosas, e a enxergar possíveis assassinos disfarçados.

Bartolomeu e Barnabé começaram a perceber que seguir o Vendedor de Sonhos não era sempre uma festa. Nessa jornada, três caminhos delineavam-se: sermos exaltados pelas suas brilhantes ideias, debochados pela virulência com que denunciava a sociedade e feridos ou até mortos. Segui-lo tornou-se uma experiência sociológica fascinante e temerária. Temendo pela nossa integridade, mais uma vez o Mestre evidenciou que era melhor nos separarmos. Nós rechaçávamos essa possibilidade. Mas até quando e até que ponto levaríamos adiante essa chama? Não sabíamos.

Não éramos uma religião, uma seita nem uma sociedade secreta. E muito menos tínhamos pacto de sangue. Éramos livres para ficar e partir. Mas um

poético amor entremeava nossa amizade. Éramos amigos que aprendiam, pelo menos um pouco, a caminhar dentro de seu psiquismo, a debater os mistérios da existência e a reciclar a neurose de poder. Éramos sonhadores que queriam vender o sonho de uma emoção livre, embora a nossa mente em muitos momentos se sentisse encarcerada.

O Demolidor ficou envergonhado por não estar com Bartolomeu e Barnabé no momento em que mais precisavam. Mais uma vez o instinto de sobrevivência falou mais alto do que o fenômeno da solidariedade. Mas eles não lhe cobraram nada. Tinham aprendido a se doar sem a compensação do retorno, sonho que eu ainda precisava comprar, lição que estava longe de aprender. Esperei muito, recebi pouco, adoeci muito.

Dos três, o Mestre era o que estava mais ferido. Era ele que deveria ser assassinado, e fora ele o mais atacado. Tinha um hematoma no olho esquerdo. Seu supercílio esquerdo e seu lábio apresentavam cortes visíveis.

Preocupados com a hemorragia, a infecção e possíveis fraturas, levamo-lo ao hospital de mais fácil acesso: o portentoso Hospital Mellon Lincoln. Embora fosse um grande hospital particular, o mais pomposo e equipado da cidade, tinha uma ala para pessoas desfavorecidas. Éramos carentes.

“Cada anoitecer deve trazer seu próprio descanso e cada amanhecer, suas próprias preocupações.” Essa era a palavra de ordem do homem que eu seguia.

O nome do hospital não me era confortável porque se tratava do nome do pai de um dos líderes mais importantes da nação, Mellon Lincoln Filho, homem que nunca conheci pessoalmente, mas cujo poder e influência eu criticara em sala de aula. Era um empresário riquíssimo, e suas raízes se estendiam até sobre minha universidade. Mas seu poder eram águas passadas. O pai, Mellon Lincoln, estava morto, e Mellon Lincoln Filho também. Foram-se as vidas e ficaram os nomes.

Na entrada do magnífico hospital, o Mestre esbarrou em dois homens trajando ternos impecáveis. Eram o presidente da instituição e o diretor financeiro. Vendo que havia esbarrado em um mendigo mutilado, o presidente não teve compaixão, mas asco. Começou a limpar o pó do seu paletó Valentino. Ao ver uma mancha de sangue, ficou inconformado. Num ataque de nervos, arrancou subitamente o paletó. E, chamando uma faxineira que estava ao seu lado e que havia apenas alguns dias começara a trabalhar na instituição, ordenou

com rispidez:

— Incinere-o.

A faxineira perguntou:

— Mas quem é o senhor?

— Como, você não me conhece? Sou o presidente — disse-lhe, saturado de arrogância.

Nesse momento, os olhares do Mestre e do presidente se cruzaram. O presidente ficou como que anestesiado por alguns segundos. Seus olhos não piscaram, sua pupila fixou-se no homem que nele esbarrara, que trajava um velho paletó azul dos tempos da brilhantina, em que faltavam os três botões, e uma camisa branca rasgada na gola e borrada com manchas de sangue. O rosto do Mestre parecia-lhe fantasmagórico, e não apenas pelas feridas e pelos trajes enodoados que vestia. Hesitante, o presidente disse-lhe:

— Parece que eu o conheço.

— Como você me conhece se nem eu mesmo me conheço? — disse o Mestre sem rodeios.

A resposta do maltrapilho arejou a mente do presidente da instituição. Um pouco mais pausado, disse:

— Agora me lembro. Conheci alguém muito importante que tinha alguns dos seus traços.

— Todo homem é importante.

O presidente olhou o Mestre de cima a baixo, viu suas feridas e, em vez de se compadecer, comentou:

— Ele tinha a sua intrepidez. — E, revelando uma dívida com o homem que recordara, acrescentou: — Mas felizmente está morto.

— Há muitos vivos que também estão mortos — retrucou o maltrapilho.

Com um olhar altivo diante de um miserável, o presidente só então perguntou o nome do Mestre. Seu tom de voz era destituído de simplicidade.

— Qual é o seu nome?

Após uma pausa e uma longa inspiração, disse-lhe o Mestre:

— Sou um pequeno vendedor de sonhos.

O presidente achou estranhíssima a resposta. Em seguida viu Bartolomeu e o Prefeito feridos, passou os olhos pelo resto do grupo e não teve dúvida em sentenciar:

— A ala de psiquiatria é ao fundo, do lado esquerdo, e a dos mendigos é do lado direito.

O Prefeito estendeu a mão para lhe agradecer; não havia entendido a arrogância do presidente. Mas este se recusou a cumprimentá-lo. E, dando-nos as costas, saiu com frieza, sem mostrar resquícios de sensibilidade. Para o homem que dirigia o mais importante hospital da cidade, não éramos humanos, mas animais que precisavam de veterinários e de doses elevadas de misericórdia.

O Mestre sempre nos dissera que a maioria dos homens está despreparada para ter qualquer tipo de poder. O presidente do Mellon Lincoln era um deles, tornara-se um deus. Quando estava dez passos à nossa frente, o intrigante homem que eu seguia chamou-o pelo nome:

— Lúcio Lobbo!

O presidente virou-se subitamente e arregalou os olhos como se estivesse num filme de terror. O Mestre repetiu seu nome e deu-lhe uma recomendação:

— Lúcio Lobbo, a humildade é o alicerce dos sábios, e o orgulho, a coluna dos débeis.

Desesperado, o presidente apressou os passos e, como olhava para trás, trombou num carrinho que portava medicamentos e alguns aparelhos médicos portáteis. Foi tudo para o chão. O grande homem se levantou e, como se estivesse fugindo de uma bomba prestes a explodir, acelerou o passo.

Seu diretor financeiro perguntou-lhe:

— Mas o que está acontecendo?

— Nada. Vamo-nos daqui. Acho que estou vendo coisas.

Nenhum dos discípulos entendeu o significado desses fatos. “Como o Mestre sabe o nome do presidente?”, indaguei a mim mesmo. “Claro”, pensei, “o Mestre é muito observador, deve ter visto o nome dele em seu crachá. Mas não vi crachá algum”, lembrei. Como ele devorava jornais que achava no lixo, à luz de velas, sob os viadutos, certamente lera algo sobre o presidente da instituição. Preocupado em aliviar os traumas do Mestre e de Bartolomeu, extraí essas questões do meu cenário mental e fui procurar ajuda. Sentimos que o Prefeito estava bem, não precisava de assistência.

Após duas horas na fila, eles foram atendidos sem afeto, sem altruísmo, sem gentileza, como miseráveis que tinham de ajoelhar em agradecimento pelo privilégio de ser atendidos gratuitamente. O médico não lhes dirigiu uma palavra

de conforto. Nem sequer perguntou a causa dos traumas. Não tinha tempo. Pensou que o Mestre e Bartolomeu eram violentos e estavam sofrendo as consequências da sua agressividade. A enfermeira que o assistia era mais generosa.

Após examinar o Mestre e lhe dar alguns pontos mesmo sem a anestesia pegar direito, o médico começou a examinar o tórax de Bartolomeu. Mostrava impaciência e indignação, como se estivesse fazendo o maior favor do mundo, mas sem vontade. Recebia menos pelo serviço na área de filantropia do que pelos pacientes particulares ou conveniados. Observando sua insensibilidade, o Mestre comentou:

— O que o faz ser impaciente? Você está tratando de um ser humano fascinante.

— Sim, sou um ator de cinema — disse Boquinha de Mel em tom jocoso.

O médico foi agressivo diante da sutil crítica do Mestre. Atacou-o:

— Quem é você, mendigo, para dirigir a palavra a um doutor? — Em seguida sussurrou para a enfermeira: — Não aguento esses andarilhos. Não têm dinheiro, mas são atrevidos.

— Você é um doutor, estudou psicologia, mas por que age como se a desconhecesse? — emendou o Mestre.

Inconformado em ser confrontado, o médico novamente reagiu e foi mais longe:

— Olhe aqui, mendigo, vocês são um peso para a sociedade e um peso para este hospital.

— O dono desta instituição, Mellon Lincoln, não deu condições para os médicos tratarem os maltrapilhos com o mesmo cuidado que os abastados? Esse homem falhou muitíssimo, foi indigno do seu poder.

— O quê? Quem é você para criticar o proprietário deste hospital? Que atrevimento é esse? Olhe para sua mísera condição.

Após a risada sarcástica, o médico encerrou sua rápida consulta e os enxotou do consultório. Deu-lhes uma carta para que procurassem o serviço de psiquiatria.

— Que bom, vou visitar meus parentes! — disse, irônico, Bartolomeu, expressando que já fizera vários tratamentos sem solução.

Após sairmos, vimos a enfermeira chamar o médico de lado e lhe dizer:

— Doutor, esse é o homem que tem agitado a cidade.

— É ele? Não acredito. Falávamos sobre ele outro dia. Mas por que você não me disse antes?

Sentiu que perdera a oportunidade de explorar a mente de um homem revolucionário. Sim, deixara escapar a oportunidade de comprar alguns sonhos. Continuaria a chafurdar na lama do seu pequeno mundo.

CAPÍTULO 21

Dez minutos para silenciar a vida



Estávamos saindo do hospital e atravessamos o saguão central. De repente, duas pessoas de roupas brancas, com estetoscópio pendurado no pescoço, nos trataram com a maior atenção. Perguntaram se tínhamos sido bem atendidos e pediram desculpas por eventuais transtornos. Olharam para o Mestre e, sem lhe pedir licença, auscultaram sua região lombar e depois seu tórax esquerdo. E, sem margem de insegurança, disseram que ele precisava de outros cuidados. Examinaram Bartolomeu e o Prefeito e disseram que estavam bem.

Insistiram em que o acompanhássemos. O Mestre queria ir embora; Mônica e a professora Jurema pediram que completasse os exames. Ele estava resolutivo em partir. Então, o comilão da turma entrou em cena:

— Estou fraco, se não comer algo vou desmaiar. — E começou a ter supostas vertigens.

— Claro, senhor. Prepararemos uma refeição para o senhor e para todos os que quiserem — disseram com a maior gentileza.

— Vamos cuidar da sua saúde — falou o Prefeito. Ele e Bartolomeu o pegaram pelo braço, um de cada lado, e empurraram o Mestre para a nova sala de exames e, obviamente, para as suas refeições.

Bartolomeu, Barnabé, Demolidor, Edson e outros amigos foram para outro ambiente se alimentar. Não deixei o Mestre, senti algo estranho no ar. A professora Jurema e Mônica ficaram comigo. Após o examinarem, disseram que o Mestre deveria tomar soro e pediram que eu aguardasse lá fora. Relutei e fiquei. Mônica e Jurema sentaram-se fora. Escolheram uma veia e a ligaram ao soro. Colocaram umas dez ampolas no soro dizendo que eram glicose e antibióticos. Em seguida disseram que o Mestre teria um breve período de sono,

que saíam e em dez minutos voltariam.

Desconfiado, fui até a lixeira conferir que tipo de ampola tinham aplicado no soro. Era fentanil, uma droga anestésica. “Anestésico? Não é possível!”, pensei. Apesar de não ser médico, pressenti que em poucos minutos o matariam. O Mestre já tinha fechado o soro tão logo saíram. Também estava ressabiado.

Imediatamente desconectei a agulha da sua veia. Chamei a professora e Mônica para me ajudarem e saímos apressados. Pedi que chamassem Bartolomeu, Barnabé e os demais, e deixamos o hospital com rapidez.

Ao sair, o Vendedor de Sonhos olhou para as paredes e pessoas igualmente frias que ali trabalhavam e se entristeceu. Sabia que havia exceções naquela instituição de saúde, mas pouco a pouco o dinheiro se tornara ali mais importante do que a vida.

Fomos para a velha casa, o Viaduto Presidente Kennedy. A professora Jurema insistiu em levá-lo para sua casa, mas ele não quis. Recusou o convite para ir à sua mansão porque temia mais riscos pelo caminho e não queria expô-la, nem a nós. Pediu que Bartolomeu e Barnabé fossem com ela, mas eles não quiseram deixá-lo. Aquele homem generoso tratava suas feridas e repousava sua cabeça com hematomas num lugar inóspito.

Jurema e Mônica compraram compressas e medicamentos e cuidaram dele no final da tarde. A noite chegou. E antes de se despedir de Jurema, de Mônica e do Demolidor, pois iriam para casa, o Mestre pediu-nos que nos sentássemos em círculo. Estava consternado, com o semblante abatido. Era o momento de dizer algo que o inquietava e talvez nos deixasse angustiados.

— Vocês têm sido uma fonte de alegria. Têm arejado minha emoção. Tenho aprendido com vocês, cada um à sua maneira, que vale a pena investir no ser humano. Porém é tempo de nos separarmos.

— Que conversa é essa? — indagou a professora Jurema. — Somos uma família!

— Querida Jurema, não podemos mais andar juntos. — E, tomado de comoção, nos falou: — Vocês são importantes demais para mim para que eu os coloque em risco. Não sei quanto tempo ainda viverei.

E continuou:

— Por favor, não insistam. Cada um de nós deve seguir sua jornada — afirmou o Mestre.

— Mas, Mestre, se aqui corremos perigos, vamos para outras cidades, outros estados e quem sabe outros países — disse Mônica, com lágrimas nos olhos.

— Meus inimigos são poderosos. Eles me procurarão até os confins da Terra.

Diante disso, não suportei. Dirigi-lhe a palavra e indaguei:

— Mestre, sei que você nunca invadiu nossa intimidade e jamais nos obrigou a falar sobre nossa história sem que o fizéssemos espontaneamente. Desculpe-me, portanto, por entrar na sua privacidade. Quem são seus inimigos e por que querem matá-lo?

Eu estava com a voz embargada, realmente triste de pôr um fim naquela fascinante experiência sociológica e na relação com meus amigos.

Delicadamente, ele me fitou e pediu desculpas por não querer entrar em muitos detalhes da sua história.

— Quem conhece os segredos se compromete com eles e pode ficar mais desprotegido. Por amor a vocês, alguns segredos não lhes revelarei.

Fez uma pausa e mostrou o tórax e as costas. Tinham enormes cicatrizes. E falou o que era possível dizer:

— Estas cicatrizes são as marcas de um incêndio crimi-noso em que pela primeira vez tentaram me matar. E de fato quase conseguiram. Um corpo foi achado carbonizado, e esse corpo não era o meu, mas de um homem bom, sofrido, sem família, que morava nas ruas como nós. Chamei-o para ser meu jardineiro. Tinha longas conversas com ele, conheci seus traumas e suas dores. Dei-lhe de presente um anel com as faces de duas crianças, que simbolizavam meus filhos, como sinal de agradecimento por me ouvir e me servir. Infelizmente, num dia em que estávamos tendo mais um diálogo, ocorreu uma explosão, e chamas de fogo se espalharam rapidamente por toda a casa. Meu amigo morreu, e pensaram que fosse eu. Meus inimigos se aquietaram até que descobriram que eu estava vivo.

— Mas por que querem assassiná-lo, Mestre? — insistiu Dimas.

Ele hesitou em responder. Queria que o amássemos pelo que era e não pelo que possuía. Queria que vendêssemos sonhos porque esse era o maior projeto humano e não por influência de alguém poderoso. Respondeu apenas:

— O dinheiro aproxima os inimigos e afasta os verdadeiros amigos. Não

tenho nada, e vocês insistem em ficar. Estou às portas da morte, e vocês não me abandonam. Vocês são meus verdadeiros amigos.

— Se somos seus amigos, não insista para partirmos — comentou o Prefeito, emocionado.

No dia seguinte, nas primeiras páginas dos principais jornais da cidade, saíram manchetes dizendo que o homem dócil, tranquilo, que dizia vender sonhos e denunciava que a sociedade estava saturada de violências, mostrara sua face agressiva. Sem conhecer os fatos, deturparam a imagem do Mestre, mas como ele não era escravo da opinião pública, continuou sua jornada.

Despedimo-nos e fomos deitar. A noite foi tensa; o sono, intermitente e superficial. Choveu muito, e os cobertores não nos aqueciam o suficiente. Não sei dizer se o frio que senti foi devido à queda da temperatura ambiente ou à ansiedade que circulava pelas vielas da minha emoção e reverberava nas células do meu corpo.

Acordamos várias vezes assustados. Boquinha de Mel também teve um sono agitado. Três vezes deu golpes no ar, sentindo dores pelo corpo e dizendo: “Ah, chinesinho do inferno! Eu te pego”. O Prefeito acordou no meio da noite e saiu sem que percebêssemos. Voltou rápido, às duas da madrugada, mas com algumas doses de vodca na cabeça. Não bebeu muito, apenas o suficiente para ficar embriagado. Era a sua primeira recaída desde que começara a seguir o Mestre. Fora de si, dava socos e chutes no ar como se estivesse em plena luta.

O Mestre nos pediu paciência, pois ele ameaçava fazer discursos:

— Nesta noite honrosa e apetitosa, gostaria de prometer-lhes que vou mandá-los para o inferno se não votarem em mim. — Mas, como estava cansado, logo se acalmou e foi deitar-se. Contudo, ao deitar-se, o sem-vergonha tropeçou no seu colchonete, rolou sobre ele e socou o pé fedorento na minha cara. Jamais senti tanta vontade de arrancar um pedaço do pé de alguém. — Ô Superego. Tá com fome, hein? — disse, com a voz pastosa, adivinhando minhas intenções escusas.

Sentimos que a melhor coisa a fazer era não atizar sua vontade de falar. Poderia fazer discurso a noite toda. Meia hora depois, roncava como um bode velho.

Por fim, os raios solares nos despertaram ao som de pardais, rolas e bem-te-vis, que, esquecidos das torrentes noturnas, cantavam. Pensei comigo que

somos a única espécie, entre milhões, que pensa e tem consciência de que pensa, um privilégio e uma armadilha. Sobrevivíamos a uma torrente, mas não cantávamos.

Sentado sobre seu surrado colchonete e inspirado pelo cântico dos pássaros e pelos raios solares que invadiam o viaduto, o Mestre, mesmo ferido e marcado para morrer, fez uma pequena melodia e a cantou:

— *Pensava ser imbatível.
Mas nas entranhas do meu ser
Meu heroísmo desabou,
Minha segurança se esfacelou.
E agora que me descobri
Não vou me desesperar.
Enquanto a morte eu não vir,
Como um pássaro quero extrair
De cada dia a melhor melodia.*

Dimas, tirando sua gaita, começou a tocá-la. Fizemos um pequeno sarau logo ao amanhecer. Sabíamos que íamos morrer, mas, numa existência brevíssima, queríamos aprender a extrair de cada dia a melhor melodia. O medo não desmarcou nossa festa.

Levantamo-nos famintos e logo encontramos Mônica, a professora Jurema e outros seguidores. Eram sete horas, a aurora nos encantava. Ensinamos-lhes a nova canção. Antes do café da manhã, beberam da sabedoria. Era um sábado ensolarado.

Uma hora depois, passamos na padaria do seu Gutemberg, um português de sessenta anos, receoso de pessoas que comiam e não pagavam a conta.

— Gutemberg, homem de Deus, você tem o privilégio de servir a este grupo notável de famintos — disse Boquinha de Mel, tentando engabelar o padeiro.

— Homem dos pães e das massas, quando eu assumir a liderança desta nação você será meu chefe de cozinha — emendou o Prefeito.

O português torceu o bigode com a mão esquerda e esfregou o polegar no dedo indicador da mão direita, mostrando que queria o dinheiro. Percebendo a resistência do padeiro, o Prefeito tentou aumentar o poder de barganha:

— Então você será meu ministro da Indústria! — Seu Gutemberg fazia insistentemente o sinal de que queria money. E o golpista do Prefeito aumentou a oferta: — Que tal ministro da Economia? — Mas não saiu nenhum pãozinho. Então ele apelou: — *Qué pasa, hombre?* Invista neste homem do futuro! — disse, batendo no peito como o político mais adoidado que já conheci.

Como os dois arruaceiros não tinham crédito em lugar algum, fizemos uma vaquinha para comprar nosso café da manhã. Jurema e outras mulheres que seguiam o Mestre frequentemente supriam algumas de nossas necessidades quando estavam presentes, mas o Mestre as desencorajava de trazer dinheiro acima das necessidades pessoais delas daquele dia.

O problema era que, devido ao leve mal de Alzheimer, a professora Jurema esquecia a carteira em casa. Não tinha nem dinheiro para a sua própria refeição. As mulheres se despediam do grupo quando o sol se despedia do dia.

Seu Gutemberg, embora sisudo, nos salvara uma dúzia de vezes com pães duros que não conseguira vender no dia anterior. Leite, café, manteiga e pão traziam júbilo às nossas glândulas salivares, em especial porque nem sempre conseguíamos jantar, pelo menos adequadamente. Descobri que os que acumulam riquezas podem se psicoadaptar à sua fortuna e não se deslumbrar com o pão nosso de cada dia.

Na noite anterior, comemos o resto de espaguete de um restaurante italiano que ia ser jogado no lixo. Edson, o Milagreiro, suplicando ao cozinheiro, havia conseguido uma porção de espaguete frio, pouco suculento e em quantidade insuficiente para saciar o estômago dos famintos. Os restaurantes raramente davam sobras de comida para os andarilhos com medo de contaminá-los e sofrer um processo. O sistema punia os miseráveis de diversas formas.

CAPÍTULO 22

Os piores inimigos de um ser humano



O breve aquecimento social gerado pelo encontro, na padaria do seu Gutemberg, com os demais membros do grupo nos fez esquecer os perigos que havíamos atravessado. Mais uma vez os pães duros do português salvaram o Prefeito, pois um pão fresco não era suficiente para saciá-lo. Precisava de três para forrar minimamente seu estômago.

O semblante do Mestre estava compenetrado, mas tranquilo. Após tomar seu café, saiu. Saiu, como sempre, sem nos dar a direção. Apressados, nós o seguimos. Desceu a ladeira da Rua Félix Gianette, seguiu algumas quadras à frente, virou à esquerda e, depois de mais ou menos vinte minutos, chegou a um belíssimo jardim.

As borboletas multicoloridas faziam lindas atuações sem se preocupar com aplausos. Beija-flores, sob um júbilo irrefreável, flutuavam no ar, contemplando os hibiscos antes de extrair-lhes gratuitamente o néctar. Na minha universidade havia também um imenso jardim oval, mas eu nunca gastara tempo penetrando em seus segredos. Parecia que a vida não pulsava lá, apenas na sala de aula ou na sala dos professores.

Onde só há conhecimento floresce a angústia. Pensamentos sem alegria são como uma existência sem flores. No departamento, supervalorizávamos a razão, esmagávamos a emoção. Éramos desequilibrados e especialistas em colisões. Raramente havia um intelectual que não tivesse seus inimigos.

O homem que me resgatou me ensinou coisas simples, mas fundamentais, sem as quais é quase impossível não se deprimir. Razão e emoção nunca eram dissociadas para ele. Treinava-nos a arte da interiorização, da observação, da dedução e da indução. Ensinava-nos a nos perder no micro antes de enxergar o

macro. Levava-nos dia e noite a possuir o invendável. Nossos olhos eram como a câmera de um diretor de cinema que captasse minúcias imperceptíveis aos olhos desatentos. Curtíamos penetrar na história das pessoas. Vivíamos como se estivéssemos embriagados. Vivíamos grandes emoções diante de pequenos eventos. Os famosos que nos conheciam nos invejavam.

Numa época em que os índices de suicídio aumentavam assustadoramente cem por cento a cada década, principalmente nas nações ricas, éramos malucos pela existência. Achávamos que um século eram frações de tempo para quem vivia cada momento com magnitude.

Logo que entramos no jardim, um líder muçulmano, com alguns seguidores, se aproximou do Mestre e o beijou. Queria ouvi-lo nessa manhã. Vinte passos adiante, um judeu ortodoxo, com alguns garotos, fez a mesma coisa. Queriam todos escutá-lo. Do mesmo modo, um grupo de vinte mulheres de uma instituição desconhecida estava ali para beber algumas doses da sua sapiência. E eu me perguntava: “Que homem é esse que atrai pessoas tão diferentes?”.

Durante a caminhada, o Mestre nos pediu para observarmos as árvores e nos projetarmos nas folhas secas que, desprendidas dos pequenos galhos, flutuavam sem compromisso até pousar. Ali, adubavam a terra com seu diminuto corpo.

— A função social de um ser humano é em última instância adubar a sociedade onde repousa. Viver para nós mesmos macula nosso papel existencial — comentou.

Nenhum sobressalto parecia haver diante dos nossos olhos nessa magna manhã. Mas andar com o Vendedor de Sonhos era imprevisível. Ele desacelerou o passo e se colocou atrás do grupo, olhando para baixo, compenetrado. Todo mundo parou e quis ver o que ele via, mas ninguém enxergava. Na realidade, ele observava embevecidamente as diminutas ervas entremeadas nas frestas do concreto que os passantes pisavam. Deslumbrava--se diante das pequeninas folhas arredondadas, que formavam buquês verde-escuros.

Como podia um homem sábio gastar tempo com ervas que a ninguém importavam, nem aos inspirados jardineiros? Por que diante desse público não se animava a fazer um discurso? Parecia um desperdício da sua inteligência! Mas ele não se importava com a sórdida opinião pública, nem com a nossa. Agachou

e balbuciou algumas palavras quase inaudíveis. Mas lemos seus lábios:

— Ervas heroínas. Nascem em lugares inóspitos, sem água e quase sem terra, e resistem à indiferença dos passantes. São como crianças dos becos que teimam em viver. Eu lhes rendo homenagem!

O que ele falava baixinho era passado de uns para os outros, de boca em boca, para todos ouvirem. Se os loucos falam sozinhos, o Mestre estava no ápice da loucura. Era um homem que visitava seu psiquismo e conversava com suas imagens mentais. Vendo-nos a observá-lo, levantou-se e, sem dar explicações, nos disse:

— Se o mundo estiver em guerra com você, a batalha poderá ser tolerável, mas, se você estiver em guerra consigo mesmo, será insuportável. Sem debater com seus inimigos internos, é quase impossível não construir guerras psíquicas ou sobreviver a elas.

“Que guerra é essa?”, pensei comigo. Enquanto tentava ponderar sobre esse assunto, Bartolomeu, que era especialista em reagir sem pensar, falou:

— Chefinho, sou um homem de paz. Não tenho inimigos.

— Quem dera, Bartolomeu, mas somos especialistas em construí-los, mesmo os mais saudáveis dos humanos. E os piores inimigos são os que não enxergamos ou não admitimos.

O balofo Prefeito insistiu que era um homem sem inimigos. Esquecera que na noite anterior lutara contra seu imaginário.

— Grande Mestre, sou um conci... um conci... — Engasgou nas palavras. E, esbravejando contra si mesmo, disse: — Sai, palavra descarada! — E tentou novamente, agora com sucesso: — Sou um conciliador de ideias. As encrencas que tenho são intrigas da oposição. — E olhou para mim como se eu fizesse parte do time que a ele se opunha.

O Mestre deve ter pensado: “O que estou fazendo aqui com esse bando de irrecuperáveis?”. Mas, em vez de se indignar, disse pacientemente:

— Falo de uma guerra travada por grandes e pequenos, por ricos e miseráveis. Uma guerra que tira o brilho das celebridades, o sono dos religiosos, a serenidade dos intelectuais e transforma corajosos em covardes. Falo de uma guerra que importamos do seio social ou construímos no seio intelectual.

— Será a guerra dos mundos? — perguntou Salomão, pensando no filme *Jornada nas estrelas*.

— Não, Salomão. Discorro sobre a guerra disfarçada pelos sorrisos, dissimulada pela cultura, encoberta pelos gestos filantrópicos, escondida pelo rigor da moda e dos óculos escuros.

Em seguida o Vendedor de Sonhos foi mais claro, discorrendo com argúcia que eu jamais vira sobre as mazelas vivenciadas desde que o ser humano começou a encenar a sua peça existencial no enigmático palco do tempo:

— Uns se entrincheiram contra seus medos, outros contra o excesso de euforia. Uns digladiam com suas preocupações, outros com sua alienação. Uns são assombrados por pensamentos fixos, outros por pensamentos mórbidos. Uns são abismados pelo futuro, outros pelo passado. Uns lutam contra o excesso de economia, outros com seus gastos compulsivos. Uns se atormentam com imagens mentais perturbadoras, outros com emoções angustiantes. Quem é educado para sobreviver nessa guerra? Quem é treinado para escapar ileso ou com traumas mínimos?

Ninguém, pensei. Em nenhum congresso, em nenhuma tese acadêmica, em nenhum artigo científico, vi ou li comentários mínimos sobre essa guerra sutil no psiquismo humano e sobre como se equipar para sobreviver a ela. Gastavam-se anualmente centenas de bilhões de dólares para equipar e treinar soldados para as guerras que extraem sangue, mas não se gastavam migalhas de dólares para equipar e treinar jovens e adultos na guerra que extrai o prazer, o altruísmo, a criatividade e a sabedoria.

Sabia que mais de setenta por cento dos alunos tinham ansiedade, mas era uma mera estatística, como se eu soubesse que numa população havia uma epidemia de cólera, com pessoas morrendo por todos os lados, e não fizesse nada para tratar ou prevenir essa doença. A epidemia da ansiedade era negada pela academia. Cada vez mais eu concordava com o Mestre que o sistema educacional estava doente, formando pessoas doentes para uma sociedade doente.

Eu estava doente. Tenho de admitir que fui atormentado por preocupações, atritos mal resolvidos, sentimentos de culpa, ciúmes fatais, necessidade neurótica de controlar os outros e tantos outros demônios. Enquanto pensava em minha guerra, o Mestre falava sobre a dele:

— Hoje sou um maltrapilho cujo rosto alguns já viram. Mas outrora fui um homem invejado e considerado imbatível. Todos conheciam minha armadura

exterior, mas não sabiam que eu era desprotegido no único lugar em que deveria ser seguro. Fui vencido, derrotado. Mas, quando todos pensavam que eu jamais me levantaria diante das perdas irreparáveis, reuni-me com meu próprio ser. Levantei-me das cinzas. Não destruí os fantasmas da minha mente. Meu compromisso é domesticá-los, discipliná-los.

Muitos procuram se esconder, mas meu Mestre exalava sinceridade em relação aos seus erros. Não se autopromovia, não discorria sobre suas riquezas, seu currículo acadêmico, seu status social. Falava apenas o essencial. Em seguida, o profeta da filosofia chocou-nos com estas palavras:

— Sempre lhes disse que os fracos agridem, mas os fortes são tolerantes. Os fracos excluem, mas os fortes são pacientes. Agora lhes peço que não sejam tolerantes com seus fantasmas. Lutem com todas as forças contra tudo o que lhes perturba a mente. Não há dois dominadores. Ou vocês dominam suas preocupações ou elas os dominarão. Ou domesticam seus sentimentos de culpa ou eles os tornarão seus servos. Gritem, tenham acessos de raiva contra o humor triste, os pensamentos fixos, a alienação, a compulsão. Não há gigantes. Repartam suas batalhas com seus amigos. E, se não as vencerem, procurem um especialista. A existência é preciosa demais para se confinar a um cárcere.

Foi a primeira vez que nos disse que tivéssemos acessos de raiva, não contra os outros, mas contra nossos fantasmas. Foi a primeira vez que nos recomendou que procurássemos psiquiatras e psicólogos se necessário. Pensei que os detestasse. Mergulhamos na esfera mais sublime do silêncio. De repente, o silêncio se estilhaçou. Apareceu um psicólogo de plantão:

— Gente, tenho “E”! Estou cobrando cinquentinha pela consulta — falou Bartolomeu, arrancando gargalhadas dos presentes. Sim, tinha “experiência” em aumentar os conflitos dos outros.

— Esse homem já endoidou cinco psicólogos — disse Edson sobre Bartolomeu. O Milagreiro sempre fora um religioso que nunca reconhecia seus fantasmas.

— Calúnia! Sou um homem complexo em busca de descomplicação — disse Bartolomeu efusivamente. E completou: — Quem não me simplifica se complica. — E exaltando a si mesmo disse: — Sou um gênio! Uma fera cerebral.

O Prefeito, ao ouvi-lo, sentiu-se instigado a se colocar acima dele.

— Pessoal, embora eu seja mais inteligente que esse boca grande, cobro um sanduíche por terapia.

— Mas, Prefeito, você já enfartou três psiquiatras do serviço público — disse Mônica, tirando uma casquinha dele.

— Sim, mas... mas... — E o Prefeito não conseguiu pensar em nada para rebater Mônica. Pediu socorro a Bartolomeu: — Deixo meu secretário da Educação responder.

— O Prefeito enfartou psiquiatras porque sua doença é inexplicável, insondável, irrecuperável.

Pensando que fora elogiado, ele beijou Bartolomeu no olho inchado. Eu nunca sabia se o Prefeito era ingênuo ou se era o mais esperto de todos. Animado, ele agradeceu a Bartolomeu pelas palavras explicativas:

— Grandes homens precisam ser seguidos por mentes entupidas.

— Entupidas? — disse Boquinha de Mel, sem entender nem gostar do termo. Mas o político do grupo se explicou sem se explicar:

— Entupidas de informações. Ter um cérebro impregnado e atarantado com velhos dados. — Mas Bartolomeu entendeu menos ainda. Não entendeu se fora ofendido ou elogiado.

Risadas à parte, fiquei pensando que já era tempo de os currículos acadêmicos passarem por uma grande cirurgia, e quem sabe esse homem que vendia sonhos não se tornasse um dia um desses cirurgiões. Como ele enfatizava, estudávamos o pequeno átomo que nunca víamos e o imenso planeta que nunca pisaríamos, mas não estudávamos o planeta psíquico que diariamente transitávamos. Nossos alunos se destruía, adoeciam, se deprimiam, e simplesmente negávamos os fenômenos psíquicos que os solapavam. Quando alguns deles se suicidavam, ficávamos escandalizados, abismados, curtindo secretamente nosso sentimento de culpa.

Escondíamos-nos atrás das matérias e das provas escolares, como se as provas medissem a mais notável educação. Não poucas vezes as provas se tornavam um manto para esconder as loucuras do sistema educacional e um mantra para disfarçar nossa alienação.

CAPÍTULO 23

Mulheres de mentes complexas



O Vendedor de Sonhos nunca nos silenciava. Mesmo sabendo que poderíamos falar a maior bobagem do mundo, nos estimulava a debater. Ninguém precisava assistir a programas humorísticos para sorrir, bastava andar alguns minutos com esse grupo que se via o mundo virar circo.

É por isso que, cada vez mais, não apenas intelectuais nos seguiam, tomando nota das ideias revolucionárias do Mestre, mas grupos de jovens estavam em nosso encalço. Presenciei outro dia um grupo de adolescentes, meninos e meninas, urinando nas calças por se esbarracharem de rir. Começávamos a notar que alguns psiquiatras e psicólogos aconselhavam determinados pacientes ansiosos e deprimidos a se aproximarem dos malucos. Parecia que esse inusitado grupo potencializava o efeito de antidepressivos e tranquilizantes.

Desconfiava que o Mestre escolhera esses baderneiros para temperar suas ideias. O Mestre era sério, compenetrado, sereno, mas por meio deles ensinava brincando. Talvez por isso, num momento estávamos no céu, noutro na Terra; num instante estávamos no ápice das ideias, noutro nos vales da verborreia, ou seja, na diarreia das palavras. O grande problema era que meus amigos exageravam, passavam dos limites, colocavam o Mestre e outros discípulos em dramáticos apuros.

Dei aulas tanto para alunos como para professores universitários. Nunca fiz uma brincadeira em sala de aula, nunca usei o humor para ensinar. Oferecia um conhecimento sem tempero. Minhas aulas eram um restaurante onde as pessoas comiam por obrigação. E olhe que fui considerado o professor mais eloquente da faculdade.

O Mestre nunca marcava o endereço da sua sala de aula a céu aberto, nem o horário em que ia falar, e muito menos o tema sobre o qual discorreria, mas as pessoas de todas as idades, culturas e níveis o procuravam, ansiosas para ouvi-lo. Contrastando com ele, eu marcava horário, a sala e o tema da matéria, mas as pessoas não se animavam em me ouvir. É-me difícil admitir, mas, se não houvesse a punição das provas, minha sala estaria vazia.

Enquanto eu fazia incursão no meu passado, um político atravessou o presente. O Prefeito, animadíssimo com a plateia de mulheres presentes nesse ensolarado dia, subiu num banco da praça e, diante de judeus, muçulmanos, jovens e outros seguidores eventuais, fez um discurso:

— Caros eleitores desta generosa cidade. Como um dos líderes que mais visão de futuro têm nesta massa de mortais, gostaria de lhes dizer que as mulheres são mais inteligentes, graciosas, sensatas, ajuizadas, criativas que os homens.

O Mestre o aplaudiu. Mônica, a professora Jurema e as demais mulheres também o aplaudiram entusiasticamente. Pensei com meus botões: “Esse descarado mais uma vez entra no final da aula e rouba a cena”. Para não ficar constrangedor, também aplaudi o embusteiro.

Vendo as mulheres aplaudindo-o com fervor, ele tomou a palavra novamente e, num tom altíssimo, bradou:

— Maaaas!

As mulheres caíram em si e expressaram, inconformadas:

— Aaaah! — Claro, o Prefeito nunca dava um elogio gratuito. O atrevido completou:

— Mas inventaram os *shoppings*.

As mulheres caíram na risada, e todos os homens as acompanharam, inclusive eu. Entenderam que a compulsão por comprar era um dos seus piores inimigos. Eu não entendia como esse sujeito conseguia ser tão engraçado. Colocou molho no discurso do Mestre sobre a guerra psíquica. Diante de sua “piada verdadeira”, resolvi me arriscar a brincar.

— Da ponta do cabelo à ponta da unha do dedão, as mulheres têm onde gastar dinheiro. Como vocês conseguem essa proeza? — falei, bem-humorado, perdendo minha discrição. Como sociólogo, sabia que as mulheres decidiam grande parte das compras da família.

Dimas, o vigarista, que no passado havia furtado bolsas de mulheres, entrou com esta piada, gaguejando só um pouco:

— Gente, hoje em dia não precisa mais fa... fa... fazer ultrassom para saber o sexo da criança. Sabem qual é a técnica?

— Não! — dissemos.

— É só passar o cartão de crédito em cima da barriga da mulher. Se for menina, a criança ficará agitadíssima.

O clima foi de intensa descontração. A professora Jurema levantou sua bengala, enganchou-a no pescoço de Dimas e disse-lhe:

— E qual o seu sexo? — O debochado fechou os olhos, armou um bico e disse:

— Sou lou... louco por você, vovó!

A idosa professora passou a mão num gato de rua que passava no exato momento da brincadeira e o encostou em seus lábios. O gato lambeu a boca dele e deu um miado alto. Dimas saiu cuspidando fogo... Entendeu que as mulheres são especialistas em demonstrar a estupidez masculina.

Bartolomeu, como sempre, não podia ficar de fora. Mas, após a cuspidada de Dimas, vimo-lo cabisbaixo, quieto, compenetrado, meditando. Pela primeira vez ele não foi espalhafatoso.

— Está doente, Bartolomeu? Tem dor de cabeça? — perguntou delicada e preocupadamente Mônica.

Mônica foi ingênua. Dando-lhe corda, ele poderia lhe causar a maior dor de cabeça dessa manhã. E causou. Fazendo vibrar a voz, discursou:

— Belíssima Mônica, inteligentíssima Jureminha e mulheres que me ouvem. Vocês são mais magnânimas que os homens!

“Magnânima?”, pensei eu. “Esse filósofo de rua não sabe o significado dessa palavra.” Mas, como se estivesse ouvindo meus pensamentos, ele emendou:

— Para quem não sabe, “magnânima” significa dadivosa, pródiga, generosa, desprendida, doadora.

Engoli em seco sua explicação. As mulheres o aplaudiram. Seduzidas pelo desvairado, ficaram atentas às suas palavras. E ele continuou:

— Sem uma mulher, eu e meu cérebro não estaríamos aqui.

Demos risadas dessa bobagem.

— E seu pai, não participou da sua construção? Por acaso você foi clonado? — disse o perspicaz muçulmano que o ouvia.

A turma riu da ingenuidade de Bartolomeu, mas o esperto reverteu o jogo:

— Sim, papai gastou nove minutos e mamãe gastou nove meses nessa construção. Não é sem razão que os judeus consideram que somente quem tem mãe judia é genuinamente judeu. — E, imitando o Mestre, disse: — Às mulheres me curvo!

O judeu ortodoxo o aplaudiu com ânimo. E, por sua vez, as mulheres foram conquistadas. Animadíssimo, Boquinha de Mel continuou sua história de exaltação das mulheres:

— Visitando meus neurônios e entrando nos labirintos escarpados do meu privilegiado cérebro, lembrei-me de uma história que mostra a notoriedade e supremacia das mulheres. Certa feita, estava passeando numa bela praia de Miami, pensando nos mistérios da vida. De súbito, apareceu uma garrafa deslumbrante trazida dos confins do Atlântico. Como todo pensador dotado de curiosidade, eu a abri. Aha! Quem saiu de lá? — perguntou à plateia, que não sabia se ele estava, até o momento, falando sério ou contando uma anedota.

Como fez um certo suspense, o Prefeito se atreveu a dizer:

— Grana!

— Não, my friend! Saiu um gênio da garrafa. Mas era um gênio diferente. Era estressado, agitado, irritado, igual ao meu amigo Prefeito. Tão impaciente era o gênio que apressadamente me disse: “Três desejos, e atendo somente um! Mas vamos logo que tenho de ir ao terapeuta”. O mundo dos gênios também havia se tornado um grande hospital psiquiátrico como o nosso. Encontrar um gênio tranquilo era uma raridade. O gênio que me falara era inteligente e doidão, como Júlio César. Agarrando a oportunidade, não pedi a ele uma fábrica de vodca. Disse-lhe enfaticamente: “Quero conhecer Cuba!”.

“— Conhecer Cuba? Só isso?! — perguntou o gênio, feliz da vida, querendo se livrar logo de mim.

“— Sim, quero conhecer Cuba, maaas!... tenho medo de avião e de navio. Portanto, quero que você construa uma ponte de Miami a Cuba!

“— O quê? Uma ponte tão grande? Você quer me enfartar? — E resmungou: —Tenha santa paciência, não sou bom de engenharia, e pontes costumam dar muitíssimo trabalho. — Impaciente, pediu que eu anunciasse o

segundo desejo, para me atender e cair fora. E reafirmou: — Lembre-se de que estamos em crise financeira, só atendo um pedido!”

Bartolomeu fez uma pausa e continuou a mais maluca de todas as histórias.

— Então falei sobre um desejo que todos os políticos, executivos e economistas sonham em realizar. Disse-lhe: “Desejo saber como funciona a economia mundial, qual a sua lógica e como prevenir novas crises”. Ao ouvir meu segundo desejo, o gênio começou a somatizar sua ansiedade, teve cólicas intestinais. Estava ofegante. E, apertando a barriga, disse, irritado: “Fale qual é o terceiro desejo. E rápido”.

Bartolomeu fez outra pausa e continuou a sua inconcebível história. Ninguém piscava o olho ao ouvir o falador compulsivo, nem o Mestre. Ele continuou:

— Então, pessoal, num golpe de extrema lucidez, anunciei o meu terceiro e extraordinário desejo. Um desejo que todos os pensadores e filósofos de todas as eras sonharam em realizar.

E nós, curiosos, apressamo-lo:

— Fale logo!

— “Fale logo! Fale logo!”, disse o gênio, ansioso. Fitei os olhos dele e lhe disse: “Gênio, meu desejo é simples. Desejo conhecer a mente das mulheres!”. Ao ouvir meu terceiro desejo, dei um golpe fatal no gênio. Suas cólicas intestinais aumentaram tanto que ele começou a ter uns nós. Começou a borrar as calças. Gemendo e quase sem respirar, ele me disse: “Você quer a ponte para Cuba com pista simples ou dupla, com jardim nas laterais ou restaurantes?”.

Não me aguentei, havia muito tempo não dava gargalhadas tão intensas e fartas. Os patrícios, judeus e muçulmanos sentaram nos bancos da praça para não cair de tanto rir. As mulheres presentes também riram incontinentemente. Mas, bem-humoradas, correram atrás de Bartolomeu.

A professora Jurema conseguiu enganchar sua bengala no pescoço do filósofo de rua. Rodeado pelas mulheres, ele disse:

— As mulheres são realmente complexas. Tão complexas que vocês nos calaram durante séculos temendo nossa inteligência.

Todas sabiam que Bartolomeu era abusado, desaforado, salafrário, mas no fundo amava as mulheres e as tinha em altíssima conta.

Acalmados os ânimos, o Mestre acrescentou:

— Manifesto que o sistema social e econômico que varreu as eras é masculino e saturado de erros crassos. A ambição desmedida dos homens gerou guerras, disputas religiosas, discriminação, crises financeiras, competição predatória no comércio internacional. Torço para que as mulheres assumam os principais postos nas mais diversas nações. Se agirem sob as raias do instinto masculino, cometerão os mesmos erros, mas, se agirem sob as raias de sua intuição, feminilidade, generosidade, sensibilidade, mudarão os alicerces da história.

Essas palavras ecoaram em minha memória. Lembrei-me de alguns textos de sociologia sobre o comportamento de homens e mulheres e fiquei analisando alguns dados. Os homens sempre cometeram mais crimes, mais atos de exclusão, foram mais violentos e mais corruptos que as mulheres. Seus instintos eram diferentes.

Um fluxo de vento revolveu o cabelo do Mestre enquanto ele encerrava o encontro desse dia. E, como o vento que sopra sem que ninguém saiba de onde veio e para onde vai, saiu sem direção. Caminhar era seu destino, pensar era seu compromisso.

CAPÍTULO 24

O maior inventário



Diversos e interessantes eventos aconteceram durante a semana. Fiz inúmeras anotações em papéis avulsos. Um dia terei de compilá-los. Como estou relatando eventos selecionados, destacando que meu critério é falho e distorcido, comentarei um episódio marcante que ocorreu no sábado seguinte. Um evento que penetrou nos porões do meu psiquismo. Algo impensável, que nem sequer em meu imaginário pensei que aconteceria.

Estávamos passeando em frente ao prédio do mais importante cartório de registros da cidade. Havia uma enorme praça pública nas imediações. Um local isolado, que raramente fervilhava de gente. Entre seus discípulos mais íntimos e os seguidores eventuais, havia cerca de quarenta pessoas. O número não era grande, pois era um local que nunca tínhamos visitado antes. No grupo havia cinco estudantes de psicologia e seis de medicina em fase final de curso que haviam participado de outros encontros. Portanto, não eram estranhos, tinham certa intimidade conosco.

Logo que chegamos ao local, vimos dois irmãos gêmeos idênticos que passaram por nós discutindo sobre a herança que receberiam. Cada um tinha um advogado ao seu lado. Ficaram horas reunidos no escritório de um deles para tentarem chegar a um acordo de partilha, mas sem resultado. Os gêmeos eram amicíssimos antes da morte do pai, viviam na casa um do outro, pareciam inseparáveis, mas viraram inimigos depois do inventário, após começarem a disputar os seus bens. Um queria processar o outro.

O Mestre olhou para eles e se compadeceu. Inspirou-se no embate entre eles e subitamente nos questionou sobre os mais importantes bens de um ser humano:

— Quem de vocês tem feito um inventário dos fatos mais marcantes que tecem a colcha de retalhos da sua história?

— Inventário? Como assim? — perguntou, curiosa, Mônica.

— Fazer tal inventário é pensar sobre o passado? — indagou a professora Jurema.

Arguto, o Mestre disse:

— Fazer um inventário de nossa história é muito mais que pensar sobre o passado. Até um psicopata pensa em seu passado, mas muitos são imutáveis, não reconstroem suas rotas psíquicas. Fazer um inventário é descrever os fatos mais relevantes diante do próprio eu. É reunir os próprios pedaços e reorganizá-los. É ser um engenheiro psíquico que constrói pontes entre suas experiências, tal como os engenheiros que conectam uma rodovia com outra, uma avenida com outra.

E, olhando para a plateia de estudantes, comentou:

— Somos uma sociedade fragmentada, constituída de pessoas fragmentadas. Qual a relação entre as perdas e o prazer, entre o desespero e a serenidade? Qual a ponte entre o medo e a tranquilidade? São eles irreconciliáveis? O humor deprimido é completamente ilhado do júbilo ou pode nos fornecer um mapa para encontrá-lo?

Os estudantes de psicologia se entreolharam. Jamais tinham estudado as pontes entre o medo e a tranquilidade, entre a depressão e o júbilo. Conheciam teorias e diagnósticos de transtornos psíquicos, mas nunca haviam discutido a construção de um mapa psíquico capaz de conectar experiências distintas para promover aprendizado e maturidade. Os estudantes de medicina estavam igualmente confusos.

— Muitos pensadores morreram entediados, não construíram pontes entre o poder da análise e a força da alegria, entre a exímia observação e a contemplação da existência, entre a interiorização e a socialização — disse meu inquietante Mestre.

Mais uma vez fiquei atônito com esse homem. Ele conseguia colocar no mesmo liquidificador e ao mesmo tempo a psicologia, a sociologia, a filosofia e as ciências da educação. Grandes homens foram pessoas fraturadas. Newton tinha baixa sociabilidade. Einstein era famosíssimo, mas tinha traços depressivos, laivos de excesso de subjetivismo. Foram peritos em determinadas áreas, mas frágeis em outras. Talvez jamais tenham pensado em reunir os

elementos do seu passado com túneis de passagem. E, atravessando meus pensamentos, concluiu:

— Onde estão as celebridades que reuniram seu inventário e estabeleceram conexões entre o sucesso social e o sucesso emocional? E os grandes jornalistas? Quem deles aprendeu a edificar viadutos entre a crítica e o relaxamento? E os grandes políticos da história? Quem deles construiu vielas a cada momento existencial capaz de conectar o poder e a simplicidade, o assédio e a consciência da sua fragilidade? Quem não edifica pontes psíquicas constrói ilhas no córtex cerebral. Num momento pode ser um cordeiro, noutra um predador. Num período, tranquilo, noutra, explosivo. Nestes tempos de ansiedade coletiva, a juventude mundial, com as devidas exceções, vive esse drama — afirmou categoricamente.

Sentei para respirar e refletir sobre esses dados. Não sabia se suas informações estavam corretas, mas pela primeira vez ouvi explicações coerentes para as contradições do comportamento humano. Sempre estudei os grandes homens da história e nunca entendi por que suas reações flutuavam nos extremos. O córtex cerebral deles não era um continente.

— Calígula era franzino, mas achava-se mais belo que Roma — continuou o Mestre. — Tinha rompantes de gentileza e ataques de fúria. Nero era um jovem dado às artes, mas se tornou um dos homens mais atrozes da história. Não pensava duas vezes para ceifar opositores. Stálin mandava assassinar supostos inimigos à noite e na manhã seguinte tomava café com as esposas deles como se nada tivesse acontecido. Hitler afagava e dava ração para sua cadela, mas esmagou de fome e frio um milhão de crianças e adolescentes judeus.

O Vendedor de Sonhos fez uma pausa para que púdessemos refletir criticamente sobre suas ideias. Mas não deu tempo, o Prefeito estilhaçou o silêncio:

— Povo meu, sou um homem de pontes — disse ele com orgulho político. — Se subir ao poder, construirei pontes por toda a cidade. Serei mais rápido que o gênio da garrafa que apareceu para o Boca de Mel. Vou construir pontes entre a Prefeitura e as favelas. Vou construir pontes entre o Congresso nacional e os manicômios da cidade.

Excitando seu amigo, Boca de Mel disse:

— Muito bem, nobre Prefeito. Peço-lhe que construa pontes entre os

bancos e os cemitérios.

— Por quê, Bartolomeu? — perguntou, curioso, Salomão.

— Porque é lá que estão meus amigos endividados, os falidos, os desempregados. — E tirou um lenço para enxugar as lágrimas.

O Demolidor entrou em ação.

— Mas você não disse que estão enterrados dentro dos próprios bancos?

— Sim, mas o espaço é muito pequeno para abrigar tantos quebrados.

Dessa vez, eles enterraram as ideias do Mestre. Misturaram mentes fraturadas com pessoas quebradas, políticos com hospício. Uma verdadeira salada. Mas o Mestre estava feliz por ver seus discípulos refletindo sobre essas questões. Entusiasmado, emendou:

— Quando um homem morre, abre-se um inventário sobre seus bens. Mas quais bens são os mais relevantes? São suas joias, carros, casas, ações, fazendas? Não! É o corpo de experiências que os constituem como seres históricos. Um ser humano sem história é um livro sem letras. Devemos fazer um inventário das experiências mais frustrantes e das mais jubilosas de nossa vida e distribuí-las, em vida, a quem amamos. Caso contrário, temos chance de educar cérebros doentes.

E, como se estivesse fora de si, olhou para os grandes edifícios e depois começou a gritar como um louco:

— Nenhuma dor deveria ser pensada sem se construírem pontes de alívio. Nenhuma falha deveria ser recuperada sem gerar um aprendizado. Caso contrário, sofrer é uma inutilidade. Não sejam ingênuos. Não é defensável que a dor em si mesma contribua para enriquecer a personalidade humana. A não ser que façamos certas conexões, a dor piora o ser humano, o medo o traumatiza, a culpa o asfixia.

Suas últimas palavras me fizeram recordar de relance minhas terapias. Meus terapeutas me estimulavam a revirar as entranhas do meu passado, remoer a lama dos meus conflitos, mas eu não conseguia elaborá-las. Sentia-me impotente.

Andava ofegante pelas ruas, com falta de ar, meus músculos doíam, minha memória era deficitária, não conseguia guardar fatos comuns, minha energia mental estava esgotada. Sentia-me um idoso de cem anos no corpo de um combalido homem de quarenta.

Quando estava em crise, não tinha pontes para resgatar meus êxitos. Minhas crises se eternizavam. Quando estava angustiado, não tinha canais para me despertar e me fazer enxergar que minha vida não era uma droga, tinha colorido, tinha também alegrias. Mas as janelas do meu cérebro não se comunicavam. Eu tinha uma biblioteca na cabeça, mas era um intelectual ilhado, solitário e miserável.

CAPÍTULO 25

O inventário dos cinco dramas e suas pontes



Na reunião em que o Mestre discursou sobre o inventário psíquico, estavam presentes, além dos estudantes de psicologia e medicina, Fernando Látaro, o diretor de um famoso presídio de segurança máxima, apelidado de “Ilha dos Demônios”. Ele estava acompanhado de dois policiais e três educadores da instituição. Era um seguidor de final de semana, pois era muito difícil deixar o trabalho, o conforto da casa, os carros, e ser um caminhante sem ter onde morar e o que comer.

— Quem não aprender a garimpar ouro no solo da sua história jamais terá habilidade para se elaborar e se superar.

Alguns dos meus alunos eram viciados em cocaína ou maconha, outros, em jogos de cartas, e ainda outros tinham compulsão por gastar. Alguns tinham crises de ciúme e ficavam paranoicos quando levavam um fora, outros trocavam de parcerias como se trocava de roupa. Alguns tinham medo de não serem bem-sucedidos na vida, outros viviam alienados, como se não existisse o futuro. Nem eu nem eles aprendemos a garimpar nossa história e reunir nossos fragmentos.

O Vendedor de Sonhos pediu que seus ouvintes mergulhassem no passado e refletissem sobre os cinco episódios mais angustiantes da própria vida numa escala decrescente de sofrimento, do maior ao menor. Pediu ainda que analisássemos as pontes que havíamos feito ou deveríamos ter feito entre esses e outros episódios de nossa história.

Ficamos uma hora em silêncio, cada um do modo que mais se sentisse relaxado, garimpando fatos angustiantes que nos haviam marcado. Alguns sentavam em bancos, outros no chão e ainda outros ficavam em pé. Foi uma experiência fascinante.

Após o exercício, veio a bomba. O Mestre nos fez sentar em círculo e solicitou que se alguém sentisse liberdade que descrevesse esses cinco episódios e comentasse um deles. Queria que falássemos das pontes que havíamos feito ou deveríamos ter feito na época. E realçou:

— Não falem se não se sentirem confortáveis.

Pensei que ninguém fosse se abrir. Estávamos todos inibidos inicialmente. Olhei para Bartolomeu e Barnabé e os instiguei com os olhos a falar. Refrescando minha memória, disseram que já haviam falado. E soprando aos meus ouvidos me lembraram o episódio em que tinham contado do cachorro Terrorista e da cadela Assombração. Esses dois impulsivos já estavam quilômetros à nossa frente, pensei comigo.

Depois de dois longos minutos, por incrível que pareça, Edson, o Milagreiro, abriu a boca e nos surpreendeu. O homem que amava fazer milagres para se promover descera ao nível mais baixo da condição humana. Fez um inventário das suas angústias, uma declaração que nunca havia feito para alguém, a não ser para seu Deus. Falou dos cinco episódios mais dolorosos da sua história, numa escala do mais ao menos angustiante. Jamais imaginei que alguém pudesse ser tão transparente em dissecar sua alma.

— Um: sofri abuso sexual na infância; dois: perdi minha mãe na adolescência; três: fui humilhado em meu trabalho; quatro: meu pai me espancou quando eu tinha treze anos; cinco: perdi meu melhor amigo com câncer aos quinze anos.

Essa escala de sofrimento demonstrou que o abuso sexual fora mais angustiante do que a perda da própria mãe. A dor da perda da mãe foi indescritível, mas a dor do abuso sexual foi quase irreparável, pelo menos para Edson. A sequência também demonstrou que, para ele, ser humilhado publicamente foi mais dolorido do que perder o melhor amigo com câncer. A humilhação pública causou um rombo em sua personalidade. Talvez por isso sempre queira se promover. Em seguida, falou do episódio mais marcante, das pontes que construíra e das que deveria ter elaborado. Foi de uma inteligência deslumbrante.

— Aprendi que violar a intimidade de uma criança é um crime que destrói a primavera da nossa história. Aprendi que por trás de pessoas insuspeitas e conversas dóceis podem se ocultar psicopatas inumanos que não pensam nas

consequências do seu comportamento e só querem saciar seus instintos.

Edson comentou que antes do abuso era extrovertido, livre e sociável, mas depois desses episódios, que foram mais de um, embora não tenha entrado em detalhes, perdeu a espontaneidade, a sociabilidade, se contraiu. Tornou-se cabisbaixo, excessivamente interiorizado. Sentia-se discriminado, excluído, diminuído. Cresceu com raiva dos pais por não o protegerem. Nunca se entregou ao abraço e ao carinho deles. Cresceu com ódio do seu agressor. Sonhava diariamente que o asfixiava ou o atirava num precipício. E disse que encontrara na relação com Deus mecanismos de tolerância e um freio para abrandar seus instintos. E comentou:

— Mas infelizmente não construí a ponte do diálogo. Inicialmente me calei devido às chantagens do psicopata. Depois me calei pela vergonha social. Terceiro, me calei porque achava que havia superado meu conflito, mas negava que algumas de suas raízes estavam ativas em minha personalidade.

Ele ainda abordou as pontes que está edificando atualmente. Disse que ao andar com o Mestre começara a enxergar que há outras formas, além da sexual, de violar a intimidade de alguém, como chantageá-lo ou pressioná-lo a aceitar nossas ideias e verdades.

Alguns intelectuais também cometem esse tipo de abuso, refleti. Violam a mente de quem os contraria e deles depende. Sou um intelectual socialista e supostamente humanista, mas agora vejo, para meu espanto, que há um animal em meu intelecto ávido por devorar as mentes indefesas que me contrariem.

Edson fechou sua notável exposição dizendo:

— Espero cada vez mais entender a diferença entre expor e impor nossos pensamentos.

É uma pena que eu nunca tenha pedido que meus alunos fizessem um inventário de suas histórias. Claro que não precisariam relatá-lo em público, mas hoje penso que se tivessem aprendido minimamente a ser garimpeiros em seu psiquismo teriam menos chances de ser servos dos seus conflitos.

Edson me tocou muitíssimo. Eu o achava chantagista, egocêntrico, um religioso perdulário. Envergonho-me do meu superficialismo. Não o conhecia, embora dormíssemos havia meses na mesma “hospedaria”. Agora entendo que por trás da busca ansiosa de estar em evidência social havia a necessidade vital de ser aceito. Sou melhor que ele? Nem de longe. Meu autoritarismo em sala de

aula era reflexo de minha necessidade doente de ser socialmente aceito. Por trás de alguém autoritário, há uma criança querendo brincar.

Batemos palmas para Edson pela coragem de dissecar sua história e pelas pontes que fizera.

Mônica saiu do seu lugar e o abraçou prolongadamente:

— Você é demais! Eu acredito em milagres. Em especial no milagre da amizade. Quem tem amigos tem um tesouro.

O Prefeito e Boquinha de Mel o colocaram nos ombros. Cantaram e dele zombaram prazerosamente. E aproveitaram para tirar uma casquinha de mim.

— O Edson é um bom companheiro! O Edson é um bom companheiro. Chato como ele é Júlio Césaaaar! Ninguém pode negar.

CAPÍTULO 26

As dores represadas



Salomão foi o segundo a falar do seu inventário. Embora tivesse recaídas, seus tiques e sua hipocondria haviam diminuído à medida que ele andava com esse estranho homem que vendia sonhos e com esse inusitado grupo de excêntricos. Mas, ao falar de si, exacerbou seu comportamento compulsivo. Começou a abrir e fechar a boca repetidamente, e a colocar a mão no peito para verificar se seu coração estava pulsando. Fez o inventário dos seus cinco maiores dramas, que conscientemente detectou, nesta ordem.

— Primeiro: fui humilhado na escola; segundo: perdi meus pais num acidente; terceiro: passei fome na adolescência; quarto: sofri queimaduras na infância; quinto: sofri um acidente de carro.

Fiquei impressionado com a escala dos seus dramas. Percebi que entendia muito pouco sobre a “matéria” psicossociológica. Salomão amava os pais. Eram generosos e sociáveis. A perda deles aos catorze anos mexeu com as raízes do seu ser, abalou sua estrutura, mas, por incrível que pareça, esse não foi o mais grave trauma que ele viveu. Apontou que ser humilhado publicamente na escola fora sua pior experiência existencial. Qualquer observador erraria ao analisar sua história. O que indica que há episódios que passam despercebidos por psiquiatras e psicólogos e que são mais relevantes para um ser humano do que nossa vã ciência pode imaginar.

Para não deixar dúvidas, Salomão descreveu o ápice de seu drama:

— Minhas obsessões sempre foram atração para meus colegas de escola. E de tempos em tempos elas migravam, eu trocava de mania. Vencia uma, aparecia outra. — E contou algumas das compulsões que já tivera ou que ainda se perpetuavam: — Dava cinco pulos antes de entrar na sala para evitar que alguém

morresse; batia as mãos na testa; apalpava o pescoço sem parar para ver se encontrava um câncer; tossia repetidamente; repetia as últimas cinco palavras que alguém falasse ao telefone; contava as janelas dos edifícios por onde passava; procurava buracos para enfiar o dedo.

Estávamos todos abismados com o sofrimento desse jovem. Depois de uma pausa para se refazer, continuou:

— Um dia, quando eu tinha treze anos, meus colegas de classe fizeram uma festa surpresa de aniversário para mim. Fiquei felicíssimo. Trouxeram o bolo, e os meninos e meninas começaram a cantar parabéns. De repente, li a sentença escrita no bolo: “Salomão, o doente mental”. Não consegui cantar. Saí chorando. Senti a dor da exclusão. Até hoje festas de aniversário me dão arrepios.

E ainda comentou que certa vez, no pátio da escola, os alunos das mais diversas classes, ao verem que ele movimentava as mãos sem parar e batia no peito constantemente, o colocaram numa roda e começaram a gritar: “Maluco!”, dando-lhe tapas na cabeça. Disse que foi aos prantos ao diretor da escola, mas este, vendo seus tiques, sorriu sutilmente. Não advertiu os alunos nem construiu pontes entre os que se comportam de modo diferente.

— Frequentar a escola passou a ser um tormento. Era como ir para o Coliseu diante de uma plateia sedenta da dor alheia. Quis morrer, sumir, desaparecer no mundo. Quando meus pais morreram, passei fome por um ano, mas nada foi tão severo como a fome de compreensão. Não queria que me amassem, mas que me tratassem como gente e não como um animal de circo.

Depois de uma pausa diante desse árido capítulo de sua história, continuou:

— Os anos se passaram e construí pontes. Uma psiquiatra me ajudou. Aprendi que não deveria ser vítima do mundo, se quisesse construir minha história. Aprendi que, apesar de ser obsessivo, não era um lixo social, mas um ser humano. Mas não aprendi algumas pontes fundamentais. Porém deveria ter aprendido como o Mestre tem nos ensinado, não exigir o que os outros não podem dar, pois os mais próximos são os que mais nos causam decepções. Como exigir afetividade de meus colegas, se eles viviam em guerra consigo mesmos?

Salomão respirou, profundamente aliviado. Perdera o medo de ser quem era. Dormia embaixo de viadutos, mas aprendera a sentir-se um ser humano, uma estrela no teatro social. Ao fazer seu inventário, sentiu que alguns becos da

sua mente se arejaram. Levantei-me e o abracei como se fosse meu filho. E disse-lhe:

— Você é um dos heróis anônimos que Hollywood não conheceu. Um ator social mais brilhante que os brilhantes atores. Parabéns!

Bartolomeu levantou-se do lugar e também foi abraçar Salomão:

— Cara, você é lindo! Estou obsessivamente apaixonado por você.

O Prefeito, mais desbocado, disse:

— Vou enchê-lo de beijos. — E saiu correndo atrás dele. Mas ele fugiu como o diabo da cruz.

Após aplaudi-lo, a professora Jurema fez também seu contundente inventário. Jamais imaginei que, por trás dessa notável mulher, admirada pelos principais mestres e doutores da educação desse país, houvesse uma história dilacerada. Em hipótese alguma eu conseguia ver que por trás de seus livros e de seus artigos havia uma criança drasticamente ferida. Tenho de revisar meu processo de interpretação, tenho de construir pontes em minha mente para ver nas entrelinhas.

— A doença mental do meu pai foi o capítulo mais triste da minha vida. Depois foi o falecimento do meu querido irmão gêmeo, quando eu tinha dez anos. Meu terceiro drama foi quando tive um câncer mamário. Depois foi a perda do meu marido. E o quinto foram os embates que eu tive contra o sistema educacional.

A perda do irmão, o câncer mamário, a perda do marido querido mexeram com sua estrutura, mas nada abalou tanto essa sólida professora quanto a doença mental do seu pai num tempo em que o tratamento era ineficiente e o preconceito, grande. Ela tinha motivos de sobra para ter uma história fragmentada.

— Meu pai — disse, respirando profunda e pausadamente — era meu herói, meu amigo, meu apoio, meu porto. Era a pessoa que mais me amava nesta vida e que mais eu amava. Era dono de um grande armazém de produtos comestíveis. Um comerciante brilhante e humano. Era o filho mais velho. Ajudava seus seis irmãos. Era tão humano que dava o que tinha para quem precisava, mesmo se não recebesse. Minha mãe detestava esse comportamento. Meu pai não suportava ver alguém passando fome que o socorria. Quando fazia uma cesta básica para uma família carente, me levava junto. Dar não era um

peso, mas uma festa. Investir no ser humano era seu prazer.

E, fitando o Vendedor de Sonhos, disse:

— Ao andar com o Mestre, vejo meu pai nele todos os dias. E ele tinha a sua idade quando seu mundo desmoronou.

Seus olhos saturaram-se de lágrimas. Emitiu um choro contido antes de falar do período mais angustiante de sua história. Todos temos um capítulo inexprimível em nossa história, e as palavras são rudimentares para dissecar. O de Jurema era insondável. Ela comentou que o tempo da crise chegara. Seu pai fora avalista do seu irmão mais novo. Como este não pagou sua dívida, ele teve de assumi-la. A nação entrou em crise. Não tinha reservas. Em menos de um ano, perdeu o que conseguira em décadas. E esse foi o primeiro parágrafo desse capítulo.

— Muitos perdem e recomeçam tudo de novo. Meu pai recomeçaria, mas no meio da crise pegou minha mãe na cama com meu tio mais novo, justamente com o irmão que o levava à falência. Talvez por minha causa ou porque a amasse muito, não sei, não a abandonou. Em seguida, alguns dos homens aos quais devia o acusaram de subversivo. E tiveram a conivência desse tio. Ele foi processado injustamente e humilhado socialmente. Ficou preso um mês.

Ela comentou que seu pai, envergonhado, recolheu-se dentro de casa. E o pior de tudo é que ele começou a ter crises de pânico. Gritava como se fosse morrer. Levado aos médicos, ninguém encontrava nada. Suas crises tornaram-se mais frequentes. Perdeu o ânimo para lutar. Como era descendente de italianos, sua alegria era colocar a pequena Jurema no colo e contar-lhe histórias sobre o Império Romano.

Com a voz embargada, tocada pelos sentimentos mais penetrantes, comentou que nenhum dos seus parentes o visitaram mais. Seus irmãos não lhe estenderam a mão. Tinham medo de “contrair” sua doença mental.

— Meu herói se tornou vilão. E, por fim, aconteceu algo terrível. Minha mãe o internou à força num manicômio. Eu tinha dez anos. Tiraram meu chão, meu direito de brincar, roubaram minha ingenuidade.

Nesse momento, Jurema caiu em prantos. Mônica lhe entregou um lenço. Após soluços incontidos, Jurema discorreu sobre o epicentro da sua dor, os fatos que mais a haviam machucado.

— No momento em que o internaram, ouvi meu pai gritando meu nome:

“Jureminha! Jureminha! Não deixe que me internem! Não sou louco, filha. Eu te amo, socorre-me!”. Eu corri para pegá-lo, mas minha mãe e meus tios me barraram. “É para o bem dele, filha”, disse minha mãe, cansada do homem que não amava e não trabalhava. Sou uma mulher idosa, mas até hoje sonho com meu pai chamando-me, pedindo ajuda.

Esse episódio ocorrera havia mais de setenta anos, mas o conflito que a atormentara, ainda que amenizasse sua voz, estava vivo no teatro da sua psique. Todos os seguidores do Vendedor de Sonhos ficaram impressionados ao detectar mais uma vez que não nos conhecíamos uns aos outros. Descobrimos, afinal, que, sem fazer inventários de nossas histórias e repartir minimamente nossos bens psíquicos com quem amávamos, nossas relações sociais eram virtuais, falsas, uma mera peça teatral. Éramos um grupo de estranhos sob um mesmo teto.

Jurema suplicava à sua mãe para visitar o pai. Mas esta dizia que ele devia ficar isolado. Foi contra o princípio dos princípios da psiquiatria. A pequena Jurema enviava cartinhas quase todos os dias para seu pai, mas elas nunca chegaram ao seu destino. Sua mãe não as postava.

Depois de tantas súplicas, dois anos, sete meses e seis dias depois da internação, sua mãe finalmente cedeu e a levou para visitá-lo. Antes não a tivesse levado. A menina ficou perplexa ao ver o pai. Estava totalmente diferente de quando saíra de casa, tanto física quanto intelectualmente. Haviam-no destruído. Estava desfigurado pelos medicamentos, pelos maus-tratos e pelas inúmeras seções de eletrochoques. Chorando, ela correu até ele e disse-lhe: “Papai, papai, sou eu, sua filhinha, sou a Jurema”. Mas ele não a reconheceu.

Nesse momento, ela fitou a todos nós e completou seu inventário dizendo:

— Eu gritava o nome do meu pai. Queria que ele acordasse do seu sono. Vendo meu desespero, apareceu um psiquiatra frio, seco, inumano e disse para minha mãe e na minha frente que a doença do meu pai era de origem genética e que eu tinha grandes chances de ficar igual a ele. Recomendou que ela procurasse urgentemente um psiquiatra. Cresci assim, com um inimigo em meu encalço. Cresci achando que mais cedo ou mais tarde teria o mesmo destino de meu pai.

Um ano depois, seu pai morreu e lá mesmo foi enterrado. Ela não velou seu corpo. Em seguida, comentou que, depois de muitos anos que se tornara

professora universitária, resolveu estudar psicopatologia e entendeu que seu pai tinha uma doença totalmente tratável, a síndrome do pânico. Mas a psiquiatria, em sua infância, cometeu atrocidades.

Num suspiro, falou sobre suas pontes:

— Aprendi que em toda a nossa história devemos construir pontes de perdão, em especial para nos perdoar, caso contrário, não conseguimos sobreviver. Aprendi que nenhuma doença mental diminui a dignidade de um ser humano. Aprendi que excluir ou isolar alguém é assassiná-lo emocionalmente, é matá-lo sem interromper seus batimentos cardíacos, sem lhe extrair o sangue.

O Mestre levantou-se, interrompeu sua fala e a aplaudiu solenemente. E, com lágrimas nos olhos, disse-lhe em tom baixo:

— Você é melhor que eu. Você vende mais sonhos que eu.

Todos nós ficamos comovidos. E a poetisa da pedagogia continuou:

— Preciso enxergar a vida como o *show* dos *shows* e entender que lágrimas e risos são privilégios dos vivos. — E, fitando o grupo íntimo de amigos, completou: — Nos meses ou anos que ainda me restam para viver preciso aprender a tirar o gesso da minha mente. Ser mais livre e flexível, viver mais suavemente e mais loucamente apaixonada pela existência. E para isso preciso deste bando de malucos para me ajudar. — E apontou para nós, inclusive para mim.

Todos corremos a abraçá-la, os estudantes de medicina e psicologia também. Vários deles se identificaram com os episódios dos inventários que ouviram. Alguns se sentiam tão aliviados que estavam nas nuvens.

O Prefeito, petulante, disse à professora Jurema:

— Mamãe, vou encher você de beijos. Você é linda.

E a beijou várias vezes na testa e no rosto. Ela tentava escapar dele pedindo ajuda para o bando.

Acalmados os ânimos, Boquinha de Mel emendou:

— Mamãe, se você ficar doente mental, saiba que aqui há dois homens plenamente sadios que inventaram a revolucionária terapia do grito. Não há demônio mental que não se torne um animalzinho com nossa técnica.

— Vou gritar, sim — disse ela, e afirmou: — Mas para ficar longe de você, seu psicólogo de segunda.

Foi uma algazarra. Dançamos, cantamos e zoamos uns com os outros.

Todos nós atravessamos terremotos e tempestades, todos precisamos reunir nossos pedaços, mas havíamos encontrado abrigo.

CAPÍTULO 27

Os fantasmas devem ser domesticados



O inventário da professora Jurema foi um bálsamo que irrigou nossas histórias. Eu não conseguia me conter de alegria. Descobrimos que é possível transformar nosso árido terreno psíquico num jardim tão singelo como aquele em que estávamos.

Durante anos estudei nos livros de sociologia os dramas humanos, mas jamais passou em minha mente que o céu e o inferno, a dor e o alívio estavam muito próximos de nós. Jamais imaginei que fosse tão difícil e, ao mesmo tempo, tão fácil dividir alguns de nossos segredos. Jamais pensei que fosse tão complexo e, ao mesmo tempo, tão factível construir pontes que conectem as ilhas em nosso córtex cerebral.

Depois da solene festa, estávamos em plena estação de primavera. Ninguém foi à Disney, mas nunca nos divertimos tanto. Ninguém foi ao cinema, mas nunca nos emocionamos tanto. Ninguém foi a uma sessão de psicoterapia, mas nunca a socioterapia nos marcou tanto. Ninguém foi a uma escola, mas nunca aprendemos tanto.

Estávamos sentados em círculo, esperando as últimas palavras do Mestre. O misterioso homem que seguíamos deu alguns suspiros prolongados de satisfação. Vendeu sonhos de uma história livre, que reúne seus fragmentos, ata suas feridas, rompe seus ferrolhos e areja seus porões. Era o sonho de Buda, de Confúcio, de Sócrates, de Platão e dos grandes pensadores. Era o sonho do Mestre dos Mestres, do homem que nasceu em Nazaré.

Embora fôssemos um grupo de marginalizados, esse sonho sulcou nossa aspereza, austeridade, rigorismo. Depois de uma pausa jubilosa, fechou seu ensinamento com estas verdades:

— É refrescante tirar toda a maquiagem e ser o que sempre fomos, seres humanos, tolos e lúcidos, incoerentes e sábios, frágeis e seguros, enfim, paradoxais. Quem não inventa sua história não reescreve seus textos. Lembrem-se, não há ser humano que não tenha ou não construa seus fantasmas.

Fez mais uma pausa e concluiu:

— Choro ao saber que da pré-escola à universidade estamos gerando meninos desprotegidos, que não sabem ser garimpeiros em sua mente. São como casas construídas sob uma fina cama de informação. Sobrevindo as tempestades, não têm guarda-chuva para se proteger nem filtro emocional para sobreviver.

Diferentemente de muitos mestres do passado e do presente, meu Mestre não vendia palavras motivacionais nem mensagens de otimismo. Não discorria sobre uma vida vencedora e saturada de sucessos. Para ele a existência era um contrato de risco, e nas cláusulas desse contrato estava escrito que o estresse e o alívio, as lágrimas e o riso, a loucura e a sanidade faziam parte da história de cada ser humano. Nesse redemoinho é que vinham suas lições.

Era um homem transparente e de uma honestidade mais cristalina do que a dos profissionais de saúde mental que conheci. Vendia sonhos de uma mente livre, mas essa liberdade deveria ser conquistada em meio a nossos fantasmas e com o suor intelectual. E como se ele estivesse olhando para sua própria história, mergulhando em seu próprio inventário, completou:

— Ainda que uma pessoa seja abastada e jamais se assombre com os fantasmas financeiros, poderá se atormentar com fantasmas sociais: traições, decepções, injúrias, calúnias, perdas. Ainda que não tenha fantasmas sociais, poderá se perturbar com fantasmas mentais: culpas, angústia, complexo de inferioridade, timidez, obsessões, imagens mentais cáusticas. E, ainda que não tenha fantasmas mentais, poderá se inquietar com fantasmas existenciais: morte, transcendência, ausência de sentido de vida. E, ainda que não tenha fantasmas existenciais, poderá se desassossegar com a fragilidade do corpo, a fadiga, cefaleias, dores musculares, noites maldormidas, pesadelos.

E, observando atentamente seus ouvintes, afirmou:

— O grande desafio humano não é eliminar os fantasmas que importamos e domesticar os que criamos. Digo isso porque temos uma criatividade surpreendente.

Sim, é verdade, vemos problemas onde não existem. Sua sabedoria era

insofismável, estridente e invasiva. Suas ideias, contundentes, mas ao mesmo tempo dóceis, reverberaram em nossos cem bilhões de neurônios, excitando os recônditos do nosso cérebro. Dissecando a própria musculatura, finalizou dizendo:

— Sei que meu projeto de vender sonhos gera admiração e escândalo. Sei que uns me tacham de louco, outros de impostor, ainda outros de herético, enganador, aliciador. Mas quando olho para o inventário dos meus fantasmas, quando verifico os dramas pelos quais já passei, os monstros do presente se apequenam e os do futuro deixam de me abismar. As pontes entre meu passado, meu presente e as expectativas de meu futuro me aliviam.

Os estudantes de psicologia tiveram o privilégio de ouvir algumas ideias que pautariam sua história. Entenderam que se não reconhecerem seus fantasmas e seus transtornos terão restrita habilidade para tratar dos outros. Percebi que o jovem Salomão estava fascinado com o que ouvira e, ao mesmo tempo, tenso.

— Tenho fantasmas que me amedrontam, Júlio César. — E tinha mesmo.

— Eu também, meu jovem amigo. Mas não podemos nos submeter a eles.

Era hora do jantar, mas estávamos tão felizes que qualquer coisa que comêssemos seria uma iguaria. Quando tudo caminhava muitíssimo bem, apareceram mais uma vez os dois arruaceiros para tumultuar a festa. Barnabé disse:

— Eleitores desta cidade: prometo-lhes que se for o prefeito desta cidade colocarei os fantasmas do povo na prisão. Não sobrarão um miserável para assombrá-los.

Disputando com seu amigo, Bartolomeu abriu a boca e proclamou:

— O Prefeito é um demagogo. Eis-me aqui! Sou um caçador de fantasmas profissional. Tenho “E”.

Vendo Boquinha de Mel depreciá-lo e ainda por cima se gabar, o Prefeito não teve dúvida. Tirou um ratinho de pelúcia do bolso, que havia achado no lixo e guardado a sete chaves para uma ocasião especial, e amarrando-o numa linha o puxou na frente do Bartolomeu. Algo incrível aconteceu. Bartolomeu entrou em pânico diante do pequeno animal. Não podíamos acreditar que o imbatível e irrefreável Boquinha de Mel tivesse um fantasma que não sabíamos: fobia de ratos.

Bartolomeu deu um grito estridente e pulou no colo do Demolidor. O clima

filosófico desse magno inventário caiu mais uma vez do céu para o centro de um manicômio. Mas, por outro lado, amei ver Boquinha de Mel, o perturbador da sociedade, se curvar diante de um ratinho. Nunca rimos tanto. Parecíamos estar indo à forra.

O Prefeito continuou a brincadeira. Provocante, quis colocar nas mãos de Boquinha de Mel o pequeno rato inanimado. Mas este estava tão amedrontado que não raciocinava. O Mestre, aproveitando o ensejo, nos ensinou:

— Os fantasmas surgem quando não distinguimos as fantasias da realidade.

Vimo-lo arrepiado e se recolhendo. Não era clima para rir; afinal de contas, esse era um dos seus dramas. Mas, como ele zombava de todo mundo e nas horas menos apropriadas, não conseguíamos conter as gargalhadas. Pela primeira vez, ajudei a transformar o drama em comédia.

— O grande orador, matador de dinossauros, em pânico diante de um ratinho — disse-lhe, tirando sarro.

Constrangido, mas sem perder a pose de filósofo brega, desceu dos braços do Demolidor, “tirou” o pó da calça e da camisa e rebateu-me:

— Júlio César, notável imperador deste hospício social. Saiba que todo grande homem tem seus segredos.

CAPÍTULO 28

A ilha dos demônios



Enquanto todos estávamos fazendo piadas sobre o fantasma de Bartolomeu, entrou em cena Fernando Látaro, o diretor do presídio de segurança máxima. Ele estava embasbacado com tudo o que vira e ouvira. Antes de participar da experiência dos inventários históricos, sentia que sua instituição era o esgoto social, fim de linha, depósito de criminosos brutais, de sociopatas irrecuperáveis.

Essa instituição era conhecidíssima pela violência, pelas revoltas, pelo tráfico de drogas e pelos motins. Ficava na ilha do Sol, a cinquenta quilômetros da costa, mas era apelidada de “ilha dos Demônios” por abrigar os homens mais perigosos do país. Desde que começara a dirigi-la, havia dois anos, cinco rebeliões tinham ocorrido, e três policiais, um educador e dez detentos haviam morrido.

A vida não tinha nenhum valor para a maioria desses transgressores. Eles haviam cometido atrocidades inimagináveis. Alguns mataram suas mulheres, outros seus pais e outros ainda seus filhos. Alguns eram sequestradores, outros assaltantes de bancos e outros ainda traficantes de drogas. Havia terroristas e os que pertenciam à máfia e achavam que a vida alheia não valia mais que uma bala.

Trabalhar na ilha dos Demônios era enfrentar outra classe de fantasmas. Músicos não a visitavam. Religiosos não eram enviados para lá. Filantropos fingiam que a instituição inexistia. Ninguém se arriscava. A rotatividade de policiais, assistentes sociais, psicólogos e educadores era enorme. Alguns adoeciam no primeiro mês de trabalho. A cada ano, metade dos funcionários tirava licença médica com reais justificativas.

Eu conhecia relativamente bem a ilha dos Demônios e sua fama. No

passado, havia pedido para meus alunos fazerem um trabalho sociológico sobre as perspectivas de vida desses criminosos. Não conseguiram. Foram ameaçados e escoraçados por eles. Alguns dos internos comandavam gangues de dentro do presídio. Meus alunos tiveram medo de ser ameaçados pelos de fora. Cocaína, heroína, cânabis, alucinógenos volta e meia passavam pelos severos esquemas de segurança da instituição.

O diretor e os funcionários estavam desesperados com o comportamento recente dos presidiários. Desconfiavam que eles estavam planejando fugas. O próprio diretor, três policiais e cinco educadores estavam jurados de morte. Tinham de andar sob proteção, inclusive fora do presídio. Preocupado, o diretor nos disse:

— A violência atual atinge índices inimagináveis. Não apenas jovens sem privilégios sociais ou com graves problemas familiares estão cometendo atos criminosos, mas também jovens de classe média estão fazendo atrocidades contra pessoas inocentes. Em muitas escolas, a violência se tornou rotina. — E, num momento de consternação e abalo, afirmou: — Não entendo, era de esperar que a violência fosse extirpada neste século. — E, lembrando as palavras do Mestre que ouvira em outra ocasião, completou: — Demos saltos na tecnologia, mas estamos na infância do altruísmo e da tolerância.

Após seu breve relato, o abatido diretor fez um pedido ao Mestre que me abalou:

— Mestre, fiquei emocionado com a técnica de fazer inventário dos cinco dramas de nossa história. Será que você e seus discípulos não poderiam ensinar aos detentos da minha instituição, pelo menos a alguns deles, essa técnica socioterapêutica? Quem sabe teriam chances de desenvolver fagulhas de sensibilidade e cumplicidade social?

Asfixiado, pensei: “Como seria possível isso? Quem consegue levar esses psicopatas a se interiorizar? É uma experiência sociológica arriscadíssima, perigosíssima. Como levá-los a ver a importância de dividir suas histórias com os outros, se matam sem dar um aviso?”. Um educador da ilha dos Demônios foi mais incisivo:

— A sociedade trata nossos internos como lixo, e nós, que trabalhamos lá, temos de aturá-los. Apesar dos crimes, são seres humanos. Será que vocês não poderiam contribuir com isso?

Claro que o Mestre não ia aceitar. Até porque já correria ultimamente risco de morrer. Certamente não se exporia a mais esse gravíssimo risco, e muito menos exporia seu frágil grupo. Mas, antes que ele desse uma resposta negativa, Boquinha de Mel colocou todo mundo na fogueira. Respondendo pelo Mestre e por todos nós, disse:

— Topamos ensinar esses garotos!

— Umas belas palmadas, e tudo se resolverá — brincou o Prefeito.

Ingênuos, não sabiam o que falavam. E, antes que eu os contrariasse publicamente, o diretor e os funcionários os aplaudiram:

— Bravo! Muito obrigado!

Os miseráveis pensavam que a instituição era uma escola pública com alunos um pouco indisciplinados. Não sabiam quem era nem o que era a ilha dos Demônios. Seriam fritos como sardinhas nos primeiros segundos ao abrirem a boca para fazer uma piada.

Extasiado, um policial também ingênuo falou em voz alta:

— Finalmente, notáveis pensadores investirão na ilha dos Demônios.

“Pensadores?”, pensei eu. “Só se for de bobagens.”

Pensando que o policial estava brincando ao citar o apelido da ilha, Bartolomeu o corrigiu:

— Não fale assim dos meninos. É uma ilha de anjos.

— Eduquem as crianças que os presídios virarão museus — disse o Prefeito.

O Mestre dessa vez ficou muitíssimo pensativo, quase sem respiração. Conhecia o terreno em que fora convidado a pisar.

— Vocês acabaram de aceitar uma missão para atuar num presídio de segurança máxima — disse o Mestre aos dois petulantes.

Boquinha de Mel caiu em si. Com um nó na garganta, perguntou:

— Presídio de segurança máxima, Mestre?

Após um momento de reflexão, este falou, sem perder a serenidade:

— Sim! E, se vocês realmente quiserem, é uma oportunidade para venderem sonhos num ambiente onde é quase impossível sonhar.

Fernando Látaro deu apoio:

— Ofereço-lhes toda a segurança que temos disponível.

Afinando, Bartolomeu tentou dar uma desculpa para não aceitar a missão,

porém usou Barnabé:

— Prefeito, estou sentindo que você está abatido, macambúzio, tonto, cambaleante.

— Não, estou ótimo. Sou pau para toda obra. — Mas, caindo em si, disse: — É, não estou bem, estou com menopausa masculina.

Porém o Mestre pegou gosto pelo projeto. Disse para a dupla de baderneiros e para nós todos:

— Por que vocês não teatralizam a fobia a ratos de Bartolomeu para esses presidiários e, a partir daí, lhes explicam a formação dos fantasmas emocionais? Afinal de contas, todos nós temos alguns ratos em nossos porões psíquicos. Quem sabe Júlio César poderia ser o diretor teatral dessa peça!

E, de sobressalto, o irresponsável Prefeito acendeu sua emoção bipolar, saindo do desânimo para as raias da euforia. E deu uma de herói em cima de nós.

— Excelente ideia! Quem sabe podemos fazer uma faxina nos becos desses criminosos usando a história escabrosa desse complicado ser humano... — E apontou para Boquinha de Mel.

Boquinha não gostou e não perdeu tempo. Empolando a voz e imitando o Prefeito, disse:

— Povo meu, este homem, vulgo Prefeito, é o exemplo de um miserável que tinha tudo para dar errado. E por fim deu errado mesmo. — E caiu na risada.

— Boquinhaaaa! — expressou o Prefeito.

E Boquinha se corrigiu:

— Mas como está aprendendo a domesticar seus estranhos fantasmas tem a vasta esperança de mudar um pouquinho. — E deu mais algumas risadas.

Os dois descarados brincavam com tudo e com todos, e nas horas mais impróprias. Mas eram tão engraçados que era quase impossível não rir deles. Alguns sorriram sem ter a mínima ideia do que nos aguardava. Engasgado, olhei para a professora Jurema e disse-lhe baixinho e quase sem palavras:

— Você sabe o que é a ilha dos Demônios?

— Sim. Seremos fritos vivos. E, se alguém sair vivo de lá, certamente será jurado de morte!

Mônica ouviu a conversa ao pé do ouvido e tremeu. A professora conhecia também a famosa instituição. Já havia orientado alguns dos seus alunos de pós-graduação para aplicar, em determinados grupos de presidiários, técnicas

pedagógicas derivadas das teorias de Morin, Piaget, Freud, Vigótski, mas nada funcionou. Seus alunos saíram de lá quase sem roupas.

Resgatar suicidas de cima de uma ponte ou de um monumento era uma tarefa fácil comparada a educar esses infratores que queimaram etapas de vida. Com vinte, trinta ou quarenta anos, a maioria deles viveu mais dramas que dez idosos de oitenta anos.

Vendo a arriscada missão, recuei.

— Mestre, me desculpe, mas estou fora! O risco é altíssimo. Andar junto com Bartolomeu e Barnabé vá lá, mas trabalhar junto com eles para educar os infratores da ilha dos Demônios é inconcebível.

Bartolomeu me provocou:

— Olhe aí, gente. O grande educador mijando! — espetou-me no coração.

E para meu espanto um estudante de medicina, João Vítor, usuário de drogas e que havia chorado em meus ombros várias vezes nas últimas semanas, entrou em cena e disse:

— Por que não? Eu também topo ajudá-los. Eu também já estive preso.

João Vítor estava para ser jubilado da faculdade. Por andar com o Mestre nos últimos dois meses, começara a reorganizar sua história. Usava cocaína injetável. Suas veias estavam endurecidas, fibrosadas pelas picadas diárias. Desesperado, começou a procurar veias em outros locais. Começou a aplicar nas mãos e nos pés. Via meu filho João Marcos em João Vítor. Nomes semelhantes, histórias igualmente fragmentadas.

No início do contato com João Vítor, eu o peguei com crises convulsivas por uma overdose. Entrei em pânico, pensei que ele fosse morrer em minhas mãos. Passei a investir nesse jovem com todas as fibras do meu ser. Tínhamos encontros nos viadutos onde dormia. Certa vez ficamos conversando das oito horas da noite até as quatro horas da madrugada.

Eu estava feliz por ele, e comecei a sonhar que se tornasse também um discípulo do Mestre. Sei que não apagaria seu passado de dependente, mas poderia reconstruí-lo. Comecei a sonhar que a liberdade das páginas dos dicionários poderia ser cravada nas páginas da sua história. Mas a missão era arriscadíssima, e as prisões que João Vítor sofrera por portar pequenas quantidades de drogas eram em delegacias, não tinham nenhuma relação com a instituição que Fernando Látaro dirigia.

Junto com João Vítor havia outros usuários de drogas que seguiam o Mestre. Aprendiam pouco a pouco que era possível injetar aventuras nas veias sem usar nenhum tipo de droga, bastava andar com Bartolomeu e Barnabé. Mas a aventura que foi proposta na ilha dos Demônios era uma armadilha.

Não queria decepcionar João Vítor, mas estava titubeante, mesmo com as garantias de segurança do diretor. Tinha de revelar que me importava com a dor das pessoas. Tinha de sair do status de intelectual e mostrar minha humanidade, mas hesitava.

Constrangido, abanei a cabeça, pensativo. Mônica, Salomão, Dimas e Edson, que eram mais atirados que eu, me incentivaram. Vendo-me ainda titubeante, Bartolomeu novamente me provocou:

— Se o grande Júlio César for o diretor desse teatro, farei uma atuação inesquecível!

— Sim! Se o imperador das artes cênicas me dirigir, ateari fogo nessa instituição de homens mimados! — disse o Prefeito.

Um tanto inseguro, resolvi aceitar o desafio. E ao aceitar tive subitamente uma luz. Meu instinto animal se acendeu. “Essa será minha grande oportunidade para me vingar desses miseráveis falastrões. Eles me espezinharam, me diminuíram, fizeram piadas de mim, agora me pagam”, pensei.

— Ok, aceito! — afirmei, sob os aplausos da multidão. — Farei o roteiro e escalarei os personagens para papéis incríveis — disse, destilando sutilezas.

Ficaram todos felizes. Carregaram-me nos ombros. Caíram na minha armadilha. Mas lá no fundo eu temia cair em minha própria armadilha.

CAPÍTULO 29

Ameaçados na ilha dos Demônios



Para escrever o roteiro da peça teatral que apresentáramos na ilha dos Demônios, ouvi atentamente alguns períodos da história de Bartolomeu, captei o processo de formação do trauma de ratos e a razão de esse trauma ter começado a assombrá-lo como um fantasma. O falador contava, recontava, dava voltas, exagerava, simulava, enquanto eu tomava notas. Sinceramente, tive de ter uma paciência de Jó. Enquanto escrevia o *script*, preparei minhas armadilhas tanto para o filósofo de rua como para o político de botequim.

Ao arquitetarem seus personagens, pensei, certamente serão enxotados, ameaçados, fritados ou talvez até “comidos vivos” pela plateia de criminosos. Claro, eu não queria que aquilo fosse tão longe, mas confesso que sonhava com lições inesquecíveis. Era minha grande oportunidade de substituir o Mestre e educar do meu jeito esses discípulos insubordinados e incontroláveis. Sei que cometi muitas falhas como educador, mas meu instinto autoritário despertou, minhas garras deixaram meu inconsciente e começaram a encenar no consciente.

Uma coisa foi escrever o roteiro, outra foi ensaiar os personagens. Quase tive um ataque cardíaco. Não decoravam o texto, criavam falas inexistentes e faziam brincadeiras em excesso. Disciplina, nem para remédio. Ensaíamos debaixo de viadutos, nas praças, nas ruas.

— Diretor, estou me surpreendendo — disse Boquinha de Mel se autoexaltando para mim. — Descobri que sou um ator de fino talento.

— Se os diretores de “Hollivod” me descobrirem, tomo o lugar do Tonzinho, do Nirinho e do Chaplin — disse o Prefeito.

— Não é “Hollivod”, é Hollywood — corrigiu Mônica.

— Bem sei, querida Mônica, mas um político do meu naipe tem de falar

igual ao povo — disse, com a voz impostada.

— Chaplin já morreu há muito tempo — corrigiu Salomão.

— Morreu? Mas não no meu coração, Salomão — saiu o maroto pela tangente.

Edson ficou intrigado. Sabia que o Prefeito delirava dizendo que era amigo do Tom Cruise, o “Tonzinho”, mas nunca ouvira falar do outro personagem.

— Quem é o Nirinho? — indagou Edson.

— Não conhece Robert De Niro, ó homem dos milagres?

Depois de ensaiar uma semana, fomos de barco à famosa ilha dos Demônios. Todos os íntimos discípulos estavam presentes, inclusive a bela Mônica. Embora recomendássemos que ficasse, por causa dos riscos imprevisíveis que correria diante daqueles homens sexualmente sublimados, ela insistiu em ir. O barco que nos transportou era uma velha balsa adaptada de cem pés. Os assentos eram de madeira. A pintura branca estava desbotada. Os motores roncavam, cansados. Havia cinco seguranças a bordo.

Nossos cabelos revoavam ao sabor do vento, tocavam suavemente nossos olhos, gerando laivos aprazíveis. A brisa do mar perfumava nossas narinas e nos desintoxicava dos odores fétidos dos viadutos lúgubres. A velha embarcação quebrava as orgulhosas ondas, gerando pequenas marolas que se diluíam perante nossos olhos. Parecia um dia inesquecível. E o era. Sem saber o deserto que o aguardava, Bartolomeu comentou:

— Ah! Adoro uma mordomia.

— Vou fazer a plateia chorar — comentou o Prefeito.

O timoneiro, ao ouvir suas palavras, coçou o nariz e confirmou:

— Todos saem chorando dessa maldita ilha, amigos.

Senti um nó na garganta. A fadiga dos ensaios turvara minha consciência, contraindo minha percepção de que estávamos indo não para um teatro, mas para um matadouro. Ao contemplar a ilha ao longe, meu coração palpitou. Suspeitei que muitas lágrimas de fato rolariam. Voltei a face para o pequeno porto de onde tínhamos partido e tirei o cabelo da frente dos olhos para ver o continente que de nós se despedia. Pessimista, indaguei: “Será que nunca mais nele pisarei?”.

Nunca fui um homem nem um professor otimista. Aliás, o pessimismo é a dieta predileta da maioria dos intelectuais. Temos apreço pela dor e pela miséria. Otimismo, não poucas vezes pensamos, é coisa para mensageiros estúpidos

desconectados da realidade. Mas naquele dia eu tinha motivos concretos para chafurdar na lama do pessimismo. Tinha uma intuição de que meus planos não iam dar certo. À medida que nos aproximávamos da ilha, meu coração e meus pulmões perdiam a serenidade, sua frequência aumentava, suplicavam para meu cérebro ter juízo, bater em retirada. Mas como? Nadando? Tenso, continuei pensando: “Onde estivera com a cabeça para aceitar essa empreitada?”.

Não havia praias ao redor da ilha dos Demônios, somente rochedos, que se elevavam a mais de dez metros de altura. As ondas se arremessavam contra as rochas com violência, produzindo um barulho ensurdecedor. A paisagem tétrica, destituída de vida, revelava a vegetação costeira devastada, como as almas ali alojadas.

No alto se estendia uma muralha de pedras de quinze metros de altura, percorrendo a silhueta do seu entorno. Presos políticos e conspiradores haviam sido depositados ali no passado. Assim como a Muralha da China, o medo motivava grandes construções. Depois de minuciosa reforma, a portentosa construção tornou-se um presídio de segurança máxima, o mais respeitado e o mais temido do país. Porém um paradoxo se desenhava. Aprisionavam-se corpos, mas não mentes. Os pensamentos jamais se submeteram ao concreto ou se curvaram ao ferro, sejam barras, ferrolhos ou algemas.

Ao entrar no presídio, passamos por detalhada inspeção. Cinco homens nos revistaram rigorosamente. Ao penetrar no palácio dos encarcerados, sentimos medo e aversão. A paisagem do exterior era insólita, a do interior, cáustica. Pequenos jardins com grama mal aparada tocavam sem encanto nossa retina. Não havia flores, não havia árvores, não havia graça. Paredes desgastadas, pintura desbotada, buracos nas estreitas ruas constituíam a imagem punitiva. Era mais uma sentença aos perigosos infratores. O sonho deles não era pagar sua dívida social, mas fugir do caos. Homens com metralhadoras em cima da muralha guardavam o presídio, sabendo que cedo ou tarde outro motim implodiria.

Não poucos presidiários estavam condenados à prisão perpétua. Matar ou morrer não fazia grande diferença para aqueles cujas esperanças se haviam esgotado. Ao nos dirigirmos para o anfiteatro, passamos por um imenso pátio central com celas nas laterais. Raros eram os criminosos que estavam “livres”, no pátio. Alguns estavam ali por bom comportamento, outros por suborno e

ainda outros para diminuir as tensões internas. Os que estavam “livres” exerciam algumas atividades corriqueiras sob rigorosa vigilância. Senti calafrios com seus olhares. Os presidiários nos encaravam com elevadas doses de raiva.

Um criminoso com tatuagens nos ombros e no peito disse aos brados a seus companheiros:

— Estão nos visitando como visitam animais num zoológico. — E imitava diversos animais, de elefantes a leões.

A professora Jurema perdeu o equilíbrio e começou a ter vertigem. Dimas, um especialista em pequenos furtos, parecia um bebê diante da periculosidade daqueles homens. Salomão estava febril e com sudorese. Os lábios de Edson tremiam, e ele fazia rápidas orações para afugentar o fantasma do pânico. O Demolidor estava sem voz. João Vítor perdeu a cor e se arrependeu de ter me encorajado a aceitar o desafio. Eu não percebia o sentimento de Mônica, pois ela tivera de usar peruca desgrenhada e roupas largas para disfarçar as curvas do corpo.

Boquinha de Mel e o Prefeito, como sempre, estavam em outro planeta. Andavam jogando as pernas como dois playboys. Pareciam comandantes de um batalhão. Estavam dez metros à frente do grupo, com três seguranças desarmados, pois no pátio era proibido portar armas. Por onde passavam, acenavam, cumprimentavam, davam tchauzinhos, exatamente como faziam com os estranhos quando estavam nas ruas.

Um psicopata, numa cela ao lado direito, a cerca de doze metros deles, ao vê-los andando folgado em seu território, ficou irritadíssimo. Cuspiu no chão, indicando o que queria fazer com eles. Os dois também cuspiram, mostrando um insano comportamento. Não sei se cuspiram para provocá-lo ou para mostrar que eram iguais a ele.

Um assassino que havia exterminado uma família de cinco membros, vendo o Prefeito engolir bolachas prazerosamente, gritou:

— Prepare-se para emagrecer, gordinho. Vai perder cinquenta quilos.

— Fantástico! É o meu sonho, garotão — disse o insolente.

Mas senti que ele começava a ficar abalado. Seu espírito de político começou a esfriar. Dez passos à frente, um sequestrador ofendeu Boquinha de Mel. Bradou, sob o riso de seus companheiros de cela:

— Para onde você vai, maricas? Vem cá, florzinha.

Pensei que dessa vez Boquinha se calaria, mas, para nosso espanto, olhou de relance para os guardas que caminhavam ao seu lado e cresceu.

— Esse cara me deixou nervoso. Segurem-me! — E fez um sinal com os punhos. Os presidiários reagiram como gorilas querendo quebrar as grades. Gelei, meu queixo começou a bater.

Tenso, o guarda o advertiu, cabisbaixo:

— Moço, quem aqui não suporta ofensa vai dormir no cemitério.

Boquinha engoliu saliva, e sua impetuosidade murchou. Ele e Barnabé se distanciaram mais de nós. O medo apressou seus passos. O Mestre caminhava despreocupado ao nosso lado. Não entendi de onde emanava sua tranquilidade. Mas todos os homens tranquilos têm um limite, o Mestre não era diferente. Não tardou para eu vê-lo abalado.

CAPÍTULO 30

Conspiração



Um homem apelidado de El Diablo, com a cabeça raspada e uma cicatriz em cada lado do rosto, estava sentado no pátio, em um banco do lado esquerdo e próximo de outro criminoso, apelidado de Metralha. El Diablo e Metralha eram terroristas perigosos, chefes de facções e líderes do presídio. Eram temidos ali, ditavam o “código de honra”, davam ordens para assassinatos dentro e fora da ilha dos Demônios. Cada um deles tinha mais de cem anos de condenação nas costas, fora os crimes que ainda “transitavam em julgado”. Estavam no pátio devido ao seu poder. Fernando Látaro considerava que era melhor dar-lhes alguma mordomia do que incitar as feras a mostrar os dentes e fazer rebeliões, tática duvidosa, fragilmente funcional.

El Diablo levantou-se do banco e encarou demoradamente o Mestre. Metralha o acompanhou. A passos lentos, foram se aproximando. Além dos guardas que acompanhavam Bartolomeu e Barnabé, quatro deles seguiam ao nosso lado. Os guardas começaram a ficar ansiosos com a aproximação. A um sinal deles, uma escolta armada entraria em cena. Mas os terroristas não se intimidaram. El Diablo ficou pasmo com a figura do Mestre. Parecia que tinha visto um monstro, tal como Lúcio Lobbo, presidente do Hospital Mellon Lincoln.

Quando estava a dois metros do misterioso homem que seguíamos, disse com veemência:

— Não é possível! Você está vivo? Veio se vingar?

Pela primeira vez vi o Mestre intrigado. Não entendeu, tanto como nós, por que aquele criminoso dissera tais palavras. Vingança era uma palavra que não havia no seu dicionário. Vivia a arte da tolerância. Que conversa era essa?

Certamente fora confundido, pensei.

— Vingança? A maior vingança contra um inimigo é perdoá-lo! — disse o Vendedor de Sonhos.

— Mentira! Você não perdoaria seus carrascos! Veio aqui para se vingar. Mas não sobreviverá. — E ameaçou partir para cima do Mestre. Ficamos desesperados. Felizmente apareceram outros guardas com armas que abortaram a agressão.

— Não vê que ele é um andarilho? — disse um dos guardas, tentando amainar os ânimos do agressor.

Fiquei aflito. Nas últimas semanas o Mestre enfrentara duas tentativas de assassinato. Com quem o estariam confundindo? Todo diretor teatral tem momentos de insegurança quando inicia uma nova temporada. Daria tudo ao meu alcance para declinar do ofício.

Fomos rapidamente para os bastidores do anfiteatro, tentando nos concentrar. Bartolomeu e Barnabé já estavam lá. Mas ninguém se concentrou. Seríamos o maior fiasco. Não conseguiríamos sequer falar o texto, que diria interpretá-lo. Além disso, provavelmente incendiariamos o pavio de um motim. Mais tarde ficamos sabendo que alguns líderes, inclusive os membros da máfia chinesa, usariam o evento para tentar fugir no barco em que tínhamos vindo.

Fernando Látaro ficou sabendo, no dia do evento, da possibilidade dessa fuga e, em vez de cancelá-lo, achou melhor mostrar força, armando um complexo esquema de segurança. Não queria criar um clima de insatisfação na massa dos presos, já que uma semana antes havíamos sido anunciados como artistas. Além disso, queria que os piores criminosos estivessem presentes para vigiá-los melhor. E também sonhava que a técnica do inventário histórico pudesse produzir algum efeito em sua “clientela”. Para esse fim, convocara cerca de cento e cinquenta dos criminosos mais perigosos da instituição.

Entre os bastidores e o palco, havia uma velha cortina vermelha com alguns rasgos nas laterais e no centro. Pouco a pouco, a plateia começou a encher o anfiteatro. Os criminosos entravam resmungando. Ouvíamos alguns dos xingamentos:

— Vamos logo com essa porcaria!

— Teatro é coisa para meninas!

— Abre logo essa merda de cortina!

Ao ouvir os insultos e perceber o barril de pólvora que nos esperava, comecei a ter ondas de calor como as mulheres na menopausa e, ao mesmo tempo, minha inteligência travou. Não conseguia raciocinar. Havia trinta guardas fortemente armados nos corredores laterais. O Mestre, o diretor do presídio, três educadores, dois assistentes sociais e um psicólogo estavam sentados na primeira fila, na lateral esquerda. El Diablo e Metralha, bem como outros líderes do crime, estavam na primeira fila da lateral direita.

Os criminosos começaram a aumentar o tom das ameaças:

— Se não gostar, vou matar um! — esbravejou El Diablo, sob os aplausos da plateia.

— Se não gostar, como o fígado de cada ator — rosnou Metralha.

Estavam sob um ataque de raiva porque tinham percebido a artimanha do diretor de conter o motim usando a peça teatral. Como a peça teatral tratava da construção dos fantasmas na mente humana, pensei que só a encenação dos atores não seria suficiente para dar essa explicação. Senti que ela precisaria de um narrador, e me coloquei como tal. Portanto, teria de entrar no palco antes dos atores, pegar o microfone e dar sucintas explicações do andamento da peça. Ingênuo, comecei a perceber que me enroscara na própria armadilha.

Como eu estava hesitante, o Prefeito me empurrou, furei a cortina e entrei de supetão no palco. Deixei cair da mão o microfone sem fio. Fui vaiado. E, usando o termo de nossos amigos, gritavam sem parar:

— Vamos logo, bundão.

Tentando me recompor, lembrei-me do tempo em que meus alunos, pelando de medo de mim, faziam um silêncio mordaz. Elevei, portanto, o tom de voz e comecei os cumprimentos. Mas os criminosos não tinham respeito por nenhuma autoridade, só por revólveres e metralhadoras.

— Quero agradecer ao diretor Fernando Látaro pelo convite.

Quando mencionei o nome do diretor, só faltou me engolirem. Rugiam como predadores diante de uma frágil presa. Parecia que tinham um plano B. Partiriam para o confronto com os guardas e, ainda que alguns fossem baleados, os renderiam e tomariam posse das armas. Seria um desastre. Haviam cometido graves crimes e tinham as necessidades biológicas de sobrevivência garantidas naquela maldita ilha, mas as necessidades intelectuais, emocionais e culturais eram esmagadas. Eram seres humanos triturados, fraturados, que se sentiam

como ratos dentro de um esgoto.

Amedrontado, procurei exaltar os participantes para diminuir a tensão.

— Estimados espectadores, é uma honra... — Ao ouvir o elogio, alguns gritaram:

— Vamos parar com essa palhaçada!

Outros bradaram:

— Vai ter quebradeira. Cai fora, bibelô.

E desse modo instigavam seus instintos animais para partir para o tudo ou nada. Desesperado, fui logo para o objetivo:

— Gostaria de lhes falar como se desenrolará a peça teatral.

Mas ninguém estava literalmente interessado em ouvir ou ver peça alguma.

— Intelectual estúpido. Puxa-saco.

Angustiado e com a voz embargada, procurei pelo Mestre para ver se conseguia sugar um pouco da sua energia. Mas não enxergava nada. Meu coração palpitava tão forte que era possível ver os movimentos de minha camisa de gola polo. Queria estar em qualquer lugar do mundo, mas não ali. Todo o meu notável conhecimento sobre violência e criminalidade virou pó. Os maiores criminosos do país estavam presos pelas barras de aço, e eu pelas barras do pânico. Estávamos todos assombrados por nossos fantasmas. Éramos todos prisioneiros, queríamos todos fugir.

CAPÍTULO 31

Chocando psicopatas e assassinos



Profundamente preocupado com o início da rebelião, Fernando Látaro tentou assumir sua autoridade como diretor. Subiu no palco e pediu respeito. Em vez de atendê-lo, os internos se levantaram e começaram a bater os pés no chão. Parecia que o anfiteatro viria a baixo. Eu não sabia se corria ou se ficava. O tumulto ficara insustentável. Quando os policiais iam entrar em choque com os criminosos, apareceu um fantasma que deu um choque de dez mil volts em todos os presentes: Bartolomeu.

Bartolomeu apareceu tão rápido e deu um grito tão forte que quase tive um ataque cardíaco. O diretor também se assustou. A plateia, pega de surpresa, tentou entender por segundos que furacão era aquele.

Usava uma peruca cujos cabelos estavam espetados para o alto e para os lados, como se tivesse saído de um filme de terror. Era a peruca de Mônica. Vestia um conjunto azul-marinho, de saia e casaco, e salto alto. As peças que usava eram dos tempos da brilhantina, emprestadas pela professora Jurema. Estava “tão feio”, ou melhor, “tão feia” que não despertaria nem a atenção dos mais tarados homens do presídio. Subitamente entrou também o Prefeito com uma peruca loira, emitindo sons primitivos junto com Boquinha de Mel e estrebuchando no palco. Era a terapia do grito em cena.

Ao ouvir a *performance* dos dois baderneiros, fiquei como que fora de mim. “O que estarão aprontando? Certamente atea-rão fogo nesse motim.” Bartolomeu parecia uma leoa destroçando uma presa. Não sabia onde estava pisando nem tinha noção dos perigos que corria. Imaginei que os predadores da plateia é que o destroçariam vivo.

El Diablo e Metralha, vendo seus companheiros distraídos com os dois

malucos, bufaram de raiva. Olhavam para todos os guardas a postos, e, quando iam dar a ordem para o levante começar, Bartolomeu e o Prefeito se aproximaram deles. Tiraram as perucas, jogaram-nas com raiva no chão e cruzaram os dedos. Entendi que faziam o sinal da cruz porque sentiam que iam morrer.

El Diablo e Metralha, ao vê-los, ficaram pasmos. Imediatamente se aquietaram. Com perucas eles eram horríveis, sem perucas eram assombrosos, imaginei. Os criminosos levantaram a mão direita e abriram e fecharam o punho três vezes. Preferiram aguardar alguns minutos para iniciar o banho de sangue.

Subitamente alguém diminuiu a luz do palco. Percebendo que a calma estava se instalando, em vez de também se aquietarem e retornarem aos bastidores, Bartolomeu e o Prefeito colocaram novamente as perucas e começaram a imitar diversos animais, de ursos a dinossauros. E não é que eram bons naquilo?! Pareciam dois desvairados no pior dos surtos psicóticos.

Fernando Látaro foi se sentar novamente. Estava tão perdido quanto os presidiários. Talvez a peça já tivesse começado, pensou. Mas tudo aquilo fora improvisado. Alguns presidiários começaram a dar risadas das loucas. De repente, as “loucas” pararam. Fez-se silêncio absoluto. Uma música de arrepiar os cabelos começou a tocar, como nos filmes de Alfred Hitchcock.

Boquinha de Mel foi andando lentamente até o centro do palco, fitou a plateia silenciosa e, como se fosse devorá-la com os olhos, emitiu um som como se seu coração estivesse estourando, como se fosse o último fôlego. E caiu duro no chão. Bateu a testa no tablado e ficou imóvel. Os psicopatas, parricidas, sequestradores, terroristas e estupradores começaram a olhar uns para os outros e a se perguntar o que significava aquilo.

Então, o Prefeito, que tinha ido sutilmente aos bastidores, apareceu com um caixão nas costas, material que havia pedido, sem que eu soubesse, para um dos educadores. Sua aparência era horripilante. Colocou Bartolomeu com dificuldade dentro do caixão. Em seguida, ergueu suavemente o rosto e, com os olhos estatelados como se fosse protagonista de um filme de terror, deu uma gargalhada fantasmagórica, dizendo:

— Eu sou a morte. — E, apontando para a plateia, bradava: — Vou comer seu cérebro, triturar seus pensamentos. — E dava risadas medonhas. — Eu sou a morte, ah, ah, ah, ah! Trucido os poderosos, esmago psicopatas, ah, ah, ah, ah!

Nesse instante, alguém diminuiu mais ainda a luminosidade do palco, dando mais tensão à cena. O Prefeito tirou uma faca de dentro da camisa, abaixou-se dentro do caixão, esfaqueou Boquinha de Mel e fez movimentos como se estivesse abrindo seu cérebro. Fiquei realmente amedrontado. Não era possível que isso parecesse tão real... Momentos depois, após se lambuzar com “sangue”, arrancou algo do meu amigo. Eu estava a cerca de quatro metros e quase desmaiei ao ver o que era.

— Pegueeei seu cééérebrooooo! — gritou, como se tivesse tirado um troféu. Parecia um cérebro de verdade. E, por incrível que pareça, começou a comê-lo e a se lambuzar de sangue.

— Amo cérebro de assassinos — disse o Prefeito, emitindo uivos de alegria e de pavor.

Eu estava tão atônito com o que ouvia que não acreditava que tudo aquilo fosse concreto. Parecia surreal. Enquanto falavam, alguns sons eram emitidos nos bastidores do anfiteatro, o que dava mais realidade ao clima de pavor.

Olhei de relance para a plateia e fiquei impressionado. Num instante estávamos para ser linchados por eles, noutra pareciam meninos desprotegidos. Alguns colocavam as mãos na cabeça, tentando proteger a calota craniana. Os criminosos sentiam-se pela primeira vez pequenas vítimas do medo. Mas eu tinha receio de que, se algo os perturbasse, o clima de tensão pudesse ser quebrado e a revolta se instalasse.

O Prefeito se apresentou como o psicopata dos psicopatas. Invadiu o psiquismo dos presidiários sem pedir licença. Entrou no mundo deles. El Diablo estava estarecido, não tirava os olhos do velho caixão. Reflexivo, entendeu que um dia enfrentaria sem proteção alguma o fantasma que usara para assombrar a sociedade: a própria morte. Como a quase totalidade dos homens violentos, evitava com todas as forças pensar nela. Mas agora tinha de pensar que tudo o que amava, tudo aquilo por que lutara, tudo o que ambicionara se esfacelaria num pequeno túmulo. Tornar-se-ia nada, simplesmente nada.

O Mestre via no palco uma pequena amostra da revolução dos anônimos. O Prefeito levantou-se perante o caixão e proclamou:

— Silêncioooo! — Mas a plateia já estava concentrada. — Vou lhes falar da teoria mais conspiratória que existe. Uma teoria que abalaria Einstein, destruiria este presídio e faria tremer o agente 007!

“Uma teoria? O que ele está preparando? Muitos prisioneiros nem sequer sabem o que significa uma teoria. No máximo fizeram alguns anos de escola, leram pouco ou sabem fazer cálculos matemáticos mais simples. Como entenderiam uma teoria?”, pensei.

Então, o Prefeito se aproximou da plateia quietíssima, que captava cada um dos seus movimentos, e bradou:

— A teoria dos flatos!

— Flato? — disse o diretor Fernando Látaro, superpreocupado.

— Flatos? — indagou o Mestre.

Teoria do quê?, todo mundo se perguntava. Ninguém riu, pois o clima que eles haviam criado era tão tenso que ninguém imaginava o que essa teoria representava. Talvez se tratasse de uma arma química, um novo combustível para foguete. Mas de repente, para nosso alívio, Bartolomeu saiu do caixão, aumentaram a luminosidade do palco e começou a tocar uma música de circo:

“Tã, tarã... tarã, tã, tã, tã... tatá!!!”

Sáímos do terror para a comédia. Minha mente inverteu os polos. A dos presidiários também. Mesmo esses homens, que estavam acostumados com o risco de morrer, de ser mutilados, presos, enfim, tinham aventuras injetadas nas veias, não estavam preparados para mudanças tão bruscas de humor. Por instantes, não sabiam se riam ou se choravam.

Até o Mestre ficou aparentemente confuso. Só sabia que os dois irrefreáveis personagens jogariam uma bomba no anfiteatro. Preocupado, comecei a imaginar que talvez Bartolomeu e Barnabé conhecessem mais aqueles criminosos do que qualquer delegado ou psiquiatra forense. Talvez fossem mais perigosos para a sociedade do que os infratores da ilha dos Demônios.

Quando a luz se acendeu, os dois, sem que percebêssemos, tinham colocado nariz e cartola de palhaço. Levaram a plateia a aplaudi-los, e depois o Prefeito falou da sua “complexa” teoria. Quase desmaiei novamente.

O Prefeito virou seu grandioso traseiro para a plateia e Boquinha de Mel completou a diarreica ideia.

— Distinto público, quem entender a teoria dos flatos nunca mais verá suas nádegas da mesma maneira. — E o Prefeito soltou um trovão que mexeu com o anfiteatro. Todos entenderam, enfim, o que era a teoria dos flatos.

A plateia de criminosos, ouvindo a trovoada do Prefeito, foi ao delírio.

Todos saíram do ápice da tensão para o ápice do relaxamento. Num instante o cérebro deles estava engolido num caixão, noutra eles estavam soltando gases como crianças. Comecei a ter dor de cabeça. Insistindo em minhas teorias, perguntei-me: cadê o clima pedagógico? Cadê o ensino sobre o inventário histórico?

O Mestre colocou as mãos na face. Não sabia se queria sair correndo como eu ou se estava se divertindo. Mas parecia sorrir. Eu não sabia se os dois haviam planejado esse plano B com o consentimento dele ou se fora tudo improvisado, como sempre. Não sabia nada. Estava sem chão, completamente desinformado, com raiva de mim mesmo e do grupo. Era o último a saber dos acontecimentos.

O diretor do presídio estava apreensivo. Achava que dessa vez o circo pegaria fogo. Os policiais nos corredores tiveram um sentimento dúbio. Uns relaxaram e sorriam, outros empunhavam as armas, temendo o pior. Subitamente, outra personagem apareceu para contracenar com eles e explicar a mais doida de todas as teorias: a professora Jurema. Não podia imaginar que uma intelectual brilhante como ela entrasse nessa maluquice.

— Meus filhos, o ar é democrático. É de todos, é usado por todos e deve ser cuidado por todos — disse ela aos infratores. — O réu solta flatos, os policiais soltam gases, os intelectuais também. Nessa área, estamos todos no mesmo barco. — Depois enfatizou: — Ninguém escapa: bebês, crianças, adultos, idosos, celebridades, anônimos, ricos, miseráveis, enfim, todos soltam pum. Só não solta quem está morto — e apontou o caixão.

— Cada ser humano solta dez mil flatos durante sua existência, aumentando o efeito estufa. Somos todos “peidados” — disseram em coro Boquinha de Mel e o Prefeito.

— Existem vários tipos de flatos — disse a professora Jurema.

E os dois arruaceiros começaram a explicar os famigerados tipos:

— Há o flato psicopata. — E o Prefeito começou a fazer cenas para explicá-lo. — O psicopata vem mansinho, bonzinho, cheirosinho. “Como está? Tudo bem?” E, como um anjo, conversa para lá e para cá e, quando menos se espera, solta um torpedo silencioso que domina a vítima.

Em seguida entrou Boquinha de Mel e explicou:

— Há o flato amigo da onça. É o mais descarado de todos. Você confia nesse flato, acha que ele é seu melhor amigo e sente que jamais o trairá. Você

respira fundo, suplica para o miserável sair de mansinho e não entregá-lo. Mas, de repente, quando menos espera, o amigo da onça sai arrastando o pneu e dando escândalo. E você, sem graça, fala “acho que vai chover hoje”, mas todo mundo sabe que foi você que soltou o trovão.

Olhei para os presidiários e os vi descontraídos, soltos. Era difícil acreditar que aqueles homens eram os mais violentos da sociedade. Pensei comigo: “Todo ser humano, seja um criminoso ou uma vítima, tem fome e sede de prazer”. Freud estava certo quando disse que o princípio do prazer governa a psique humana. Posteriormente, Boquinha de Mel, o filósofo das ruas, falou efusivamente:

— Há o flato *socialite*. Imagine três amigas da alta sociedade se encontrando. Cada uma delas está usando óculos escuros maiores que sua cabeça, capazes de cobrir a cara de um elefante. Uma delas solta um flato sutil, inaudível. E com a maior cara de pau tem a coragem de dizer: “Acho que tem alguma coisa podre aqui”.

— Caros ouvintes, há ainda o flato intelectual — bradou o Prefeito, olhando para mim. — Esse é o mais sem-vergonha de todos. O sujeito sabe que o flato está na portinha do... do escapamento. — E olhou para a professora Jurema, que aprovou o linguajar pedagógico.

— Tá bom, tá bom.

— Sim, os gases estão na portinha do escapamento, e com o maior descaramento ele os solta. Sutil, o intelectual continua a conversar com os outros como se nada tivesse acontecido.

Os presidiários se esbaldavam como crianças. Nem parecia que estavam num presídio de segurança máxima. Nesse momento, eu me aproximei da professora Jurema e lhe perguntei baixinho:

— Onde está Piaget? E Vigótski? E Morin?

A professora foi contundente comigo:

— Meu filho, vamos fazer o quê? Até Marx já foi para o ralo com esses malucos. Educar não é a arte de transmitir ideias, mas a arte de torná-las compreensíveis. Esses criminosos estão fartos de conselhos e lições de moral. Bartolomeu e Barnabé cativaram-nos. — E, criticando-me, completou: — Esvazie os gases da sua cabeça. Solte-se!

Caí em mim. Nunca eu conseguira atingir meus alunos, nunca usara a

linguagem deles. Sentia que sair do meu pedestal e penetrar no mundo deles seria um preço muito alto. Enquanto eu ponderava essas coisas, o Prefeito, sentindo que a multidão estava delirando com seus ensinamentos, ficou em transe. O espírito de político se reacendeu.

— Cidadãos desta magna instituição, eis a campanha da minha próxima eleição. Será baseada na honestidade: “Ninguém é digno de seu traseiro se não assumir seus flatos!” — A plateia não se conteve. Levantou e aplaudiu o insubordinado. E ele acrescentou: — Se todo eleitor que solta gases votar em mim, terei a maior votação da história!

Mais tarde fiquei sabendo que eram João Vítor, Dimas, Salomão e Edson que controlavam a luminosidade e faziam a sonoplastia. Participaram do plano B, e eu me tornei um mero espectador.

Depois da apresentação, os três se curvaram diante da plateia, junto com os que estavam nos bastidores. Não preciso dizer que o anfiteatro quase veio abaixo. Pela primeira vez em séculos de história, a ilha dos Demônios se tornou a ilha dos Anjos, pelo menos por algumas horas.

Os criminosos continuaram em pé, aplaudindo a trupe. Constrangido, fiquei de lado. Também os aplaudi. Os desvairados conseguiram o que nenhum psiquiatra, psicólogo, educador ou sociólogo jamais conseguira nessa instituição. Quando se tem uma mente livre, é possível pensar em outras possibilidades para educar.

CAPÍTULO 32

Meu *script*, afinal



Depois da balbúrdia aprontada pelos meus amigos, eles se recolheram aos bastidores e eu assumi o palco. Chegou a minha vez de atuar como narrador do *script* que escrevi. Tarefa dantesca. Mas estava mais relaxado. Resolvi não ser distante da miserabilidade deles. Queria me aproximar até o limite possível.

Antes de iniciar minha narração, olhei para aqueles homens que se portavam como adolescentes e os vi como meninos cuja infância fora roubada. Sim, eram responsáveis pelos seus atos, eram culpados pelos seus crimes, mas tinham histórias despedaçadas. Como esperar serenidade deles, se quando crianças a agressividade se tornara uma caneta que escreveu os capítulos fundamentais de sua história?

Fui ao centro do palco. Não precisei fazer esforço, elevar o tom de voz nem exercer tipo algum de pressão. Eles simplesmente se aquietaram, esperando minhas palavras. Rapidamente expliquei que seria o narrador da história. As velhas cortinas se fecharam, e Bartolomeu e os demais foram se preparar. Pedi aos espectadores que prestassem atenção no movimento dos personagens e procurassem compreender como é fácil formar traumas.

— Se os pais protetores podem traumatizar seus filhos, imaginem a ausência de pais ou a presença de pais violentos ou de privações, perdas e outras formas de agressividade. Não estamos querendo justificar os erros, mas mostrar como surgem nossos fantasmas – comentei para despertá-los.

As cortinas se abriram, e os espectadores sorriram, excitados. Bartolomeu, vestido de mulher, lia uma revista. Seu nome era Clotilde. Usava outra cabeleira, mais esquisita que a primeira. O Prefeito, cujo nome na peça era Romeu, fazia par romântico com Clotilde. Era minha vingança no *script*. Os dois seriam

debochados ao máximo. Casados havia dez anos, eram ranzinzas, ranhetas, especialistas em criticar um ao outro. Representavam os pais de Bartolomeu nos primeiros anos de vida, antes de o pai morrer e a mãe deixá-lo num orfanato.

Romeu era viciado em TV, em reclamar do governo e em falar mal do seu trabalho. Dona Jurema, mãe de Clotilde, era desnaturada, desregrada, desmiolada. Clotilde era profissional em bordar e fofocar. Dimas e Salomão representavam os dois filhos do casal, um de cinco anos e outro de dois. O resto da turma estava nos bastidores fazendo sonoplastia.

Sem tempo a perder, comecei a narrar a história:

— Imaginem na sala da casa de uma família moderna uma mulher linda, maravilhosa, lendo uma revista de modas. — A plateia assoviou para Clotilde. Animada, ela folheava a revista do fim para o começo e de baixo para cima. E, mudando a fala da peça, proclamava toda espalhafatosa: — Linda! Linda! Você parece comigo!

Continuei:

— Imaginem que essa revista só tem caras e outras coisas, fotos de modelos magérrimas, desnutridas e, não poucas vezes, doentes pelos padrões da medicina. Quanto mais Clotilde lê a revista, mais “aumenta” a sua sabedoria — brinquei.

E pedi que continuassem a libertar seu imaginário.

— Nessa mesma sala, um pai está assistindo a um filme policial. — Apontei para Romeu. — Aquele filme pastelão em que todos sabem previamente dos acontecimentos. Lá estão um herói e um bandido. O mocinho precisa de qualquer maneira prender ou matar o bandido, desonesto, igual a algumas pessoas que vocês conhecem. Mas ninguém sabe como nem por que se tornou um criminoso. Frequentemente o cinema trata os criminosos como escória, lixo humano, que tem de ser removido. Parece que eles não têm sonhos, não choram, não amam nem têm insônia.

A plateia me aplaudiu, e fiquei surpreso com sua reação. Os criminosos começaram a se identificar no cenário. Talvez fosse a primeira vez que estivessem tendo a oportunidade de se interiorizar, refletir e deduzir. Romeu, esquecendo o roteiro, torcia para que o bandido vencesse o herói. Dava chute no ar, murro na poltrona, urrava. Queria entrar na própria TV. Aos berros, disse:

— Porrada nesse mocinho, seu frouxo.

Parei a narrativa e corriji o ator:

— Romeu, na peça você não está do lado do bandido.

— É mesmo? Desculpe, gente, mas vocês me contagiaram — brincou, com inteligência. Não sei como o Prefeito conseguia construir essas tiradas, só sei que a plateia gostou do seu senso de humor. Continuei a narrar o roteiro com mais vibração.

O Prefeito e Bartolomeu, devido à SCF, continuaram acrescentando falas que não estavam no *script*. Clotilde, ou seja, Bartolomeu começou a ter comichões no cérebro. Deixou de lado a revista de modas, saiu da sua poltrona e caminhou até Romeu. Ao se aproximar dele, apontou para a TV e disse:

— Benzinho, meu grande político frustrado. Olhe o cafajeste batendo na mulher. Como um grande líder, você admite essa violência?

Na verdade, Bartolomeu jogara sujo, queria colocar fogo no circo, queria atizar o espírito do Prefeito. E deu certo. Num sobressalto, o Prefeito esqueceu-se do personagem Romeu e, sentindo-se o protetor dos direitos da mulher, proclamou:

— Como um dos líderes desta grande nação, proclamo que quem bater numa mulher, ainda que seja com uma flor, não é digno de ser macho.

— Você é o melhor homem do mundo — disse Clotilde, levando Romeu ao êxtase, mas na verdade lhe preparara uma armadilha. Sem que ele percebesse, ela estendeu a mão direita e deu-lhe uma palmada que o jogou longe.

— O que é isso, Boquinha! — disse raivosamente o Prefeito. Armou os punhos e preparou-se para a briga. Nada o seguraria. Mas Clotilde, esperta e piscando os olhos, disse-lhe:

— Benzinho! Nem com uma flor!

O Prefeito mordeu os lábios, prendeu o fôlego e sentiu que o miserável do Boquinha estava usando o teatro para fazer acertos de contas. E, um tanto tonto pelo tapa, olhou para a plateia, depois para sua “esposa”, e tentou manter a pose de homem.

— Clô queridinha, você quase me fez beijar a lona!

— Esse nocaute é por mim e pelo Mestre, fofinho — disse, lembrando que o Prefeito lhe dera um soco no queixo debaixo do viaduto depois de ter sido espancado pelo chinêsinho.

Subitamente outro personagem improvisou. A professora Jurema, na pele

da vovozinha, veio por trás de Romeu enquanto ele discutia com Clotilde e lhe deu um chute no traseiro com vontade. Em pânico, ele deu um pulo e ouviu da vovozinha os motivos da agressão:

— Tire a bunda dessa poltrona e vá trabalhar, seu vagabundo.

Entusiasmadíssima, Clotilde se derreteu em elogio para ela:

— Você é a melhor mamãe do mundo.

— Obrigada, querida. — E comentou com Clotilde: — O zíper nas suas costas está abaixado, deixe-me levantá-lo.

— Claro, “mama”! — expressou Bartolomeu ingenuamente.

Quando Clotilde se virou, a professora Jurema deu-lhe também um chute no meio do traseiro, com mais vontade ainda. Boquinha de Mel saiu correndo, com medo, e, olhando para trás disse, apavorado:

— Está louca, mulher? — A professora Jurema há muito tempo esperava uma oportunidade para fazer também seu acerto de contas.

— Estou começando, seu malandro, quer dizer, malandrinha.

Romeu gostou:

— Grande pontaria, vovó. Vai pra seleção.

Imagine o que a plateia de criminosos sentiu ao ver os dois comedores de cérebros humanos e os dois teóricos dos flatos apanhando de uma velhota. El Diablo, que era um homem carrancudo, mal-humorado, que só sorria ironicamente, nunca se divertira tanto. O homem virou uma criança.

— Dá-lhe, vovó — disse El Diablo com entusiasmo. — Você merece, seu bebum — completou.

Bebum? Como ele sabia que Bartolomeu fora alcoólatra? Deve ter chutado, pensei. Nem eu me aguentei, jamais ficara tão contente nesses últimos meses. Finalmente minhas armadilhas estavam dando certo, as contas estavam sendo saldadas. Esses discípulos internariam qualquer mestre numa casa de loucos. O Mestre devia estar pensando: “O que esse povo está fazendo? Onde está o ensinamento que lhes transmiti?”.

Acalmados os ânimos, os personagens voltaram a seguir o *script*, pelo menos por alguns instantes. A mãe de Clotilde voltou a se distrair com suas costuras, Romeu a se concentrar na TV e Clotilde a ler a sua revista de moda. Respirei aliviado e voltei à narrativa.

— De repente, nessa desvairada família, quando não se anunciava mais

nenhuma tempestade no ar, eis que entrou um personagem ameaçador na sala onde todos estavam e quebrou a rotina, mandando tudo para o espaço. Quem era?

Todos ficaram pensativos. Um assassino idoso, que estava havia trinta e cinco anos preso, acusou:

— Um comedor de cérebro — disse com bom humor.

— Pior que isso, senhor — retruquei. Com grande expectativa, aguardavam identificar o miserável. Então gritei: — Um ratinho!

A plateia expressou:

— Aaaahhh!

Estavam desapontados, mas não sabiam que chegara a minha vez de criar um clima de terror. Não sabiam que o grande Bartolomeu tinha pavor de ratinhos. Não imaginavam que fora combinado previamente que eu substituiria o ratinho de pelúcia movido a pilha por um pequeno coelhinho, também de pelúcia, para que ele, na pele de Clotilde, não tivesse um ataque de pânico.

Mas não substituí. E, pior ainda, o ratinho que estava em meu bolso não era a pilha, mas verdadeiro. Meu instinto de vingança veio à tona. Lembrei rapidamente as diversas vezes em que me chamara de Superego e dissera que os intelectuais eram imbecis e ingênuos. Senti que esse era o momento para acertar também as minhas próprias contas.

CAPÍTULO 33

A maior crise da história



Os homens que assistiam ao nosso espetáculo já haviam enfrentado metralhadoras, pistolas automáticas, rifles AK-47, escopetas. Agora veriam que os terremotos nascem de um pequeno deslize de placas, uma montanha é formada de minúsculas partículas de areia e um oceano, de diminutas gotas de água. Na mente humana isso ocorria também.

E soltei o ratinho verdadeiro. A reação de Clotilde, ou melhor, Bartolomeu, foi bombástica diante do pequeníssimo animal. Não esperava que eu fosse fazer isso com ele. Deu um grito estridente que quase matou de infarto o Prefeito. Ficou uns trinta segundos em transe, sem saber se estava dentro do presídio ou se estava ocorrendo um terremoto ou um ataque terrorista.

A professora Jurema, percebendo que o rato era real, começou a passar mal de verdade. Também tinha pavor de ratos. Comecei a abaná-la com uma mão enquanto, com a outra, segurava o microfone para continuar a narração. A plateia também se assustou com o pânico de Clotilde, percebendo que as coisas fugiam do controle. Ela estava em cima da poltrona, gritando como louca:

— Mate esse bandido, Prefeito!

E eu narrei:

— Mas só havia um bandido na tela. Então, o cinema começou a ser vivido, ao vivo e em cores, na casa de Romeu. Esse homem — disse eu enfaticamente — há muito tempo não matava sequer uma mosca. Mas pegou seu sapato com a maior fé do mundo e atirou no ratinho. Porém o ratinho se desviou. Tomado pela raiva, pegou outro sapato e, mirando no monstro, errou de novo. Pegou a sandália de Clotilde e atirou com mais força no ratinho, que corria de um lado para outro. E errou o alvo.

Fazendo uma pausa, interpretei:

— Claro que errou o alvo, senhores! Esse ratinho tinha mais qualidade de vida que Romeu, pois este pregava o traseiro na poltrona, só reclamava e não praticava exercícios, enquanto o ratinho saçaricava o dia todo.

Clotilde, percebendo que o Prefeito era um desastre na artilharia, procurando incentivá-lo a destruir seu suposto inimigo, colocou mais fogo no seu sentimento de impotência e ansiedade.

— Você é um rato ou um homem? Até um bichinho te controla?

Sentindo-se ofendido, o Prefeito disse para ele:

— *Qué pasa, hombre?!*

Aproveitando a oportunidade, falei:

— Há dez anos Clotilde e Romeu se casaram e prometeram diante do altar que na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza jamais deixariam de se amar. Mas agora um bendito ratinho deflagrava uma guerra na casa deles. — Eu me lembrei do meu próprio casamento esfacelado e, improvisando, acrescentei: — Não tropeçamos nas grandes montanhas, mas nas pequenas pedras.

Lembrei-me de que fora devorado. Bartolomeu esqueceu que estava fazendo o papel de Clotilde e o Prefeito esqueceu que estava na pele de Romeu. Ambos misturaram os personagens fictícios com a vida real. Raivoso por ter sido chamado de rato, o Prefeito pegou a revista de Clotilde e a atirou no ratinho, mas errou o alvo de novo. Clotilde disse:

— A revista, não, Romeu!

Mas numa guerra vale tudo. Em crise, Clotilde aproveitou para falar para o Prefeito tudo o que tinha vontade de dizer, mas, por estar na presença do Mestre, se continha. Usou então o teatro para vomitar:

— Você é um bundão, Prefeito! Não aguento carregar você, seu palerma! Você não resolve nada na vida!

Romeu começou a bufar de raiva. E, apesar de seu enorme peso, saiu dando pulos no ar em cima do ratinho, emitindo grunhidos horripilantes como um *Homo sapiens* primitivo.

De repente, o ratinho saiu do palco e foi para a plateia. E algo inacreditável ocorreu. Alguns daqueles brutamontes começaram a subir nas suas poltronas. Não tinham medo de enfrentar a polícia federal nem o exército, mas tremiam como varas verdes diante de ratos. O ratinho acionou os monstros que estavam

nos porões da mente deles. Dois minutos após, um prisioneiro com uma cara de bravo, fechada, pegou o rato pelo rabo e o devolveu ao palco.

Quando colocou o rato no palco, ele estava mais esperto do que nunca. Foi de um lado para outro, e, sob um ataque de cólera, o Prefeito começou a fazer chantagem:

— Venha cá, Mickeyzinho, venha com o papai Disney — disse, querendo colocar o ratinho no micro-ondas como uma ex-sogra quase fizera com ele. Mas o ratinho, nada. Eis que, com impressionante habilidade, o bichinho mudou de posição. Deu um baile no Prefeito e ficou nas suas costas, como se estivesse dando risadas do seu agressor. Isso não estava no meu *script*. Então, subitamente, o imprevisível aconteceu. O ratinho entrou dentro das calças do Prefeito. Isso também fugia do *script*.

O Prefeito deu um tranco nas costas e ficou inerte como se fosse uma estátua. Depois soltou um grito tão estridente como o de Clotilde e disse:

— Uauuuu! *Qué pasa, ratón!* Aí, não, meu irmão!

Depois começou a chacoalhar as nádegas na tentativa de desprender o infame invasor. Mas nada. O ratinho escalava o monumento sem cordas e com incrível aderência. Os prisioneiros estavam sufocados de tanto rir. Vendo-se em apuros e não conseguindo dar um fim no miserável, o Prefeito enfim cedeu à sua impotência. Pediu ajuda para ninguém menos do que a professora Jurema.

— Vovozinha, venha dar um chute nesse psicopata.

Era tudo o que a professora Jurema queria ouvir. Ajudaria seu amigo e ao mesmo tempo teria o privilégio de socar o pé mais uma vez no traseiro do político de rua. Estava tão eufórica que pensou ser uma piada. Mas ele nunca falara tão a sério. Qualquer tentativa era válida. Como a professora Jurema fez uma pausa de trinta segundos para mirar bem no alvo, o Prefeito perdeu a paciência.

— Avante, velhota! Ele está na banda esquerda. — E, tentando descrever o descarado ratinho com o máximo de precisão possível, arriscou: — Cuidado! O alienígena está logo abaixo do morro do Pão de Açúcar, ao lado do túnel do tempo. — Ao mesmo tempo que descrevia a posição do inimigo, se arrepiava e se contorcia de cócegas.

A professora Jurema, com o maior fervor do mundo, se aproximou da marca de pênalti, fechou o olho direito, abriu o esquerdo, que era míope, sentiu a

visão embaçada e no último momento recuou, ficou insegura. Aproveitou para debochar do grande político:

— Abaixei um pouco sua volumosa nádega.

O Prefeito nunca se vira tão desguarnecido e aviltado. Humilhou-se publicamente e obedeceu. A professora preparou-se de novo, apontou e dessa vez pimba! O homem dos palanques urrou:

— Uaaaaau! *Qué pasa*, velhota?!

E, ansiosa, a professora perguntou:

— Matei?

Gemendo, ele gritou:

— Nãããooo! — E reclamou: — Vá ser ruim de chute assim nos quintos dos infernos, vovozinha.

O jovem João Vítor quase enfartou de tanto rir nos bastidores. Começou a perder o fôlego e molhar as calças. Experimentou o que craque, cocaína e alucinógeno nenhum jamais lhe propiciara. Em seguida, o Prefeito disse:

— Perdoe-me, Deus, por detestar esse rato, e perdoe essa ditosa mulher por abusar da minha paciência.

Vendo Romeu se coçar e se remexer todo após o chute errado, um presidiário, aflito, perguntou:

— Para onde foi o ratinho?

Romeu não conseguia falar. O infame invadira seu pudor.

Clotilde arriscou perguntar para seu “marido”:

— Ele cruzou a avenida Europa?

O Prefeito olhou para Clotilde e, quase chorando, confirmou:

— Cruzou! O sem-vergonha passou para... para... a outra banda — falou com sofreguidão.

Comecei a engasgar de tanto rir. Tenso, o “grande político” implorou de novo para a idosa professora:

— Dê outro chute, vovozinha. Mas capriche. Mire firme e bata sem piedade no safado.

Foi então que me ofereci para a deliciosa empreitada. Ele recusou com estas palavras:

— Supe... Superego, só mulher bate neste para-choque!

A professora Jurema ficou felicíssima com a nova chance. Mas, para ela

não dar outra bola fora, o Prefeito tentou com precisão cirúrgica descrever a posição do invasor:

— O cafajeste está acima do morro do Pão de Açúcar, do lado direito, a quatro centímetros do túnel do tempo e a dez da avenida Europa.

Não tinha erro, pensou ele. Mas, como falava em código e a professora não era especialista em navegação espacial, teve infelizmente de usar a sua péssima intuição espaço-temporal. Mais uma vez, ela solicitou:

— Abaixei mais seu carnudo assento — disse, para arrepio dele.

Cada provocação da vovozinha aumentava a temperatura da ansiedade do Prefeito. Este já estava achando que o maldito rato fora preparado sutilmente pela oposição. Sentia-se derrotado. Seu espírito de político estava em crise, sentia que perdera a eleição no primeiro turno e de lavada. O Prefeito abaixou com sacrifício o traseiro e, como o ratinho não parava de se mover, passou a se contorcer como uma dançarina requebrando numa pista. A professora Jurema queria ser ética, mas diante da cena não sabia se ria ou se chorava. Não podia errar o alvo de novo. Olhou para o gramado, viu um volume sobressaltado na região do bolso direito do Prefeito, concentrou-se, preparou-se e chutou com vontade.

— Aiiiiiiii! Está querendo me assassinar, vovozita? Olhe o mau exemplo para esses garotos — reclamou ele, mas não sabia se o alvo fora atingido.

E, num esforço dantesco, colocou a mão com sacrifício no local onde a professora chutara, enfiou a mão no bolso e protestou solenemente:

— Você atacou meu sanduíche de queijo, vovozinha. — Retirou o sanduíche da “chapa”. Estava quente, derretido pelo atrito. De repente, em vez de continuar a guerra, fez uma pausa. Colocou o sanduíche próximo do nariz, deu uma fungada como se fosse um rato, aprovou razoavelmente o odor e enfiou-o na sua bocarra.

O Prefeito desconfiou que o rato subira ao morro do Pão de Açúcar porque queria seu sanduíche. Mas não o entregaria. Ele podia estar morrendo, mas nunca deixaria sua presa. Em vez disso, filosofou:

— Todo homem precisa de tréguas em suas lutas. Não sou de ferro. Permita-me uma pausa para comer. — E mastigou com vontade.

— Mas não acertei nem o rabinho do ratinho? — insistiu ela.

— Só o meu — falou ele, irado, com a boca cheia.

Vendo o rato transitar com liberdade pelas nádegas do Prefeito, ela disse:

— Agora estou vendo seu desafeto.

— Silêncio, vovó — disse ele, querendo sentir o mapa que o ratinho estava seguindo. O miserável entrara em seu cuecão. O imprevisível, o inimaginável infelizmente acontecera. Como se estivesse perdendo a guerra, o Prefeito gritou: — Nããoooo!

Ninguém entendeu nada. Mas Clotilde sentiu o drama. Curiosíssimos, os presidiários e os guardas perguntaram, aflitos e em coro:

— Onde ele está?

O Prefeito ficou mudo, entalado, entulhado.

Clotilde, querendo escorraçar com o Prefeito, entrou em ação.

— Está entrando no túnel do tempo, Romeu — exclamou ela.

O Prefeito, lacrimejando, virou o rosto para ela e, aflito, indagou:

— Como você sabe?

— Intuição feminina!

O Prefeito, inquieto, dava pulos, uivos, urros e grunhidos, e proclamava:

— Aí, não, terrorista! Aí, não, assassino! Aí, não, pederasta!

O pessoal quase desmaiou de rir. El Diablo, lembrando-se da teoria dos flatos, recomendou aos gritos:

— Solta um flato psicopata.

Em estado de choque, o Prefeito disse:

— Estou tentando, *hombre de Dios!* Mas o carro afogou, o escapamento entupiu e a teoria falhou.

Clotilde não suportou:

— Que frase linda! Pena que o rato derrotou o gênio!

O Mestre se esbaldava com as peripécias incríveis dos seus desvairados seguidores. A relação cômica entre Bartolomeu e Barnabé era um caso sociológico e filosófico não previsto nos livros. Eu, que sempre fora um carrancudo, compenetrado e sisudo chefe do departamento de sociologia, confesso: pela primeira vez liberei meu esfíncter e urinei nas calças.

CAPÍTULO 34

O maior sufoco da história



Ao ser escarneado por Clotilde, o Prefeito também estava num dilema. Não sabia se dava um safanão nela ou um salto mortal para cair sentado de nádegas e assim, afinal, esmagar o invasor. Resolveu dar o salto mortal. Foi uma atitude de coragem, de bravura.

Olhou para o alto, respirou profundamente e com uma motivação inabalável deu um pulo de quase quarenta centímetros. Não foi muito, mas o suficiente para quase se matar. Foi então que o Prefeito passou o maior sufoco da história. Era um sofrimento demasiado intenso para um único homem.

Quando suas nádegas colidiram com violência no chão, sentiu que não conseguiria mais se levantar sozinho. Estava combalido, debilitado e desmoralizado.

— Todo homem tem seu dia frágil e precisa de uma mão estendida, mesmo de pessoas que detesta — falei em voz baixa para a vovó.

Precisou da ajuda de Clotilde, da vovó e da minha para se levantar. Colocamos o homem de pé e voltamos a ficar a postos. Os dois lados do Pão de Açúcar do Prefeito doíam muito. Para aliviar a dor, ele ficou de pernas abertas e com os dois joelhos fletidos. Mas pensou que ao menos havia exterminado seu famigerado inimigo, pois ele se aquietara. Ao examinar o traseiro, sua face mudou, ficou branca, roxa e depois vermelha. Algo terrível acontecera.

Percebeu que o ratinho ainda estava vivo. E com a mão direita resolveu pegar o danado para trucidá-lo, mas não conseguia. Nesse momento, o miserável do ratinho resolveu apelar. Pegou uma via expressa rapidíssima e perigosíssima. Tão perigosa que o Prefeito dessa vez deu um salto mortal de sessenta centímetros, mas não caiu. E expressou com rudeza:

— Por aí, não, sem-vergonha! Não apele, seu vigarista!

Ninguém entendeu nada. Curiosos, queríamos saber para onde o bicho fora. Mas Clotilde intuitivamente acertou de novo:

— Pegou o metrô?

Quase em prantos, o Prefeito confirmou:

— Pegou!

“Metrô?”, perguntamos, embaraçados. Segundos depois, vendo-o aflitíssimo, entendemos sua linguagem codificada. O ratinho saíra das nádegas, passara pela abertura entre as pernas e fora para o outro lado, um local proibido, onde se encontrava seus órgãos genitais. Perturbadíssimo e mordendo os lábios, o Prefeito expressou, quase sem voz:

— Saia daí, seu descarado, cara de pau, invasor! — E, abaladíssimo, disse: — Ui! Ui! O miserável está jogando basquete.

Meus amigos, o anfiteatro veio abaixo. Psicopatas que nunca haviam relaxado pela primeira vez borraram as calças.

Mas não foi o ápice da crise. O pior foi quando o rato atingiu seu aparelho de urinar:

— O sem-vergonha está escalando minha Estátua da Liberdade! — gritou. Todos na ilha ouviram seus gemidos.

O político que zombava do mundo, que levava a vida na brincadeira, que roubava a cena dos outros, que amava uma propina e que em tudo o que fazia procurava os aplausos e os louvores sociais estava arrepiado, horrorizado, horripilado, vexado, envergonhado, encabulado, encalistrado, melancólico, sorumbático, macambúzio, acabrunhado, definhado, combalido, alquebrado.

Por outro lado, o demônio do rato, com suas peripécias surpreendentes para perturbar o político, chegara às últimas consequências da infâmia, vileza, aviltamento, desonra, desdouro, deslustre, mácula, desaforo, descaramento, cinismo, insolência, audácia, fealdade. Era uma briga de gigantes: o rato e o político. Por fim, o rato venceu o político. Venceu com louvores todos os assaltos da luta.

Faltam palavras para descrever os dois combatentes. O Prefeito soltava fogo pelas ventas como um dragão da mitologia e o rato debochava dele. Foi então que, circunspecto, percebi que minhas armadilhas superaram, enfim, minhas expectativas. Eu estava com compaixão dele. Senti que já tinha pagado e

com sobras todos os pecados que cometera contra mim e o resto do grupo. Queria ajudá-lo. Mas fazer o quê? Pôr as mãos naquela cumbuca não dava. Infelizmente, ele tinha de sofrer o martírio sozinho.

Como o Mestre nos dizia: “Há momentos em que estamos sós, profundamente sós, no meio da multidão. Nesses momentos, não espere nem exija nada de ninguém. Só você não pode se abandonar”. O Prefeito estava profundamente só no meio de mais de cem pessoas que queriam ajudá-lo e não podiam. Os criminosos queriam socorrê-lo, os guardas, morrendo de rir, queriam deixar as armas para lhe dar apoio moral, mas não havia possibilidade. O sorriso e a comédia uniram criminosos e policiais. Até um atirador de elite pensou em atirar no inimigo do Prefeito. Mas ele era um revolucionário anônimo e solitário.

Nenhum homem suportaria a invasão da sua intimidade. A sua Estátua da Liberdade e seus testículos eram invioláveis. Por isso, nesse momento as coisas mudaram. Subitamente o grande político mudou seu semblante. Deu vazão à sua valentia. Já não era mais o político conciliador, queria ser ditador, acabar com a democracia, controlar a opinião dos outros, unir o poder legislativo com o executivo — enfim, ele faria as leis e as executaria.

Ninguém mais meteria o bedelho em suas decisões, nem eu, nem Bartolomeu, nem a professora Jurema ou qualquer outro. Legislou, fez a lei segundo a qual seus inimigos seriam eliminados, em especial o maldito opositor. Prendeu a respiração, irou-se, encolerizou-se, enraiveceu-se. Partiria para o tudo ou nada. Mas partir para o tudo ou nada poderia ser perigoso.

Tinha uma segunda opção, que era tirar as calças e procurar o rato nos porões da sua intimidade e na frente daquele covil de homens. Mas um político experiente nunca revelaria sua nudez e seus “pecados” na frente dos outros; seria seu fim, pensou ele. Ficou, portanto, com a primeira opção.

A plateia sentiu firmeza no homem. Ele resolveria a parada sozinho. Bastava uma bofetada fatal no ângulo certo, que seu inimigo já era. Mas estava ofegante, pois as adjacências do alvo eram delicadas. Poderia esmagar os testículos e jamais gerar filhos se falhasse. O momento era delicado; todos acompanhavam com ansiedade o ato ditatorial. Foi então que prendeu a respiração, levantou a mão direita, regulou a direção e, quando ia golpear o ratinho, entrou a vovozinha e tirou sua concentração.

— Deixe comigo, meu filho, que dessa vez eu acerto. — E se aproximou

para chutá-lo.

— Não! Aqui não, vovó. Se errar o alvo, nem uma tonelada de Viagra me conserta. Essa tarefa é coisa para profissional — falou convictamente.

Determinado, como nunca o vimos antes, fez a segunda tentativa. Fechou os olhos com a mão esquerda, levantou a direita para o alto como se fosse um general comandando a última batalha e armou a bombástica bofetada. Percebendo o risco, todos na plateia, inclusive eu, procuraram instintivamente proteger a própria genitália. Sem piedade, o Prefeito desceu a mão em altíssima velocidade.

Foi tão forte a bofetada que todos nós gritamos em conjunto, como se estivéssemos sentindo a mesma dor.

— Aaaaaaaaiiiiiiiiiiiiiiii!

Até quem não estava presente no anfiteatro se assustou. O Prefeito ficou literalmente paralisado. Não sabíamos se estava vivo ou morto. Todos fizemos um minuto de silêncio em sinal de respeito pela sua bravura. Depois desse dramático período em que nem sequer se ouvia uma mosca, perguntamos todos:

— Matou? Matou? — O Prefeito não respondia. Estava de boca aberta. A dor era tanta que não conseguia articular as palavras. — Matou? — novamente insistimos.

Depois de dois minutos, ele falou de modo truncado, soluçando e com a voz pastosa:

— Esmaguei minhas *bolitas*. Fiquei estéril. Ai, ai! — Infelizmente o ligeiro ratinho conseguira escapar da última batalha. Vencera a guerra. Grandes políticos, em especial os espertos, são destruídos por pequenos ratos. Os políticos criam os ratos e os ratos corroem os políticos.

Teria de sair de cena e abaixar as calças, completamente humilhado, vencido, estraçalhado. Não bastassem o vexame e a dor, Clotilde entrou em cena e feriu seu orgulho ao máximo.

— Não tem problema, Romeu, há muito tempo você já não funcionava mesmo.

O Prefeito mostrou o punho direito para “ela”. O político não vencera o ratinho, mas tinha de dar uns sopapos em alguém, então foi até sua “mulher”, para extravasar sua raiva enrustida.

Iracundo e irreconhecível, foi ao encontro de Bartolomeu. Mas, ao dar os

primeiros passos, eis que o imprevisível aconteceu. O ratinho abandonou a Estátua da Liberdade, pegou o metrô, desceu o morro do Pão de Açúcar e caminhou pelas pernas do Prefeito lentamente. Tocou o chão sem desespero. Estava cambaleante, zozzo, atordoado, estonteado.

Narrei a cena com paixão:

— A palmada do Prefeito não surtiu efeito, senhores, mas seu grito primitivo foi fatal. Feriu mortalmente o pobre animal.

Todos acompanhavam os lentos movimentos do ratinho. Estavam gostando dele, inclusive eu. Queria soltar ratos como esse em todo o sistema social. O ratinho peralta andava sem equilíbrio, ora pendendo para a direita, ora para a esquerda. Ora parava, ora avançava a passos lentos. Dois metros à frente, ergueu a patinha direita, colocou-a do lado esquerdo do peito, olhou para a plateia como um brilhante ator e sucumbiu. Caiu no chão com as perninhas para cima. Enfartou.

— Oh, coitado, bateu as botas — falou Boquinha de Mel, que na confusão toda reeditou sua fobia por ratos e domesticou esse fantasma. Condoído, complementou: — Pela primeira vez, me apaixonei por um rato.

Então expliquei ao público:

— O ratinho morreu de estresse. — E alertei: — Cuidado, gente, o estresse mata muito mais que as armas que vocês já usaram.

Foi então que os maiores criminosos do país descobriram que estavam morrendo como o ratinho, pela sutil arma do pensamento acelerado e da emoção ansiosa. Por não serem produtivos, construtivos, criativos e contemplativos no cárcere, viviam tensos, amargurados, estressados. Dez criminosos já haviam enfartado na ilha dos Demônios nesse ano, vinte estavam com câncer e a maioria com outras doenças de fundo emocional. O que confirmava que, presos ou livres, os seres humanos viviam num grande manicômio.

O Mestre sempre nos dizia que nesse hospital psiquiátrico global muitos dos que estavam livres não cometeram crimes contra os outros, mas raramente não os cometeram contra si mesmos. Eu era um desses criminosos, uma máquina de trabalhar e estudar, especialista em irritabilidade e impaciência. Estava encerrado numa prisão particular, embora os professores e alunos da minha universidade acreditassem que eu estava livre. Engano.

Clotilde, vendo seu inimigo deitado inerte no tapete do palco, desceu de

cima da poltrona, olhou para Romeu e nunca o viu tão lindo desde a época da lua de mel. Lentamente se aproximou dele e lhe disse afetivamente:

— Romeu querido, você é meu herói.

Romeu, sentindo-se o mocinho do filme, o mais destemido dos homens, encheu de ar o tórax, elevou o tom de voz e expressou e fez juras de amor:

— Clotilde! Por tua causa achatei minhas bolas de basquete, sacrifiquei a Estátua da Liberdade e aplainei num só golpe o morro do Pão de Açúcar. Mas não conte mais comigo, pois não sou o mesmo homem depois desse miserável rato.

Eles deram um beijo hollywoodiano.

Claro, era uma cena. Clotilde tinha nojo da boca do Prefeito e vice-versa. Colocaram ambos uma pequena maçã entre os dentes e fingiram que estavam se beijando. Provocante, Clotilde pulou no colo de Romeu, que caiu e engasgou com a maçã. Foi preciso dar-lhe uma bofetada nas costas para ele expelir a bendita fruta. Depois da pancadaria lombar, zozzo, o Prefeito ainda teve ânimo para dizer:

— Clotilde, sua miserável, o rato me assassinou e você me enterrou.

Terminado o teatro, ambos foram ao centro do palco, junto com a professora Jurema. E, antes mesmo de se curvarem, os criminosos, temidos por juízes, promotores, FBI, se levantaram coletivamente e os aplaudiram com euforia.

Após a sessão de aplausos, retomei minha fala e disse:

— Moral da história: Clotilde e Romeu foram felizes para sempre até que...

— E todos os presidiários responderam coletivamente:

— Outro ratinho aparecesse na história!

CAPÍTULO 35

Os porões da mente



Os encarcerados começaram a entender, pelo menos um pouco, que os ratos de fora podem morrer, mas os que estão nos espaços secretos da nossa mente se perpetuam ao longo do tempo. Não podem ser apagados, deletados, só podem ser reeditados, domesticados. Começaram a compreender que não adiantava ferir ou destruir o alvo fora, pois seus verdadeiros inimigos estavam dentro deles. Foi um fantástico aprendizado.

De repente, dei um assovio, o ratinho despertou e eu o peguei. Todos ficaram espantados. Descobriram, afinal, que eu contratara um ratinho ensinado. Era um grande ator. Todos aplaudiram o pequenino animal. Inclusive Boquinha de Mel. O Prefeito colocou as mãos na cabeça e falou baixinho:

— Vote em mim, seu desgraçado, que eu lhe perdoo por toda essa humilhação.

Lembrou-se da oração que fizera na humilde casa em que eu comi uma asinha de frango e completou-a, mas agora em voz alta:

— Que as galinhas se multipliquem na terra, que a paz encha o coração dos espertos e dos trouxas e que os ratos perturbem todos os políticos da oposição.

Nessa altura, voltei-me para a plateia e perguntei:

— Esquecemos alguns personagens?

Todos olharam para o palco e viram dois personagens de cabelo em pé. Sim, havíamos esquecido as crianças.

Nesse momento, pedi ao Mestre que subisse ao palco. Ele resistiu, mas eu insisti. Não estava programada sua subida, mas aqueles homens, cujas histórias eram dilaceradas, precisavam ouvi-lo como eu o tenho ouvido.

O maltrapilho me atendeu. Os criminosos tinham dificuldade de entender

que um miserável era o líder do grupo. O Mestre percorreu com os olhos a plateia, viu-a relaxada e pouco a pouco começou a completar o choque de lucidez que aqueles homens estavam recebendo.

Não queria dar muitas explicações, não queria ser um professor tradicional, por isso mais uma vez preferiu o método socrático:

— Pode um ratinho se transformar num monstro? Pode uma pequena pedra se tornar uma muralha em nossas mentes? — Em seguida completou: — Poderiam vasculhar suas histórias e tentar encontrar pequenos fatos que se transformaram num grande conflito?

Vinte pessoas levantaram a mão. Escopeta, um assassino frio, levantou-se da segunda fileira e, sem que alguém pedisse que nos contasse sua história, comentou:

— Toda vez que vou urinar dou um pulinho. O motivo é que, quando eu era criança, um *dobermann* latiu raivosamente e me mordeu no exato momento em que eu estava urinando. A partir daí, não urino sem pular — comentou, tirando sarro de si mesmo.

Fiquei impressionado com sua argúcia e desenvoltura. Achava que esses homens não pensavam com sutileza. O Mestre continuou:

— As crianças, nessa peça teatral, registraram tanto a imagem do ratinho como a imagem do escândalo dos seus pais. As imagens se fundiram no inconsciente, tornando-se a mesma coisa. Esse processo potencializou o poder destrutivo e ameaçador desse pequeno animal. O ratinho tornou-se um verdadeiro monstro, um fantasma, um trauma.

A luz do palco diminuiu, uma música ambiente suave foi colocada. E mostrando que a vida é cíclica, que há tempo para sorrir e para chorar, para calar e gritar, estimulou os presentes a serem caminhantes à procura de si mesmos.

— Viajem em sua história. Relembrem-se das lágrimas que ficaram represadas nos bastidores da sua existência e que nunca atuam como atrizes no teatro das faces. Quantas perdas e atos violentos não os asfixiaram quando meninos? Quantos abraços negados? Quantas privações sofreram? Quantas vezes foram vomitados por adultos insanos? Não poucos de vocês tiveram uma infância esmagada como ratos quando na realidade deveriam estar brincando como crianças.

Os presidiários viajaram no tempo e ficaram muito emocionados. El Diablo

e Metralha estavam perplexos com a generosidade do Vendedor de Sonhos. O segundo, em particular, acusara e ameaçara o Mestre. Depois de oferecer-lhes os ombros para que chorassem, o homem que seguíamos disseceu com baixo nível de anestesia os crimes que haviam cometido. Terroristas, assassinos, traficantes, ladrões estavam desguarnecidos por tudo o que tinham acabado de ver e ouvir. Era o momento de saírem da superfície para penetrar nas camadas mais profundas da mente humana.

— Pensem agora, sem medo, na infância que vocês destruíram, nas vidas que dilaceraram e nos sonhos que esmagaram. Quantos traumas! Quantas angústias promoveram! Quantas perdas irreparáveis não causaram! Há muitas causas que explicam seus traumas e sofrimentos, mas nenhuma delas justifica infligir sofrimentos aos outros — abordou sem receio de ser linchado.

E elaborou de improviso um pensamento sociológico memorável:

— A violência explica a violência, mas nenhuma violência justifica a própria violência.

Enquanto o ouvia, lembrei-me dos profissionais que haviam morrido ali nos últimos dois anos por causa dos motins. Lembrei-me também de que Fernando Látaro e outros funcionários daquele presídio estavam jurados de morte. Recordei ainda os meus alunos que tinham sido escoraçados dessa ilha sem conseguir fazer nenhuma entrevista com alguns dos presos de menor periculosidade. Agora, aqui e ao vivo, o Mestre estava discorrendo, sob os ombros de Bartolomeu e Barnabé, para os líderes desse presídio, seus erros gravíssimos, e eles o ouviam sem que os lábios tremessem, sem odiá-lo.

E, sem dar grandes explicações, discorreu sobre um dos textos mais conhecidos da história e um dos menos compreendidos. Falou dos fantasmas da traição, da negação e da culpa.

— No último jantar, o Mestre dos Mestres estava profundamente entristecido com Seus discípulos. O mais inteligente deles, Judas Iscariotes, ia traí-lo; e o mais forte, Pedro, ia negá-lo. Qual desses crimes é maior?

Eu nunca tinha pensando nesses dois famosos erros da história sob o ângulo da sociologia. Aonde o Mestre queria chegar? Enquanto refletia, ele completou seu raciocínio:

— Ambos foram gravíssimos. Judas o traiu uma vez, Pedro o negou três vezes, e com veemência. Mas as lições que Ele nos deu são bombásticas. Ele não

puniu Seu traidor. Ao contrário, deu-lhe um pedaço de pão, mostrou em código que não tinha medo de ser traído, mas sim de perder um amigo. Assim, revelou que os nossos erros devem ser corrigidos com o nutriente da educação, simbolizado pelo pão. Nem condenou Seu negador, Pedro. Ao contrário, alcançou-o com um sublime olhar no exato momento em que Pedro vomitava a história que juntos viveram. Gritou para ele sem usar a voz: “Eu o compreendo!”. Deu a Pedro e a Judas ferramentas para domesticarem o fantasma da culpa e dos erros e, assim, recomeçarem tudo de novo. Só Pedro as utilizou. Judas foi dilacerado pelo seu fantasma. E vocês?

O Vendedor de Sonhos foi muito mais longe. Colocando--os contra si mesmos, afirmou-lhes com transparência:

— Vocês são culpados? Sim. Quem tem medo de reconhecer seus erros levará para o túmulo os fantasmas que assombram sua mente. Enfrentem seus fantasmas e terão alguma chance de domesticá-los.

E, para a surpresa dos presidiários, o Mestre lhes afirmou categoricamente:

— Mais de oitenta por cento de vocês, a maioria dos quais não tem quarenta anos, envelhecerão na prisão, mofarão neste ambiente. Muitos só sairão com a coluna curvada e de bengala na mão. E cerca de cinquenta por cento só sairão mortos da ilha, pois foram condenados à prisão perpétua ou têm uma pena impossível de cumprir. — E fazendo uma cálida pausa adicionou: — Eu bem sei que diariamente, quando pensam que seus cabelos branqueiam, sua musculatura perde a força e seus olhos perdem a visão nesta lúgubre e fria prisão, entram em pânico. Domesticar esses fantasmas para sobreviver com dignidade, eis a grande questão! Um crime é realizado em minutos, mas suas consequências podem durar uma história.

Enquanto dissecava a alma daqueles miseráveis, me perguntava: “Que homem é esse que tem tamanha coragem e habilidade?”. E, num momento de inspiração, o Vendedor de Sonhos respirou profundamente e lhes afirmou:

— Eu também cometi crimes, mas não os que são previstos nos códigos jurídicos. Tenho dívidas com a minha consciência que sei que nunca saldarei. — Ouvir que o instigante líder do grupo, sem terno e gravata, vestido pior que eles, confessava que tinha dívidas impagáveis tocou-lhes o cerne da alma. Nunca alguém abrisse os textos da sua história naquele presídio de segurança máxima.

El Diablo, nesse exato momento, fez alguns breves comentários inaudíveis

para Metralha e outros líderes de uma facção que estavam ao seu lado. O Mestre desnudou-se no palco para os homens fragmentados.

— Meu crime? Hoje sou um maltrapilho. Mas, como alguns de vocês, amei o dinheiro acima das pessoas; os números eram meus deuses. Era um menino no teatro do tempo e não me abismava com o fenômeno da existência. Estava morto enquanto vivia. Jamais fizera um inventário da minha vida.

E, com sensibilidade, continuou a fazer o inventário de seus maiores erros:

— Nunca falei das minhas lágrimas aos meus filhos para que aprendessem a chorar as deles, nunca lhes falei dos meus medos para que eles enfrentassem os deles, nunca lhes falei dos meus erros para que eles aprendessem a superar os deles. E quando pensava em fazer tudo diferente, quando sonhava em abraçá-los, pedir desculpas, sair da minha prisão psíquica, o tempo me traiu. Meus dois filhos morreram num acidente de avião no meio de uma grande floresta.

Tomando fôlego novamente, o Mestre perguntou:

— Quem pode saldar essa dívida por mim? Que lei? Que presídio? Que psiquiatra? Que amigos? Que soma de dinheiro? Eu sou culpado e não posso me esconder disso. Diariamente tenho de domesticar os fantasmas que denunciam minhas falhas, que acusam minhas loucuras e que me impedem de começar tudo de novo. Não busco compreensão, compaixão nem alívio. Busco a mim mesmo. Sou um caminhante. Não há oásis em meu deserto, preciso criá-lo para sobreviver e me refazer.

Em seguida, pediu que os encarcerados refletissem sobre dois grandes momentos, um em que tivessem sido feridos e outro em que houvessem ferido alguém, e fizessem pontes entre eles. Queria que procurassem a única liberdade que não pode ser aprisionada por barras de ferro. A única que, se perdida, pode transformar a existência na mais insuportável masmorra.

CAPÍTULO 36

Rasgando a alma



Achávamos que aqueles homens jamais refletiriam sobre esses dois momentos e muito menos se abriam. Ficamos observando os acontecimentos. Pouco a pouco, mais de dois terços dos encarcerados, pessoas que nunca tiveram coragem de falar de si mesmos ou de ouvir as mazelas de outrem, desabaram. Conheciam a valentia uns dos outros, os crimes e os artigos pelos quais eram punidos. Conheciam as armas que haviam empunhado, mas não as perdas que sofreram ou as lágrimas que choraram.

Uns confessaram que, quando usaram a primeira dose de droga, juraram que jamais a usariam de novo, mas veio a segunda dose, depois a terceira. E, como Judas, traíram, assim, sua promessa. Outros comentaram que, ao fazer o primeiro furto, entraram em crise e juraram que jamais o repetiriam, mas veio o segundo, o terceiro. E, como Pedro, negaram seu juramento. E ainda outros confessaram que tiveram insônia por muitas noites quando tiraram pela primeira vez a vida de um ser humano. Mas os crimes se sucederam e, por fim, anularam sua consciência e autocrítica.

Alguns criminosos lacrimejaram no anfiteatro ao falar das feridas que haviam sofrido ou que tinham causado. Eram erros irreparáveis. Vidas haviam sido perdidas, crianças haviam sido lesadas. Ao fazer um breve inventário da sua história, rasgaram seu coração psíquico. Pareciam retornar ao útero materno em busca de proteção. Depois de vinte minutos, saímos sutilmente, sem nos despedir. Deixamo-los discorrendo sobre seus monstros, sem freio nem medo.

Ao sair, Fernando Látaro e alguns educadores, assistentes sociais e dois psicólogos presentes estavam radiantes. Não sabiam como nos agradecer. O diretor sentiu que tudo o que vira e ouvira não apenas tinha contribuído para o

benefício dos infratores, mas também para o dele como ser humano. Vendo seu entusiasmo, o Mestre jogou-lhe um banho de água fria.

— Tudo o que ocorreu neste dia foi apenas uma gota no oceano das necessidades deles. Ninguém muda ninguém. Não há mágica na superação dos conflitos. Não se apaga a memória. Ninguém sai do inferno dos seus erros se não encontrar a porta do paraíso: a compaixão e a educação.

E, como se estivesse delirando, completou:

— Quem sabe poderia haver escolas de teatro aqui? Quem sabe poderia haver ensino fundamental, ensino profissionalizante e faculdade de tecnologia via satélite na ilha dos Demônios? Quem sabe poderia haver aulas de música e de artes plásticas? Quem sabe poderia haver sala de computadores com acesso a áreas restritas da internet para que eles se distraíssem e expandissem sua cultura, em vez de ficarem pensando em bobagens e retroalimentando seus fantasmas e seu desejo irrefreável de fugir?

Fernando Látaro deu uma risada um tanto irônica e foi lacônico:

— Mestre! Não temos dinheiro. Os presidiários são na teoria tratados como seres humanos, mas na prática como lixo social.

Um educador disse:

— Até o governo federal abandonou esta ilha.

O administrador falou:

— Os recursos de nossa instituição são insuficientes para a sua própria manutenção.

Um psicólogo comentou:

— Nenhuma empresa investiria um centavo neste esgoto humano.

A realidade era crua, cruel, dolorosa. Tudo voltaria a ser o que era naquela fábrica de crimes. Tínhamos ideias, mas não dinheiro. A única pessoa que tinha recursos era a professora Jurema. Na realidade, tinha ativos, mas não renda. Sua aposentadoria e os bens deixados pelo seu marido mal cobriam seus gastos pessoais e a manutenção de sua mansão.

Após o Mestre ouvir as lamentações de Fernando Látaro e dos demais funcionários da ilha dos Demônios, chamou Dimas de lado, fitou seus olhos, tocou seus ombros com as duas mãos e, de modo um tanto inaudível, deu-lhe uma ordem que quase nos fez morrer de rir novamente. O homem que vendia sonhos tentou falar baixo, mas deu para ouvirmos.

— Dimas, providencie os recursos!

Ao ouvir o Mestre, Bartolomeu teve uma reação impulsiva. Disse:

— Dimas, vá assaltar o Banco Central.

— Eis o próximo hóspede da ilha dos Demônios — comentou o Prefeito, e depois pediu desculpas ao Mestre. Mas, como este também risse, pensamos que estava satirizando a crise financeira.

Se até os dois sem juízo acharam que a ordem do Mestre era a maior piada do ano, imagine o resto.

— Não precisam proteger o bolso, gente — disse Edson com segurança. — Somos todos miseráveis. — E caiu na gargalhada junto com todos nós, inclusive Fernando Látaro.

E, para completar, eu também quis tirar minha casquinha.

— Mestre, Dimas precisará de Edson para fazer o milagre da multiplicação.

Boquinha de Mel e o Prefeito me cumprimentaram pela primeira vez. Comentaram:

— Gente, o intelectual está perdendo o juízo. Parabéns! — De fato, eu estava aprendendo a não levar a vida a sério demais.

Com meus próprios olhos vi Dimas passando a lábia num advogado que tinha acabado de livrá-lo de uma prisão por um pequeno furto. Esse cara não tinha onde cair morto. Bom, éramos um bando de malucos. E Dimas e o Mestre estavam no mesmo caldeirão. Mas, para nosso espanto, o ingênuo do Dimas achou que o Mestre estava falando com seriedade. Ficou em estado de graça. Como se fosse o ministro de um rei, comentou com júbilo, mas como sempre gaguejando:

— Está fa... fa... falando sério, Mestre?

— Sim, Dimas, faça o milagre da multiplicação sem o Edson. A oração dele pode falhar — disse o próprio Mestre, sorrindo.

Dimas, entretanto, cantarolava e dançava como menino. Abraçou o Mestre, beijou-lhe o rosto e pegou-lhe a mão direita com a sua esquerda, elevou-a e começou a dançar com ele.

A turma quase explodiu de tanto rir. O dia começara num circo e terminava num picadeiro. A filosofia ganhava um bom humor nunca antes visto. O diretor e seus funcionários não levaram a sério as propostas do Mestre. Afinal de contas,

sonhos e delírios são parentes próximos.

Dois dias depois, estávamos andando por uma grande avenida, Nova China, e subitamente uma folha de um jornal que não goza de grande prestígio voou e atingiu meu rosto. Peguei a página e fui devolvê-la novamente para a lixeira. Quando fui colocá-la, uma manchete fisgou minha mente: “Mellon Lincoln Filho pode estar vivo”.

“Que é isso? Não pode ser!”, pensei. Mellon Lincoln Filho era cotado para concorrer à presidência do país por um dos mais importantes partidos políticos. Mas, como a morte não escolhe seus visitantes, batera-lhe à porta. Na ocasião em que ele tinha morrido, eu estava morando na Rússia, separado de minha esposa e distante de João Marcos.

Fiquei um ano ausente do país, fazendo meu pós-doutorado. Distante das notícias, não tinha detalhes das desgraças que haviam sucedido com esse poderoso líder. Era um homem tão noticiado que pensei que o comentário de um jornal sobre Mellon Lincoln era mais uma reportagem sensacionalista para aumentar a tiragem.

O Mestre também era um crítico contundente desse homem. Lembro-me de que quando fomos pela primeira vez à casa da professora Jurema fez comentários nada elogiosos a ele.

Apressado, fui ao Mestre e lhe dei o jornal. Seu semblante mudou. Meneando a cabeça, afirmou:

— Querem ressuscitar um morto. Isso é tolice. A sociedade estúpida anda em busca dos velhos heróis. Não investe na revolução dos anônimos!

CAPÍTULO 37

Banir e ferir o maltrapilho



Eram três horas da tarde de quarta-feira. O Mestre havia nos dado umas peras e maçãs que havia ganhado de um admirador. Não havíamos almoçado ainda e estávamos famintos. Enquanto comíamos as frutas frescas, olhei de lado e vi que o homem que vendia sonhos comia uma pera apodrecida. Era sempre assim, dava o melhor para nós e ficava com o resto.

Como a fome não cessou, paramos em frente a um restaurante francês finíssimo e pedimos sobras de comida. Eu disse para a turma:

— Aqui não é lugar para o nosso bico.

— Homem de pequena fé. Vamos tentar, meu irmão! — retrucou Edson.

Pessoas ricamente trajadas saíam do restaurante e nos olhavam escandalizadas. O Prefeito fez um gesto de que estava passando mal pela falta de comida. E estava mesmo. Se ficasse mais de duas horas sem mastigar, tinha vertigem. Frutas não resolviam sua dieta.

O proprietário viu a turba em frente ao seu magno estabelecimento e rapidamente nos pediu para irmos aos fundos, que ele mesmo nos serviria. Ficamos felizes de comer os pratos desse famoso restaurante. Era proibitivo para um professor universitário frequentá-lo. Eu teria de trabalhar uma semana para gastar em uma hora.

Carrancudo, o homem apareceu com dois seguranças e colocou as porções de alimentos em pratos descartáveis. Após servir o chefe do grupo, o Mestre, foi de uma agressividade felina. Cuspiu sobre a comida dele e sentenciou:

— Nunca mais apareçam aqui, se não quiserem ser presos.

O Mestre deixou de lado a porção onde o proprietário escarrara e, quando este ia entrando no estabelecimento, disse-lhe:

— Obrigado, Jean-Pierre, pela sua bondade. O molho rôti está uma delícia.

O dono do restaurante estatelou os olhos, ficou ofegando e com a voz embargada. Como o presidente do Hospital Mellon Lincoln, reagiu como se tivesse visto um monstro. Mais uma vez não entendemos o significado desses fatos.

No dia seguinte, depois de duas horas de caminhada da ponte onde dormimos, chegamos à frente de um enorme edifício todo espelhado, de cor azul, de quarenta andares, contornado com um magnífico jardim de tulipas, margaridas multicores e crisântemos, sede central do poderoso grupo empresarial Megasoft.

O Mestre respirava fundo, como se estivesse aspirando todo o ar que passava por ali. Seus cabelos estavam livres e se movimentavam suavemente ao sabor das correntes de ar. Agachou-se, observou embevecidamente uma tulipa. Pediu-nos que aspirássemos seu perfume e contemplássemos sua anatomia. Logo veio um guarda agressivamente nos retirar do lugar. Estávamos na calçada tocando as flores próximas. Ali era um local público. Entretanto, desconfiado daquele excêntrico grupo, nos recomendou partir. Era apenas um aviso.

Estávamos novamente com fome, mas queríamos ficar longe de comida francesa. Mônica tinha alguns trocados que davam no máximo para seu almoço. A professora Jurema havia esquecido a carteira. O Demolidor estava duro. João Vítor mal tinha dinheiro para comer um misto quente.

Nós cantávamos, ele declamava poesias, fazia discursos, e as pessoas nos davam espontaneamente o que tivessem vontade de dar. Essa era a nossa maior fonte de arrecadação de recursos. Era uma troca. Não pedíamos esmolas, não éramos mendigos profissionais. Éramos miseráveis por opção. O Mestre nunca nos fazia pedir dinheiro na rua, e muito raramente pedíamos sobras nos restaurantes. Mas seus discípulos sempre quebravam as regras.

Passaram por nós então quatro homens bem trajados que pareciam ser executivos do grupo Megasoft, pois dirigiam-se para o escritório central. O Prefeito, rendido pela fome, não teve dúvida. Dessa vez pediu uns trocados. Abordou-os com a maior cara de pau:

— Caríssimos homens de negócios. Poderiam financiar o almoço para este futuro líder da nação e seus assessores? — E nos apontou.

— Cai fora, andarilho — disse com estupidez aquele que parecia ser o mais

graduado deles.

O Prefeito diminuiu a exigência:

— Qualquer moedinha serve.

Para não ser mais importunado, o sujeito pegou duas moedas de baixo valor, que não davam para comprar sequer um pãozinho, e, em vez de dá-las em suas mãos, jogou-as na calçada com arrogância. E, saindo de perto, ainda por cima sentenciou:

— Esses mendigos deveriam ser enviados para o Iraque.

O Mestre olhou para o desumano executivo e, tomado de indignação, lhe disse:

— Lembro-me de um jovem que no seu discurso de diretor da empresa disse: “Um grande executivo deve valorizar mais o ser humano que utiliza o produto do que o produto que fabrica”. — E, fazendo uma pausa, disse: — Mas o tempo trai os discursos.

O homem que jogara a esmola deu um passo para trás, assustado. Arregalou os olhos e, atônito, perguntou:

— Quem é você?

Ousado, o Mestre lhe deu uma lição:

— Isso não importa. O que importa é quem é você.

O vendedor de ideias percorreu com os olhos o magnífico edifício que abrigava a sede do grupo Megasoft e meneou a cabeça. Em seguida avistou uma bela árvore que estava a cinco metros e construiu de improviso uma poesia que perturbou os “deuses” de gravata e tocou o âmago do meu ser:

— Mais generosas que os homens são as árvores, que estendem seus braços para os caminhantes que descansam à sua sombra. Uma vez descansados, dão-lhes as costas, saem sem se despedir. As árvores, desprendidas, não reclamam nem pedem nada em troca.

Fez uma pausa e falou a segunda parte da sua poesia:

— Mais solidárias que os homens são as árvores, que abrigam os pássaros que invadem seus galhos para ali repousar. Na manhã seguinte, eles partem sem pagar aluguel nem agradecer. Mas elas, felizes, se desprendem deles aplaudindo-os com o movimento de suas folhas sob o toque da brisa. Doam-se com prazer.

Os quatro executivos não saíram do lugar. Estavam embasbacados com o maltrapilho. Não sabiam explicar a sensação que os invadia. Não conseguiam

movimentar as pernas. Estavam calados e taciturnos. Sem dizer mais nada, o Mestre abaixou-se, pegou as duas moedas e devolveu-lhe. E adicionou:

— O que não se dá com o coração não produz alívio.

Um dos executivos, o de cabelos brancos, pediu desculpas, mas o executivo que atirou as moedas não conseguia raciocinar. Precisou ser conduzido pelo braço.

E, quando partiam, o Mestre deu-lhes um golpe fatal. Não dormiriam por noites a fio.

— Quando eu tombar pelas ruas e você num grande mausoléu, será tudo a mesma coisa. Igualaremos nossa pequenez.

Após esse evento, o Mestre ajoelhou-se novamente diante das tulipas e passou a observá-las e a dialogar com elas. Nós também voltamos a nos deslumbrar diante das pequenas flores. Em vez de ir embora do vigiado local, ele teve uma atitude inusitada. Resolveu entrar na sede central da corporação Megasoft.

Fomos barrados por três seguranças que registravam os documentos das pessoas e quatro guardas que estavam a postos no saguão. Barraram-nos sem sequer perguntar a nossa identidade. Barraram-nos apenas pela estranha aparência. A aparência abre as portas, mas é a inteligência que define a jornada. As portas nunca se abriam espontaneamente para nós.

— Saiam daqui imediatamente, senão irão presos — disseram com rispidez e foram nos empurrando.

Perdendo a paciência, o Mestre bradou algo proibitivo:

— Essa é a herança de Mellon Lincoln Filho, o bilionário que criou a cultura que enxota as pessoas! Uma herança doente, exclusivista, elitista. Chamem os deuses dessa instituição para conversarmos.

Outros executivos que passavam por ali, vendo que o Mestre criticara o grande criador do império Megasoft, sentiram-se ofendidos. Ele abalara os dogmas da religião empresarial, do templo financeiro. Ferira seu intocável guru. Um deles olhou de cima a baixo cada um de nós e comentou jocosamente:

— De que hospício saiu esse bando de psicóticos?

Não éramos um grupo que passasse despercebido. O Mestre trajava calça preta remendada e camisa branca com uma mancha azul no peito, fruto do extravasamento da tinta de uma caneta esferográfica. Eu vestia camiseta polo

branca e calça jeans azul. Salomão vestia calça de brim verde e camiseta amarela sem gola. Bartolomeu e Barnabé pareciam ETs. Todos estávamos fora de moda, à exceção das duas mulheres, a professora Jurema e Mônica.

— Ninguém é digno de ser um líder do teatro empresarial se primeiramente não for líder do teatro psíquico. E ninguém será um líder do teatro psíquico se não aprender a observar o que está por trás das vestes — disse o Mestre, abalando os jovens executivos.

— Quem é esse mendigo que decora frases de pensadores e as recita para nos impressionar? — perguntou outro deles para os guardas.

Não souberam responder. Então, preconceituosos, deram uma ordem para os seguranças:

— O que estão esperando para expulsar esses terroristas?

— Calados, terroristas, não, meu amigo. Somos do bem — invocou Boquinha de Mel. E solicitou ao Prefeito: — Envie a artilharia.

— O quê? — perguntou Barnabé. — O flato assassino?

E o Prefeito soltou um rojão de gases caprichado.

Os executivos saíram escandalizados e apressados. Pegaram o elevador e, ao subir, interfonaram para a segurança geral dizendo que alguns terroristas estavam no saguão da grande corporação. Foi um tropel. Por pouco não morremos. Imediatamente duas dezenas de seguranças, com as mais diversas armas, inclusive alguns rifles AK-47 do exército, tomaram de assalto o prédio. Pediram que não fizéssemos nenhum movimento brusco.

De súbito nos dominaram. Deitaram o Mestre, Bartolomeu, Barnabé e Salomão com violência no chão. Os demais foram contidos em pé. Revistaram-nos, humilharam-nos e nos agrediram. Ficaram sabendo pela equipe de entrada que o Mestre era o líder do grupo. Com impiedade, um segurança colocou um pé no pescoço dele e com uma das mãos pegou seu braço direito e o torceu, gerando uma dor insuportável. Ele estava sufocado, quase sem respirar.

Aos gritos, exigiu que o Mestre se identificasse, mas ele mantinha-se calado. Perguntaram seu nome, mas ele não respondeu. Tentaram encontrar seus documentos, mas nada acharam. Pensaram realmente que se tratasse de um terrorista na pele de um maltrapilho.

Levantaram-no do chão. E, como um dos agressores havia pressionado sua traqueia com o pé, ele teve um acesso de tosse. Um dos seguranças lhe deu um

tapa no rosto para que parasse de simular a crise de tosse. A violência era inimaginável em tempos democráticos. Ser tachado de terrorista é pior do que ser leproso. Matam e depois vão identificar o sujeito. Refeito da crise de tosse, o Mestre ainda teve fôlego para reagir.

— Quem lhes paga o salário?

— Não é da sua conta! — disse o chefe da segurança.

— Mellon Lincoln ou seu espólio paga-lhes o salário para serem gentis ou agressivos, prevenir ou punir?

O chefe deu-lhe um soco no estômago e outro na face esquerda. Derrubou-o e enfiou a pistola com agressividade na sua boca, traumatizando seus lábios e sua arcada dentária. O dócil Vendedor de Sonhos sangrava. As mulheres choravam por ele. Chamavam os frios seguranças de assassinos.

Bartolomeu tentou socorrê-lo, mas levou um soco no peito e foi contido.

— O que você sabe sobre Mellon Lincoln? — gritou o chefe da segurança. E tirando o revólver da sua boca perguntou, aos berros: — Quem é você? Identifique-se!

O Mestre foi mais intempestivo.

— Esse bilionário insensível que só tinha tempo para ganhar dinheiro não humanizou sua empresa. Essa brutalidade é sua política?

Ao ouvir essas palavras, o chefe da segurança deu-lhe uma coronhada na cabeça, traumatizando seu couro cabeludo. O Mestre começou a sangrar também na região frontal. O sangue lhe corria pela face, gerando uma imagem horrível, mais dramática do que a de semanas atrás, quando fora agredido próximo da casa do sr. Luiz Lemos.

O homem que era contra todo e qualquer tipo de violência era agredido sem compaixão. Estávamos todos sob a mira de revólveres e contidos. Sem se importar com os ferimentos do Vendedor de Sonhos, o chefe da segurança, que certamente já havia matado pessoas no curso da sua profissão, pressionou o revólver sobre a nuca dele e novamente gritou:

— Você é da Al Qaeda!

Não saberia dizer se afirmou ou se perguntou. O revólver o tornava um deus que podia decidir sobre a vida e a morte. No passado, Mellon Lincoln Filho já havia sofrido um atentado terrorista. Depois desse ataque, seu grupo, que já se preocupava com sua segurança, ficou paranoico. Seus mais importantes

executivos andavam escoltados.

As cenas que presenciei me levaram a penetrar na crítica do Mestre contra o sistema social. O ser humano pertencia ao sistema. Sem identidade e sem documentos, não era possível existir nem sobreviver na sociedade. Rousseau precisaria de fato corrigir seu lema: o homem nasce com seus instintos, e a sociedade o educa ou aprisiona. Se o Mestre continuasse insistindo nesse modo ímpar de vida, deveria estar cômico de que morreria em breve. A experiência sociológica que me levou a experimentar terminaria em desastre. O ser humano havia se tornado predador de si mesmo.

Apesar da vertigem e dos sangramentos, o Mestre conseguiu virar um pouco a face para olhar seu agressor e abismá-lo:

— Humberto, sem o ser humano e seu bem-estar como foco, a Megasoft pratica algumas formas do terror.

O chefe da segurança relaxou as mãos, mal conseguindo segurar o revólver.

— Como você sabe meu nome?

Tentei ver se o chefe da segurança portava um cartão de identificação, permitindo que o Mestre lesse seu nome, mas não consegui. Humberto repetiu a pergunta, mas ela foi abafada pelo som de dez viaturas de polícia. Trinta policiais fortemente armados invadiram o local. Algemaram os supostos terroristas e nos levavam como bandidos para sermos investigados. Ninguém se importou com as feridas do homem que vendia sonhos. Era um terrorista, não tinha sentimentos.

Centenas de pessoas rapidamente se aproximaram do local. O Mestre era conhecido de uma parte delas. Olharam sua testa e sua face esquerda cobertas de sangue e, observando a frieza e rudeza com que o tratavam, ficaram indignadas. Começaram a protestar, gritar. Mas ninguém as ouvia. Vários jornalistas o fotografaram algemado. Quando íamos entrar nos camburões, chegou o chefe de polícia. Aproximou-se do grupo e focalizou o Mestre.

— Você de novo? — falou, condoído pelos seus sangramentos. E acrescentou: — Tenho acompanhado seus passos. Ainda não sei quem é você. Mas temo por sua vida. Afaste-se desta cidade e cale-se, para o seu próprio bem.

— Se eu me calar serei vencido, e o sistema vencerá.

— Você não tem nenhuma chance de êxito — disse o chefe de polícia sem margem de erro.

— Sou um semeador de ideias. Minha responsabilidade é enterrar essas sementes.

E o chefe de polícia fez um sinal com a cabeça como se entendesse que era impossível silenciá-lo. Em seguida falou para nos libertarem, dizendo que nos conhecia, que já nos entrevistara e que não oferecíamos perigo. Soltaram-nos.

— Tá vendo, povão? Vencemos a polícia. Ninguém pode nos calar — disse o Prefeito, entusiasmado.

— Menos, Prefeito — disse Mônica.

O chefe de polícia queria nos levar para um serviço de saúde por causa dos sangramentos e do hematoma do Mestre, mas ele se recusou, dizendo que estava bem. Várias pessoas queriam abraçá-lo, mas mantinham distância devido às suas mãos, que ele sujara de sangue ao limpar ao redor dos olhos. Apesar disso, não poucas disseram:

— Muito obrigado por suas palavras. Você tem mudado nosso pensamento. — E logo se dispersaram.

A professora Jurema se aproximou, deu-lhe seu lenço e lhe disse:

— Meu filho, tenho orgulho de você. É uma honra segui-lo.

— Mas não é seguro, vocês devem partir.

Sim, sabíamos que deveríamos partir. Olhávamos uns para os outros e não conseguíamos. Uma força indecifrável nos unia. Ficar perto dele era perigoso como um deserto e refrescante como um manancial.

CAPÍTULO 38

A dor da calúnia



No outro dia, as manchetes foram bombásticas. Algumas o defendiam, dizendo que uma sociedade preconceituosa não tolera pessoas diferentes. Afirmavam que tinham agredido um homem dócil e inteligente. Outra denunciava que ele era um homem perigoso. Tive um ataque de raiva ao ver essa manchete. Boquinha de Mel amassou o jornal com ódio, e o Prefeito começou a mastigá-lo. Mas o Mestre estava tranquilo. Disse-lhes com suavidade:

— Somos o que somos. A dimensão de nossa convicção sobre quem somos determina os níveis de nossa proteção ou de nossa fragilidade.

Mas nada me encolerizou tanto como quando vi sua imagem com o rosto envolto em sangue na primeira página no principal jornal do estado, chamado *Liberdade*, pertencente ao grupo Megasoft. A manchete dizia: “Vendedor de pesadelos ataca outra vez”. E comentava que o Mestre andava com prostitutas, vagabundos e alcoólatras, enfim, a pior estirpe da sociedade. As pessoas deveriam evitar ter contato com ele. Os jovens deveriam se afastar dele. Comentaram ainda que o grande fenômeno social poderia ser um dos maiores psicopatas de que a cidade já tivera notícia.

Até o Mestre mostrou desapontamento com ela. Esse periódico entrevistara apenas uma das partes da história, ou seja, os executivos do próprio grupo Megasoft, que suspeitavam que ele fosse terrorista, e os seguranças que o tinham agredido no prédio da corporação.

A reportagem dizia ainda que ele era um ateu. Que só acreditava em si mesmo. Queria ser uma espécie de Cristo, de deus deste século. Nunca o haviam investigado, mas tinham jogado no lixo seu inventário. A matéria influenciou algumas pessoas. Uma pessoa que a leu teve um ataque de fúria. Enraivecida, ela

o esbofeteou de surpresa e cuspiu em seu rosto. E lhe disse:

— Você quer ser o Cristo. Você é ateu, um homem indigno de existir.

Limpando o rosto, o Vendedor de Sonhos fitou o agressor e lhe disse com poesia e serenidade:

— Sim, fui ateu entre os ateus. Para mim, Deus era fruto de um cérebro apequenado, uma mente supersticiosa e redutora, mas, embora não defenda uma religião, ao analisar o “filho da humanidade”, o homem Jesus, o Mestre dos Mestres, e sua capacidade de formar seres humanos generosos até quando foi traído e considerado lixo social, enxerguei minha meninice e reconheci minha infantilidade. E o senhor, que o segue, reconhece sua meninice diante dele?

O homem saiu desconcertado. Perdeu a voz.

Como sociólogo, eu discutia com meus alunos que jornalista que não investiga com a mesma equidade os dois lados da história não é digno da sua profissão. Era quase inacreditável que o jornal *Liberdade* tivesse sido tão parcial. Não era típico de sua redação o denunciamento.

Sentia na pele o calor dessa injúria. A entrevista resultou num texto parcial, tendencioso e completamente caluniador. Comentava com estardalhaço na primeira página que o maltrapilho apelidado de Vendedor de Sonhos causara tumultos num grande estádio, agredira o presidente do Hospital Mellon Lincoln, incentivara o motim na ilha dos Demônios, caluniara os fundadores do grupo Megasoft e, por fim, agredira gratuitamente os seguranças desse grupo.

A reportagem procurava desconstruí-lo como pensador crítico. Dizia que era um espertalhão, um falsário, um impostor, um embusteiro. E, além disso, tinha altíssimo potencial de periculosidade. Era violento, vingativo e talvez fosse um psicopata. Recomendava, portanto, que as pessoas se afastassem dele. Eu o olhei e o vi entristecido. O homem mais gentil e arguto nas ideias que eu conhecia fora atirado no lixo social. E, o pior, não tinha como se defender. Só faltava aprisioná-lo na ilha dos Demônios.

E, por falar nessa ilha, o jornal fazia uma chamada em primeira página de algo espantoso e que nos encheu de alegria. Dois grupos teatrais começavam a trabalhar integralmente na instituição. Professores de música e de artes plásticas tinham sido contratados. Além disso, a ilha dos Demônios recebera uma centena de computadores. Chegou aos nossos ouvidos a informação extraoficial de que finalmente verbas federais haviam sido enviadas. Quase afundáramos a ilha, e

agora ela estava ganhando algumas flores.

Estávamos alegres por causa da ilha dos Demônios, mas angustiados pela calúnia do jornal. Ao ler essa reportagem, lembrei-me das suas próprias palavras. Ele valorizava a crítica jornalística, mas considerava o preconceito um câncer social:

— A crítica acusa a existência, o preconceito a anula. — E afirmava: — Em terra de cegos, quem tem um olho é um estranho no ninho, objeto de escárnio e rejeição.

Após lermos as reportagens, começamos a andar pela avenida mais importante da cidade. Eu e meus amigos estávamos desconsolados. Um homem aparentando setenta anos de idade, usando terno preto, camisa branca e gravata com listras amarelas, veio, apressado, em nossa direção. Pensamos que passaria por nós porque deveria ter um compromisso qualquer. Mas, ao se aproximar a dez metros de distância, deu um sorriso inesquecível. Abriu os braços e com júbilo incontido correu ao encontro do Mestre. Foi um encontro regado a júbilo. Mas não entendíamos nada. Talvez fosse alguém que o admirasse, mas não o conhecesse.

O estranho o abraçou afetuosamente e, enquanto o abraçava, não parava de dizer:

— Você está vivo! Que alegria vê-lo!

E, para nossa surpresa, o Mestre correspondeu com lágrimas nos olhos. Uma das lesões do espancamento de véspera se abrira e começara a sangrar. O Mestre disse-lhe:

— Desculpe-me, eu o sujei. — Porém o homem não apenas dava a entender que era inteligente, mas também um cavalheiro.

— É uma honra ser manchado pelo sangue do homem que mais amo e admiro.

O Mestre tocou-lhe os ombros e agradeceu com a cabeça.

Depois nos cumprimentou a todos. Mas cumprimentou Dimas com mais afeto e brincou:

— E a cleptomania, superou-a?

— Continua sendo piadista? — disse o Mestre.

Pela primeira vez atravessava uma resposta.

— Piorou — disse, bem-humorado, o Vendedor de Sonhos.

Não entendi nada. Desde que comecei a andar com o Mestre e passei a escrever este manual dos sonhos, a cada dia fico mais confuso e inquieto. O consolo é que as ideias nascem no terreno da inquietação. O estranho estava atônito com o aspecto desfigurado do Mestre.

— Como você está ferido e maltratado, meu Deus! O que fizeram com você? Em que hotel está sendo assistido?

Bartolomeu caiu na risada. E respondeu:

— Nos melhores hotéis da cidade: viadutos, pontes, bancos de praça, beliches de albergues.

— O quê? Você está dormindo sob viadutos? Fique pelo menos em um dos seus hotéis.

— Caríssimo, você está falando com a pessoa errada. O Mestre é duro como mármore — disse o Prefeito, ironizando o fato de o Mestre ter um hotel.

Todos nós estávamos atentos à inusitada conversa. Ela parecia um teatro e pelo menos não era um drama, mas uma comédia. O Mestre respondeu ao estranho homem. Sem se importar com o Prefeito, continuou:

— Repouso no leito de paz e faço das estrelas meu lençol. Você não sabe o sabor de ser um simples ser humano.

— Mas você pode adoecer. Está tão abatido! Em que restaurante tem comido?

Edson disse:

— Na padaria do senhor Gutemberg. Pão de um, dois, três dias e muitas sobras de alimentos.

— O quê? Não é possível! Você comia nos melhores restaurantes. Essa era a sua maior extravagância. Que restaurante quer que eu lhe compre?

O teor da conversa me abalava. Éramos humilhados para conseguir comida. Tínhamos de fazer ginástica, cantar, fazer palhaçadas e depender da benevolência dos outros para comer. Agora vinha esse homem propondo comprar um restaurante para o maltrapilho. E nem perguntava o preço. Boquinha de Mel entrou em ação.

— De comida eu entendo. Eu escolho o restaurante.

— Não! Eu é *qui entundooo!* — falou, engasgado, o Prefeito, pois havia socado metade de um sanduíche na boca.

Com a mão esquerda comia, com a direita apontava para seu peito, dizendo

que era o grande perito em alimentação.

O homem que interpelava meu Mestre olhou para as “obras de arte” que o seguiam e os achou esquisitos. Isso porque acabara de conhecê-los. Imagine se andasse um dia conosco!

— Você não pode negar quem é! — disse enfaticamente o interlocutor.

O Mestre deu uma risada suave e irônica e lhe disse:

— Quem sou? Hoje meus olhos me veem e fico pasmo de verificar que só conhecia as camadas superficiais do meu ser.

— Não pode negar seu passado notável. Você foi o maior empreendedor da última década e tornou-se um dos homens mais ricos da Terra, mesmo com a crise das bolsas.

Quando o homem o exaltou, o Vendedor de Sonhos teve uma atitude estranha. Em vez de estufar o peito como Bartolomeu, Barnabé, eu e a grande maioria dos mortais, saiu da defesa e passou para o ataque das ideias. Pareceu não ter gostado.

— Rico, eu? Que riqueza pode devolver o que mais amo? Que quantia de dinheiro pode comprar a fonte da alegria, o oásis da tranquilidade, a nascente da esperança e o manancial dos sonhos? Diga-me, grande homem? Se me acusa de ser rico, eu lhe afirmo: sim, sou rico. Tenho o que o dinheiro não pode comprar.

Fez uma pausa e, apontando para nós, continuou:

— Veja meus amigos, são meu tesouro. Gostam de mim pelo que sou. Amam um maltrapilho, um homem sem *glamour*, status, dinheiro, um miserável que não tem onde cair morto. Sim, sou rico. Tenho olhos para ver as flores, tenho tempo para as coisas anônimas. Tenho o sorriso das crianças para me nutrir com aventuras, a experiência dos idosos para me instruir com a serenidade e a loucura dos psicóticos para me fazer enxergar minha insanidade. Sim, sou rico. Tenho o que é caro. Tenho o que nem o ouro nem a prata podem conseguir. E você, tem esses bens?

O estranho ficou sem ação e abriu um sorriso a meio-fio. Emudeceu diante das sábias palavras. Percebeu que o Mestre continuava com um raciocínio brilhante e melhor do que nos tempos em que haviam convivido. Em seguida, respondeu:

— Creio que muito pouco. — Mas não se deu por vencido: — Não falo dessas riquezas solenes, Mestre — disse o idoso, chamando-o pela primeira vez

de Mestre e mostrando reverência. Em seguida adicionou: — Falo daquilo que os homens cobiçam.

O Mestre continuou bombardeando-o. Disse-lhe:

— Você sabia que o dinheiro aproxima os inimigos e afasta os verdadeiros amigos?

— Sou apaixonado por esse homem — afirmou o Prefeito assoando o nariz, mostrando sensibilidade.

O idoso homem concordou quanto a uma das possíveis armadilhas do dinheiro:

— Sim, eu sei. É o sistema.

Boquinha de Mel, o inspirado filósofo de ruas, afirmou:

— O dinheiro é como um cadáver que nutre bactérias e atrai as hienas. — E depois se exaltou novamente: — Puxa, de que neurônios extraí essa frase?

O Mestre continuou colocando o homem contra a parede com contundência:

— Se você perder tudo o que tem, inclusive seus filhos e sua imagem social, quantas pessoas sobrarão ao seu lado?

O estranho, depois de um cálido silêncio, respondeu:

— Talvez muito menos do que ousou acreditar. — Mas ainda teve energia para continuar: — Você não pode negar seu poder. Ele se estende por todos os continentes. Reis o admiram. Celebidades se apequenam diante de você. Presidentes o cortejam.

Boquinha de Mel mais uma vez se intrometeu e começou a causar confusões:

— O quê? Presidentes o admiram? — E, apontando para Barnabé, disse: — Eis o homem! Eis o político que admira o Mestre. — Inspirado, o Prefeito levantou as mãos e confirmou que o admirava. Falou mais uma bobagem:

— Sim, como futuro presidente da nação, eu me curvo aos seus pés.

Boquinha de Mel, vendo que ele se exaltara muitíssimo, colocou-o no seu lugar:

— Humildade, Prefeito, pois até um rato o faz perder a eleição.

— Cale-se, Clotilde — disse o Prefeito, provocando Boquinha de Mel.

Depois da balbúrdia causada pelos discípulos, o Mestre respondeu ao seu interlocutor:

— Poder? Que poder tenho eu, Charles? — disse, citando o nome do amigo pela primeira vez. — Todos os dias eu morro um pouco. Todos os dias três trilhões de células que constituem meu frágil corpo precisam se nutrir para não entrar em colapso. Todos os dias o tempo uiva em minha mente anunciando que a vida, por mais séria que seja, é uma simples brincadeira no tempo. Todos os dias o tempo grita que em breve encenarei meu último ato no palco de um túmulo. Que poder tenho eu, Charles, diga-me?

— Meu amigo, acorde. Somos os mais pobres da cidade, estamos numa tanga desgraçada. Não está vendo? — afirmou Bartolomeu.

— Digníssimo Charles, tem uma graninha para emprestar? — pediu o Prefeito.

Antes que o embate continuasse, o estranho homem olhou para os dois faladores compulsivos, dessa vez de cima a baixo, e falou sem meias palavras:

— Não acha que seus discípulos são caleidoscópicos.

O Prefeito se aproximou de Boquinha de Mel e lhe perguntou baixinho:

— O sujeito nos elogiou ou nos ofendeu?

— Grande pergunta. Tô achando que estou na dúvida! — disse com redundância.

— Mas gostei do nome — comentou o Prefeito.

Em seguida, o estranho disse:

— Você não acha que deveria ter entre seus seguidores uma equipe de intelectuais?

Sentindo-se diminuído, Boquinha de Mel expressou:

— Intelectuais? Na escola do Mestre, intelectuais e malucos estão no mesmo nível. É preciso “E”. — E olhou para mim instigando-me, provocando-me. Mas eu estava pensativo e deveras interessado na conversa entre o Mestre e o forasteiro.

O Vendedor de Sonhos sequestrou a retina do homem que diminuía seus discípulos e lhe afirmou categoricamente:

— Se você conhecesse meus seguidores, descobriria que são pessoas cruas, transparentes, ingênuas, diferentes de nós. A sabedoria deles não vem do mundo acadêmico, a sensibilidade deles não é revelada nas bienais de arte, a notoriedade deles não é desvendada pelos meios de comunicação. Vivem no anonimato, distantes dos holofotes, como se não tivessem méritos, mas lhe

garanto que são seres humanos fascinantes.

Após esse elogio, Bartolomeu e Barnabé saíram cumprimentando todos os discípulos, dando-lhes os parabéns por serem fascinantes.

— Pobre Hollywood, pobres TVs, pobres revistas que nos ignoraram — disse Boquinha de Mel orgulhosamente, gesticulando e fazendo pose de ator.

— Sim, somos grandes ignorantes — disse o Prefeito, em vez de dizer ignorados.

CAPÍTULO 39

A grande revelação



O forasteiro não sabia o que dizer. Estava sem palavras diante do bizarro grupo que seguia o Mestre. Após os cumprimentos dos dois baderneiros, o Vendedor de Sonhos viu-nos calados e sentiu que deveria dar alguma satisfação a nós sobre o seu passado. Transportou-nos do infortúnio para outro mundo num piscar de olhos. Em vez de negar que fora cortejado por reis e celebridades, disse:

— Esqueçam o que fui. O que importa é o que sou.

Ao ouvir isso, quase caí das pernas. Se nos disse para esquecer o que foi, ele confirmou que era grande. Saí a esmo. Não era possível racionalizar essa informação. Não se encaixava em nenhuma agenda racional.

Minha mente se tornou um trevo de indagações. Se o Mestre tivesse sido riquíssimo no passado, daria no máximo as sobras, mas não tinha quase nada, era um sem-teto generoso, repartia o pouco que tinha com quem não tinha nada. Deixava de comer para alimentar os mais famintos. Se atualmente ainda fosse multimilionário, poderia simplesmente usar seu cartão de crédito e sair dos lugares tétricos, úmidos e lúgubres em que vivia.

Nem mesmo os mais ferrenhos socialistas dispensaram os privilégios do conforto. Alguns deles, como Stálin, Brejnev, Ceausescu, Kim Jong-II, amaram mais a mordomia do que os amantes do capitalismo, ainda que seu povo passasse fome. Marx discursava sobre o governo dos proletários, mas nem ele dispensou o lucro do conforto.

Usando o termo de Nietzsche, meu Mestre era humano, demasiado humano. Era impossível que tivesse abandonado tudo. Sim, denunciava que o sistema social se tornou uma fábrica de pessoas doentes. Sim, desejava vender o

sonho de uma mente livre. Mas não o fazia porque era um profeta espiritual, um messias, mas um profeta da filosofia. Denunciava as barbáries das sociedades modernas porque desenvolvera o pensamento crítico.

Até aí, tudo bem. Mas, se era rico, como podia desprezar as regalias do seu trabalho e seu sucesso? A não ser que fosse de fato um psicótico, um maluco, um desvairado. Mas não se encaixava nesse quadro. Sua inteligência expunha a minha estupidez, sua sabedoria dissecava a minha insanidade, sua maturidade revelava a minha infantilidade.

Após meditar sobre isso, só pude concluir que as informações que o estranho homem trazia para o Mestre não tinham credibilidade. Era mais um admirador que o exaltava como um herói social por tentar mudar o destino da sociedade. O homem que eu seguia, e que nem sequer andava com frequência de metrô para economizar dinheiro para comer, não podia ter sido admirado por reis, a não ser os das cartas de baralho.

Enquanto eu ponderava sobre essas questões, o Mestre respondeu ao idoso e sereno homem que lhe suplicava para deixar de ser andarilho. Na realidade, confirmou minhas suspeitas de que era um miserável.

— Não tenho cobertor para dormir, mas tenho o aconchego da tranquilidade. Não tenho dinheiro para festas, mas festejo a vida todos os dias. Sou paupérrimo, mas sou dono de tudo por que meus olhos se encantam. Não tenho nada para comprar, mas vendo sonhos.

Charles ficou sem ação, inerte, paralisado. Sempre o Mestre confundia as pessoas que o ouviam, mesmo antes de seu caos. Mas o amigo tentou dar o último golpe:

— Se quer vender sonhos, precisa ao menos cuidar das suas feridas. Vá se tratar no hospital no qual você homenageou o nome de seu pai.

Quando Charles mencionou esse hospital, fiquei rubro, asfixiado, sem ar. Depois de retomar fôlego, não suportei, eu mesmo entrei na conversa. Perguntei:

— A que hospital o senhor se refere?

O estranho fez um momento de silêncio. Olhou para o Mestre e recebeu a aprovação para falar.

— Mellon Lincoln.

— O quê? Mellon Lincoln? Não é possível! Isso não pode ser verdade! — E, quase sem voz, falei, alto e bom som: — Então você é Mellon Lincoln Filho.

O poderoso dono do grupo Megasoft. O homem cotado para liderar este país.

O Mestre se calou, e fiquei pasmo. Todos os meus amigos também ficaram inertes, até os que tinham compulsão para falar. Num fôlego profundo, olhei bem para a imagem de seu rosto ferido e tirei o jornal com a foto antiga e bela de Mellon Lincoln Filho, que eu pegara do lixo novamente após o Mestre jogá-la, e a comparei. Meu sangue gelou. Entendi uma das máximas do Vendedor de Sonhos: a vida é uma brincadeira no tempo.

O Mestre percebeu que eu estava transtornado. Minha mente virou novamente um trevo de ideias. Não conseguia raciocinar. Bilhões de neurônios estavam em crise, atarantados com a realidade incompreensível. Debaixo dos escombros dos meus pensamentos, fitei o homem que havia me resgatado do suicídio do Edifício San Pablo e lhe disse:

— Eu o critiquei várias vezes em sala de aula. Achava-o prepotente, frio, distante das mazelas sociais e alienado dos conflitos humanos. Mas eis que agora você é um maltrapilho, um maltrapilho que se tornou meu Mestre. — E, recordando alguns acontecimentos, comentei, perturbado: — Eu o ouvi criticar Mellon Lincoln Filho diversas vezes e com contundência. Como era possível? Ouvi-o provocar os executivos do grupo Megasoft, instigando-os contra o fundador da instituição, que é você. Por quê, meu Deus? — disse, pasmado e citando a palavra “Deus”, coisa que eu, um ateu em mutação, raramente fazia.

O homem que seguíamos suspirou profunda e demoradamente três vezes. Chegou um momento crucial em nossa relação. Fitando-nos, declarou.

— Vocês estão pasmos? O *Homo sapiens* que não é capaz de criticar sua sapiência não é digno de ser sapiens. Como poderia sobreviver sem rasgar minha mente diante de mim mesmo? Como poderia resgatar minha lucidez sem denunciar minhas insanidades? Como poderia dominar meus monstros psíquicos sem penetrar onde dormitam? Como poderia comprar vírgulas sem reconhecer minha austeridade, rupturas e meus estúpidos pontos finais?

CAPÍTULO 40

A criatura devorada pelo criador



Todos os meus amigos estavam tão perplexos como Charles, apenas Dimas é que não. Tachamo-lo de vigarista, tapeador, embusteiro, trapaceiro, mas para nossa surpresa ele fora um jovem assistente de Mellon Lincoln Filho. Dimas tinha cleptomania e um passado complicado. Como cleptomaníaco, quando um objeto frequentemente sem valor monetário atingia seu campo visual, detonava um gatilho psíquico que lhe despertava uma compulsão em possuí-lo.

Certa vez, quando era adolescente, roubara Mellon Lincoln Filho. Seus seguranças o pegaram em flagrante. Compadecendo-se dele, em vez de puni-lo, Mellon Lincoln protegeu-o e educou-o. Financiou seus estudos e o transformou numa espécie de secretário de sua família. Ficamos sabendo mais tarde que os filhos do Mestre o amavam. Mas ele entrou em crise e se perdeu com a morte das crianças e o desabamento do Mestre. Porém nos faltavam detalhes sobre esse relacionamento. Jurema também parecia sempre ter tido convicção da identidade dele, mas pensei que ela delirava. Mas agora penso que preferia se calar.

Bartolomeu, Barnabé, Edson, Salomão, Mônica, Demolidor e várias outras pessoas que seguiam o maltrapilho estavam tentando digerir em seu intelecto a sua identidade. Estavam perturbados com o fato de ele ter abdicado o seu conforto, zombado do seu poder e dado as costas para seu status social e sua fama. Fizeram um replay dos últimos meses e ficaram mais confusos ainda. A partir desse retrospecto, dispararam uma bateria de rápidos e intrigantes comentários:

— Mestre, você foi humilhado e até execrado no grande estádio por líderes da cadeia mundial de roupas femininas La Femme, uma empresa do seu grupo! E você permitiu esse vexame. Como isso é possível? — comentou Mônica,

inconformada.

— Mestre, você foi impedido de entrar no escritório central da sua corporação como se fosse um crápula — falou Edson.

— Mestre, você foi espancado por seguranças com salários que você paga — comentou Bartolomeu. E acrescentou: — Me segurem que vou dar umas porradas nesses caras.

— Mestre, você foi caluniado, tachado de louco e até de psicopata pelo jornal do seu grupo Megasoft — disse, estarecido, Salomão.

— Mestre, você quase foi morto por injeções letais de anestésicos no seu próprio hospital — lembrei-me, indignado também.

O Vendedor de Sonhos levantou os olhos e viu algumas andorinhas chilreando e bailando no ar. Respirando profundamente, trouxe os olhos para seu grupo de amigos e nos disse:

— O criador cuidou carinhosamente da sua criatura, ela cresceu e, em vez de devolver-lhe o afeto, mostrou-lhe os dentes. Um animal que precisa de chicote para ser dominado nunca será seu amigo, jamais o deixará dormir em paz — falou, consternado, e adicionou: — Se o grupo Megasoft tornou-se um predador para o seu criador, imaginem o que não faz com os estranhos.

— Eu bem sei. Os amigos em quem você confiou tornaram-se abutres — disse Charles, enraivecido. — Os homens que o feriram não o conhecem.

O Mestre ponderou:

— Será mesmo que não me conhecem? Talvez os que me feriram não saibam qual é minha identidade, mas alguns que querem ceifar minha vida sabem muito bem.

Furioso, Charles partiu para o ataque:

— Estou a seu serviço, Mellon Lincoln. Quem são seus detratores? Quem você quer que eu puna? Que profissionais quer que eu demita, processe e encerre numa prisão? — Não usou o condicional. Como um poderoso cão de guarda do Mestre, foi taxativo, categórico. Cabeças iam rolar.

Antes que o Mestre respondesse, Bartolomeu e o Prefeito já tinham a lista das cabeças que deveriam ser guilhotinadas. Disseram:

— O cafajeste que preside o hospital. Envie-o para ficar um ano no Iraque falando bem dos americanos. Dois jornalistas, cinco seguranças, quatro executivos. Faça salsicha deles. E deixe-nos ver quem mais. Ah! Túlio de

Campos, desafeto de Júlio César. — Alegrei-me que colocaram nessa lista meu inimigo.

Mas o Mestre cortou-os e foi enfático:

— Por enquanto não puna ninguém!

— Ninguém, Mestre?! — retrucou o Prefeito, inconformado. — É a nossa grande oportunidade de acabar com a oposição.

Charles, indignado, também disse:

— Como, ninguém? Quase mataram você. São indignos de estar na corporação e livres na sociedade.

— Não há santo nessa história. Eu sou culpado por ter imprimido uma filosofia que esmaga o humanitarismo dos meus liderados. A ausência do dinheiro nos empobrece, o seu mau uso nos torna miseráveis — comentou, com um desprendimento surpreendente.

Ao ouvi-lo pensei comigo: “Não tenho sua maturidade e dignidade. Se o poder estivesse em minhas mãos, cabeças também rolariam. Por muito menos, cortei as raízes de alunos e professores da faculdade de sociologia que dirigia”.

Meu Mestre era um bilionário que habitava em pontes e viadutos. Depois que empobreceu, enriqueceu com aquilo que é invendável. Após tecer tais palavras, ensaiou expressar o pensamento que havia dito para o terrorista El Diablo na ilha dos Demônios.

— Além disso, Charles, a maior vingança contra um inimigo é... — E, antes que o Mestre terminasse a frase, Charles completou-a:

— Eu sei, eu sei. É perdoá-lo... Esse era o pensamento do seu pai. Ele morreu por causa disso, e você bem sabe.

Conscientizei-me de que Charles conhecia intimamente o homem desde a sua mais tenra infância. E foi mais longe. Preocupadíssimo com as más condições de vida do homem que servia e em especial com a tentativa premeditada de assassiná-lo no Hospital Mellon Lincoln, foi taxativo:

— Ou você assume seu poder ou deve mudar de país e vender ideias em lugares remotos e isolados. Talvez em uma de suas casas de veraneio nas ilhas gregas, na Escandinávia ou na Polinésia francesa.

— Estou de malas prontas — disse o Prefeito, encantado com a proposta.

Fiquei impressionado com tais informações. Como professor universitário, sofria para pagar o financiamento da minha pequena e modesta casa em trinta

anos, e o Mestre tinha várias casas de veraneio e não as usava. Que resignação era essa?

Brincando com o Prefeito, o Mestre comentou:

— Não tenho malas para levar. — E, respondendo ao questionamento de Charles, disse: — Quase morri de tédio, de culpa, de depressão, de angústia numa dessas residências. — Essa confissão revelava o que pesava fundo na sua alma. E completou: — Deixe cada dia trazer seus próprios problemas e suas próprias soluções. Quem sabe o maltrapilho se reorganiza e encontra sentido para ser o que era. Quem sabe o miserável que lhes fala tenha um dia prazer em assumir seu mísero trono de ouro.

Antes de ele passar pelos dramas por que passara, em especial a perda dos seus filhos, Charles já admirava muitíssimo Mellon Lincoln Filho. Sabia que era intrépido, ousado, de um espírito criativo ímpar e de uma determinação inabalável. Ninguém conseguia acompanhar seu raciocínio e sua teimosia. Charles entendeu, afinal, que nada o convenceria a mudar suas rotas, a não ser ele mesmo. Preocupado, sentiu que deveria sair de cena, mas com esta recomendação:

— Prometi ao seu pai no leito de morte que jamais o abandonaria. Você sabe onde me encontrar. — E completou: — Ah, aquela sirene que tocou e afugentou os cinco homens que quase o assassinaram não foi um golpe de sorte. Tentei protegê-lo, mas não deu tempo. Um informante que coloquei para acompanhá-lo, ao vê-lo enfrentá-los, disse-me que você está em forma, mas não conseguiram identificar que aqueles assassinos tinham sido encomendados. Só agora tirei essa aviltante conclusão.

E, após um suspiro profundo, disse afetuosamente as suas últimas palavras:

— Mellon, meu filho, você é muito importante para muita gente, mas corre risco de morrer. Cuide-se. — Tirou a carteira e quis dar-lhe mais de mil dólares. Mas o Mestre recusou. Charles ficou com os olhos lacrimejantes e saiu em silêncio.

Bartolomeu e os outros, inclusive eu, mordemos os dedos querendo pegar a grana. Mas ela se esvaiu. O Vendedor de Sonhos tinha vinte seguranças, cinco carros blindados, dois jatos particulares, mas preferira o preço da liberdade a ser protegido numa masmorra banhada pelo sol dos holofotes sociais. Incompreensível? Sim, o homem que seguíamos tinha uma mente complexa. E

tentou se explicar:

— Se tivesse mil anos para viver, talvez voltasse atrás e gastasse tempo com o que considero secundário. Mas, como para mim entre a meninice e a velhice são alguns instantes, não posso me dar o luxo de viver sem liberdade. Não lhes peço que me compreendam, mas que respeitem.

CAPÍTULO 41

Os grandes homens também choram



Ao ouvirmos toda essa história, as vendas dos nossos olhos foram retiradas. Estávamos todos embasbacados. O Mestre saiu pelo mundo procurando um endereço dentro de si mesmo para enfrentar os conflitos que o assombavam. Já havia trabalhado muito. Já havia contribuído para o sistema que criticara. Já tivera bússola e agenda. Era tempo de ser livre.

Olhou novamente para as andorinhas e, recordando o hino ao caminhante, recitou-o, querendo que suas palavras alçassem voo e fossem livres como elas:

— *Sou apenas um caminhante/Que perdeu o medo de se perder/Estou seguro de que sou imperfeito/Podem me chamar de louco/Podem zombar das minhas ideias/Não importa!/O que importa é que sou um caminhante/Que vende sonhos para os passantes/Não tenho bússola nem agenda/Não tenho nada, mas tenho tudo/Sou apenas um caminhante/À procura de mim mesmo.*

Uma hora depois, encontramos-nos novamente no jardim do pátio do Fórum Federal. Estávamos cantarolando, pois agora seguíamos um homem poderoso. Isso nos deixava extasiados. Tudo seria mais fácil e mais atraente. Nossos caminhos seriam aplainados, nossas manhãs não teriam tempestades, nossa existência teria mais conforto e mais mordomia. Ingênuo engano. Subitamente despenquei do pináculo da euforia para os vales mais escabrosos do medo.

Apareceu um homem mulato, de cabelos grisalhos, aparentando cinquenta anos, que rapidamente se aproximou e colocou uma carta em minhas mãos. E saiu sem se identificar. Ela estava endereçada aos cuidados dos velhos amigos Boquinha de Mel e Prefeito e assinada por nada menos que El Diablo.

Levei um susto. Fiquei pensativo. Foi então que descobri que meus dois parceiros de caminhada eram amigos dos líderes da famosa ilha dos Demônios.

Entreguei a carta a eles, que se entreolharam com certo ar de apreensão. Bartolomeu tomou a frente e me deu uma explicação sintética:

— El Diablo e Metralha eram nossos amigos do orfanato. Fomos líderes deles na juventude. Mas enveredamos para o álcool e eles para o crime.

Retomei o fôlego para oxigenar melhor meu cérebro e refletir com mais profundidade sobre o tema. Lembrei-me de que Bartolomeu e Barnabé haviam cruzado os dedos diante da plateia de criminosos e percebi que aquilo era uma senha.

Meus amigos abriram a carta e começaram a lê-la juntos. Fiquei afastado para não invadir a leitura. Apenas os observava. À medida que liam, seus lábios começaram a tremular pela primeira vez. Um estado súbito de angústia os envolveu. Ficaram ofegantes, sem ação, paralisados. Caíram de joelhos na grama com o rosto em lágrimas.

Comecei a ficar afetado pelas suas reações. Jamais vira os dois brincalhões abandonarem o circo, mas abandonaram. Perderam a graça, o bom humor, o ânimo. Ansioso, eu queria ler o que leram. Então me entregaram a carta, quase sem forças.

Era uma carta aos cuidados deles, mas na realidade era endereçada ao Mestre. Comecei a ler frase por frase do pequeno texto e fiquei igualmente pasmo. Meneava a cabeça, inconformado e inconsolado. Haviam mutilado o homem que mais amávamos com socos e calúnias, agora o sepultariam.

A última coisa que eu queria na vida era entregar aquela carta ao Mestre. Todos os demais amigos queriam lê-la, mas eu não podia entregá-la. Ofegante, rubro, tenso, caminhei passo a passo em sua direção. Ele viu meu estado e, sem entender o que se passava, ficou apreensivo.

O Vendedor de Sonhos abriu-a. Logo após ler as primeiras linhas, nós o vimos pela primeira vez entrar em crise. Não era mais o imbatível e intrépido homem que seguíamos, mas um homem transfigurado, transtornado, abalado.

Após terminá-la, caiu de joelhos no chão, como Bartolomeu e Barnabé. Arrancaram-lhe o coração sem nenhuma piedade. Levantou as mãos para o alto e gritou:

— Nãããooo! Não pode ser! — E gritou sem parar o nome dos seus dois filhos, Fernando e Julieta. Imediatamente seus olhos cerrados começaram a verter lágrimas.

A praça parou. Todos se assustaram. Pensaram que o Mestre estava morrendo. E estava, mas por dentro. Expressando uma dor inexprimível, começou a soluçar e a dizer repetidamente:

— Não! Não! Por minha causa, não!

A carta caiu das suas mãos e o vento a levou suavemente até o peito da professora Jurema. Ela pegou-a e leu-a para os demais membros do grupo.

Caro homem que vende sonhos,

Tocado por suas palavras nessa miserável ilha, senti que deveria lhe dar uma notícia, embora saiba que ela se tornará o maior pesadelo da sua vida. Você disse que a maior vingança contra um inimigo é perdoá-lo. Gostaria de ter seu perdão, mas não exijo que me perdoe. Sei que todo homem tem seus limites, principalmente quando atingem seus filhos. Saiba que dois dos seus grandes amigos da Megasoft tornaram-se predadores e encomendaram um assassinato. Seus filhos não morreram num acidente. Todos pensavam que você estaria no voo JM 4477 do dia 23 de março. Você era o alvo.

Assinado: El Diablo

Os discípulos se aquietaram naquele imenso jardim. Não se ouvia o canto dos pássaros, nem o afago da brisa ou o tilintar das folhas. Algumas pessoas passavam pelo local e sorriam ao ver aquele homem chorando, ajoelhado. Essa é a história humana. Cíclica. Uns se deprimem e outros sorriem, uns gritam e outros se calam.

Queríamos consolar o Mestre, tomá-lo em nossos braços, dizer palavras que abrandassem sua dor, mas era impossível. Sua angústia era intensa e palavra alguma poderia diminuí-la.

A carta parecia ser digna de crédito, pois dera detalhes do voo que só os íntimos conheciam. Diante disso, um grandioso dilema pautará a história do Mestre. Como havia nos dito: só os amigos traem, os inimigos frustram. O Mestre tem dois falsos amigos. Homens mais violentos e poderosos do que os criminosos da ilha dos Demônios. Homens que provavelmente comeram, andaram e sorriram com ele, mas que chegaram às últimas consequências do crime. Quem são esses psicopatas? Por que cometeram atos terroristas? O que ele fará daqui para a frente? Continuará sendo um maltrapilho? Assumirá seu poder mundial? Fugirá com medo dos seus perseguidores ou procurará punir sem piedade os que destruíram seus filhos e outras pessoas inocentes? Golpeado pelo ódio, esquecerá seu pensamento de que a violência não justifica a violência? Conseguirá ver a diferença entre vingança e justiça? Deixará de vender sonhos para destilar ódio?

E o que fará conosco? Construimos uma história sociológica, afetiva, altruísta, sem precedente. Por causa dos riscos que correrá daqui por diante, será que nos abandonará definitivamente? Conseguiremos viver longe uns dos outros? Alguns de nós sabemos nos virar. Tenho minha universidade, a professora Jurema seus bens, Salomão sua casa, Mônica seu apartamento, Edson sua religião. Mas e Bartolomeu e Barnabé? Não têm nada. São homens da rua, sem endereço, sem proteção social, sem parentes. Tudo o que têm é o Mestre e sua nova família. Ajoelhados, ambos choravam pelos filhos do Mestre. Eles o haviam tomado como pai, um pai maltrapilho, que não os puniu, excluiu, nem se envergonhou deles, mas os abraçou, amou e investiu tudo o que tinha no intelecto deles. Entre eles havia um amor completamente desprendido, poético, sereno, inexplicável.

Lembro-me de uma frase do Mestre que me marcou:

— Você é responsável pelas consequências das suas escolhas.

Todo homem tem de fazer escolhas. Chegou o momento de ele fazer sua grande escolha. Terá chegado a hora de deixar de instigar as pessoas a lutarem para ter uma mente livre e um pensamento crítico? Continuará percorrendo as trajetórias do seu ser? Terá medo de se perder? Voltará a valorizar o culto à celebridade, do qual fora tão crítico?

Perguntas e mais perguntas saltavam na minha mente. E eu não sabia nenhuma das respostas. Só sabia que ele reunira seus pedaços e reorganizara sua

história fragmentada com maestria, mas agora novamente dividiram seu ser em mil pedaços. Eu o vira noites e noites conversando em seu imaginário com os filhos, pedindo-lhes perdão pela falta de tempo, perdão pela falta de diálogo, perdão por querer dar-lhes o mundo e negar-lhes o seu próprio ser, o invendável, o que era realmente caro.

Esse homem intrigante ensinou-nos que o teste dos testes era domesticar nossos fantasmas. Mas agora os fantasmas da ira, da dor, da represália e da retaliação, difíceis de domesticar, surgiam como um terremoto repentino e começavam a assombrá-lo. Passará ele no teste dos testes?

Como um pensador da filosofia, defendera solenemente a tese de que a existência é cíclica. E, como tal, o drama e a comédia, as lágrimas e o júbilo, a tranquilidade e a ansiedade são privilégios dos vivos e alternam-se inexoravelmente em diferentes níveis nos textos históricos de cada ser humano.

E agora? Abandonará sua instigante tese? Como lidará com o ciclo da existência? Não sei! Só sei que o Mestre deverá passar de vendedor de sonhos a comprador de sonhos. Precisarão dos mais inteligentes, lúcidos e sensatos sonhos já construídos pela mente humana para suportar o sabor pleno de seu próprio pensamento: “A vida é como uma peça teatral, é o *show* dos *shows*. Quando encerramos no teatro do tempo o último ato da existência no pequeno palco de um túmulo, o *show* não se interrompe, o espetáculo continua na plateia em lágrimas...”.

Nesse momento eu o vejo ajoelhado, ofegante, transtornado, fazendo parte da plateia que soluça...

“Os grandes homens também choram, e quando desabam vertem lágrimas inconsoláveis...”

FIM
(do segundo volume)



Médico, psiquiatra e psicoterapeuta, pósgraduado em psicologia social, Augusto Cury desenvolveu durante mais de vinte anos a Teoria da Psicologia Multifocal, que é uma das poucas teorias mundiais que estuda o funcionamento da mente associado ao processo de construção de pensamentos. Um dos autores mais lidos do Brasil nos últimos anos, já publicou 22 livros. Sua obra tem sido editada em mais de 40 países, adotada em diversas universidades e usada em teses de pós-graduação em múltiplas áreas como psicologia, sociologia, pedagogia e filosofia. Augusto Cury é também membro de honra da Academia de Sobredotados no Porto, em Portugal, e doutor honoris causa pela Universidade Filadélfia (Unifi l).

Contato: instituto.academia@uol.com.br